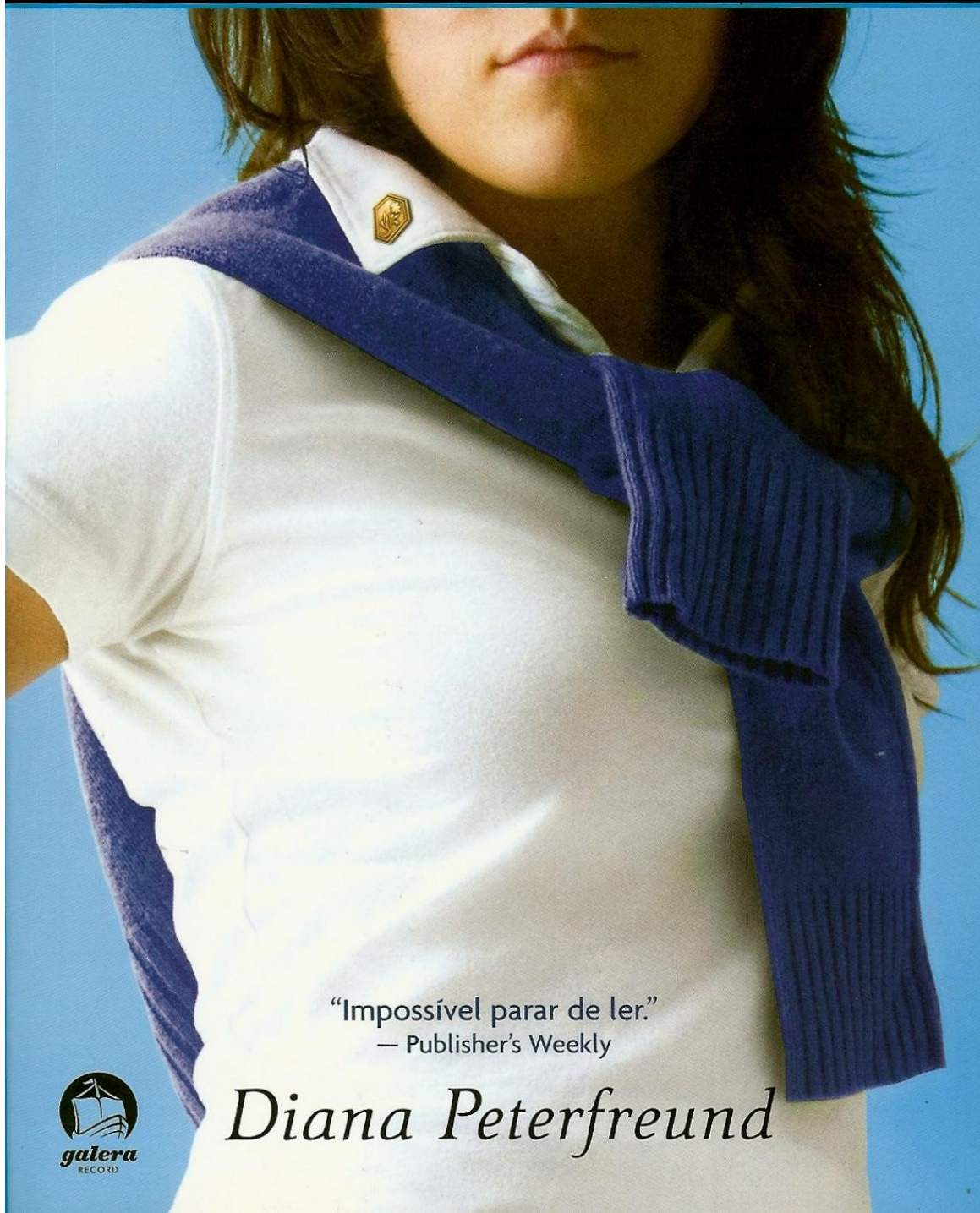


SOCIEDADE SECRETA

— SOB A ROSA —

VOLUME 2



“Impossível parar de ler.”
— Publisher’s Weekly



Diana Peterfreund



Sociedade Secreta - Sob a Rosa

Diana Peterfreund

Bem-vindo ao exclusivo mundo das sociedades secretas.

Amy Haskel agora faz parte da elite da Universidade de Eli. Ela é uma Coveira, integrante da sociedade secreta mais poderosa do país: a Rosa & Túmulo. Entretanto, neste último ano na faculdade, ela sabe que precisa pensar no futuro e está determinada a encará-lo... Até que os segredos da sociedade são divulgados em um site, chamando novamente a atenção dos patriarcas e até da imprensa. Para completar, uma cavaleira da Ordem desaparece misteriosamente. Não há dúvidas: alguém está vendendo os segredos da sociedade e nenhum membro da Rosa & Túmulo está a salvo... Todos são suspeitos. Uma charmosa comédia romântica com um quê de O código Da Vinci, Sociedade Secreta foi selecionado pela Biblioteca Pública de Nova York como um dos Melhores Livros para Jovens em 2007.

"O Texto de Peterfreund é empolgante e divertido." — *The New York Observer*

"Incontestavelmente delicioso." — *Washington Post*

"Sexy." — Booklist

Indicação: 16+

Abas

Amy Haskel sobreviveu ao bizarro ritual de iniciação da Rosa & Túmulo. Agora ela é uma Coveira de verdade, com direito até a uma tatuagem secreta. Mas isso não é tudo. Ela espera que os ditos "privilégios" por ser integrante de uma das sociedades secretas mais poderosas do país venham a compensá-la por ficar tanto tempo distante dos estudos e dos amigos — e até por perder o namorado!

Apesar da terrível dor-de-cotovelo — e felizmente o belo George Harrison Prescott está por perto para resolver qualquer problema relacionado à sua "carência" —, Amy sabe que chegou o momento de pensar no futuro: escolher uma carreira e se dedicar. Mas sendo seu último ano na Eli, como Coveira, é hora de convocar os neófitos que darão continuidade à Ordem da Rosa & Túmulo. Mas tudo bem, isso não deve interferir em seus planos de encarar o futuro, não é? Depois que uma série de e-mails enigmáticos invade a caixa postal das Coveiras, um site que divulga os segredos da Ordem entra no ar e uma cavaleira desaparece misteriosamente. Não há dúvidas: alguém está vendendo os segredos da sociedade e nenhum membro da Rosa & Túmulo está a salvo... Todos são suspeitos.

Amy acredita em uma conspiração. E mais: acredita em vingança. Parece que alguém ainda não digeriu bem o fato de mulheres agora serem aceitas na mais antiga e tradicional sociedade secreta americana. A seu lado temos as leais Coveiras. E contra ela, provavelmente um grupo de patriarcas superpoderosos e enraivecidos, determinados a fazer da Rosa & Túmulo um clube exclusivo para homens novamente.

Enquanto sua vida amorosa esquenta — no sentido mais literal da palavra —, o caso da Coveira desaparecida fica ainda mais misterioso. Amy terá de usar todos os artifícios que conhece para ajeitar as coisas. Mesmo que isso signifique ter de procurar a ajuda de adversários — ou descobrir que os verdadeiros inimigos estão mais próximos do que ela pensava...

*Por meio desta, eu confesso:
não entendia o que significava ser uma Coveira.*

Quando você imagina a sociedade secreta Rosa & Túmulo, sei o que vê. Chefes de Estado poderosos, empreendedores ricos, espões astutos. Sombria, secreta e sempre no controle. Os que tentaram se infiltrar em nossa irmandade desapareceram sem deixar rastros. Os que se atreveram a revelar nosso estilo clandestino aprenderam o verdadeiro significado do termo "capa e espada". Sofremos muito para cultivar nossa imagem e nada nos impedirá de mantê-la.

Desde os primeiros anos de nossa existência, nossa ordem foi protegida por uma sólida rede de ricos e poderosos em todo o país e no mundo inteiro. Agora, os que nos desagradam descobrem rapidamente o quão longe chegaram nossos tentáculos, e os que nos agradam vivem como um dos eleitos. De fato, as pessoas que nos desprezam dizem que os favoritos da Rosa & Túmulo fizeram um pacto com o diabo — e nós deixamos que pensem assim.

No que diz respeito ao mundo exterior, a história da Rosa & Túmulo não existe. Somos eternos e imutáveis, uma linhagem secular de clubes monolíticos e onipotentes. Cada um de nós procurou continuar o trabalho e manter as tradições, os preconceitos e os campeões anteriores. Nunca houve um dissidente. Nunca houve atrito. Nunca houve.. um traidor. Não *mesmo*. *É sério. Eu juro.*

Não acredita em mim? Então, entre um pouco e testemunhe a verdade. Sinta o gosto do poder absoluto. Roube um beijo de sua fantasia mais louca. De uma olhada no que poucos olhos viram.

Mas tenha cuidado. Você já ouviu o que gostamos de fazer com os estranhos...

O CLUBE C177 DA ROSA & TÚMULO:

- 1) Clarissa Cuthbert: *Angel*
- 2) Gregory Dorian: *Bond*
- 3) Odile Dumas: *Little Demon*
- 4) Benjamin Edwards: *Big Demon*
- 5) ~~Howard First: *Number Two*~~
- 6) Amy Haskel: *Bugaboo*
- 7) Nikolos Dmitri Kandes IV: *Graverobber*
- 8) Kevin Lee: *Frodo*
- 9) Omar Mathabane: *Kismet*
- 10) George Harrison Prescott: *Puck*
- 11) Demetria Robinson: *Thorndike*
- 12) Jennifer Santos: *Lucky*
- 13) Harun Sarmast: *Tristram Shandy*
- 14) Joshua Silver: *Keyser Soze*
- 15) Mara Taserati: *Juno*

*Por meio desta, eu confesso:
não somos como os outros alunos da faculdade.*

1. Neófitos

Era o período de compras na Universidade Eli e, para que você não pense que este é um daqueles livros sobre moda, permita que eu esclareça alguns pontos. Os alunos de Eli não compram Prada, e sim Proust; eles não buscam boas promoções, mas sim aulas interessantes; e ficariam satisfeitos em abrir mão de um desconto de quarenta por cento em um Fendi para ter uma seção de fractais que não estivesse lá no alto da Montanha da Ciência.

Como sênior acho esse período de compras bastante intenso. Era a minha penúltima chance de descobrir um seminário oculto valioso, sobre o qual eu me lembraria com saudades, depois que eu saísse de Eli, como uma das memórias radiantes que a música *Keep Up* de Cole Porter diz, Em muitos aspectos, minha última chance de assistir a palestras ministradas pelos mais famosos e notáveis professores da faculdade.

O quê? Você não fez a matéria de Shakespeare com o professor Herbert Branch? — perguntariam os empregadores com um tom de incredulidade na voz. — Então, Amy Haskel, o que você estava *fazendo* em Eli?

E eu não poderia dizer a eles, porque fiz um juramento de nunca revelar a verdade: enquanto os outros alunos de Literatura tentavam se matricular na aula de Branch, eu estava agachada nas sombras de um chão frio de pedra, vestindo uma túnica preta longa e uma máscara de caveira, ensaiando um ritual de iniciação esotérico que exigia que eu ficasse deitada em silêncio, aguardando que um colega inocente passasse para que eu pudesse me erguer, jogar pó fluorescente no seu rosto e gritar "Bu".

Como se algum dia eu fosse admitir isso.

— Ei, Little Demon! — chamei da escada. — Eu queria tentar comprar um seminário hoje à tarde, então será que podíamos adiar a parte sem fala?

Keyser Soze, também conhecido como Joshua Silver, saiu de trás de uma torre de restos humanos.

— A aula de Branch? Eu também queria fazer essa aula.

Créditos. Branch era um professor famoso em Eli e seria ótimo para as aspirações políticas de Josh acrescentá-lo em seu *curriculum vitae*.

Little Demon, que no momento levitava sobre uma poça de sangue, ergueu uma sobancelha perfeita e afastou dos olhos uma mecha do cabelo castanho (ela o pintara dessa cor durante o verão).

— Eu deveria ter ido à reunião do sindicato — suspirou ela. — Vocês simplesmente não entendem o ramo de entretenimento.

(A propósito, aquela reportagem sobre Little Demon publicada pela *US Weekly* que falava sobre o final de semana de 4 de Julho é completamente mentirosa. Odile Dumas não estava "servindo" nenhum ex-membro de banda em Tijuana; estava comigo e outros

Coveiros na festa dos patriarcas em Fire Island. E pode dizer o que quiser sobre a estrela de Hollywood, ela tem um gosto muito melhor que ficar com um bando de tenores magricelas. Se esse fosse o seu estilo, ela estaria bem servida aqui mesmo, pois temos grupos musicais mais que suficientes no campus.)

Thorndike, pendurada abaixo dela e segurando um tridente maligno, cutucou Little Demon em seu traseiro moldado pelas aulas de Pilates e envolto em jeans de marca.

— Não podemos deixar os Motoristas entrarem no mausoléu — lembrou ela.

Demetria "Thorndike" Robinson era nossa residente perita em dar-poder-às-pessoas, então ela saberia disso.

— Mas concordo com eles — continuou ela. — Tem um simpósio Sobre Divisão Racial no século XXI que gostaria de ir às 3h.

Os outros participantes fantasiados também começaram a reclamar sobre as aulas que estavam perdendo. Bond, o contingente britânico do nosso grupo, queria assegurar um lugar no seminário de poesia. Frodo precisava ir a uma reunião da Associação de Cinema de Eli. Big Demon tinha fisioterapia marcada no ginásio. Kismet ia dar aulas de suali. E Graverobber, a quem nunca vi em uma sala de aula de Eli, precisava encontrar um homem para falar sobre um cavalo de sua propriedade.

Little Demon suspirou, soltou-se do gancho que a prendia e pulou no chão.

— Tudo bem, mas não me culpem se os novos iniciados acharem que estão sendo enganados durante a cerimônia.

— Com esses efeitos especiais, duvido muito — respondi.

Little Demon conseguiu, de alguma forma, convencer um cara dos efeitos especiais de seu estúdio a nos emprestar um monte de coisas usadas em filmes de terror antigos para a iniciação que estávamos preparando para os convocados da Rosa & Túmulo que estavam fora do país durante o nosso ano como novatos. Sem ofensa aos clubes anteriores (jargão da sociedade para a turma de cada ano) e seus esforços sublimes para amedrontar os neófitos, mas há algo em colocar os convocados dentro do mesmo caixão que uma vez abrigou Bela Lugosi que acrescentava um ar de autenticidade aos procedimentos. Seria uma noite infernal, com ensaio ou não.

Tirei a máscara do rosto e respirei o ar frio. Atuar não era a minha praia. Alguns poderiam dizer que me falta o requisito básico: a habilidade de esconder as minhas emoções verdadeiras a qualquer momento. Outros diriam que me falta o carisma necessário.

Alguém puxou meu capuz.

— Oi, Boo.

Falando em carisma... Virei-me e vi Puck sorrindo para mim por baixo do seu capuz. É claro que Little Demon não esconderia aquele rosto sob uma máscara nojenta. Quem iria querer cobrir um rosto perfeito como o de George Harrison Prescott?

— Você vai naquele lance lá do dormitório hoje à noite?

Só se você for, pensei.

— Acho que terá biscoito de graça. E álcool — respondi.

De alguma forma, nos afastamos das pessoas e fomos para um canto. Tínhamos o estranho hábito de fazer isso. Puck se apoiou em um castiçal de caveira que adornava a parede e sua túnica abriu, mostrando uma camiseta bem desbotada e uma boa parte do ombro sarado que dizia veja-só-como-malhei-muito-no-verão. Ai, George. Gosto dos ombros dele. Gosto do modo como eles conectam seus braços ao tórax. Gosto dos braços e do tórax que se conectam. Gosto das clavículas. Gostei do modo como ele me beijou no bar na última primavera...

— Bugaboo! — gritou Soze da escada. — Vamos à aula de Branch ou não?

Bugaboo. Essa sou eu.

— Vamos! — respondi, sem tirar os olhos de Puck. — Por que você não iria?

— Eles fazem um negócio... uma apresentação da história da Universidade Prescott. — Ele revirou os olhos. Gosto dos olhos dele. Pareciam duas moedas de cobre quando me chamou para dormir com ele. — Acho que já sei de cor.

Eles nem piscaram quando eu disse não.

— Porque vai começar em três minutos! — gritou Soze de novo.

Merda.

— Estou indo — respondi de novo. Olhei para Puck, forçando-me a lembrar por que eu lhe dissera não. — Sim, bem, até eu já sei de cor depois de três anos morando lá. E olha que nem sou uma Prescott.

Eu disse não porque ele não era apenas George Harrison Prescott. Também era Puck — o nome na sociedade dado ao cavaleiro em cada clube que tinha dormido com o maior número de pessoas.

E já naquela época ele era meu amigo e, o que era pior, meu irmão na sociedade.

— Olhe, chegue cedo e pegue algumas cervejas, depois saia de fininho antes da palestra.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Você sai de fininho comigo?

Soze se aproximou.

— É agora ou nunca, Bugaboo. Nem me diga.

George decidiu nos acompanhar até o seminário de Shakespeare. Levante a mão se estiver surpresa. Então partimos, três Coveiros saindo para o mundo claro e ensolarado da Universidade Eli que fica além de nosso mausoléu obscuro. George verificou se a barra estava limpa e saímos pela porta lateral e conseguimos evitar três estudantes despreocupados que estavam saindo do prédio de Arte & Arquitetura.

Veja bem, este é o problema de estar na Rosa & Túmulo: entrar e sair em plena luz do dia sem gritar para o mundo que você é um dos integrantes. Mas vale a pena. Pagamos o preço de um pouco de segredo e alguns rituais bizarros, recebendo em troca uma conexão com catorze pessoas que talvez nunca conheceríamos — ou gostássemos, se as

conhecêssemos. (Declaro-me culpada por um desses preconceitos iniciais, já que eu detestava uma das minhas companheiras Coveiras antes de conhecê-la melhor. Que Perséfone abençoe a Rosa & Túmulo.)

Cortamos caminho pela High Street e passamos pela ponte para chegar ao Old Campus, também conhecido como central dos calouros. A diretoria de Eli acha que promove uma união entre as turmas se não isolar os calouros em suas "universidades" residenciais logo de cara, então, eles os reúnem nos dormitórios do maior e mais pitoresco pátio. Cinco sextos dos calouros moram ali (Duas delas mantêm seus calouros junto a elas por causa das restrições de espaço, e, pode acreditar quando eu digo, dá para reconhecer esses esquisitos só de olhar para eles. Um refrão comum aqui é: "Não conheço aquela pessoa. Ela deve ser do dormitório Strathmore ou Christopher Bright".)

Meu irmão mais velho Coveiro, Malcolm Cabot (também conhecido como Lancelot), disse que, em termos de manter segredo, o início do semestre é a época mais perigosa para os Coveiros. O mausoléu da Rosa & Túmulo fica bem em frente ao Old Campus, onde há cerca de mil calouros que já ouviram tudo a respeito de sociedades secretas e estão morrendo de vontade de descobrir muito mais. Hoje, porém, o Old Campus está perigoso por outro motivo: a guerra para atrair alunos.

— Protejam-se — disse Josh.

Fomos bombardeados por várias brochuras coloridas. Coro Russo, Clube dos Tripulantes, Festa de Direita, Cruzada do Campus por Cristo, Centro das Mulheres e equipe Carro Solar Ad Lucem ("em direção à luz" em latim, porque somos pretensiosos a esse ponto). Todas as organizações do campus estavam usando todas as forças para promover o seu grupo e tentar parecer o mais atraente possível para os calouros que ainda não haviam preenchido seus horários.

— Entre para a Sociedade do Anacronismo Criativo — disse um garoto usando uma armadura grande demais para ele e balançando uma espada de papel machê diante de George.

— Tarde demais — respondeu George. — Eu vivo isso.

Josh revirou os olhos e afastou o amigo antes que ele começasse a discutir como a Rosa & Túmulo poderia ser anacronicamente criativa. (George é nosso Coveiro mais relutante e, vindo de mim, isso significa muito.)

À minha esquerda, um jovem democrata e um Tory estavam brigando por causa de um lugar à mesa. (Sim, temos tories, ou seja, conservadores, em Eli, apesar do fato de a lealdade à Coroa ter acabado há 231 anos.) À minha direita jornalistas estranhos estavam ultrapassando os limites da minha antiga publicação, a *Revista Literária de Eli*. Saí do caminho para cumprimentar a nova editora-chefe, a aluna júnior Arielle Hallet. (Sim, temos as mesmas iniciais e, sim, ouvi piadas sobre não terem de trocar a borracha dos carimbos.) Passei as rédeas para ela na semana passada, depois de mandarmos para o prelo as matérias sobre os calouros, que sempre iniciavam o ano.

— Está agüentando firme, Ari?

Ela deu de ombros, abanando-se com algumas cópias da primeira edição do ano passado, feita por mim.

— Está quente como o inferno hoje. Você não tem visto Brandon, tem? Ele é o responsável pelas limonadas.

Tentei não demonstrar desagrado pelo modo pelo qual ela amassava as páginas. Ou pela menção ao nome do meu ex-namorado.

— Não, eu não o tenho visto.

Na verdade, eu ainda não o vi este ano. Ou desde a noite que ele terminou tudo comigo.

Mas a expressão no rosto de Arielle deixou claro que nada mais precisava ser dito. Josh agarrou meu braço e me salvou do momento estranho provocado por mim mesma.

— Aula. Vamos logo. Você terá tempo mais tarde para lembrar suas atividades abandonadas. — Abandonada era o termo certo. Josh não fazia idéia. — Você é uma sênior agora. Deixe o passado para trás.

Então, ele viu uma tentativa realmente patética de caligrafia feita pela equipe Julgamento Simulado.

— Ai, que droga, eles realmente destruíram nossa marca!

— Sim, Josh, você é um modelo bem real de como seguir em frente.

George, para quem o termo "atividades estudantis" sempre significou um caso mais particular, nos encorajava a continuar quando demos de cara com uma falange de cantores de capela, que estavam fazendo em Eli o equivalente à coreografia dos Jets & Sharks bem ali nos ladrilhos.

— Olá — cumprimentou uma garota jovem e animada, balançando suas tranças no rosto de George e empinando o peito, onde o nome de um dos diversos grupos de cantores de capela aparecia de forma proeminente. — Você canta?

— Hum... — disse George, olhando para a camiseta. — Eu...

Com certeza, eles pegaram uma integrante bem animadinha, pois seus colegas começaram com força total.

— Você canta? Você canta? Você canta? — gritavam eles, acenando com seus CDs. — Venha ao nosso show! Faça uma audição! Não é necessário ter experiência.

— Sai fora, cara — gritei para um barítono que estava cantando mantra para mim. — Ou vou transformá-lo em um soprano. Não somos calouros e não estamos interessados. O sistema grego em Eli é notoriamente frio. Temos algumas fraternidades e irmandades, mas não são muitos os alunos que entram e a pressa pan-helênica costuma ser imperceptível no meio de outros grupos de atividades estudantis. As sociedades secretas são apenas para alunos seniores, então os calouros que querem muito se enturmar acabam atraídos pela loucura do Ataque do Grupo de Cantores.

Você acha que as sociedades secretas são muito parecidas com fraternidades? Pois estas são as diferenças:

1) Você entra em uma sociedade secreta no final de seu período como aluno júnior, depois de ter passado quase três anos pegando o gosto pela faculdade, definindo seu lugar nela e decidindo qual o tipo de atividade que você quer fazer parte. Não é como Ataques, nos quais eles pegam os calouros em armadilhas para um compromisso de quatro anos ou mais em uma atividade, antes que eles tenham desfeito as malas.

2) Não existe período de Ataque para as sociedades. Eles não fingem que estão loucos por você se não estiverem interessados.

3) Em geral, você nem sabe por qual sociedade está sendo entrevistado até a noite em que lhe oferecem a oportunidade de se tornar um membro. Eu, pelo menos, não sabia, embora eu fosse um caso especial (conto mais sobre isso depois).

Assim que passamos pelos cantores, um trio divinamente silencioso entregava panfletos fazendo a propaganda de um grupo de oração. Vi uma Coveira no grupo.

— Jenny, por onde andou? — chamei. — Odile ficou enlouquecida.

Jennifer Santos, também conhecida como Lucky na linguagem da Rosa & Túmulo, olhou para os colegas e depois para mim. Seus olhos estavam arregalados. Ela se aproximou de mim e falou em voz baixa:

— O que aconteceu com a discrição, Amy?

— O que aconteceu com o ensaio? — replicou George, mas Jenny, como sempre, o ignorou.

— Olhe, eu tinha um outro compromisso.

Josh cruzou os braços.

— Nós somos mais importantes.

Subtexto: além disso, você é uma sênior e está na hora de parar com atitudes infantis.

— Não — respondeu ela. — Vocês não são. Já estou com esses caras há três anos.

— Você fez um juramento dizendo que viríamos sempre em primeiro lugar — argumentou Josh.

Ela estreitou os olhos.

— Fiz muitas promessas. Algumas mais importantes do que outras.

Entrei no meio dos dois.

— Tudo bem, gente. Vamos nos acalmar. Tenho certeza de que Jenny decorou a sua parte.

Ela me lançou um olhar gelado.

— Pode apostar que sim.

Nesse exato momento, um outro membro do grupo de Jenny se juntou ao nosso pequeno círculo. O recém-chegado era alto e tinha cabelos loiros que chegavam à altura dos ombros e sobrancelhas fortes.

— Algum problema, Jennifer?

— Não — respondeu ela. — Esses caras são seniores e não estão interessados no que temos a oferecer.

— Que pena — disse o jovem rapaz.

Josh ergueu a mão.

— Tanto faz, cara. Eu tenho os meus profetas e você tem os seus.

O garoto virou para ele.

- Gostaria de saber exatamente de quem você é devoto, Joshua Silver.
- Do mesmo Deus que você, cara.
- Sabendo o que sei sobre pessoas do seu tipo, duvido muito.

Nesse momento, Jenny e eu colocamos a mão no ombro de nossos respectivos amigos e os afastamos um do outro. As palavras que saíam da boca de Josh não eram nem um pouco louváveis, e brigar com um colega por causa de diferenças religiosas não ajudaria em nada sua carreira política. George resolveu me ajudar a salvar Josh de si mesmo.

- Jenny, vemos você mais tarde? — perguntei, enquanto arrastávamos Josh.

Ela me olhou de cara feia, como se eu não tivesse o direito de falar com ela na frente de seus outros amigos. Cara, acho que vou tocar nesse assunto na próxima vez que as Coveiras se encontrarem. Juramentos de sigilo eram uma coisa, mas Jenny estava levando isso longe demais.

As fileiras de promotores de atividades estudantis foram diminuindo conforme chegamos ao fim do pátio e nos esprememos no prédio de estudos de inglês. Entramos na sala da palestra no momento em que o carrilhão da Hartford Tower anunciou 3h.

O professor Branch já estava na frente da turma, pontificando o próprio brilhantismo e domínio na área e verificando as garotas bonitas que tinham vindo adorá-lo nesse semestre.

Encontramos três cadeiras no fundo da sala e nos sentamos. Olhei à volta em busca de um programa de estudos sobressalente, e uma garota com cabelo escuro e cacheado sentada próxima ao púlpito na frente da sala começou a discutir com o professor sobre um dos trabalhos.

Ele não gostou muito disso.

George me cutucou.

- Veja, é Mara Taserati.

Um dos membros ausentes, em carne e osso. Observei a garota enfrentar o famoso professor e percebi por que os Coveiros a acharam tão atraente. Como a maioria das mulheres que formava a minha turma — a primeira a incluir mulheres —, Mara era uma jogadora poderosa. Classificada entre as primeiras alunas do corpo estudantil da área política, ela se achava a jovem Ann Coulter. Ela não estivera no campus no semestre passado, então, embora tivéssemos sido informados de que ela aceitara entrar para a Rosa & Túmulo, ela ainda não tinha sido iniciada no Ordem.

- Você sabia que ela estaria aqui? — sussurrei para George.

— Não, eu só estou *muito* interessado em Shakespeare. O que você acha? — Ele abriu a camisa xadrez que usava sobre a camiseta e vislumbrei um papel lustroso com as bordas pretas. — Veja isto, Boo.

Ficando em pé, ele seguiu para a frente do auditório. George, sendo George, logo atraiu o olhar de todas as mulheres. Chegou até o púlpito, pegou três cópias do programa de estudos, cumprimentou o professor Branch e voltou. Piscou par mim através dos óculos de armadura de cobre e me entregou uma cópia.

— Uau, mas que manobra, George — elogiou Josh, com uma admiração debochada. — Acho que nunca vi alguém interromper uma palestra de forma tão perfeita.

— Continue observando.

Mas nada aconteceu nos 45 minutos que se seguiram, exceto pela palestra realmente inspiradora sobre a teoria de que, graças à ficcionalidade, o universitário mimado Hamlet na verdade era uma pessoa mais real que qualquer um dos universitários sentados naquele auditório assistindo à palestra do professor Branch. Talvez, depois que nossos tios matassem nossos pais e se casassem com nossas mães, conseguíssemos chegar aos pés dele. Estávamos juntando nossas coisas, quando ouvimos alguém arfar.

Mara Taserati estava olhando para a própria bolsa, com a mão contra a boca. Como ela não se mexeu, os outros alunos passaram se espremendo por ela. Josh e eu recostamos juntos nas cadeiras e aguardamos enquanto o auditório esvaziava. George colocou os braços atrás da cabeça e os pés sobre o espaldar da cadeira da frente. Diante de nós, Mara retirou da bolsa um envelope quadrado branco, com bordas pretas brilhantes e selado com uma gota de cera escura.

Eu sabia o que havia naquele envelope. Afinal, um tempo atrás, recebi um idêntico. Ela ergueu os olhos para a nossa fileira. George ficou em pé e, lentamente, seu sorriso infame e esperto ganhou um novo significado.

— Bem-vinda de volta, Mara — disse ele, com uma voz que me fez entender por que Odile lhe deu um papel com falas nos procedimentos. — Como foi a viagem? Mesmo a 12 fileiras de distância, percebi que ela estremeceu.

*Por meio desta, eu confesso:
há algo de podre no reino dos Coveiros.*

2.

Falas da festa

É possível ter um sentimento de nostalgia em relação a algo que ainda não acabou? O início do meu ano como sênior em Eli parecia projetado para evocar esse sentimento em todas as oportunidades. Recepções especiais, chás, festas, churrascos, reuniões, palestras, simpósios, almoços — tudo proclamava "Os melhores anos de sua vida estão chegando ao fim!"

Na verdade, minha colega de quarto, Lydia, tinha uma explicação diferente:

— Eles estão preparando tudo para o fundo dos ex-alunos. Espere e veja. Continuo afirmando que se eles esperam que eu faça uma doação extra depois da conta mensal do meu empréstimo estudantil, eles não conhecem o estágio editorial de vinte mil dólares por ano (em Manhattan!) que me aguarda após a formatura. (Isto é, se eu for para Manhattan. Falo sobre isso mais tarde.)

A festa da Universidade Prescott seria sem graça, como sempre, mas, como eu disse a George esta tarde, pelo menos haveria cerveja grátis.

Estava de pé em frente à minha escrivaninha, penteando o cabelo com os dedos e passando os olhos pela mensagem de "boas-vindas" enviada pelo reitor do departamento

de literatura. Meu cabelo cresceu um pouco no verão e, em agosto, eu havia cedido à insistência de Odile e feito umas luzes vermelhas. Ela disse que combinariam com a minha tatuagem. É claro que não foram muitas as pessoas que viram a minha tatuagem, então, as cores combinadas não tiveram a apreciação que mereciam de ninguém, a não ser das cinco Coveiras.

No quarto adjacente, Lydia estava cantando. Se existia uma garota que realmente adorava o período de compras, era a minha melhor amiga. Mas não acho que a tenha visto tão contente quanto hoje um pouco mais cedo, quando ela voltou à nossa suíte. Andei pela sala com painel de madeira nas paredes, mas a porta do quarto dela ainda estava fechada e, no seu quadro branco, ela havia desenhado um rosto sorridente azul com um rabo-de-cavalo laranja.

Cantoria e rabo-de-cavalo? Sim, vou querer saber tudo sobre isso um pouco mais tarde. (A não ser que seja algo relacionado à sociedade secreta dela.) Mas já que ela estava ocupada...

Voltei para o meu quarto, mudei cuidadosamente o ângulo da tela do meu computador para que ninguém o visse da porta e minimizei minha janela de e-mails de Eli.

Um pouco depois, entrei na minha *outra* conta de e-mail. Uma mensagem nova.

De: Lancelot-C176@phimalarlico.org

Para: Bugaboo-C177@phimalarlico.org

Assunto: boa sorte amanhã!

como vai a minha irmã caçula favorita? tudo pronto para os neófitos? Faça-me um favor e tente não acabar com as bases da sociedade durante a iniciação. sei que você é famosa por fazer essas coisas, dê um abraço em poe por mim, tá?

— Oi — disse Lídia, enfiando a cabeça entre a porta e o batente. — Pronta para irmos?

— Sim, só um minuto — respondi. — Estou lendo um e-mail.

Respirei fundo. *Não me pergunte de quem.* Como eu deveria explicar minha amizade repentina com o superpopular e recém-formado Malcolm Cabot? Mas Lídia facilitou tudo para mim.

— Tudo bem. — Ela concordou, saindo.

está tudo bem aqui. é tudo tão bonito, bugaboo. gostaria que você pudesse ver. fiz alguns novos amigos, mas raramente falamos sobre algo que não sejam peixes, (isso me lembra: avise ao hale que haverá um grande carregamento de halibute.) não vou mentir; fiquei um pouco decepcionado depois da proximidade que tive com o resto do pessoal da r&t. vou a juno no final do mês. acho que vai ser divertido. você sabe o que dizem sobre o alaska: cinco homens para cada mulher. embora eles nunca tenham mencionado quantos homens para cada homem. ;-)

lá em casa, o último relatório diz que estou sofrendo de "exaustão"...

— Olha — disse Lydia, muito perto. Pulei de susto. Ela estava ao meu lado, mexendo de forma lenta em meus brincos espalhados na penteadeira. — Se chegarmos lá depois que todos os biscoitos recheados tiverem acabado, nunca mais falarei com você.

Será que ela viu? O texto estava em fonte pequena e não havia nenhum desenho incriminador na página. Só para me certificar, alterei para a janela minimizada usando as teclas alt+tab.

Um segundo antes de a tela desaparecer, vi um outro assunto em negrito na minha caixa de entrada. *Novo e-mail.*

AVISO: AMY HASKEL

Lydia passou a mão na frente do meu rosto.

— Ames. Vamos logo.

Fechei meu laptop.

Lydia deu um pulo para trás.

— Eu não estava espionando!

Quem mandou aquela mensagem? Quem estaria usando o meu nome bárbaro para enviar um e-mail para o meu endereço secreto, usado apenas por Coveiros, com terminologia da sociedade e selos e datas próprios da sociedade? Tinha de ser de outro cavaleiro da Rosa & Túmulo. Apenas eles sabiam sobre o nosso domínio secreto ou as configurações dos nossos endereços de e-mail. É melhor que isso fosse algum tipo de piada — algo que valha a multa de dois dólares por usar nomes bárbaros nas missivas da Ordem.

— Não há razão para se assustar — continuou minha colega de quarto.

Mas havia. Porque o webmail Phimalarlico só deveria receber mensagens de outras pessoas de dentro do domínio phimalarlico.org. Tratava-se de um "mausoléu virtual" — ninguém mais podia entrar nesse mundo altamente protegido por senhas a não ser os Coveiros. Bárbaros não eram permitidos. Lydia ainda estava falando:

— Dez segundos e vou embora sem você.

— Não, espere! — pedi. — Prometo, dez segundos. Só tenho de...

Lydia revirou os olhos e saiu, murmurando:

— Dez... Nove... Oito...

Abri meu laptop de novo.

De: amy.haskel@eli.edu

Para: Bugaboo-C177@phimalarlico.org

Assunto: AVISO: AMY HASKEL

VOCÊ ACHA QUE JÁ ACABOU, MAS NÃO
QUE DE DENTRO PARA FORA COMECE A PODRIDÃO

Fechei a janela e senti os pêlos do meu pescoço se arrepiarem. Tirando a rima pobre e um senso horrível de ritmo no verso (não dá para abandonar o lado editorial de uma garota...), tratava-se de uma mensagem bastante fria.

E, aparentemente, foi enviada por mim. O que significa que alguém lá fora, que conhece a minha identidade na sociedade — que pode ser qualquer Coveiro —, conseguiu entrar na minha conta de e-mail comum para me enviar essa mensagem. O que eu deveria fazer? Se eu contasse aos outros Coveiros, pareceria que o vazamento de questões de segurança tinha sido minha culpa, como se eu não tivesse sido mais do que discreta em relação ao meu endereço de e-mail da sociedade.

— Dois... Um e meio... Um! — avisou Lúdia da sala.

— Estou indo! — gritei e me apressei para encontrá-la.

Nós nos "escondemos" durante a loteria de quartos na primavera passada, apostando em manter nossa ótima suíte de juniores em vez de nos arriscarmos a participar e acabar com um quarto ruim no nosso ano como seniores. Tipo um cômodo no quarto andar. Seria ótimo para nossas panturrilhas, mas não valeria o esforço.

Lydia estava ao lado da porta, com os braços cruzados e batendo o pé no chão.

— Será que você pode me dizer o que era tão importante, ou será que é proibido?

Toquei o broche da Rosa & Túmulo que estava preso na parte de dentro do meu bolso.

— Uma crônica bizarra no *Salon*.

— Não são *todas* bizarras?

— E quem diz isso é uma mulher viciada no blog político Daily Kos? — respondi, enquanto descíamos as escadas da entrada e chegávamos ao pátio da Universidade Prescott.

O ar ainda carregava o calor do fim de agosto, e todas as janelas de Prescott estavam abertas, deixando escapar sons de hip-hop, discussões acadêmicas, efeitos sonoros de videogames, discussões entre colegas de quarto e o som de alguém afinando um violoncelo sobre os alunos que se espalhavam pelo gramado. A cacofonia era uma assinatura do início do período, um som que eu, sem dúvida, associaria a Eli pelo resto da minha vida.

Sob a luz amarela de um poste, um grupo de alunos chutava uma bola de areia. Próximo deles, um círculo de pessoas que gostam de ficar ao ar livre estava sentado na grama bebendo em garrafas de plástico e conversando sobre o que tinham feito durante a orientação dos calouros. Em um pequeno nicho de pedra, dois formandos em teatro fumavam e discutiam se a companhia de teatro deveria começar o ano com Ibsen (tendencioso demais), Sartre (leve demais), Miller (pudico demais) ou Williams (vanguarda demais).

Chegamos à casa principal e, a julgar pela multidão que estava ali, havíamos perdido os biscoitos recheados. Na porta, encontramos George Harrison Prescott, que segurava o braço de uma mulher bonita de cabelos escuros.

— Me solta, George. Sou perfeitamente capaz de andar sozinha — disse ela, perdendo o equilíbrio.

Lydia e eu estávamos na posição certa para pegá-la.

— Desculpe, sinto muito — desculpou-se a mulher, empinando o corpo e ajeitando a saia e o cabelo.

Olhei para George, que tinha no rosto uma expressão que eu nunca tinha visto antes. A mandíbula estava apertada. O que fazia muito bem para os ossos da maçã de seu rosto, que já eram maravilhosos.

— Mãe, estas são algumas de minhas amigas da Prescott, Lydia Travinecek e Amy Haskel. Senhoritas, esta é minha mãe, Kate Anderson Prescott.

A mulher nos lançou um olhar.

— George Harrison não tem *amigas* — disse ela em tom frio. — Tal pai, tal filho.

Ela virou e seguiu em direção ao casal do teatro — que tinha avançado a uma discussão sobre se Shakespeare era ou não óbvio demais — para filar um cigarro.

Engoli em seco e olhei para George, cujo sorriso permanente estava de volta.

— É uma longa história — declarou ele, dando de ombros.

A porta abriu de novo e de lá saiu um homem muito bonito de quarenta e poucos anos. Ele olhou em volta antes de pousar os olhos em nosso pequeno grupo. Quando seus olhos encontraram os meus, ergueu uma sobrancelha, e eu pude perceber de quem George herdara os olhos cor de cobre.

— Você! — exclamou o homem.

— Está parecendo mais jovem, Sr. Prescott — respondi.

A última vez que eu vira este homem ele estava usando uma excelente maquiagem para parecer mais velho, uma peruca grisalha e uma máscara feita de rosas.

Seus olhos passaram por Lydia e seu sorriso de deboche morreu nos lábios. Oops! Alerta à direita. Bárbara à vista. Alerta. Alerta.

— Para onde ela foi? — perguntou o Sr. Prescott ao filho.

George apontou o polegar para o canto com as pedras e depois colocou as mãos no bolso enquanto o Sr. Prescott partiu atrás da ex-esposa, algumas vezes amante e rival de décadas nas brigas.

— Está tudo morto lá dentro — informou-nos George. — Por enquanto pelo menos. Amy, você vai no lance da Clarissa?

— Humm...

Eu ainda não tinha conseguido explicar a Lydia porque minha antiga inimiga declarada agora me mandava convites para festas e aparecia na nossa suíte para conversas improvisadas. Ela provavelmente suspeita que, depois de velha, me tornei superficial. Ou talvez ela suspeite que essa seja mais uma mudança inspirada pelo meu status de Coveira. Ela se ajustou muito bem à mudança repentina do meu estágio de verão, que mudou de Manhattan para Washington D.C. (principalmente porque isso significou que passaríamos a maior parte do verão juntas). Entretanto, desde maio estávamos vivendo uma moratória estrita sobre todas as conversas relacionadas a sociedades secretas, e atividades que tenham a ver com esse assunto — como uma festa com uma amiga Coveira — podem ser perigosas. Sempre que eu tentava falar sobre qualquer coisa que pudesse levar a algo sobre uma conversa relacionada a sociedades secretas, ela se

recolhia mais rápido que um formando em bioquímica depois das provas do meio do período. E eu acreditava que a Rosa & Túmulo prezasse a discrição! Mas, evidentemente, eu não sabia nada sobre a irmandade de Lydia.

Minha colega de quarto, porém, já estava a caminho da casa principal.

— Os biscoitos já acabaram — avisou George, e Lydia desistiu.

Então, teríamos de ir à festa de Clarissa Cuthbert. Ela morava em uma cobertura presunçosa de um dos prédios mais chiques da cidade. O pai dela é um dos grandões de Wall Street que não vê problema nenhum em jogar dinheiro fora. Os Cuthbert chegaram a doar um Monet muito valioso para Eli quando a filha deles foi aceita na universidade, embora haja uma discussão no campus sobre o que veio primeiro, a doação ou a admissão. Mas eu não tomo mais parte nessas discussões por dois motivos:

1) Clarissa é uma colega Coveira e uma amiga.

2) Ela me contou a verdade no ano passado. (A doação veio primeiro, e isso não a incomoda nem um pouco.)

Clarissa também é famosa por suas festas de bom gosto e regadas a champanhe, para as quais eu nunca havia sido convidada. Aparentemente, bastou que eu fosse iniciada em uma sociedade de elite, além, é claro, de termos tido de acabar com uma conspiração misógina que quase arruinou nós duas, para que eu obtivesse um passe para essas festas. Clarissa e eu estamos bastante próximas agora.

Mas tente explicar isso para sua melhor amiga bárbara.

— Eu não consigo entender. Por que agora passamos a gostar dessa vaca? — perguntou Lydia enquanto entrávamos em um apartamento que cheirava a lírios e estava iluminado por centenas de velas pequenas que boiavam em recipientes com água.

Um homem usando fraque branco nos ofereceu taças de champanhe rosé em uma bandeja de prata.

— O que há para não gostar? — perguntou George, pegando uma taça. — Obrigado, amigo.

Clarissa Cuthbert, uma visão vestida de seda branca e bronzado artificial, nos encontrou um pouco depois.

— Querida! — exclamou ela, beijando-me no rosto, mas sem me tocar, como se não tivéssemos passado a tarde juntas no mausoléu escuro. — George, querido! — O mesmo se aplica a ele. Depois ela virou para minha colega de quarto. — Lydia, não é? Nós nos conhecemos na primavera passada.

— Olá — cumprimentou Lydia. — Lindo apartamento.

— Obrigada! Os canapés estão lá trás — informou ela.

Quando Clarissa virou para apontar, seu cabelo longo e com luzes louras perfeitas se afastaram do ombro, revelando por um instante, a ponta da tatuagem da Rosa & Túmulo. George olhou para mim e ergueu uma sobrancelha. Lydia agarrou meu braço. Merda.

RESPOSTAS POSSÍVEIS

1) "Que tatuagem? Acho que tinha alguma coisa no cabelo dela."

2) "Rosas. Que clichê!"

3) Negar, negar e negar.

Mas, afinal, o fato de Lydia segurar meu braço não teve nada a ver com a tatuagem.

— Ai, meu Deus, Amy, Não olhe.

É claro que olhei. Do outro lado do aposento, servindo-se em uma bandeja de morangos mergulhados no chocolate, estava Brandon Weare, cujo cabelo estava ainda mais comprido este ano e com mechas mais claras. Estava mais bronzeado depois do verão, como sempre. Brandon. Pelo que ouvi na revista literária, ele tinha acabado de voltar ao campus. Ele não estava na faculdade a tempo de me ajudar com a edição dos calouros. Por sorte, eu tinha Arielle como reserva. Foi pouco mais que uma colagem de notícias, nada sério, mas...

O aperto de Lydia no meu braço ficou mais forte. Com o prato cheio de frutas, Brandon atravessou o aposento e se juntou a um grupo de convidados. Uma mulher virou e sorriu para ele. Tinha cabelo comprido, liso e negro. Os olhos também eram negros. A cintura era fina. E, enquanto eu assistia, ela pegou um morango e colocou-o na boca de Brandon.

Engasguei com o champanhe.

— Talvez ela esteja ajudando porque as mãos dele estão ocupadas — sugeriu Lydia.

A garota beijou um pouco de chocolate que ficou no canto da boca de Brandon.

— Ou não.

Escondemo-nos atrás de um painel de papel de arroz.

— Tudo bem, temos de bolar um plano — disse, tentando me fortalecer. — Já o vi, então o choque inicial já passou.

— Certo. Passo um alcançado sem humilhação pública.

— Então, a próxima pergunta é: devo me aproximar dele ou esperar que ele se aproxime de mim?

— Pergunta difícil. Aproximar-se dele coloca o poder nas mãos dele — disse Lydia. — Mas no meio de tanta gente talvez ele nem a veja, e o golpe no ego não seria...

— Tão doloroso — concordei. — É um dilema.

A tela balançou um pouco.

— Toc toc — chamou George. — Será que esse é um tipo de conversa particular que vocês costumam reservar para as idas em grupo ao banheiro feminino?

— Ah, um substituto! — exclamou Lydia.

— Negativo.

Se eu fosse aparecer nos braços de alguém, certamente não seria nos de George Harrison Prescott. Brandon havia rompido comigo depois de descobrir que eu tinha ficado com George minutos antes de transformar nossa amizade colorida em um relacionamento oficial. Duvido que tal exibição vá melhorar minha situação.

— O que vocês duas estão tramando?

— George — disse eu —, por que você não pega um pouco mais de champanhe para nós?

Assim que ele se afastou, saí de trás do painel de papel de arroz e olhei o aposento com a cabeça erguida. Com as minhas luzes vermelhas bem cuidadas, eu estava prestes a me misturar com a decoração branca, estilo Martha Stewart, da casa de Clarissa. Ele me veria e iria me cumprimentar. Mas Clarissa me encontrou primeiro.

— Amy, querida, venha conhecer uma boa amiga do acampamento!

Ela colocou a mão cujas unhas à francesa estavam perfeitas e, quando dei por mim, lá estava eu, cara a cara com a mulher de cabelo negro comprido, olhos grandes e cintura fina e — meu Deus do céu! — aqueles seios não podiam ser de verdade, podiam?

— Esta é Felicity Bower e seu namorado, Brandon. Felicity e eu passamos seis verões juntas no acampamento Lake Hubert para garotas.

E aquele não poderia ser o nome verdadeiro dela.

— Olá, sou Amy Haskel — disse com a voz mais forte que consegui.

Felicity arregalou os olhos, mas foi Brandon quem falou.

— Olá, Amy. Como foi seu verão?

E ele me abraçou.

Eu me afastei rápido, antes que meus órgãos vitais entrassem em colapso.

— Foi bom — disse eu.

Minha garganta estava seca. Meu Deus, onde estava George com a taça de champanhe? Onde estava George com aquele corpo e aquele rosto e aqueles olhos? Felicity não parava de piscar.

— Fui para Washington trabalhar em um núcleo de idéias.

Será que Brandon estava mais alto? E o que era aquela barba por fazer? Quem ele achava que era? Keanu Reeves? Será que Felicity caía nessa balela?

— Trabalhamos na edição de depoimentos de mulheres que foram exploradas — expliquei.

— Uau! — exclamou Felicity. — Que trabalho legal! Como conseguiu isso?

— Caiu no meu colo no último minuto — ofereci de forma desastrada.

O tipo de ajuda de último minuto que você recebe quando conhece um patriarca Coveiro. Mas é claro que a sociedade me devia algo depois de ter acabado com meu primeiro trabalho. Um garçom passou por nós e peguei uma taça de champanhe.

— Cara — disse Felicity —, tudo que fiz durante o verão foi cuidar da casa de meu tio. Clarissa deu um suspiro dramático.

— Nossa! Que infelicidade a sua, ficar sentada na mansão de seu tio em Hong Kong. Felicity corou e ficou mais bonita. É claro.

— Bem, quase morri de tédio até conhecer ele. — Passou a mão pelo cabelo de Brandon. — E, então, meu tio me compensou ao me emprestar seu iate para um cruzeiro pelas ilhas Fiji.

Tudo bem, com certeza ela já sabia sobre mim e Brandon e estava sendo babaca. Assim que ele viu o foco do meu olhar, Brandon pegou a mão dela e a puxou.

(Não tenho vergonha de admitir que ele é uma pessoa bem melhor que eu. Se ele tivesse me tratado do mesmo modo que o tratei, eu teria dado pulos de alegria ao exibir minha nova conquista rica e linda de morrer bem na frente dele.)

— Nada de namoro para mim nesse verão — disse Clarissa, sem perceber a tensão. — Depois que mamãe pegou papai em flagrante com a garota que leva os cachorros para passear, ela começou todo um lance de que "sou mulher e você deve me ouvir". Ela cortou completamente o cromossomo Y de sua existência. Exceto pelo advogado que está cuidando do divórcio, é claro.

— O que aconteceu com seu pai? — perguntei.

Não havia nenhum sentimento entre o Sr. Cuthbert e eu, não depois do modo como ele e alguns patriarcas da Rosa & Túmulo sabotaram nosso clube. É claro que ele estava sabotando a própria filha também. Eu queria saber exatamente como o papaizinho e a garota que passeia com os cachorros foram pegos.

— Considerando os detalhes sórdidos do caso — começou Clarissa, lançando-me um olhar me lembrando, como se eu realmente precisasse ser lembrada, de nunca ficar mal com a Coveira chamada Angel —, sofremos um trauma emocional tão terrível que... bem, vamos dizer que papai arranhou tudo para que continuássemos a viver do modo pelo qual já estamos acostumados. — Ela parou o garçom que passava. — Alguém quer Beluga?

— Na verdade, é melhor irmos — disse Brandon, passando o braço em volta da cintura de Felicity. — Foi bom conhecer você, Clarissa. — Ele fez um aceno com a cabeça em minha direção. — Vejo você mais tarde, Amy.

E eles se foram, antes que eu tivesse tempo de entender se com "vejo você mais tarde" ele quisera dizer *"vejo você por aí"* ou *"vou ligar para você para discutirmos isso"*. Mas nem tive tempo de pensar muito sobre o assunto, uma vez que fomos imediatamente cercados pelo meu contingente da Universidade Prescott — George e Lydia.

— E aí? — perguntou Lydia.

— Ele está diferente, com um cheiro diferente e está namorando uma garota chamada Felicity.

Mas o seu abraço continuava ótimo.

Clarissa finalmente compreendeu.

— Então, você conhece bem aquele cara?

— Diria que biblicamente.

Ela gemeu (embora George estivesse rindo).

— Uma falta de etiqueta total. Sinto muito, Amy.

Respirei fundo.

— Estou bem.

— *Felicity?* — perguntou Lydia, erguendo uma sobrancelha.

Lancei-lhe um olhar de aviso.

— Eu disse que estou bem.

— O que é melhor do que eu posso dizer em relação a alguns de meus outros convidados.

Clarissa fez um gesto em direção a Jenny Santos, que estava sentada em um sofá branco, olhando para tudo com desprezo. Não sei qual é o problema dessa garota. Se você vai participar de alguma coisa, não deveria se comprometer? Ela faltou ao ensaio mais cedo e a gora estava agindo como se fosse boa demais para ser uma Coveira. E, embora eu possa considerar o primeiro problema como uma simples prolongação de suas atividades anteriores, não sei bem o que motiva sua atitude na festa. Se ela não queria champanhe, com certeza Clarissa deveria ter um estoque de água francesa com gás.

— Ela está se escondendo a noite toda — informou Clarissa. — George, você gostaria de me acompanhar para ver se conseguimos fazer com que ela circule um pouco? George seguiu para o bufê.

— Acho que não. Aquela garota sempre me olha como se ela fosse Salomé e eu fosse João Batista.

Se ele falasse coisas como essa com mais frequência, Jenny provavelmente passaria a gostar um pouco mais dele. Clarissa saiu para tentar animar nossa cabisbaixa Coveira e Lydia e eu encontramos um lugar para nos sentarmos no braço de uma poltrona.

— Então, o que você acha que estava acontecendo com os pais de George? — perguntou Lydia sobre o som da festa. — Parecia que o pai dele conhecia você.

— Acho que o conheci quando ainda era caloura, no dia da mudança — menti com facilidade. — Ou talvez ele tenha me confundido com uma das bilhões de garotas com quem o filho costuma sair.

Eu conhecia a história do longo caso de amor e ódio (ou pelo menos luxúria e ódio), entre os pais divorciados de George, mas ele me contara isso em confiança, de Coveiro para Coveiro. A história não deveria cair nos ouvidos bárbaros de Lydia e, até onde eu podia entender, nem para os ouvidos dos outros Coveiros, até que George mesmo quisesse contar. Eu não estava guardando o segredo de Malcolm, meu irmão mais velho da sociedade, em relação à sua opção sexual?

O e-mail de Malcolm soava como se ele estivesse muito só lá no Alaska. Eu compreendia sua opção de tirar um ano de folga antes de começar a faculdade de Administração, principalmente depois de confessar ao pai ultraconservador e governador sobre sua sexualidade, mas será que era necessário fazer isso em um local tão isolado? Lembrei-me que ainda não tinha terminado de ler o e-mail dele.

E nem imaginava quem havia me mandado o outro. Olhei na direção de Clarissa e Jenny, cuja companhia havia aumentado.

— Já volto — disse para Lydia, que já estava acenando para um colega e integrante da equipe de debates que estava próximo à mesa de *fondue* de queijo, e fui até elas.

O grupo de garotas que estava no sofá de Jenny tinha apenas duas coisas em comum:

- 1) Uma pequena tatuagem de uma rosa dentro de um hexágono alongado em algum lugar do corpo.
- 2) O fato de que haviam desafiado um grupo de homens poderosos e cruéis e sobrevivido para contar a história.

Fora isso, não parecíamos ser amigas, e eu me perguntava se — tirando circunstâncias extremas — poderíamos nos considerar assim. É claro que havíamos nos ligado como colegas e nos encontrado em vários eventos relacionados à sociedade durante o verão, mas uma vez que começassem as aulas e as reuniões regulares, sobre o que conversaríamos? Um clube de Coveiros deveria oferecer apoio e conselho uns aos outros. Mas o que uma estrela de Hollywood como Odile Dumas teria para dizer a um gênio do computador como Jenny Santos? Que tipo de apoio uma ativista radical como Demetria poderia dar a uma socialite como Clarissa Cuthbert?

Ainda assim, você poderia até achar que eu era a única a questionar essas coisas pelo entusiasmo com que fui cumprimentada.

— Ei, *chica!* — chamou Odile, me puxando para sentar ao lado dela. — Estávamos falando sobre Mara. Mais uma garota para nossa pequena revolução, né?

— Eu a vi esta tarde — disse eu. — Ela é meio intensa.

— Ela é uma vaca classista — declarou Demetria com o nariz em pé. — Vocês já leram a coluna que ela escreve no *Torre de Marfim* sobre como nunca deveriam ter permitido a entrada de mulheres em Eli?

— Parece que os patriarcas vão gostar dessa garota — respondi. — Ela realmente escreveu isso?

O *Torre de Marfim* é um jornal conservador maluco que circula no campus.

— Escreveu, sim. Disse que a faculdade estava no auge antes de permitir a entrada de uma população com excesso de estrogênio. Gostaria de saber o que ela pensa sobre romper a barreira dos sexos no nosso clube.

— Eu me pergunto por que ela aceitou o convite — disse Clarissa.

— Você espera que uma hipócrita aja de forma racional? — perguntou Jenny. — Ela acha que as mulheres não deveriam estudar em Eli, mas é aluna daqui. Se ela realmente acreditasse que não pertencemos a este lugar, será que não estaria em Wellesley ou em outro lugar? — Ela brincou com a ponta de sua longa trança escura e baixou o queixo até o peito, como se essa explosão tivesse tragado toda sua força social. — Parece mais que ela está repetindo as palavras de seus colegas que dizendo o que realmente quer dizer.

Depois disso, ela se fechou completamente, como se tivesse medo de dizer algo mais sobre o assunto.

— Sei lá — disse eu. — Ela não me pareceu do tipo submisso hoje durante a aula. Discutiu com o professor Branch e tudo.

— Bem, descobriremos isso amanhã — profetizou Clarissa.

Girei o copo na minha mão.

— Ei, gente? — comecei. — Tenho de contar uma coisa para vocês. Antes de vir aqui hoje à noite, verifiquei meu C-mail e havia uma mensagem...

Todas congelaram e olharam para os próprios copos. Então, Jenny perguntou:

— Então, você também recebeu?

*Por meio desta eu confesso:
A paranóia adora ter companhia.*

3. Crânios e sussurros

Serei a primeira a admitir que gosto de pensar demais. A maioria das vezes isso me foi muito útil. (Vide o sucesso acadêmico culminando na admissão e no CR alto em todos os períodos em que estive em Eli.) Ocasionalmente, porém, isso me colocou em apuros. (Vide o hábito de constantemente atribuir ocorrências misteriosas a maquinações obscuras dos patriarcas misóginos da Rosa & Túmulo. Mas algumas vezes a culpa era deles mesmo. Afinal, eles tentaram arruinar minha vida no semestre passado, então um pouco de cautela saudável não faz mal algum.)

Mas se todas as garotas do clube receberam um e-mail misterioso, eu logo me liguei e comecei a pensar. Quando o clube reuniu antes da iniciação dos neófitos que ocorreria dias depois, discutimos os e-mails bizarros e com versos rimados que recebemos e o que eles poderiam significar. Cada Coveira recebeu uma mensagem de duas linhas enviadas pelo endereço de e-mail regular de cada aluna para o seu C-mail (endereço de Coveira); o horário mostrava que havia um intervalo de dois minutos entre cada um. Quando colocados na ordem de acordo com o horário de envio, formaram a seguinte cantiga:

VOCÊ ACHA QUE ACABOU, MAS NÃO
QUE DE DENTRO PARA FORA COMECE A PODRIDÃO
ELES NÃO PERMITIRÃO QUE TUDO PELO QUE LUTARAM
SEJA EM VÃO
LOGO AS SEGUIRÃO E AS AGARRARÃO
PARA VER QUE TIPO DE MALDIÇÃO TROUXERAM
COM A INICIAÇÃO
TENTEM SE SOLTAR DA TELA QUE LHES SERVE DE PRISÃO
COMPRADO PODE SER UM LADRÃO
POIS UM PONTO FRACO OS ENFRAQUECERÃO
CONHECER O VENENO QUE IMPREGNA O AR VOCÊS DEVERÃO
OU MORTE DESPREZÍVEL NO FIM ENCONTRARÃO*

— O que você acha? — perguntou Thorndike, depois de colar os versos no seu laptop.

* Tudo (sic), naturalmente.

— Acho que quem quer que tenha escrito isso deveria aprender a usar concordância — respondi. — A pessoa quer fazer uma rima, mas não sabe que o certo seria "um ponto fraco os enfraquecerá", pois o sujeito é "um ponto fraco". Isso sem mencionar a falta de pontuação.

— Além disso — acrescentou Little Demon, apontando para o verso cinco —, essa parte soou um pouco safada.

Thorndike afastou a mão de Little Demon da tela.

— Será que dá para parar de pensar em sexo por um minuto?

Little Demon apertou os lábios e olhou zangada para Thorndike.

— Fala sério! Você também pensou nisso. *Agarrar?* Faça-me o favor...

Lucky corou.

— Continuando. O que achamos que isso significa?

Pelo menos por enquanto ela parou de debochar e usou um discurso útil.

— Não faço a menor idéia — disse Angel. Ela virou para mim — O sujeito é "um ponto fraco" mesmo?

Eu concordei com a cabeça.

— Quem poderia ter enviado isso? Teria de ser outro Coveiro, certo? Alguém que conheça nossos nomes na sociedade e os endereços de e-mail.

— Ótimo — respondeu Clarissa. — Isso nos deixa apenas com 700 patriarcas vivos.

— Bem, provavelmente menos, pois foi alguém que conhece computadores — disse Jenny. — Eu não creditaria isso a ninguém antes de C150. Isto é, *se* realmente for um Coveiro — acrescentou ela, suspirando.

— Ou poderia ser um patriarca que pagou a algum gênio do departamento de TI para fazer isso — sugeri. — Para ser honesta, acho que poderia ser qualquer um.

Era um pensamento sóbrio, mas Little Demon raramente estava a fim de sobriedade.

— Certo, meninas. Vamos discutir isso com os rapazes depois da iniciação. Coloquem as fantasias e assumam as posições. Vamos logo.

Mas não sabíamos que, após a cerimônia, um poema mal escrito seria a última coisa em que pensaríamos.

A cozinha do mausoléu ficava no andar de baixo e foi transformada em um trailer de maquiagem, o que fez o cuidador do mausoléu, o velho Hale, reclamar:

— Esses tipos de Hollywood invadindo o mausoléu — murmurava ele em seu lugar na entrada da cozinha. — Nunca permitiriam uma coisa dessas nos bons tempos.

— Calma, Hale — disse eu, verificando minha fantasia no espelho antigo e lapidado que cobria toda a parede do corredor no final da escadaria.

O mausoléu da Rosa & Túmulo guardava coisas muito maneiras. A maravilhosa moldura de madeira entalhada do espelho mostrava várias cenas do mito de Perséfone e, no topo, era coroada com uma rosa gigantesca. O reflexo era um pouco ondulado, mas podia-se aceitar isso em uma antiguidade dessas. Era uma pena que o mantivessem aqui no porão.

— Daqui a mais ou menos uma hora eles já terão ido embora — continuei. — Além disso, não é como se estivessem vendo algo importante aqui na cozi... — Ele me olhou de cara feia e franziu a sobancelha grisalha e eu calei a boca.

Provavelmente, não seria bom caracterizar o principal domínio do cuidador como a parte menos importante do mausoléu. Hale se orgulhava muito em ser o cuidador dos Coveiros, assim como seu pai o fora antes dele. Ninguém na sociedade sabia quem contrataríamos depois que ele sucumbisse ao peso da idade, já que Hale não era nenhuma criancinha e a posição não poderia ser anunciada nos classificados de empregos.

— Ah, Hale — apressei-me a dizer, caminhando em sua direção e colocando uma mão em seu ombro como um gesto de conforto. — Tem uma coisa que quero dizer para você: aparentemente, Lancelot, C176, pescou um monte de halibutes no Alaska. Ele vai mandar uma parte para o nosso congelador.

— Você teve notícias dele? — ouvi uma voz perguntar, e virei e me deparei com a Morte.

Ou Poe, depois da maquiagem. Mas não havia muita diferença, na minha opinião. Merda. De onde ele tinha saído?

Ele era um espreitador.

— Tive, sim — respondi.

Ele franziu o cenho (ou talvez tenha sido impressão) e enfiou a mão nos bolsos.

— Ah. E como ele está?

Poe não tivera notícias dele?

— Bem. Ele... hum ... me pediu para dar um oi.

Na verdade, não fora bem isso que Malcolm havia escrito, mas eu tinha meus limites quando se tratava de Poe. Afinal, havia apenas quatro meses, o cara que estava bem na minha frente agora tinha me prendido em um caixão e ameaçado jogá-lo em uma piscina. (Eu não sei nadar.) Nada de amor perdido aqui.

— Ele me deve um e-mail. — Agora Poe estava com os braços cruzados no peito. — Então, como foi seu verão?

— Tudo bem — respondi. — Eu estava na capital.

— Eu sei. Trabalhando para aquele patriarca.

Ooops, assunto errado. Poe perdera o estágio com um patriarca na Casa Branca depois de (por fim e de forma relutante) ter ficado do meu lado e dos outros Coveiros na batalha da primavera anterior. Eu não sabia ao certo o que ele fizera no verão. (Embora, seja lá o que fosse, julgando pelos seus braços, ele tinha pegado um bronzado. Na verdade, a aparência dele estava muito boa.)

— Então, como está a faculdade de direito?

De acordo com o que eu sabia, Poe deveria começar na faculdade de direito de Eli nesse outono, o que significava que este campus teria de aturá-lo por mais três anos.

— Tudo bem.

A conversa estava indo bem. Ficamos um tempo em silêncio, então Poe tentou desviar o assunto.

— Little Demon pediu que eu representasse o Ceifador esta noite. Acho que ela não encontrou ninguém no clube *atual* que ela gostasse o suficiente para assumir o papel. É, insultar o meu clube definitivamente vai me cativar.

— Ou talvez ela tenha achado que ninguém mais tinha o ar de depressão e desespero necessário para o papel — disse eu, sorrindo. — Há planos de afogar alguém esta noite?

Ele sorriu de volta e, desta vez, não foi a maquiagem.

— Só se você se aproximar muito, Bugaboo.

Idiota. Abri a boca para responder, mas Angel me interrompeu:

— Sua vez na cadeira, Bugaboo — informou ela.

Lancei um último olhar de raiva para Poe e saí.

— Quem era aquele? — perguntou ela, enquanto o cabeleireiro começava a secar meu cabelo.

— Poe. Lembra?

Ela olhou para ele.

— Mesmo? Meu Deus. O que ele fez durante o verão? Musculação?

— Não sei e não quero saber. Ele deveria ter passado mais tempo à procura de um pouco de personalidade.

— Ele tem personalidade — interrompeu Thorndike, que estava sentada na cadeira ao lado da minha. O maquiador lançou-lhe um olhar de aviso e fez um gesto perigoso com a espátula que segurava. — Só não é uma agradável.

Todas as garotas riram e eu notei que Poe se encolhera sob a túnica no lado oposto da cozinha, de costas. Ele arqueou os ombros ao ouvir o som. *Que droga.*

Deixa para lá, Amy. Ele é um idiota. Guarde sua compaixão para alguém que mereça.

Lucky parou para falar comigo enquanto eu estava tentando amarrar o cordão da minha túnica.

— Ei, Bugaboo, já falei com Soze, mas eu queria dizer que o meu... amigo... bem, ele não estava falando sério lá no bazar. Ficou meio estranho. — Ela olhou para as mãos. — Algumas vezes ele não percebe como se expressa. Espero que não pense...

Coloquei minha mão sobre a dela, meu aborrecimento anterior por sua falta de comprometimento desaparecendo na hora.

— Claro que não penso. Você é uma de nós. Confio em você. E podemos conversar mais sobre isso se você quiser. — Olhei para a cozinha já quase vazia. — Depois da iniciação.

Ela sempre era muito mais amigável dentro do mausoléu que quando nos encontrávamos no mundo bárbaro. Melhor tirar vantagem disso enquanto eu podia.

Meia hora depois, estávamos em nossos "lugares", esperando o início do show, o que significava que eu estava agachada em um canto sujo, segurando uma bolsa de pó fosforescente e desejando ardentemente ter feito mais agachamentos nas aulas de ginástica.

— Oi, Boo — sussurrou Puck. — Já viu alguma coisa?

Ele recebera o papel de Quetzalcoatl no festival, provando que talvez o verdadeiro talento de Little Demon estivesse na escolha dos papéis, porque ele ficava muito bem de tanga e sem camisa. Mesmo com as penas na cabeça e a maquiagem.

— Não — sussurrei de volta.

— Bom.

Ele deslizou para o meu lado do corredor (e digo isso de forma literal, uma vez que os caras dos efeitos especiais conseguiram colocar uma longa cauda na sua roupa — o que *não* chegava a ser broxante) e sentou-se do meu lado, cruzando as pernas sob o corpo. Vi um short de ginástica por baixo da tanga. Droga.

— Sobre ontem à noite...

Oh, não, *por favor*, não pergunte sobre Brandon!

— O que há?

— Eu queria me desculpar.

Hein?

— Por minha mãe. Ela não costuma agir assim.

Ele brincou com as contas do bracelete que usava para a cerimônia.

— Ah, tudo bem.

Virei a cabeça. A música estava começando na Sala do Vaga-Lume.

— Temos algumas novidades. — Ele respirou fundo. — Meu pai está esperando um bebê. Quero dizer, a esposa dele. Ela está grávida. E vamos dizer que ele já sabe disso há mais do que deixou transparecer para minha mãe.

Eu nem consegui esboçar um ar de surpresa. Desdém, contudo, parecia ser uma substituição disponível.

— Romântico, não? — perguntou Puck.

— Depende do que você chama de romance.

— Eu tento não ter uma definição. — Ele se encostou em mim, deixando a voz assumir um tom baixo e rouco. — Acho melhor para todos se eu ficar aberto para... novas interpretações.

— Magnânimo — disse eu. — E um pouco estranho.

O que teria soado bem se as minhas mãos não tivessem começado a suar, fazendo a bolsa de pó fosforescente escorregar.

Ele olhou para o brilho espalhado pelo chão e depois para mim.

— Bem pensado, Amy.

— Ah, melhor continuar me chamando de Boo, pelo menos no mausoléu. Você me deve dois dólares.

— Essas muitas são uma merda — sussurrou ele bem próximo ao meu capuz.

Virei um pouco o rosto na direção do dele.

— Vamos fazer o seguinte: eu digo "George" e ficamos quites.

Mas, depois disso, não dissemos mais muita coisa porque nossas bocas estavam ocupadas e tal.

Agora, talvez você ache que o piso frio de um mausoléu não é um lugar muito agradável para se deitar, mas se George Harrison Prescott, quero dizer, Puck, está em cima de você, pode apostar que você está errada. Mesmo com as pontas das penas da fantasia dele, eu estava sentindo muito prazer. Toda vez que o beijava (essa era a segunda vez), eu era invadida pelo sentimento pueril que envolvia todos os jogos tolos que os homens e as mulheres jogam. Por que o drama? Eu o queria e ele me queria. Quem precisava das entrelinhas?

Tudo estava indo muito bem durante a primeira fase e estávamos passando de forma alegre e completamente irresponsável (considerando a hora e o local) para a segunda fase quando ouvimos uma explosão.

Congelamos com o barulho e olhamos um para o outro enquanto o piso do mausoléu tremia sob nós. Puck mordeu o lábio.

— Boo, seu rosto...

— Levante — disse eu, puxando a minha túnica de baixo dele. — Levante agora!

Juntos, corremos até a galeria, olhamos para baixo e vimos ondas de fumaça emanando da Sala do Vaga-Lume. Varias pessoas saíram tossindo, e Keyser Soze correu pelo corredor carregando um extintor de incêndio.

— Saiam do caminho! Saiam do caminho! A última coisa de que precisamos é do corpo de bombeiros por aqui.

— O que aconteceu? — gritou Puck enquanto contornávamos as escadas.

Pelo pouco que pude ver no aposento, não parecia haver fogo, mas foi um barulho e tanto.

— Um problema pirotécnico — informou Little Demon.

— Tudo bem. Tudo bem. Já está tudo sob controle.

— Bugaboo — chamou Thorndike, apontando seu tridente na minha direção. — O que é isso no seu rosto?

— Seja lá o que for — disse Lucky, sacudindo a mão para tirar a fumaça do ar —, é a mesma coisa que está no peito de Puck.

Olhei para Puck, cujo corpo estava untado de pó fosforescente. Minha túnica e minhas mãos também estavam num testemunho óbvio de nossas atividades nos bastidores.

Thorndike levantou uma sobrancelha e sua expressão de desaprovação ficou ainda pior devido a fantasia de diabo que usava. Ela moveu os lábios dizendo *playa* como um aviso.

— Vamos logo, garota — gritou Hale, mandando Thorndike ajudar Soze a controlar o fogo.

— Meu Deus — ouvi uma voz vinda da neblina. — Que tipo de show vocês estão tentando fazer? — Vi cabelos cacheados surgirem na escuridão. — Nunca pensei que os Coveiros fossem tão negligentes! — Mara Taserati analisou Luck, Little Demon, Thorndike e eu, todas reunidas aos pés da escada. — Então os rumores são verdadeiros.

Bem, o que ela esperava? Ela também era uma garota.

— Aparentemente, *é tudo* verdade — disse Angel, juntando-se a nós e cruzando o braço sobre o peito.

A cobra de borracha de sua fantasia de Cleópatra escorregou do ombro, expondo mais do que apenas a sua tatuagem.

Soze bateu palmas.

— Tudo bem, gente. O fogo foi contido. Vamos voltar.

Mara bufou de uma forma nada elegante.

— Até parece. Não vou colocar mais minha vida em risco. Obrigada.

— Concordo com ela — disse um garoto que supus ser Howard First, um outro neófito. — Não sei se quero fazer parte disso até vocês ensaiarem melhor.

O Ceifador se aproximou e colocou a mão no ombro deles.

— A peça esta seguindo seu curso, neófitos. Venham por aqui.

Parece que Poe conseguia se manter no papel mesmo durante uma crise.

Howard, porém, o afastou.

— Pode esquecer, cara. Tenho padrões estritos quando o assunto é a proteção do meu corpo.

— Era isso que você estava fazendo na floresta colombiana na primavera passada? — perguntou Thorndike. — Aderindo aos seus padrões estritos?

— Na verdade, não — respondeu ele. — Eu estava vacinando crianças.

E, com essa frase de efeito, seguiu em linha reta até a porta.

Poe ergueu a sobrancelha para mim.

Tudo bem, essa cena lembrava muito a que eu tinha feito depois que ele me enganara com pistolas de água na minha iniciação, mas, nesse caso, como eu deveria defender a sociedade? Poe tentara me ludibriar com muita água. Mas não acho que explosão tenha sido um truque.

Bem, lá vamos nós.

— Howard, espere! — gritei, correndo na direção dele. — Não vá. Isso tudo faz parte do jogo da iniciação. Você deveria ver o que fizeram comigo na primavera passada. Eles ameaçaram me afogar e depois me estuprar...

— E isso de alguma forma fez com que eles a conquistassem?

— Nada disso, mas...

— Olhe... hum... Garota Brilhosa, ou seja lá o que você está representando, esse não é bem o meu tipo de coisa, tá?

— Então por que você aceitou o convite?

— Febre tropical? — sugeriu ele.

Bem, Kurtz, bem-vindo ao novo lado da escuridão

— Olhe, eu também não achava que era o meu tipo de coisa. — E meus inimigos concordariam com isso. — Mas tem sido...

— Saia enquanto ainda pode, cara — interrompeu Graverobber. — Antes que você faça qualquer *juramento*. Eu queria ter feito isso. Os Coveiros já não são mais os mesmos. — Ele se encostou na parede. — Dizem que os fundos também estão secando.

Como se o Sr. Graverobber herdeiro-grego-de-navios precisasse de dinheiro extra!

— Sai fora — incentivei e virei para Howard. — Como pode ver, adoráramos ter sangue novo na fraternidade.

— Como pode ver — imitou Graverobber —, a fraternidade mudou muito.

— Dá para perceber — disse Howard meneando a cabeça. — Vocês dois estão se digladiando. Eu não tenho tempo para isso. Tenho de estudar.

E com isso, ele virou e saiu pela porta da frente.

Todos ficaram calados e boquiabertos. Eu me virei para Poe.

— O que fazemos agora?

— A mesma coisa que fiz ano passado: implore.

— Eu? Nem fui eu que comecei o fogo. Onde está irmão mais velho dele?

Será que não havia outros patriarcas no campus ou apenas nós havíamos sido abençoados com isso?

— Cortando cadáveres em Berkeley — disse Poe de modo direto. — Os juramentos de lealdade claramente não cruzam as divisões continentais.

Oh! Pelo amor de Perséfone! Peguei o braço de Graverobber e o puxei enquanto perseguíamos o nosso neófito.

— Howard! — chamei enquanto descíamos os degraus e passávamos pelos portões (abertos). — Volte! Vamos conversar sobre isso.

Um bando de calouros na High Street nos olhou de forma estranha, então Nikolos pegou o cotovelo de Howard e o puxou para o beco ao lado do mausoléu, nos levando até as esculturas do jardim. Uma vez que estávamos bem escondidos pelas sombras dos galhos de um salgueiro, puxei meu capuz.

— Olhe bem — disse eu. — Você aceitou o convite. Nós o colocamos na lista que enviamos aos patriarcas. Você está dentro. Como pode desistir agora?

— Isso foi em abril — respondeu ele, dando de ombros. — Tive um longo verão para pensar sobre isso. E, com todos os compromissos que tenho agora, não sei se poderei me dedicar a vocês.

Mas ele não havia decidido isso até ter entrado e dado uma boa olhada em todos nós. Por que tinha de ser eu a implorar para que esse idiota voltasse? Eu não dava a mínima para o número de crianças que ele tinha vacinado no Terceiro Mundo.

Cutuquei Nikolos com o cotovelo e ele suspirou, mas fez uma tentativa:

— Compromissos? Você é o único sênior que ainda está envolvido nessas atividades? Não poderia nos dedicar um pouco do seu tempo? Nós, com certeza, faremos com que valha a pena.

Howard riu.

— Um pouco? Você é um sênior, certo? Tudo isso é totalmente novo para você. Não sabe sobre quanto tempo estamos falando. — Ele começou a contar nos dedos. — Sou conselheiro de um calouro; estou fazendo minha tese de bioquímica; faço parte do conselho do Centro de Alunos Judeus; e sou voluntário no laboratório da cidade algumas noites da semana. Infelizmente, só quando eu já estava dentro do mausoléu foi que me dei conta que todas essas coisas significam muito mais para mim do que um bando de estranhos usando fantasias esquisitas.

— Nem sempre usamos fantasias — disse eu, sem conseguir o efeito desejado.

Também não seríamos estranhos para sempre.

— Olhe, querida, eu conheço o cara que me escolheu para assumir o lugar dele na Rosa & Túmulo, e ele estava sempre atolado no ano passado. Aconteceu alguma coisa que quase fez com que ele perdesse a vaga na faculdade... Eu não sei bem os detalhes.

— Então você acha que vai evitar tudo isso virando as costas para nós? — perguntou Nikolos.

— Sair antes de me aprofundar parece bom para mim — respondeu Howard. — Essas reuniões de vocês vão começar a ocupar umas duas noites por semana (a noite toda). Espere e verão. E, então, quando estiverem lutando para terminar a tese de vocês a tempo, perguntem se valeu a pena. Vejo vocês por aí. Ou não — acrescentou ele, puxando a minha túnica.

E então ele se foi. Esfreguei a testa, sentindo-me frustrada. Depois olhei para minha mão coberta de pó fosforescente.

Que ótimo. Ainda teria de lidar com isso.

— E agora? — perguntei para Nikolos. — Devemos segui-lo?

Nikolos desamarrou o cordão que prendia sua túnica e deixou que ela escorregasse dos ombros.

— Eu não vou fazer isso vestido com essa roupa — afirmou ele. — Sinto-me um pouco responsável. Talvez eu não devesse ter dito tudo aquilo para ele no mausoléu. Deixe eu tentar alcançá-lo e ajeitar as coisas.

Concordei com a cabeça, satisfeita por ver que Nikolos estava assumindo um pouco de responsabilidade. Ainda assim, eu não tinha muita esperança. Fiquei olhando-o partir atrás

do neófito, embora ainda não o tivesse alcançado quando viraram na esquina da High Street com a Elm.

Abalada, triste e, sim, um pouco preocupada com o fato de Howard First estar aprontando algo, voltei para o mausoléu e encontrei Mara fazendo um discurso.

— Você não acha desanimador? — perguntou ela a Poe.

— Tantas fraternidades estarem à margem da sociedade, sendo engolidas pelas patrulhas do politicamente correto? Se você me perguntar, acho que essas organizações inovadoras é que realmente são elitistas. Com todas essas manifestações de alunos contra as sociedades secretas, quem realmente anda propagando a doutrina racista no nosso campus?

— O seu jornal? — sugeriu Thorndike.

— A administração está mais preocupada em fundar outra aliança de pessoas baseada na cor da pele e na herança cultural (a Aliança do Sudeste Asiático, a Aliança de Alunos Muçulmanos, a União de Alunos Nepaleses do Noroeste) que naquilo que realmente nos trouxe aqui: a meritocracia intelectual! Um desejo fervoroso de beber na fonte do conhecimento.

— Sabe, acho essa questão muito interessante — disse Soze.

Little Demon franziu o cenho.

— Não seria fonte da *juventude* e *luz* do conhecimento?

Lucky deu de ombros.

— Você está certa. Pelo menos, há uma lâmpada no selo do meu cobertor de Eli.

Mara continuou:

— Há uma falta de respeito pelas tradições desta nobre instituição.

— Rosa & Túmulo? — sussurrei para Angel.

— Não, acho que ela ainda está falando sobre Eli como um todo.

— Bem, há bastante falta de respeito em relação a Rosa & Túmulo bem agora. — Baixei a cabeça. — Acho que perdemos Howard. — Todos os olhos se voltaram para mim. Graverobber ainda está tentando convencê-lo, mas...

— Porque ele é um excelente advogado — debochou Thorndike.

— Porque ele foi a única pessoa que se ofereceu — argumentei.

Soze ergueu a mão.

— Ei, eu estava ocupado com a história do extintor.

— Então, o que faremos agora? — perguntei. — Se realmente perdermos um neófito? Se ele escolher uma organização "inovadora" (como nossa neófito nos elucidou de forma tão cuidadosa) em vez de nós?

Mara fez um gesto com a mão.

— Com licença, senhorita? Eu não sou uma neófito. Eles acabaram de me iniciar. Sou Juno agora.

Olhei para Poe.

— Vamos lá. Você é único que conhece todas as normas e procedimentos disso tudo. Diga-nos qual é o plano.

Mas Poe apenas riu.

— E vocês acham que, mesmo depois de toda a demonstração espetacular de desrespeito em relação aos meus conselhos na primavera passada, eu vou abdicar do direito de dizer "eu avisei"? — Ele tirou a túnica e começou a limpar a maquiagem de Ceifador da morte do rosto. — Vocês fizeram essa cama, espero que gostem de deitar nela.

Juno perguntou:

— Onde é a festa? Deve haver uma depois disso, certo?

Lucky falou:

— *Que de dentro para fora comece a podridão.*

O cara-do-Oriente-Médio-que-depois-reconheci-como-Harun-Sarmast-nosso-último-neófito disse, colocando a cabeça por cima do corrimão:

— Ei, gente? Já estou esperando aqui com os olhos vendados há um tempo. Aconteceu algo errado?

*Por meio dessa eu confesso:
Não tenho orgulho da minha Lista de Pegação.*

4. Encontros amorosos

POR QUE NÃO GOSTO DE DOMINGOS

(ESTE EM PARTICULAR)

1) Ao acordar, sou atingida na cabeça pela data e, dessa forma, me lembro de todas as coisas que preciso fazer antes de segunda-feira (isso normalmente envolve trabalhos, estudar pra provas, resolver problemas, etc.)

2) Costumo me arrepender do que fiz no sábado a noite. (Nessa semana, fui a uma maratona de filmes de Jane Fonda de início de outubro na Sociedade de Cinema de Eli, que foi idéia de Kevin — também conhecido como Frodo —, embora ele tenha sumido em algum momento no meio de *Descalços no parque*. No final, achei que alguém tivesse tampado o meu copo descartável mas depois percebi que se tratava apenas de *Barbarella*. George dissera que apareceria por lá, mas deve ter encontrado uma companhia melhor. Eca.)

3) Sempre encontro um grande debate aguardando por mim no e-mail da C177. (Eles costumam ser iniciados por Graverobber e, em geral, abordam o estado deplorável da sociedade — como se ele tivesse algo com que compará-la! — e são seguidas por Juno. É como se eles fizessem questão que os assuntos comesçassem a circular imediatamente antes de nossas reuniões aos domingos. Embora nesta semana eu estivesse mais do que disposta a entrar no debate sobre o futuro da sociedade. Acho isso muito melhor que o evento oficial que segue a pauta...)

4) Meu EN é hoje á noite. *Gulp.*

Os ENs, ou Relatórios de Êxtase Nupcial, são um rito de passagem para todos os Coveiros. Cada um de nós terá uma noite, começando no final de setembro, para ficar de pé diante de todos os nossos irmãos e discutir nossa vida amorosa do início ao fim. Deveria ser uma experiência para criar um elo entre nós — como se, depois de esmiuçar cuidadosamente todos os detalhes sórdidos dos romances que deram errado, o resto do clube passasse a achar que, de alguma forma, essa troca nos aproximou mais em vez de apenas dar um aperitivo saboroso com o qual ganharíamos uma aparição em um programa de TV sobre os relacionamentos do futuro.

Já tivemos dois ENs: o de Josh Silver e o de Clarissa Cuthbert. Josh, sendo o primeiro, não sabia muito bem quando uma informação era excessiva. Graças a Deus sempre o detínhamos quando ele começava uma descrição dos fluidos corporais. Embora solteiro no momento, ele teve várias namoradas, mas nenhuma que o tivesse deixado de quatro. Talvez, explicara ele, esse seja o motivo por que nunca conseguiu permanecer fiel a nenhuma delas. Todos os seus relacionamentos sérios terminaram quando Josh não conseguia se segurar.

— É por isso — sussurrara George pra mim em um dos sofás de couro no Templo Interior — que eu nunca me envolvo em relacionamentos. Você não tem dor de cabeça se nunca estiver tentado ser fiel.

Mas Josh continuava esperançoso.

— Gosto de ter uma namorada — insistira ele — É bom saber que existe alguém que sempre estará lá para você.

— Mesmo que você não esteja lá para ela? — perguntara Demetria.

Nikolos bufou, o que, como eu já tinha percebido, era sua reação padrão sempre que achava que o papo no mausoléu estava mulherzinha demais para o seu gosto. Isso acontecia com uma frequência perturbadora (vide seus e-mails provocadores). Infelizmente, não ocorreu nenhuma discussão séria sobre o assunto porque Nikolos não via nenhuma cura para o que percebia como o problema, exceto se livrar de vez das Coveiras. Esse fora o seu argumento nas últimas seis semanas, desde que havíamos perdido Howard.

O EN de Clarissa foi tão sexy quando era de esperar. É claro que discutimos o desperdício de sua juventude, incluindo o namorado de 30 anos que ela escondera dos pais quando ainda estava no Ensino Médio. Odile acenara com a cabeça com uma empatia silenciosa, já tendo, sem dúvida, bancado a garota ingênua para muitas pessoas influentes na indústria cinematográfica. (Mal podíamos esperar para ouvirmos o EN dela e descobrir se os rumores sobre ela e vários astros do cinema e cantores de hip-hop eram verdadeiros.) Um exemplo do tipo de história à qual nosso clube estava sujeito:

Clarissa: Tipo assim, quem entre nós nunca tentou sexo anal?

A maioria de nós (aposto que você pode adivinhar quem não estava incluída nesse número): (*ergue a mão*) Hum, eu?

Clarissa: E depois de algumas semanas, ele me pediu se eu poderia fazer uma depilação brasileira.

Jenny: O que é isso?

Clarissa: Uma depilação em que se tiram todos os pêlos.

George: (*rindo*) Legal.

Jenny: (*expressão horrorizada*)

Clarrisa: (*sem parar*) Mas depois que eu fiz, me senti uma pré-adolescente, já que eu não via aquela parte do meu corpo desde os 11 anos. Então eu não quis saber de sexo até que os pêlos tivessem crescido de novo.

Nikolos: (*bufou várias vezes*)

Viu como isso pode ser difícil pra mim? Não sei como eu lidaria com Nikolos bufando essa noite. E se eles rissem das minhas histórias mais embaraçosas? Pelo menos, eu já tinha chegado ao meio das estatísticas nos quesitos "perda da virgindade" e "número de parceiros".

Ainda assim, eu duvidava muito que minha história sobre o sexo no quarto da irmã caçula da anfitriã da festa de pós-baile de formatura impressionaria alguém. Estou muito abaixo dos outros Coveiros. Principalmente porque só havia um orgasmo envolvido e não era o meu. Aposto que Odile já tinha transado no alto da Torre Eiffel à meia-noite ou talvez em um Concorde. George provavelmente já deve ter transado no banheiro de ônibus espacial. Isso não me surpreenderia em nada. Quanto a Jenny, eu estava começando a achar que ela ainda era virgem. Não que eu tenha algo de errado com isso. Um EN rápido para que pudéssemos voltar para os nossos quartos e estudar. Eu era super a favor disso agora que já estávamos em outubro e as aulas estavam a pleno vapor.

Não quero dar a impressão de que só falávamos em sexo! Antes que os ENs começassem, havíamos testado as águas da união cavalheiresca com histórias das nossas férias de verão. Conteí a todos sobre o último verão, quando havia transcrito e editado os depoimentos de mulheres exploradas, uma experiência que eu ainda não tinha definido bem na minha cabeça.

Sempre planejei me mudar para Nova York depois da formatura para trabalhar no setor editorial. De repente, eu estava pegando panfletos do Corpo da Paz do Centro de Carreiras de Eli e olhando programas de pós-graduação. De repente, eu não conseguia mais me imaginar em um cubículo, um pensamento que dividi com os outros Coveiros. No entanto para minha total surpresa, eles me apoiaram muito. Achei que com a ênfase que os Coveiros dão à ambição, os outros talvez pudessem ridicularizar uma escolha de carreira que não desse retorno rápido. Eu estava errada. Demetria me contou tudo sobre um projeto que ela estava gerenciando para a Habitação para a Humanidade, e Jenny — em uma de suas cada vez mais raras fases de comunicativas — me explicou que ela tivera um esclarecimento parecido depois de entrar no projeto indonésio de águas limpas que sua igreja patrocinara dois verões antes.

Passei a vida inteira deixando o meu currículo em ordem. Talvez fosse a hora de ele virar confete.

Joguei as pernas para o lado, sai da cama e fui até a sala, deixando o computador de lado por um tempo. Se eu fosse lidar com as questões de Graverobber, precisaria de força. Peguei na prateleira de cima a nossa chaleira elétrica contrabandeada, que escondíamos atrás de um grosso exemplar do livro *Arte através dos anos* e o enchi com água do nosso filtro. (Não sei quem o inspetor do corpo de bombeiros acha que está enganando com suas inspeções surpresas todos os semestres. Ele sabe que temos chaleiras elétricas e esse tipo de coisa aqui, e nós sabemos que ele sabe. É um jogo. Demetria contou uma história que aconteceu com ela quando ela estava no segundo ano de faculdade, e ele veio até o seu quarto enquanto ela e as colegas estavam em volta da

chaleira, fumando — outra coisa proibida — e aguardando a sopa esquentar. Ele apenas meneou a cabeça e aplicou uma multa. Demetria disse que a usou como papel para enrolar o fumo.)

O que eu diria? Liguei a chaleira na tomada e sentei no sofá, enfiando os joelhos sob o camisã que usava para dormir, pensando sobre o assunto em questão. Seria muito embaraçoso ter de contar para todo mundo que uma semana nos meus braços fez com que o número dois da minha Lista de Pegação, um falso pacifista chamado Galen Twilo, empacotasse seu exemplar cheio de orelhas de *Howl* e ir embora para conseguir uma *diferente* "antiga conexão sagrada com o dínamo brilhante de..." sei-lá-o-quê.

Ou será que eu reabriria a ferida do meu número três, o suposto amor da minha curta vida, Alan Albertson, que me abandonara de forma abrupta por alguém chamada Fullbright? Ou Brandon, o número cinco, a quem fui incapaz de manter por mais do que alguns dias. E o que dizer do cara com quem só passei uma noite no período entre Alan e Brandon, aquele erro de primavera, de quem mal me lembro e nem sei o nome completo?

Dava pra ver por que esses ENs eram tão populares nos clubes só de homens. A duplicidade de padrões estava em voga novamente. Um homem que fazia sexo anônimo era um garanhão. Uma mulher que fizesse o mesmo era algo bem diferente. E não havia nada que eu pudesse dizer que impressionasse George o suficiente para que ele não fizesse planos para dormir comigo e depois dar o fora. Encostei a cabeça no sofá e esfreguei a testa. Eu só estava acordada havia cinco minutos e o dia já estava uma merda.

A porta do quarto de Lydia se abriu e, de lá, saiu um Josh Silver com o rosto bem amarrotado.

Ele parou quando nossos olhos se encontraram e, por um segundo, nós apenas nos olhamos. Eu com as pernas enfiadas sob a de um enorme camisã sentada no sofá. Ele com uma camisa amarrotada de botão que obviamente fora atirada em um canto do quarto de Lydia.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele.

— Eu moro aqui — respondi. — Você não viu fotos minhas no quarto dela? Não, espere, não responda. Não quero saber o que você estava fazendo que não permitiu que percebesse isso.

Lydia se aproximou da porta, usando um penhoar de seda. *Seda!*

— Ah, Amy, você já acordou. Esse é o Josh.

— Olá, Josh — cumprimentei eu, oferecendo minha mão — Prazer em conhecê-lo.

— O prazer é *meu* — disse ele apertando a minha mão.

— Ah, espere! — interrompeu Lydia. — O que eu estou fazendo? Vocês já se conhecem!

Congelamos no meio do aperto de mão.

— Lembra, Ames? — perguntou Lydia. — Na recepção política em janeiro.

Olhei pra Josh. Vamos concordar?

— É, acho que você me parece um pouco familiar.

— Engraçado, eu ia dizer o mesmo.

— Vou tomar banho — disse Lydia, depois começou a brincar com a corda que amarrava o penhoar como se estivesse sem graça. *Lydia sem graça!*

— Você... hum... quer ficar para o café-da-manhã, Josh?

— Claro.

Lydia saiu. No segundo em que a porta fechou atrás dela, Josh olhou pra mim.

— Amy...

— Não.

— Amy...

— Não.

— Amy... — Ele parou. — Espera aí. "Não" o quê?

— Não, não vou me envolver. São assuntos bárbaros, Josh.

— Ah. — Ele sentou ao meu lado. — Pesei que você estivesse dizendo "Não, você não pode sair com ela".

— Também gosto dessa. — Cruzei os braços. — Isso é estranho.

— Também acho.

— Como vocês se conheceram?

Ele riu.

— É uma história engraçada. Foi na cerimônia de iniciação da Phi Beta Kappa no mês passado.

Estiquei as pernas que estavam sob o camisã.

— Phi Beta Kappa? Mas..

— Eu sei, foi o que pensei também. — Josh acenou com a cabeça, voltando à história. — Minha reitora me chamou à sala dela para me dar a notícia e eu comecei "Muito obrigada pela honra, senhora, mas temo que terei de declinar, pois já faço parte de uma sociedade secreta".

Eu pisquei para ele.

— Mas a Phi Beta Kappa não é apenas uma sociedade de honra agora? Acho que não entra em conflito com os nossos juramentos.

— É, eu sei disso *agora* — disse Josh, revirando os olhos. — Depois de todos terem rido á minha custa.

Meneei a cabeça. As coisas estavam meio erradas por aqui.

— Espere, deixe-me ver se entendi direito. Lydia está na Phi Beta Kappa?

— Está. Ela não contou pra você? A introdução foi no dia da festa de champanhe de Angel.

— Dois dólares — disse eu automaticamente.

E não, ela não tinha me contado. Mas ela realmente estava muito entusiasmada naquele dia. Porque Lydia manteria uma notícia tão boa quanto essa em segredo? Afinal, eu era a melhor amiga dela.

Aparentemente, Josh estava se perguntando a mesma coisa, levando em conta que ele erguera as sobrancelhas e estava apontando pra mim. E então, a ficha caiu. Ela estava escondendo isso de mim porque eu estava escondendo a Rosa & Túmulo dela. Tão injusto. Ela mantinha duas sociedades secretas em segredo? (Para ser sincera, a sociedade secreta de Lydia me assustava. Eles quase destruíram nosso quarto durante a iniciação do ano passado. É claro que ela nunca me disse nada a respeito.)

— De qualquer forma, foi assim que nos conhecemos. Tipo assim, nós já nos conhecíamos de algumas aulas e tal, mas, por alguma razão, depois da cerimônia, bateu alguma coisa.

Conhecendo Lydia como eu conhecia, vê-lo na Phi Beta Kappa provavelmente a convencera de que ele era bom o bastante pra ela.

— E agora?

Ele me olhou de forma zombeteira.

— Ela é sua *namorada*?

Ele baixou o olhar.

— É, acho que sim.

Levantei-me.

— Amy... — Ele pegou no meu braço, mas eu o afastei e segui para o quarto.

— Vou me vestir.

— Amy, seu juramento!

— Vou me vestir! — gritei e bati a porta.

O que eu deveria fazer? Lydia precisava saber no que estava se metendo antes que começasse a se arrepender de ficar sem graça e de usar o penhoar de seda e de convites charmosos para o café-da-manhã. Mas o que eu deveria dizer? *Sim, esse tal de Josh parece ser um cara ótimo, mas sei por fontes seguras que ele nunca foi fiel a nenhuma namorada.* Se eu bem conhecia Lydia, isso seria o bastante para ela tentar arrancar de mim quais eram as minhas fontes.

Por que não gosto de domingos (especialmente este): razão número cinco...

O café-da-manhã com Josh e Lydia ficou mais pegajoso que o piso do refeitório quando Lydia saiu da mesa para pegar mais um sanduíche de Eli. O sanduíche do café-da-manhã de Eli era a melhor coisa que ofereciam no refeitório: ovo frito gorduroso, acompanhado por bacon frito gorduroso e uma fatia de queijo cheddar meio derretido e gorduroso em um *muffin* inglês gorduroso. É uma delícia. Josh — que aparentemente se enfiara em nosso chuveiro enquanto eu me vestia — encarava intensamente seus cereais. Eu me

contentava na leitura da coluna de opinião do *Eli Daily News* e mastigava um biscoito. Nenhum de nós o viu chegar.

— Este lugar está ocupado?

Uma bandeja caiu ao lado da minha. Olhamos para cima e vimos George de cenho franzido na nossa pequena mesa.

— Com o risco de chegarmos a uma situação crítica — disse Josh —, pode ficar à vontade.

George se sentou e começou a bater no fundo do frasco ketchup até que o conteúdo se derramou sobre o sanduíche. Mas ele não estava prestando atenção no que fazia. Na verdade, estava olhando de cara feia para Josh, cujo cabelo molhado deixava marcas no colarinho da camisa que usara ontem.

Ah. Eu sorri e voltei para a leitura do jornal, deixando que George pensasse o que quisesse por enquanto. Isso o ensinaria a não me deixar de lado!

— Josh — disse eu em um tom doce —, você poderia me passar o guardanapo, por favor?

Ele me olhou de forma interrogativa, mas fez o que eu pedi.

— Então, Josh — começou George depois de dar uma mordida em um sanduíche lotado de ketchup —, você nunca nos respondeu sobre aquela viagem que estávamos planejando fazer no feriado de Ação de Graças. Você sabe, aquela para o Canadá, onde poderíamos ir a shows de *striptease*?

— Ah, é *mesmo*?

Mordi o lábio para não rir e virei a página para ler a seção de quadrinhos. Pelo canto do olho, vi Josh dar de ombros de forma desinteressada, mas não tinha certeza se ele estava só fazendo isso por minha causa. Afinal, não estávamos sob o selo da Rosa & Túmulo agora. Se eu achasse que Josh, não Soze, e George, não Puck, iam perder o final de semana em uma boate de *striptease*, eu poderia contar a Lydia se quisesse. É claro que George caiu direitinho.

— Olha só, se eu estiver interrompendo alguma coisa entre vocês dois...

E então Lydia chegou e arruinou tudo.

— George, chega pra lá — disse ela, empurrando a bandeja dele e colocando a dela sobre a mesa. — Eles estavam sem bacon. Eles sempre fazem muitos sanduíches para os ovolactovegetarianos.

Josh suspirou e trocou o sanduíche da bacon pelo dela e ela se iluminou com o gesto. Eles eram tão fofos que eu poderia vomitar.

George bufou. Que ótimo, mais um cara para bufar na sociedade. Olhei pra ele que meneou a cabeça e depois piscou pra mim.

—Boa tentativa, Boo.

Quando Lydia, Josh e eu saímos do refeitório encontrei George me esperando na Sala Comum da Universidade de Prescott, com as pernas apoiadas nos braços de uma poltrona de couro. Ele acenou e eu adorei a oportunidade de deixar os dois pombinhos sozinhos.

— O que você quer? — perguntei.

— Isso lá é maneira de cumprimentar um irmão? — Ele se fez de ofendido.

— Não tenho dúvidas de que o modo como você gostaria que o cumprimentasse não tem nada de fraterno.

Ele concordou e se afastou um pouco, abrindo um espaço para eu sentar com ele.

— Verdade. Sente-se aqui comigo e vamos conversar.

— Onde esteve na noite passada? — perguntei, enquanto me sentava na ponta mais distante.

Havia uma distância mínima recomendada de segurança quando o assunto era George Harrison Prescott. Além disso, eu preferia que houvesse uma barreira sólida entre nós, como uma mesa — ou uma montanha. Caso contrário, eu não teria como reunir muita resistência a ficar na horizontal com ele, mesmo em um lugar público como a Sala Comum da Universidade de Prescott na hora do café-da-manhã.

— Você acreditaria se eu dissesse que estive estudando?

Ele me observou enquanto eu negava com a cabeça.

— Mas era exatamente o que eu estava fazendo. Todo o tempo que temos passado no mausoléu tem atrapalhado minhas horas de trabalho. Eu tinha de entregar um trabalho na semana passada, mas consegui uma prorrogação por causa de nossa reunião de quinta-feira. Ontem a noite foi o único tempo livre que encontrei para fazer o trabalho.

— Qual o título desse trabalho? — perguntei — Sarah? Mandy? Amber?

Ele levou a mão fechada ao peito.

— Acho essa sua falta de fé em mim perturbadora. O título era "A revolta da Alemanha Ocidental de 1953 e seus efeitos sobre a URSS e outras nações do Leste Europeu". E você, querida Boo — acrescentou ele, inclinando-se para frente —, não deveria estar agindo como se estivesse com ciúmes.

— Ah, é? — eu cruzei os braços — *Você* é o único aqui que pode fazer isso?

Ele fez um gesto em direção ao refeitório.

— Um pequeno lapso de julgamento. — Aparentemente, centenas de milhares de anos da evolução masculina são duros até para George superar. — Mas a questão é que eu sempre estive disponível para você, para qualquer coisa. Você é que não está interessada no que eu tenho a oferecer. — Ele se recostou. — Foi *você* quem me deixou plantado do lado de fora de sua porta em maio.

O silêncio se instalou entre nós depois desse comentário e estudei George com atenção. Será que o cara mais popular da Prescott ficara magoado quando rejeitei a chance de ficar com ele? Ele tinha agido com tranqüilidade de não-estou-nem-aí que George representava para o mundo fosse tudo fingimento. Afinal, eu era uma das poucas (supunha eu) que conhecia a história sobre a infelicidade de seus pais e seu traumático e contínuo caso. Quando ele me contou tudo, logo depois da iniciação, dissera que apenas a nossa conexão de Coveiros o fizera sentir confortável em revelar os detalhes sórdidos de sua criação. Mas talvez eu tenha rompido as barreiras do solteiro mais bonito e elegível de Eli e talvez eu tenha rompido um pouco mais do que isso quando rejeitei a sua oferta.

— Você me deixou na mão — acrescentou ele — para conseguir, entre todas as coisas, um *namorado*. — Ele revirou os olhos. — Sim, eu descobri. Seu relacionamento curto e fadado ao fracasso com aquele cara da Universidade Calvin.

Então, George prestara atenção à minha conversa estranha com Brandon e sua nova namorada.

— Clarissa me contou. — Agora ele balançou a cabeça e riu, colocando o braço ao redor dos meus ombros. — Será que não percebe, Boo? Você não é do tipo que namora. Isso não é ruim. Você é como eu!

— E isso é bom? — perguntei.

Talvez George e eu tenhamos sido igualmente incapazes de lidar com o compromisso, mas a semelhança terminava aí. Lindo, rico e charmoso, George Harrison Prescott poderia ter qualquer mulher que quisesse (e homens gays também) aos seus pés. Bastava estalar os dedos. Meu rosto não fizera muito sucesso ultimamente.

— Você preferia ter todo aquele lance que Josh está tendo com sua colega de quarto? — perguntou ele. — Mentir para ela por algumas semanas ou meses e depois traí-la? Diga-me se você acha que não é essa a direção desse relacionamento...

E ele me pegou com essa.

— Mas existem relacionamentos bons também.

— Tenho certeza que sim. — concordou ele. — Mas sei que já tenho reservas naturais contra um relacionamento. Como ele teria uma chance se eu estivesse envolvido? Estaria fadado ao fracasso desde o princípio. Você é igual.

— Você acha que eu destruo os meus relacionamentos?

— Pergunte-me de novo quando eu tiver ouvido o seu EN inteiro. — Ele colocou o dedo no meu queixo. — Você sabe que eu estou doido para conhecer tudo sobre você.

Senti o corpo todo tremer e coleí as coxas uma na outra.

— Por que você está dizendo isso?

— O que você acha? — perguntou ele, voltando para o seu lado do sofá. — Eu gosto de você. Estou interessado em você. Tenho certeza que você sente o mesmo em relação a mim. Mas acho que está jogando duro por causa de algum tipo de idéia antiquada sobre como um relacionamento romântico deveria ser. E — acrescentou ele, ficando de pé — tenho um forte interesse em me certificar de que a apresentação do seu EN hoje à noite faça com que você pareça tão desejável e sexy, em vez de uma leitura chata de uma lista de sonhos partidos.

Agora, se isso não era uma promessa, não sei o que era.

— Se você tivesse conseguido o que queria, o meu EN de repente teria um componente extra — disse eu para ele, que já estava de costas e pronto para partir.

— É só dizer a palavra, querida.

E ele se foi.

Interessante. Uma lista de sonhos partidos, é? E aqui estava eu tendo a impressão de que George não me conhecia muito bem mesmo. Que, para ele, eu era apenas mais uma conquista.

Será que eu estava sendo injusta? Será que eu acreditava tanto na sua personalidade jogadora que não conseguia reconhecer quando ele estava realmente tentando estabelecer uma ligação comigo? Eu achava que, se não dormisse com ele, haveria facilmente dezenas de outras que tomariam meu lugar com muita alegria. Eu sempre achava que, quando ele faltava a um evento dos Coveiros para fazer outra coisa, era porque alguma garota jovem e bonita tinha concordado em sair com ele. Mas talvez eu estivesse errada.

Levantei-me e meu olhar foi atraído para uma das estantes que ocupavam as paredes da Sala Comum. Um volume grosso se sobressaía dos demais e, na lombada, com letras douradas, se lia:

**A revolta da Alemanha Ocidental de 1953
e seus efeitos sobre a URSS e outras nações
do Leste Europeu.**

Ou talvez não.

*Por meio desta, eu confesso:
eles terão nosso respeito assim que o merecerem.*

**5.
Pomo da discórdia**

É mais difícil do que se pode imaginar escolher a roupa com a qual você vai relatar publicamente suas experiências sexuais. Você tem de se afastar de qualquer coisa que grite "piranha" ou, no lado oposto do espectro, algo que pareça "antiquado" demais. E que Perséfone a ajude se a roupa tiver qualquer semelhança com algo usado em qualquer uma das seguintes situações fantasia-fetichismo: estudante, bibliotecária, secretária ou Lara Croft. Uma camiseta branca faz com que você se pareça uma candidata do *Girl Gone Wild: Cancun*, e jeans de cintura baixa está fora de cogitação por causa do perigo de mostrar um pouco da calcinha. Por fim, optei por uma calça lisa marrom e um cardigã sobre uma blusa sem manga e sem decote e botas (de cano baixo, e não longo, no estilo dominadora) com saltos baixos. Pronto. Não estava conservadora demais, nem estranha. Se você parar para pensar, combina até com a minha vida amorosa.

Precisamente às 18h05 (VI hora no horário dos Coveiros, que está sempre cinco minutos adiantado em relação ao resto do mundo), entrei no mausoléu e juntei-me aos outros. Primeiro, nós comemos. Hoje à noite, Hale preparou frango à moda de Cornwall recheado com arroz e estragão. Seria horrível da minha parte admitir que, até agora, minha parte favorita de ser uma Coveira era poder fugir da comida do refeitório algumas noites da semana?

— Nervosa? — perguntou Angel.

Ela estava sentada à minha direita, tirando a carne do osso de maneira cuidadosa e mostrando quanto tempo ela passara na aula de etiqueta.

— Não precisa ficar — continuou ela. — Nós a amamos, não importa com quem já transou.

— Ou como? — interrompeu Lucky, que estava sentada do meu outro lado. — Pessoalmente, acho que essa tradição toda é uma merda. Será que o fato de ficarmos em pé na frente de todo mundo e contarmos toda a nossa vida sexual pregressa realmente nos une mais?

— Ou — disse Big Demon —, em alguns casos, nos afasta? Será que essa é a sua verdadeira preocupação, Lucky?

Ela jogou uma garfada de purê de batata no escocês e, fico feliz em contar, o impressionou com sua mira certa.

— O que quero dizer é que gostaria de pular toda essa parte um pouco adolescente e começar a descobrir os verdadeiros mistérios.

— Como assim? — perguntou Frodo. — Tipo "O caso dos dez Coveiros" ou outros romances policiais?

— Cara — disse Soze —, "O caso dos dez negrinhos" foi escrito por Agatha Christie.

— *Gente* — debochou Lucky —, estou falando de *mistérios*. Revelações divinas além da compreensão humana. Os ritos sagrados de uma organização que só são revelados aos iniciados.

Puck ergueu a cabeça e puxou a trança comprida e sempre presente de Lucky.

— Você está começando a falar como a nossa Boo aqui.

Ah, sim. A ridícula garota que acreditava em teorias da conspiração. Isso é tudo de que você precisava para dormir comigo, Puck. Ainda assim, não consegui evitar um sentimento de felicidade quando o ouvi dizer "nossa Boo".

Poe, que estava sentado em um canto a uma distância decente do nosso clube, como um lembrete físico do seu status de patriarca, ergueu a cabeça.

— Você está *participando* dos mistérios, Lucky — resmungou ele, partindo o aspargo em seu prato em pedaços do mesmo tamanho. — Na semana que vem, você participará do mistério de Chateaubriand.

Engoli um pedaço de frango e revirei os olhos. Poe estava se convidando para os nossos jantares muitas vezes para o meu gosto e seu *modus operandi* era sempre o mesmo. Entrar, se servir, sentar-se separado do restante de nós e bancar o rabugento. Tudo bem, eu precisava admitir que um patriarca tinha o direito de partilhar da comida que ajudava a fornecer com suas doações. Mas será que isso significava que ele tinha de participar de todos os nossos jantares? Deveria haver algum tipo de limite para os patriarcas que morassem na cidade. O boato era que Poe havia passado o verão de sua formatura cortando grama ou qualquer coisa assim. Tenho certeza de que isso deve ter pagado mais do que um estágio no governo — então, era de se esperar que ele pudesse comprar a própria comida. (Embora, considerando a habilidade culinária de alguns caras que eu conhecia, comer a comida de Hale poderia valer a permanência na cidade.)

Graverobber bateu com o garfo no copo de água e deu para ouvir o suspiro de todos da mesa.

— Antes de chegarmos ao evento principal desta noite — disse ele, fazendo um gesto na minha direção —, gostaria de uma vez mais falar sobre...

Thorndike limpou a garganta.

— Como o Tio Tony da noite, gostaria de lembrar ao clube que esse assunto em particular está adiado por hoje. — E, baixinho, ela acrescentou: — Tudo que eu gostaria era de uma reunião sem reclamações. Na verdade, isso é tudo de que preciso para morrer feliz.

— Ah, sem dúvida — disse Juno. — Tenho certeza de que você tem uma grande variedade de assuntos para nos enfiar garganta abaixo antes de poder começar a ser feliz.

As outras Coveiras arreganharam os dentes para nossa mais nova compatriota. Basta dizer que Juno (também conhecida como Mara) ainda não cativara as outras Coveiras nas semanas que se passaram desde que se tornara um membro. Desta vez, não adiantava nem tentar falar em diferenças de personalidade, uma vez que ela enfiara cada uma de nós. Mas vou dizer uma coisa a seu respeito: ela gostava mesmo era de provocar. Ela corrigia a minha gramática, questionava a autenticidade dos seios de Little Demon, chamava Angel de burguesa, dizia a Lucky que Dvorak era uma fraude e sugeria a Thorndike que a decisão do caso *Brown v. Conselho Educacional* tinha sido equivocada.

Todas nós simplesmente a *amávamos*.

— Olha, nós podemos falar o quanto quisermos sobre esse assunto, mas isso não mudará os fatos — afirmou Graverobber. — Estamos perdendo o apoio patriarcal da esquerda e da direita. E as doações deste ano foram muito baixas.

Thorndike meneou o dedo.

— Espere um pouco. Enquanto o Fundo Tobias estiver com oito dígitos, não estarei pronta para me preocupar com os fundos. — Ela apontou para o banquete diante de nós. — Hale não terá de mudar para lentilhas e repolho tão cedo.

— Francamente, creio que sua compreensão sobre os detalhes financeiros deixam muito a desejar — afirmou Juno. — Muito do nosso prestígio se deriva da nossa riqueza. Se perdermos isso...

— Certo — intervim. — Se perdermos um pouco da nossa grande riqueza secreta não teremos para quem contar mesmo. Faça-me o favor.

Parte de mim queria dar a Juno tempo para se acostumar conosco. Nós não tínhamos demorado muito para nos unirmos, mas havíamos passado por situações extremas juntos. Será que a estávamos isolando? Será que ela estava mostrando sua natureza espinhosa por causa da percepção de que as Coveiras eram um grupo fechado e, como ela não conseguia se juntar a nós, iria nos derrotar? Caso positivo, aliar-se ao maior misógino do clube era um bom passo nesse caminho.

— Além disso — continuei —, a maioria dos bárbaros já acha que temos o dobro do dinheiro que realmente temos, e cerca de dez vezes mais poder. Poderíamos falir e, mesmo assim, eles diriam que somos donos da metade do mundo.

— Concordo com Bugaboo nesse ponto — disse Soze. — Não creio que nossa situação financeira seja um problema no momento. Eu mesmo fiquei surpreso ao descobrir o valor verdadeiro depois da iniciação, mas, como disse Thorndike, não acho que estamos prestes a falir. O que me preocupa — continuou ele — é a nossa influência percebida se continuarmos a alienar os patriarcas. Como vamos conseguir iniciar outros Coveiros quando descobrirem que não conseguimos estágios com os patriarcas? Não me levem a mal, sou totalmente comprometido com a nossa Ordem, mas me preocupo com o próximo clube.

— Eu consegui um estágio com um patriarca — argumentei.

— É, uma sorte de último minuto — retrucou Poe de seu canto. Ele me olhou de cara feia. — Tudo aconteceu maravilhosamente bem para você. Mas quantos de nós se ferraram?

Olhei para o número de mãos erguidas e baixei a cabeça, sentindo-me culpada.

Mas Angel ergueu o queixo.

— Eu perdi meu emprego por causa do meu pai. Ele pode até dizer que se tratava de um truque dos patriarcas, mas meu velho e eu teríamos de discutir mais cedo ou mais tarde. E há seis mulheres sentadas aqui que teriam perdido muito mais se tivessem cedido às exigências dos patriarcas na primavera passada. Estamos pagando um preço? Certamente. Mas vale a pena. Não provamos, sem sombra de dúvida, que há muito mais patriarcas que apóiam esse passo do que os que condenam?

— Sim — respondeu Poe —, mas será que são os que realmente dão dinheiro?

— Ou que são capazes de conseguir vagas boas no mercado? — acrescentou Frodo.

— Creio que estamos em uma época de experiência — disse Soze, o eterno político. — E precisamos trabalhar um pouco para reconquistar a boa graça de nossa base. Correndo o risco de ser crucificado por expressar minha opinião, pode ser que os patriarcas que votaram a favor da idéia *talvez* não sejam pessoas realmente comprometidas com a sociedade.

— Por mais que eu odeie admitir — disse Little Demon —, Soze pode estar certo. Um monte de gente comprou a revista *Maxim* em que eu aparecia, mas não foram os que compravam meus CDs ou assistiam aos meus filmes. Meus fãs verdadeiros odiaram o fato de eu estar manchando a minha imagem. Talvez os patriarcas que não ligaram para o fato de mulheres entrarem na Rosa & Túmulo também não dessem a mínima se isso nos arruinaria ou não. — Ela deu de ombros. — Não que eu ache que isso esteja nos arruinando.

Graverobber bufou. É claro.

— Se continuarmos cautelosos ao falar das mulheres na sociedade, não chegaremos a lugar nenhum. É claro que estamos arruinados. Já perdemos um convocado. Se as coisas não a mudar aqui, vou começar a achar que ele estava certo.

Por um momento, todos apenas olharam para ele, até Poe.

— Você não faria isso — sussurrou ele em seu canto. — Seu juramento.

— Ah, fala sério, como se não tivéssemos tido desistências antes.

— Não por décadas. — Poe parecia chocado. Assim como todos nós. — Talvez um século.

Thorndike limpou a garganta.

— Ninguém vai tomar nenhuma decisão apressada para se arrepender depois. Sabemos que o problema existe. Temos discutido isso desde o início das aulas. E vamos descobrir um modo de consertar as coisas. Nada de desistências, entenderam?

Concordei com a cabeça.

— E antes que comecemos a dizer que os "patriarcas envolvidos odeiam as mulheres" e os "que não dão a mínima apóiam as mulheres", vamos nos lembrar que meu estágio (embora tenha sido arranjado) — lancei um olhar feio para Poe — foi, na verdade, arranjado por um dos membros da diretoria. Um Coveiro muito envolvido nas questões da Ordem. E são essas pessoas que devemos tentar encontrar.

— Assim como tentar reconquistar os que alienamos antes — concluiu Soze. — Já fizemos isso com candidatos em situação muito pior. Antes de nos desconsiderarem pela falta de conexões com ex-alunos, lembrem-se que nosso clube tem uma força significativa por si só.

— Meu pai nos acha legais — informou Puck. — E, historicamente, as contribuições dos Prescott não foram uma parte pequena do Fundo.

Graverobber se ajeitou na cadeira, reconhecendo o fato. Esquivamo-nos mais uma vez do assunto, deixando-o para a próxima reunião. Mas quanto tempo mais se passaria até que as ameaças de desistência se tornassem realidade?

Havia dois lados a considerar em relação ao perigo de uma desistência. Nós chamávamos uma pessoa por uma razão. Nós claramente queríamos que ela fosse Um de Nós. Sempre que perdíamos um convocado perdíamos um pouco do potencial que aquela pessoa poderia nos oferecer em termos de realizações futuras, influência e dinheiro. Perdíamos um membro dinâmico do nosso clube, um irmão valioso e alguém que possivelmente tinha um EN interessante. Não importava o quanto Graverobber me irritasse, eu não podia negar que, quando ele falava sobre outros assuntos, sempre tinha algo interessante a dizer. E todos ainda estávamos nos refazendo da desistência de Howard na Noite de Iniciação dos Neófitos. Só falei com ele por alguns momentos, mas ele parecia ser alguém a quem eu adoraria conhecer. Agora, sempre que eu o via no campus, lamentava pelo que poderia ter sido. Se todos tivessem se comportado melhor, talvez ele tivesse se tornado nosso irmão. (Eu tive de me segurar várias vezes para não me aproximar e dar um oi. Eu me perguntava se ele me reconheceria sem a capa e a pintura brilhosa no rosto.)

O segundo perigo era em relação aos nossos segredos. Por exemplo, Howard estivera no mausoléu e vira uma boa parte da iniciação antes de pular fora. Teria sido muito pior se ele tivesse se tornado um Coveiro completo antes de desistir? Alguém como Graverobber, por exemplo, que não apenas era totalmente iniciado, como também compreendia muito do dia-a-dia da sociedade? Ele tinha acesso aos e-mails do domínio Phimalarlico, já havia explorado todo o mausoléu com todos nós na última primavera e, a essa altura, já tinha ouvido alguns ENs. Eu não conseguia imaginar um cara desses solto por aí, sem estar amarrado por seus juramentos.

Supondo, é claro, que ele tenha levado os juramentos a sério. Aqui estava eu, prestes a contar meus segredos mais obscuros para todos no aposento, sem estar totalmente segura se confiava em todos.

— Sem querer desviar a atenção desse assunto interessantíssimo — disse Angel, fazendo exatamente isso —, mas alguém mais pensou sobre aqueles e-mails estranhíssimos que recebemos?

— *Vocês* receberam — corrigiu Big Demon. — Quem quer que seja que estava ameaçando, só se preocupou em mandar e-mails para as garotas.

— Se é que os e-mails eram ameaçadores — disse Juno. — Trata-se apenas de um poema sem sentido.

Tenho a impressão de que a nossa nova cavaleira ficou com um pouco de ciúme por não ter sido incluída na lista das Coveiras. Mas ela ainda não era uma Coveira quando recebemos as mensagens.

— Você *acha*? — perguntou Lucky, brincando com um osso da sorte no seu prato. — Mas quem poderia tê-los enviado?

— Quem se importa? — interrompeu Graverobber. — Vocês não receberam mais mensagens estranhas e nada de horrível aconteceu. Foi uma brincadeira. Provavelmente alguma outra sociedade que colocou a mão na nossa lista de integrantes.

— Se você acha, Graverobber — disse Lucky. — Estou surpresa que você, entre todas as pessoas, não está dando atenção a esse assunto, considerando sua insistência constante de que esta sociedade realmente está apodrecendo de dentro para fora. Mas e se não for apenas um poema sem sentido?

Soze considerou a pergunta.

— Quer investigar isso, Lucky? Você pode tentar rastrear usuários e coisas assim, não pode?

Ela fez cara feia.

— Como se eu tivesse tempo para outro projeto.

Sorri para ela.

— Isso vai ensinar você a ser voluntária.

Mas Lucky se fechou.

— Já aprendi essa lição há muito tempo. Obrigada. E se ninguém acha que isso é importante, por que devo gastar meu tempo com isso? Todos vocês podem ir para o inferno sem a minha ajuda.

Hum. *Tudo bem*. A TPM dessa garota não era problema de ninguém. Em um segundo, ela é divertida e um pouco sensível, mas no outro... *Bum!* Virava uma vaca de novo. Eu nunca sabia o que esperar dela. Parecia um caso de dupla personalidade.

— Já terminamos o jantar? — perguntou Thorndike para acabar com a tensão. Ela apontou para o relógio de pêndulo (não, não um atômico) no canto da sala, que se aproximava da VIII hora. — Acho que Bugaboo tem algumas histórias picantes para nos contar.

Ouvi alguns risinhos ao redor da mesa e senti um frio no estômago enquanto deixávamos a sala de jantar e subíamos para o Templo Interior. O aposento redondo com teto convexo se tornou um dos meus locais favoritos do campus nos poucos meses que se passaram desde que eu fora convocada pela Rosa & Túmulo. Eli tinha uma arquitetura maravilhosa, mas essa sala secreta me alegrava mais que a gloriosa arquitetura gótica da biblioteca ou a dureza do mármore esculpido no Presidential Plaza ou no Memorial Hall. Esta sala era minha — ou nossa. Eu era uma das poucas pessoas que poderia apreciar o teto azul-escuro, ponteadado com pequenas estrelas douradas, o rico painel de madeira gasto pelos séculos de Coveiros encostando as cadeiras nas paredes, e a decoração com obras de arte, relíquias e troféus que os membros "afanaram" com o passar dos anos. Eu era uma das poucas que tinha o privilégio de sentar nas poltronas macias que usávamos para os ENs. Hoje, elas estavam organizadas em um semicírculo, de frente para um quadro de uma mulher voluptuosa nua o qual chamávamos de Êxtase Nupcial. Eu ficaria em pé diante desse quadro enquanto contasse minhas experiências sexuais.

Fiquei um pouco de lado enquanto meus irmãos se acomodavam para o início da reunião. Thorndike, esta noite, tio Tony, vestia uma longa túnica com capuz. Ela se sentou no púlpito na extremidade da sala e virou um pedestal de modo que uma imagem esculpida de Perséfone ficasse de frente para a sala. Ela bateu um pequeno martelo três vezes: uma vez e, depois, duas vezes.

— Chegou a VIII hora. Que se estabeleça a ordem para o início da reunião de número 7.129 da Ordem da Rosa & Túmulo.

Keyser Soze, o secretário do nosso clube, sentou-se à direita do púlpito, e os outros Coveiros, incluindo eu, seguiram e se sentaram nas poltronas.

— Pela honra de Perséfone, a Guardiã da Chama da Vida e Consorte da Sombra e da Morte, nós, seus cavaleiros leais, a saudamos e honramos sua imagem.

— Abençoada Perséfone — entoamos.

Bem, a maioria de nós entoou. Eu estava sentada ao lado de Lucky e notei que ela não entoou nada. Na verdade, ela nem sussurrou a saudação. Ela notou que eu estava olhando para ela e revirou os olhos. Estava claro que sua personalidade mal-humorada estava em cena.

— *Omni vincit mors, non cedamus nemini* — disse Soze.

Thorndike continuou com o ritual de ordem secreto, que incluía a lista de multas aplicadas na semana anterior aos integrantes por várias infrações cometidas.

Little Demon: praguejou diante do altar de Perséfone — \$3,00.

Puck: usou nomes bárbaros quando Bond bateu nele no baile do vale-tudo da última quinta-feira — \$2,00.

Graverobber: foi pego duas vezes sem o broche da sociedade — \$10,00. ("Faça uma tatuagem como a nossa e você valerá ouro", sugeriu Angel.)

Depois disso, foi o momento de uma atividade em grupo que consistia em se virar para o companheiro e mexer em seu cabelo. Parecia aquele momento na igreja em que as pessoas apertavam as mãos umas das outras. Cantamos algumas músicas tradicionais (cantar é uma coisa importante em Eli, não importa em qual atividade você está

envolvido), o que tendia a ser, ao mesmo tempo, estranho, obsceno e cheio de alusões literárias.

Depois, Bond fez um relatório dos planos que estamos desenvolvendo para recuperar uma pequena estátua de bronze de Orfeu que foi recentemente roubada do nosso jardim. Graças a um recente serviço de vigilância, estamos certos de que foi alguém da Cabeça de Dragão, e Little Demon e Bond andaram remexendo nos arquivos da biblioteca e descobriram registros mostrando como entrar na Cabeça de Dragão a fim de recuperar um objeto de nossa propriedade. Essa tradição de "afanar" era uma das mais antigas. O mausoléu estava lotado de coisas que gerações de Coveiros afanavam das outras sociedades do campus. Eu achava que a maior parte de tudo era lixo, mas tenho certeza de que, para a turma de 1937, a nojenta cabeça de leão de pelúcia que eles roubaram do mausoléu da Livro & Chave representou o triunfo de engenhosidade criminosa.

E as outras sociedades não eram o único alvo de nossos ataques. Diverti-me muito ao descobrir, depois de minha iniciação na Ordem da Rosa & Túmulo, que muitos dos mais infames itens perdidos no decorrer dos anos se encontravam no mausoléu. Pelo que pude entender, a universidade prefere fazer vista grossa para todas essas brincadeiras, desde que nossos roubos se concentrassem em objetos como barcos de remo vencedores, cata-ventos do telhado do escritório do presidente e esse tipo de coisa. Há alguns anos, um relógio que mostrava o horário em várias partes do mundo desapareceu do refeitório de uma universidade e o benfeitor, assim como o reitor, ficaram tão aborrecidos que parecia que toda a diversão e as brincadeiras chegariam a um fim. No calor do momento, o clube decidiu se desfazer do espólio e encontrou uma oportunidade de matar dois coelhos com uma cajadada só quando um tablóide do campus imprimiu uma matéria expondo a Rosa & Túmulo. Como em um passe de magia, no dia seguinte, o relógio apareceu no minúsculo escritório do jornal, e uma ligação anônima à polícia do campus apontou o local onde o objeto poderia ser encontrado.

Eu conhecia bem a história. Os editores de todas as publicações de Eli já tinham ouvido como o editor do tablóide tinha sido arrastado até o escritório do superintendente a fim de prestar esclarecimentos. A presença do relógio no minúsculo escritório no porão era ridícula, é claro. Ninguém acreditava que eles tivessem sido capazes de esconder um equipamento daquele tamanho em um lugar que mal dava para conter todas as fofocas que espalhavam. Naturalmente, o editor tentou jogar a culpa nos Coveiros de novo e, misteriosamente, o caso contra os ladrões — seja lá quem fossem — foi imediatamente arquivado.

O interessante é que o retrato do clube C169 pendurado na sala de registros do mausoléu mostra 15 jovens ao redor da mesa de costume, mostrando a parafernália usual da sociedade, mas, atrás dele, há o relógio que mostra o horário mundial.

Ainda não havíamos escolhido nosso alvo, mas ainda era cedo demais para isso.

— Esta noite, em honra a Perséfone, ouviremos o relatório de Êxtase Nupcial da cavaleira Bugaboo. Todos concordam?

Ouvimos o som de concordância na sala e eu tomei o lugar na frente da pintura. Eu gostava do Êxtase Nupcial. A mulher não era bonita, mas tinha um atrativo estranho. A pose não era sedutora de forma óbvia, mas também não era pornográfica (como outros nus que encontramos na coleção do mausoléu), e sim uma nudez casual. Nas mãos, ela segurava uma romã, que, como aprendi, era uma interpretação mais exata da maçã de

Eva. Perséfone não era a única mulher da mitologia que perdera o paraíso por comer uma romã.

Seu olhar estava um pouco além do espectador, a expressão era estóica e, algumas vezes, eu achava que era um pouco triste. Angel diz que ela parece distante, como se estivesse acima da adoração do bando de adolescentes que geralmente usavam essa sala. Puck dizia que ela parecia sexy. Parece que se tratava de um teste psicológico de Rorschach.

Virei e encarei minha audiência.

— Sagrada deusa Perséfone, tio Tony e meus companheiros cavaleiros da Rosa & Túmulo... — E, então, parei. — Hã, o que ele está fazendo aqui?

Apontei para Poe, que tinha, é claro, escolhido um lugar no canto mais sombrio da sala. Ele parecia afrontado.

— Como assim? Eu posso vir às reuniões.

— Ah, não — disse eu, cruzando os braços. — Não o quero aqui.

— Sou um membro desta organização — afirmou ele. — Sou comprometido pelos mesmos juramentos que vocês.

— Ele não faz parte do nosso clube — protestei. — Não acho...

— Mas sempre permitimos que os patriarcas participem de nossas reuniões se assim o quiserem — disse Angel.

Lancei-lhe um olhar. Cara, que tal um pouco de solidariedade entre Coveiras aqui, hein? Ela não tivera de aturar a presença desse falso enquanto contava a *sua* vida sexual. Por que ele deveria ter a honra de ouvir a nossa história se nós não ouviríamos a dele? (Hum, não que eu queira!)

E eu ainda tinha o meu ás na manga.

— Não me sinto à vontade. A idéia desta noite não é que eu me sinta completamente à vontade?

— Por que você não consegue se sentir à vontade em dividir sua história íntima comigo, Bugaboo? — perguntou Poe com voz fria.

— Por que será que ninguém consegue se sentir confortável com você? — devolveu Lucky.

Ah! Aí está. Um pouco de apoio.

Fiquei ali, olhando para o clube, que parecia estar assistindo a uma partida de tênis, olhando de Poe para mim e de mim para Poe.

Thorndike limpou a garganta.

— Esta é a apresentação de Bugaboo. Se o cavaleiro não se sente bem na presença de um patriarca...

— Ela não deveria se sentir assim — argumentou Poe. — Estou aqui como vocês, para participar de uma experiência da Rosa & Túmulo.

— Será que você já não teve experiência suficiente? Acho que você não precisa das nossas.

Olhei para ele de cara feia. Ele olhou de volta.

— Acho — disse Thorndike — que devemos fazer uma votação. — Ela bateu com o martelo de juiz contra o topo do pilar de madeira ao lado do trono. — Todos que estiverem a favor de restringir os relatos dos ENs aos integrantes do clube atual, digam "Aye".

Todos começaram a se olhar entre si. Foi uma votação importante. Tenho certeza que metade deles achava que eu devia deixar o acontecido com o Poe para lá. Sim, ele era um idiota, mas ele estava sempre no mausoléu, devorando a nossa comida e nos aborrecendo. Já estávamos até acostumados com ele. E ele provara no ano passado que, quando as coisas ficavam feias, seus juramentos realmente significavam algo. Entretanto, havia algo mais que eu conseguia ver em seus rostos. Todos estavam pensando que prefeririam não ter um patriarca presente no momento de seus relatos.

— Aye — disseram as mulheres.

— Aye — responderam os homens.

— Aye — disse Angel, dando de ombros.

— Aye — disse Puck. — Não queremos que nossa Boo se sinta *desconfortável*.

— Aye — respondi, dando um sorriso pretensioso para Poe.

Thorndike respirou fundo.

— A ação foi aprovada. — Ela olhou para Poe. — Solicitamos que o Patriarca Poe da C176 deixe o Templo Interior durante esta reunião.

Então, bateu com o martelo três vezes, uma vez e duas vezes no pilar.

Poe não olhou para ela, mantendo os olhos cinzentos e frios em mim e, por um momento, quando o som da última batida do martelo soou na sala, pensei tê-lo visto hesitar.

— Tudo bem — disse ele, levantando-se. — Já estou saindo. — Ele deixou a sala com passos largos sem olhar para nenhum dos Coveiros que tinham acabado de colocá-lo para fora. Quando chegou à porta, parou. — Se vocês esperam conseguir novamente os favores dos patriarcas, permitam-me dar uma dica. *Não* é dessa forma que vocês conseguirão.

A porta fechou atrás dele e todos nós sentamos (ou, no meu caso, fiquei em pé) em silêncio. A imagem no quadro do Êxtase Nupcial franziu o cenho para mim. Eu a ignorei. Já era ruim o bastante ter de contar a minha vida sexual para os membros do meu clube. Poe já era demais.

— Tudo bem — disse Puck, por fim, quebrando o momento de tensão. Ele esfregou as mãos em antecipação. — Já chega disso. Conte logo suas histórias eróticas.

Sorri. Ele sorriu também. *Histórias eróticas, hein? Sem você nelas, como podem ser eróticas?* Ao manter-me em pé ali, observando enquanto ele tentava fazer com que nossos irmãos voltassem a se concentrar e piscando para mim com aqueles olhos cor de cobre, eu tinha absoluta certeza de que eu teria uma história com George.

E estou superfeliz por ter esperado até depois do meu EN.

De: Lancelot-C176@phimalarlico.org

Para: Bugaboo-C177@phimalarlico.org

Assunto: Re: ENs e outras indignidades

não importa o que disse no seu e-mail, posso dizer que deu tudo certo no seu en. Você sobreviveu! sabia que conseguiria! sinto muito por esse lance dos patriarcas estar durando tanto, posso falar por experiência que não é muito legal quando as pessoas em que você se inspira não lhe dão apoio, mas nossas decisões foram corretas. tenho certeza disso, agüentem firme, acho que soze vai conduzi-los bem. ele foi a melhor escolha para secretário do clube porque sabe como conquistar as mentes e os corações dos integrantes, e se as coisas ficarem realmente feias, vocês têm poe aí no campus para ajudá-los. tenho certeza que ele adoraria ajudar.

as coisas estão indo bem. há algo de tão amplo nesse cenário, todas as merdas da vida parecem tão insignificantes, talvez você deva repensar toda essa idéia de pós-graduação e vir morar comigo no norte gélido. juro que esse negócio que dizem sobre a população masculina *não* é só uma lenda. :-)

Acho que Malcolm tem passado muito tempo assistindo ao seu DVD de *O Segredo de Brokeback Mountain*. Mas, de toda forma, era um e-mail fofo. Talvez, se fosse ele o patriarca no Templo Interior na noite passada, em vez de Poe, eu não tivesse sido tão inflexível com a questão de apenas-membros-do-clube-atual. Malcolm nunca usaria o meu EN contra mim. E o resto do clube — que posteriormente também teria de dividir seus pecados — não me julgou pelos erros que cometi nos meus relacionamentos, por ter partido o coração do adorável Brandon, por ter transando com um cara que eu nem conhecia. Na verdade, acho que George ficou orgulhoso por ter ouvido isso! Eu poderia confessar qualquer coisa e eles nunca usariam nada contra mim, como se eu não tivesse de admitir a traição...

Ouvi um baque, seguido de um risinho através da parede que separava o meu quarto do de Lydia.

...contra Josh. Pelo menos, não por enquanto. Além disso, todos cometem erros.

Ouvi alguns sussurros e depois:

— Shh! O que você está fazendo?

Um pequeno grito de prazer.

Será que eles não tinham aula ou qualquer outra coisa nas segundas de manhã? Eles deveriam ser tão inteligentes e dedicados para entrarem na Phi Beta Kappa e tudo. Será que não tinham *trabalhos* para fazer?

Eu certamente tinha. Precisava agendar uma reunião com o orientador de tese para discutir meu projeto de aluna sênior. Infelizmente, eu ainda não havia escolhido o tema definitivo. Ou qualquer tema. Cliquei sobre o meu editor de texto e revisei minhas

anotações. Nada impressionante. Certamente nada que valesse honra ao mérito na formatura e, definitivamente, nada que se sobressaísse no meu requerimento de pós-graduação. Mas de que servia um diploma de bacharel em literatura se não para fazer algo superficial parecer substancial? Comecei a editar.

Ouvi outro riso vindo do quarto vizinho. Revirei os olhos e continuei digitando. Eles estavam trancados ali a manhã inteira e eu podia apostar que não havia nenhuma discussão sobre política rolando ali...

Logo depois de eu ter pressionado *Salvar*, ouvi uma batida à porta da nossa suíte. Fiquei quieta, aguardando para ver se haveria algum ruído no quarto sinalizando que eles atenderiam à porta. Mas Lydia e Josh não estavam em posição de se arrumar e ver quem era. Suspirei e passei a mão pelo cabelo despenteado. Tudo bem. Alguns de nós estudando e outros transando, mas quem tinha o direito mais válido de recusar interrupções? O casal, é claro.

Atravessei o piso de parquet e abri a porta. E deparei com Brandon Weare.

— Olá, Amy — foram as duas primeiras palavras que ouvi dele em mais de um mês. — Será que podemos conversar?

*Por meio desta, eu confesso:
fiquei assustada com a experiência.*

6. Pessoas significativas

COISAS QUE EU QUERIA DIZER PARA BRENDON

- 1) "Claro que sim. Será que podemos conversar sobre sua linda namorada?*
- 2) "O que há de errado comigo? Por que eu não amei você quando tive a chance?"
- 3) "Será que você não poderia ter vindo em um momento em que eu estivesse linda?"
- 4) "Claro. Será que não é ruim o bastante a minha colega de quarto e o meu irmão da sociedade estarem transando enquanto eu tento estudar? Preciso de mais uma tortura romântica hoje, e uma conversinha com o ex parece perfeito.

O QUE EU DISSE

- 1) "Brandon. Uau. Oi. Entre."

E depois coloquei a mão no cabelo, naquele gesto clássico e universal das mulheres, como quem diz "Olha como estou desarrumada; em geral, sou tão melhor do que isso", e o deixei entrar. Sentei-me no sofá. Ele hesitou e sentou-se na mesa de centro, em frente a mim. (Alfinetada número 1.)

— Tudo bem?

— Tudo. E você?

— Ocupado. — Ele riu envergonhado e começou a dobrar um pedaço de papel que estava na mesa. —Trabalhando duro na minha tese. Já começou a sua?

Neguei com a cabeça.

— Não. Mas tenho de começar logo. Estava enviando um e-mail para o meu orientador para marcar uma reunião.

— Sobre o que vai escrever?

— Ainda não decidi — admiti.

Brandon e eu costumávamos conversar sobre os nossos trabalhos. Agora eu me perguntava se ele tinha esse tipo de conversa com Felicity. Eu me perguntava se ele revisava os trabalhos dela e depois os enviava de volta na forma de pequenos aviões de papel.

Brandon dobrou o nariz do avião que estava criando com um formulário para a assinatura da *Cosmo*. Sim. Era exatamente isso que ele fazia. Brandon gostava de "aerogami". Observei suas mãos. O bronzeado do verão já estava desbotando e elas tinham reassumido o tom de oliva pálido do qual eu me lembrava. Sempre amei o contraste da cor da pele dele com a minha. Ao pensar nisso, senti o rosto queimar.

Para desviar meus pensamentos, disse:

— Talvez eu escreva algo sobre a teoria feminista. Um tipo de texto sobre o mitos femininos de diversas tradições.

Ele concordou sem olhar para mim.

— Isso é a sua cara. — Depois de um tempo, ele lançou o avião, que mergulhou direto no chão. — Sei que não conversamos a um tempo.

— É.

E eu não acho que seja culpa minha. A bola estava totalmente com ele quando ele disse "vejo você mais tarde" na festa de Clarissa. Talvez ele tivesse ocupado demais fazendo aviões de origami com Felicity.

— Seu verão pareceu muito interessante quando você me contou na festa.

Você me contou, né? E não contou para mim e para minha linda e rica namorada em quem encontrei conforto depois que você partiu o meu coração? Talvez ele estivesse prestes a me contar que tudo tinha sido uma paixão de verão. Um consolo. Que eles não estavam mais juntos.

— Amy? — perguntou ele enquanto passava a mão na frente dos meus olhos.

Ele estava sorrindo, mas não era o sorriso especial que ele costumava dar só para mim. (Alfinetada número 2.)

— Como foi seu verão?

— Foi ótimo — respondi. — Tudo que passei me fez reavaliar meus planos. Sei que não teria aprendido tanto servindo cafezinho como estagiária na Horton.

— Então, você não quer mais um cargo editorial em Manhattan?

— Ainda não me decidi. Talvez eu faça uma pós-graduação. Às vezes, acho que gostaria de fazer uma coisa muito importante e que mudasse totalmente a minha vida, como fiz no verão, mas em tempo integral. Mas não sei se tenho isso em mim. Não sei se sou o tipo de pessoa que faz coisas importantes.

No passado, Brandon teria respondido com algo como "Você é muito importante", mas, hoje, ele só disse:

— Você tem de fazer o que é certo para você.

(Alfinetada número 3.)

Ele já deve ter me esquecido. Caso contrário, ainda acreditaria que eu era capaz de mover o mundo. Essa é a melhor parte de ser amada. Alguém atribui a você todos os tipos de habilidades que acreditam que você possui.

Ou talvez essa seja a pior parte. Acho que tudo depende de se a pessoa que você ama a deixa mal ou não. Eu deixei Brandon mal. Ele achava que a afeição, a devoção e a lealdade para comigo eram recíprocas. E eu não correspondi a isso.

— Então — continuou ele —, como está... todo o resto?

— Como o quê? — perguntei, inclinando-me para frente.

— Como o lance sobre o qual você não conversa — sugeriu ele, puxando um broche imaginário da camisa.

— Eu não falo sobre isso. — Dei de ombros. — Mas... tem sido bom.

O sorriso dele chegou aos olhos desta vez.

— Fico feliz de saber.

Entendi a necessidade que ele tinha de fazer aviões de papel. Neste momento, eu estava morrendo de vontade de fazer algo com as mãos.

— Então, a que devo o prazer? — perguntei. — Há algo específico que queira discutir?

— Não. Eu só senti a sua falta, Amy.

(Alfinetada número 4.)

Amy. Amy. Amy. Ninguém dizia o meu nome como ele. Ninguém dissera o meu nome *desse modo* em meses. Nem mesmo George, que só me chamava de Boo.

— Nós costumávamos conversar muito — disse eu.

— Nós costumávamos ser bons amigos — replicou ele.

— E depois estragamos tudo.

Pronto. Coloquei as cartas na mesa. E, antes que eu pudesse me conter e me afastar do grande buraco negro em torno do qual estávamos dando voltas, continuei:

— Mas eu preciso saber. Como conseguimos estragar tudo? Por exemplo, você acha que foi quando tentamos ter um relacionamento sério em maio? Ou talvez se não tivéssemos dormido juntos em fevereiro...

— Não. — Ele ergueu a mão e a colocou sobre os meus lábios para me impedir de continuar. — Acho que teríamos estragado tudo de um modo ou de outro, não importa o

que acontecesse. Porque eu gostava de você, Amy, e não conseguia parar de insistir para termos algo mais sério.

Ele *gostava* de mim? Na primavera passada, ele tinha declarado que me *amava*. Eu tinha sido rebaixada. Não era mais um furacão na vida dele. Apenas uma leve brisa. (Alfinetada número 5 — valeu por 5.000.)

A porta do quarto da Lydia abriu e Josh saiu de lá. Ele nos cumprimentou com um aceno de cabeça e se apressou a sair, sentindo claramente que se tratava de um assunto particular. E, quando chegou à porta da nossa suíte, virou para mim e ergueu a mão com os cinco dedos abertos com uma expressão de interrogação.

Acenei de leve uma vez. Sim, Brandon era o número cinco da minha Lista de Pegação. E Josh sabia disso. Josh sabia tudo sobre mim, e eu sabia tudo sobre ele. Incluindo o fato que, mesmo agora, ele provavelmente estava planejando trair a minha melhor amiga, a mulher que ele deixara com um sorriso nos lábios no seu quarto. E as pessoas ainda e perguntam por que eu tenho tão pouca fé nos relacionamentos.

— Então estamos condenados? — perguntei, a voz fraca.

Brandon riu.

— Sim. Estamos condenados. Isso é bem dramático, mas estranhamente adequado.

Ai!

— Como vai Felicity? — perguntei, porque, já que você tem de se entregar à dor, é melhor tentar acabar com tudo de uma vez.

Mas mesmo enquanto as palavras saíam da minha boca, uma pequena parte da minha mente cruzou os dedos inexistentes e rezou "*Por favor, diga 'Que Felicity?'*".

— Está bem. — Ele começou a fazer um outro avião de papel. — Você iria gostar dela.

Bufei.

— Eu não iria gostar dela.

Mas ele não me perguntou por quê, então nunca tive a chance de dizer a ele que eu nunca gostaria da namorada dele porque ela era o símbolo vivo de como eu o havia decepcionado, de como eu não podia ser a garota que ele queria que eu fosse e de como eu não poderia amá-lo de jeito que ela claramente o amava.

Pelo menos, eu esperava que ela o amasse. Eu nunca conheci um homem que merecia tanto ser amado. Eu achava que mataria Josh se ele fizesse Lydia sofrer do modo como eu temia que ele faria. Mas eu *tinha certeza* de que eu mataria Felicity se ela partisse o coração de Brandon. Só eu tinha o direito de fazer isso e continuar viva.

— Você esta saindo com alguém?

Comecei a rir.

— Não. Eu não saio com ninguém. Aprendi bem a minha lição, eu acho. Não sou o tipo de garota que namora.

Ele me analisou.

— Acho que você não sabe que tipo de garota você é.

Ah, faça-me o favor. Eu sei, ele sabe e, aparentemente, George também. Eu não sirvo para relacionamentos. Se servisse, nunca teria havido uma Felicity na vida dele.

— E você sempre disse que eu pensava muito nisso!

Josh voltou e sua segunda intrusão pareceu apressar Brandon.

— Vou passar pelo escritório da revista e levar café para o pessoal — disse ele. — Quer ir comigo para entregá-los?

Era uma tradição na *Revista Literária de Eli*. Os editores antigos (como Brandon e eu) levavam café para os novos editores quando o *deadline* estivesse chegando.

— Ari disse que eles estariam lá hoje à tarde — continuou ele.

Então era essa a desculpa que ele tinha para a visita.

— Claro. Vou trocar de roupa.

Fui para o meu quarto e fechei a porta e percebi que estava fechando a porta para um homem que já tinha me visto nua muitas vezes. O mundo seria ideal se ex-namorados desaparecessem como fumaça e você nunca mais tivesse de encontrá-los novamente. Então eu me vesti. Escolhi a minha melhor (e mais justa) calça jeans, meu sutiã que levanta até a alma e um suéter rosa-choque com decote V. É claro que eu sempre tinha o problema de onde prender o broche. Na alça da bolsa onde Brandon uma vez o vira? No cinto, onde ficaria legal e sutil?

— Que se dane — disse para o espelho, enquanto prendia meu broche na linha do decote do suéter.

Coloquei as botas de cano curto, peguei minha bolsa, com carteira/chave/telefone celular e saí.

— Pronto?

Ele olhou da linha do decote da minha blusa para o meu rosto e meneou a cabeça, com um sorriso nos lábios.

— Claro.

Você sabe do que eu realmente não gosto? Sem contar a questão óbvia de sair pela rua com meu ex-namorado em uma missão espúria de comprar café? Não gosto da história de que o ex-namorado é um gênio absoluto que me esqueceu totalmente, e que também consegue perceber todas as tentativas que faço para parecer fabulosa e despreocupada sobre a questão de ele ter me esquecido. Além disso, ele não dá a mínima para o fato de eu ser uma Coveira, fazendo parte, desse modo, de um dos clubes mais legais e no qual ele nunca poderia entrar.

Então, lá estava eu, na fila da cafeteria, ouvindo Brandon fazer todos os pedidos específicos para os novos editores da *Revista Literária de Eli*. (Fala sério, se você vai pedir algum tipo de cobertura de caramelo, está enganando a si mesma ao pedir leite de soja sem gordura. É como pedir um Big Mac, uma porção grande de batata frita e uma Coca-Cola diet pequena.) Saímos da seção de pedidos e fomos para a de espera e foi lá que eu vi Jenny. Ela estava com aquele cara louro do bazar de calouros. A cabeça estava jogada para trás enquanto ria. Ela estava radiante, e o brilho de seus olhos era um que eu só tinha visto nela diante da luz da tela do computador. Eu já conhecia Jenny havia uns seis meses e nunca a vira rir desse jeito.

O ar de cansaço e deboche com o qual eu estava acostumada tinha desaparecido. O lado mal-humorado não estava presente esta manhã. Com certeza, todos já tínhamos passado por maus bocados no mausoléu, mas eu deveria, pelo menos, ser capaz de reconhecer a expressão de alegria no rosto de um Coveiro, caso eu a tivesse visto ao menos uma vez — durante uma canção, um prato de lagosta, uma vitória de último minuto em um jogo. Eu já vira nosso bufador residente, Nikolos, com uma expressão mais feliz por estar com outros Coveiros do que Jenny jamais esteve.

E foi quando percebi: Jenny Santos se sentia infeliz como Coveira. Ela odiava ser uma. Tomei a decisão de não ir até lá conversar com ela porque, neste momento, ela parecia estar realmente feliz, com um tipo de exultação que eu nunca testemunhara dentro do mausoléu. E agora eu entendia que a cara feia que ela sempre fazia quando nos encontrávamos do lado de fora era apenas um pedido silencioso para que eu não a lembrasse de onde nos conhecíamos.

A ameaça de atrito verdadeiro não era Nikolos, mas sim Jenny. Como não percebi isso antes?

Comecei a me afastar bem devagar, rezando para que o rosa-choque do meu suéter faça-com-que-Brandon-sinta-a-minha-falta não atraísse a atenção da minha amiga Coveira, e acabei esbarrando em Brandon. Por um momento ficamos parados, meio caindo, meio ombro com ombro e sem saber o que fazer.

— Cuidado! — exclamou ele, colocando a mão na minha cintura e me segurando.

Na verdade, ele me segurou por um segundo a mais do que seria necessário, depois de eu já ter me equilibrado novamente. E depois sua mão tinha desaparecido, deixando apenas uma impressão sussurrada, uma pressão fantasma e um calor tão vivido que eu poderia jurar que sentia a ponta de todos os seus dedos. Mesmo através do suéter.

É claro que o aviso dele e a hesitação de um segundo acabaram chamando a atenção de todo mundo, inclusive Jenny. Vi seu rosto assumir a expressão séria usual e mordeu o lábio. Atrás dela, o olhar do cara louro foi atraído para a linha do meu decote e ele franziu o cenho.

— Olá, Jenny — cumprimentei.

— Olá, Amy.

Atrás dela, vi o louro me dar uma encarada e seus lábios se curvaram em um sorriso lento e desdenhoso. Meus poderes psíquicos devem ter sido ligados naquela cafeteria, pois percebi, no meu segundo *insight* da manhã: Jennifer Santos quebrara o voto de segredo e contara para esse cara os relatos que fiz no meu EN.

E não, não se tratava de uma reação exacerbada à minha situação desconfortável com Brandon ou de um pouco do estresse que eu sentira ao fazer meu relato e de como os outros Coveiros o interpretariam. Honestamente, eu sabia que esse não era o caso. Eu *sabia*. A expressão no rosto desse cara não poderia ser mais clara se ele estivesse segurando um letreiro de neon dizendo "sei com quem você já transou".

— Quem é seu amigo? — perguntei, empertigando-me e olhando-o nos olhos.

Você contou a ele sobre as piranhas que você acha que somos?

— Este é Micah Price — apresentou ela. — Micah é o responsável pelo grupo de oração do qual faço parte. Micah, esta é Amy Haskel. Eu a ajudo com fractais.

Não sei diferenciar um fractal de uma fração, mas tudo bem.

— Prazer em conhecê-lo — disse eu, oferecendo a mão.

Ele não a pegou. É claro, da última vez que eu encontrara Micah Price, ele tinha praticamente derrubado Josh no chão. Pensando agora, eu deveria tê-lo deixado fazer isso. Teria livrado dos risos e gemidos que ouvia através da parede.

Brandon deu um passo à frente.

— Olá, sou Brandon.

Ele apertou a mão de Jenny e deu um soquinho no ombro de Micah. Jenny ergueu uma sobrancelha na minha direção, mas eu não estava a fim de bancar a legal. *Ela contou ao namorado sobre mim.* Eu estava lutando com todas as minhas forças para manter meu juramento, sabendo que isso poderia muito bem partir o coração da minha melhor amiga, e Jenny contara para o namorado louro e esnobe sobre mim. Por quê? Para fazer piada? Tirar onda sobre todas as coisas legais que tinha ouvido no mausoléu da Rosa & Túmulo? Senti a garganta começar a queimar. Ela não era um Coveiro qualquer. Ela era uma Coveira. Será que isso não significava nada para ela?

— Bem. temos de ir — disse Jenny rápido, quando o olhar fulminante que eu estava lhe lançando atingiu o alvo. — Vejo você depois.

— Pode apostar — respondi com voz fria como gelo.

Encostei-me no balcão enquanto os observava se afastando. Brandon ficou ao meu lado.

— Você conhece aquele cara?

Dei de ombros e ele continuou:

— Ele é sinônimo de encrenca.

— Como assim? Que encrenca ele pode causar? Um supercristão responsável por um grupo de oração do campus?

Brandon meneou a cabeça.

— Não é bem um grupo de oração. Está mais para um culto. Ele era meu vizinho no meu ano de calouro. Algumas vezes eu podia ouvi-lo falando. Nada do que dizia parecia muito cristão para mim.

— Tipo intolerância ou algo assim?

Nosso pedido chegou e Brandon começou a organizar os copos nos suportes de papelão.

— Sim. Isso e... Outras coisas. Não me leve a mal. Eu adoro um bom grupo de oração. — Quem não gostava? — Mas ele não parecia falar tanto sobre Deus ou a Bíblia quanto falava de si. Sobre segui-/o em sua... cruzada. Sei lá. Diga para sua professora ter cuidado com ele.

— Ela não é minha professora.

Ele me entregou um copo de café.

— Amy, você acha que eu não sei que você nunca frequentou uma aula de fractais na vida? Sou formado em matemática. Se você precisasse de ajuda, teria me pedido. — Ele parou. — Não teria?

— Não neste semestre.

Caminhamos para a entrada e, embora Brandon estivesse carregando mais copos que eu, ele abriu a porta para que eu saísse.

— Gostaria de mudar isso, se eu pudesse.

Engoli em seco, tentando evitar que todas as frases que ameaçavam sair pela minha boca fossem ditas. *Não acho que seja uma boa idéia e Por que você está fazendo isso comigo e O que você acha que isso tudo está fazendo comigo, a não ser me sentir infeliz por ter desistido de você? e Você não está satisfeito porque agora finalmente eu o desejo?*

Eu ainda estava tentando formular uma resposta adequada, quando Brandon pegou meu braço e me puxou de volta para o toldo.

— Espere — sussurrou ele.

Ai, meu Deus. Não. Talvez eu não seja a melhor pessoa do mundo neste relacionamento, mas eu podia tomar a decisão certa, quando a situação exigia. Brandon estava feliz com Felicity e não seria eu que colocaria tudo a perder em um momento de fraqueza causado por uma calça justa e um suéter ainda mais apertado.

— Brandon, não acho que seja... — Shh. — Ele olhou para a entrada. — Eles ainda estão ali. Você não está ouvindo?

Ah. Assim que comecei a prestar atenção a outra coisa que não fosse o meu ritmo cardíaco e a proximidade do meu ex, consegui ouvir.

— Micah, não! Não é isso — dizia Jenny, praticamente... soluçando?

— Nós concordamos com isso, Jen. — A voz dele era perfeitamente calma, como se estivesse conversando sobre o tempo. — Mas não consigo ver como as coisas mudaram. Foi você quem me contou...

— Aqui não, por favor. E agora não. Sério. Não é certo.

— Mas você prometeu que faria isso. Você jurou. Estava mentindo para *mim*?

E ele colocou ênfase emotivo na palavra *mim*, uma raiva controlada que escapou um pouco nessa palavrinha.

— Não, é claro que não. Só que é difícil demais. Muito mais difícil do que achei que seria. Não sei mais se quero fazer isso.

— Eu não entendo. Eu amo você, Jen. Você não sabe disso? Eu confio em você.

— Eu sei. Sei que ama.

A voz dela estava falhando.

— E você me ama... Não ama? Se você me ama, então por que é tão difícil fazer o que eu quero?

Já chega!

— Que desgraçado! — instiguei.

E teria saído do vestibulo se Brandon não tivesse me impedido.

— Você vai humilhá-la.

— Quero acabar com ele.

Tendo me traído ou não, ela era uma Coveira e eu ia mostrar meu apoio. Eu ensinaria a esse predador sexual covarde que "Não" significava *não*. Eu colocaria toda a força do Centro Feminino de Eli atrás dele. Mas Brandon me segurou firme e eu não me mexi.

Jenny falou novamente:

— Não posso falar sobre isso com você agora.

— Então, quando? — perguntou Micah. — Chega de esperar. Você está sempre adiando isso.

— Eu só não estou preparada.

Houve uma longa pausa e depois ele disse:

— Bem, eu estou pronto, então não estou nem aí se você esta pronta ou não.

— Mudei de idéia — disse Brandon, fechando o punho. — Pegue ele.

Passamos pela porta e Jenny olhou para cima. Seu rosto estava marcado por lágrimas. Ela olhou para mim por um segundo, os olhos brilhando de ódio, depois virou e partiu.

Micah sorriu de modo afetado para Brandon e também partiu apressado. O idiota provavelmente sabia muito bem que Brandon Weare nunca brigaria com ele em uma calçada da cidade.

— Devo ir atrás dela? — perguntei.

Brandou cerrou o maxilar.

— Se você acredita que ela vai conversar com você. Acho que ela não vai. — Ele observou enquanto Micah se afastava. — Mas vou dar uma sugestão. Chame seu *pessoal*... e não adianta negar. Chame-os e diga para fazerem alguma coisa contra esse cara. E logo. — Ele pegou o café da minha mão. — Vou entregar isso no escritório da revista. Procure aquela garota ou encontre seus amigos ou faça alguma coisa. Vejo você mais tarde.

Não! Foi isso que ele dissera da última vez e passou um mês e meio até que eu o visse de novo.

— Quando? — perguntei, sem conseguir me segurar.

Ele olhou para os copos de café.

— Não sei, Amy. Talvez quando você me ligar?

Andei em passo acelerado até a Universidade Prescott, o telefone celular a toda. O telefone de Jenny chamava, chamava, mas ela não atendia. Brandon estava certo. Era óbvio que ela não queria falar comigo. Talvez ela atendesse a ligação de outra Coveira. Mas isso também não deu resultado, já que o telefone de Clarissa caiu no correio de voz; a mensagem de Odile dizia que ela estaria fora da cidade até quarta-feira; e o telefone

fixo de Demetria (ela se recusava a assinar um contrato com uma operadora) estava ocupado. (Fala sério, hoje em dia, quem não colocava chamada em espera?)

Tudo bem. Sem problemas. Eu esperaria até Jenny se acalmar um pouco e tentaria novamente. Ou talvez eu devesse informar Josh sobre o assunto. Ele não é uma Coveira, mas era próximo o bastante e eu tinha certeza de que ele adoraria qualquer desculpa para quebrar a cara de Micah. Mas, quando cheguei em casa, encontrei Lydia sozinha no sofá, mastigando a ponta de sua caneta marca-texto e olhando sonhadoramente para um livro de Locke.

— Onde está Josh? — perguntei.

— Aula das 11h30 — murmurou ela e marcou uma linha do texto que eu tinha certeza de que ela já sabia de cor desde que éramos calouras. — Algo errado?

Nada que não pudesse esperar até a próxima vez que eu visse Jenny. Assumi uma expressão mais relaxada.

— Nada. Por quê?

— Pensei que Brandon estivesse aqui.

— Ah, isso. Ele esteve aqui. Foi tudo bem.

Lydia acenou com a cabeça.

— Fico feliz de saber. Espero que vocês possam se tornar amigos.

— Infelizmente, acho que isso é com ele. Fui eu que o magoei, então ficarei muito satisfeita com qualquer amizade que ela possa querer estabelecer.

Lydia apertou os lábios.

— Brandon é um cara legal. Tenho certeza que ele quer ser seu amigo.

— Não sei se posso ser amiga dele. Não mesmo. Duvido que consigamos ser apenas amigos. Sempre houve aquela tensão e, depois, aquela paquera direta, depois o lance da nudez. E depois ficamos um tanto juntos. Não sei como ser amiga dele sem o elemento sexual. Talvez eu não consiga ser amiga de *garotos*.

— Principalmente não com o ritmo que você está seguindo com o *Monsieur* Prescott, *mon ami*.

— Você não pode sair por aí assoviando *La Vie en Rose*. — Sentei no sofá ao lado dela.

— Mas isso é outro assunto. Acho que estou em um dia em que desejo que todos os homens entrem em autocombustão e deixem nosso planeta em paz.

Começando por Micah Price.

— Hummm — suspirou Lydia. — Eu não.

Ela esticou a perna e mexeu os dedos dos pés.

— Josh é... maravilhoso.

Revirei os olhos.

— Não, Amy, é verdade. Se você soubesse. — Ah! Se *ela* soubesse. — Sei que só estamos juntos há duas semanas e, sim, racionalmente sei que meu cérebro está exultante por causa de toda essa história de namoro e tudo está meio louco, mas acho

que nunca conheci um cara como Josh. Podemos ficar deitados por horas e conversar sobre tudo, e isso é muito reconfortante. Não me preocupo de ele me achar uma idiota se o assunto mudar de o que devemos fazer no Oriente Médio para comentar se os filmes da nova trilogia *Guerra nas Estrelas* são bons. O que, você sabe, não são.

— Certo.

— Mas é surpreendente. Sinto como se eu pudesse contar a ele coisas que nunca contei a ninguém. — Seus olhos se arregalaram. — Exceto para você, é claro.

— Claro.

Ela sorriu.

— E tão estranho, mas sinto como se ele também pudesse me contar coisas que nunca contou a ninguém.

Exceto para mim, é claro.

— Isso é ótimo, Lydia — disse e fui sincera. Ou esperava estar sendo. — Estou muito feliz por você. Espero que dê tudo certo.

— Obrigada, querida. Sei que a última coisa que você quer ouvir agora são as minhas aventuras românticas.

— Não, na verdade, é bom pensar que talvez haja um objetivo nisso tudo.

E ainda melhor pensar que talvez Josh fosse se manter fiel.

Lydia deitou a cabeça no meu ombro.

— Acho que sim. Bem, pelo menos agora. Pergunte-me novamente quando eu estiver solteira. — Dei um risinho, deslocando sua cabeça do meu ombro. — Tudo bem, de volta à teoria política do século XVII.

O telefone tocou e Lydia atendeu.

— Antro do pecado de Lydia e Amy.

Ótimo. Quando ela dizia coisas assim, era *sempre* a minha mãe. Estávamos próximas o bastante para eu ouvir a pessoa que falava do outro lado.

— *Lydia. É Josh.*

— Oi querido.

— *Você está sozinha?*

— Hum, não. Amy está aqui.

Ouvi um clique.

— Josh? — Ela olhou para mim. — Isso foi muito estranho.

Depois meu celular tocou. Atendi, tendo o cuidado de colocá-lo na orelha afastada de Lydia.

— Alô?

— Sala do Vaga-Lume. Agora.

E depois o telefone ficou mudo.

*Por meio desta, eu confesso:
sou prisioneira do meu irmão.*

7. Êxtase Nupcial

Em quinze minutos, Soze conseguiu reunir grande parte do grupo na Sala do Vagalume no mausoléu. Lucky estava ali, com os olhos um pouco inchados e se recusando terminantemente a reconhecer minha presença. Puck também se encontrava ali com o pé apoiado em uma arca antiga encostada em um canto. Ele conseguiu localizar Thorndike apesar de ela não ter um telefone celular. Também conseguiu convocar Bond, Big Demon, Frodo, Juno e Graverobber para a reunião.

— Tudo bem, não vou medir as palavras nem perder tempo pedindo ordem. Espero que vocês me perdoem por dispensar as tradições — Soze colocou o telefone celular aberto no meio da mesa. — Mas estamos aqui para falar sobre isto.

Ele pressionou um botão.

A voz baixa e cheia de estática de Kurt Gehry soou pelo aparelho.

— ...totalmente inaceitável... nunca teria acontecido quando a Rosa & Túmulo realmente significava algo para seus integrantes... Último golpe. Se você acha que os patriarcas desta organização vão assistir passivamente enquanto vocês e seu arremedo patético de clube vendem nossas tradições para algum idiota, então vocês não merecem carregar o título de cavaleiro da Ordem da Rosa & Túmulo. Nós os responsabilizamos totalmente por esse fiasco e se vocês não encontrarem esse traidor e impedi-lo de causar mais estragos, então nós faremos isso por vocês. Usando todos os meios necessários.

A voz do patriarca foi cortada e substituída pelas opções gravadas do serviço de correio de voz da operadora de Soze para salvar, ouvir novamente e apagar.

— Estremeço só de pensar que este homem tem um grande poder político sobre a nossa nação — disse Thorndike. — Mas será que alguém poderia me explicar do que este cara está reclamando?

— Disto — mostrou Soze, abrindo a tela do seu laptop.

Todos nos inclinamos para olhar. Um navegador de internet estava aberto, mostrando a página inicial de um website chamado "segredosdoscoveiros.com". Parecia um website padrão de teoria da conspiração, com foco nas supostas ações onipotentes da nossa sociedade obscura, secreta e de elite, com cores fúnebres e uma ênfase inquietante em pontos de exclamação. Nada que eu nunca tivesse visto antes. Exceto por este parágrafo com fonte grande e em negrito brilhando no meio da página:

**LEIA ESTE ESPAÇO PARA OBTER REVELAÇÕES DE UM COVEIRO REAL!!!
ASSUSTADO PELO CONTROLE SECRETO DA SOCIEDADE, ESTE INTEGRANTE
RESOLVEU QUE GOSTARIA QUE O MUNDO CONHECESSE A FONTE DO SEU**

PODER MALÉFICO!!! TUDO QUE ELES NÃO QUEREM QUE VOCÊ SAIBA, REVELADO AQUI!!!

Frodo piscou para a tela.

— Só isso? É por isso que fomos chamados aqui com urgência? Parece que não é só o cara que controla esse site que está sendo um pouco descontrolado.

— É — concordou Big Demon.— A frase que estou procurando é "e daí?". Não se trata apenas das coisas usuais de Homens de Preto e algo assim. Desde quando nos importamos com o que esses lunáticos publicam sobre nós?

Soze alterou a tela para seu e-mail Phimalarlico e depois clicou no cabeçalho de grupo das postagens dos patriarcas. Havia dezenas de novas mensagens.

— Cada patriarca com uma conta de e-mail recebeu um "anúncio" desse cara dizendo-lhes o que eles — pessoalmente — poderiam esperar dessas revelações. E, julgando por alguns desses e-mails, foi tudo muito pessoal mesmo. Esse cavaleiro aparentemente tem muitas informações, seja lá quem ele, ou ela...

— *Ou ela!* — revirei os olhos. — É claro que eles acham que foi uma de nós. A Rosa & Túmulo estava muito bem até que finalmente permitiram a entrada de garotas. Poderia ser qualquer patriarca insatisfeito.

— O motivo por que eles acham que foi um de nós — disse Thorndike com uma voz estranha e irritada — é que somos quem mais tem acesso ao mausoléu. Somos nós que temos acesso fácil aos Livros Negros, onde os Tios Tonys descrevem, em detalhes, o que aconteceu em cada reunião, incluindo todos os ENs que já tivemos.

— Certo — concordou Bond. — Lembro-me de olhá-los com Little Demon quando estávamos pesquisando sobre como entraríamos na Cabeça de Dragão para roubar a estátua de volta.

Na mesma hora, todos na sala pensaram que Little Demon estava convenientemente fora da cidade. Thorndike começou a espirrar e assoou o nariz.

— E eles pensam que foi um de nós por mais um motivo — afirmou Soze. — Esse cara não mandou um anúncio dos artigos para os patriarcas apenas para se divertir. Foi uma ameaça. E com a ameaça vem...

— Chantagem — completou Lucky. — Eles acham que estamos tentando nos vingar deles por não nos apoiarem este ano.

— Faz sentido, se vocês querem saber a minha opinião — disse Puck, dando de ombros. — Eles estão traindo a sociedade, então por que ainda temos obrigação de guardar os seus segredos?

— Certo, porque um ataque como esse faria com que eles se sentissem muito amorosos e conciliatórios — disse eu. — Será que eles nos têm em tão baixa conta?

— E o que diz a mulher que tem prazer em expulsar graduados do mausoléu — alfinetou Juno. — E claro que sim, e não temos trabalhado muito para convencê-los do contrário. A questão é: o que fazemos agora?

— Tentar impedi-los, é claro — disse Graverobber. — Eu não achava que era possível enfurecer ainda mais os patriarcas do que já tínhamos feito, mas é óbvio que subestimei o quão baixo poderíamos descer. Roubar segredos do mausoléu?

— É você que está falando, Graverobber — provoqueei. — Acho que a pessoa que está ameaçando desistir da sociedade deve estar no topo da lista de suspeitos. Se você desistir, não terá nada a perder.

— Mas você acha que ele é um ladrão? — perguntou Jenny para mim com um olhar penetrante. — Acha que ele poderia ser comprado assim?

Eu estava surpresa por ela ficar do lado dele. E, para ser franca, também estava surpresa de ela me olhar nos olhos.

— Explique a minha motivação para vender qualquer coisa para esse maluco — devolveu ele. — Diferente de alguns de vocês, eu não tenho problema de fluxo de caixa.

— Supondo que foi um de nós. — O tom de voz de Soze acalmou imediatamente a todos. Ele voltou ao website. — O que não estou descartando, assim como não estou considerando como certo. Então não vamos começar a acusar uns aos outros até que tenhamos mais evidências. Os patriarcas entram e saem deste lugar o tempo todo. Sim, temos o registro de suas visitas no nosso livro de convidados, mas isso não significa nada. Não sabemos há quanto tempo o informante detinha essas informações antes de ele ter decidido levá-las a público.

— Ou ela — acrescentou Graverobber.

Thorndike gemeu.

— Enquanto ficamos preocupados com o uso dos pronomes, o relógio está correndo. Qual é o plano?

Soze olhou para Lucky, que começou a falar:

— Já verifiquei no "Who is" do site, é claro, mas, como imaginei, trata-se de um registro privado. Ainda tenho mais alguns truques na manga para tentar localizar esse cara, mas, para ser franca, não sei bem até onde isso pode nos levar. O problema com um teórico da conspiração paranóico é que ele já está paranóico. Ele deve estar escondido em algum lugar, usando um chapéu na cabeça, certo de que a CIA e o FBI já estão em seu encalço. Então, provavelmente, está bem protegido. — Ela se sentou na frente do computador. — Mas, como eu disse, vou tentar.

— Ótimo. — Soze olhou em volta da mesa. — Mais alguém?

— Tenho alguns amigos na comunidade radical — disse Thorndike, tentando segurar a tosse. — É um tiro no escuro, mas às vezes eles conhecem pessoas que conhecem pessoas. Gente que vive à margem costuma sair com seus semelhantes.

— E eles vão encarar bem trabalhar para "O chefe"? — debochou Juno. — Você ainda detém algum tipo de credencial das ruas depois de entrar para a Rosa & Túmulo?

— Estou começando a minha revolução de dentro para fora — respondeu Thorndike e depois espirrou.

Lucky olhou para ela por um momento e então voltou os olhos para a tela. O resto de nós se afastou um pouco da Thorndike tifóide.

— Nosso foco não deveria ser tentar encontrar o traidor entre nós? — perguntou Bond em tom cortante. — Parece que isso seria muito mais útil no longo prazo. Será que alguém já pensou em Howard?

— Howard não é um Coveiro — respondeu Frodo.

— Não, mas foi um convocado. Duvido que o cara desse website se preocuparia com essa questão técnica.

Soze meneou a cabeça.

— Howard não tem acesso aos Livros Negros, mas sua observação é pertinente. Só não sei bem como. Não é como se pudéssemos tirar as impressões digitais dos livros. Os patriarcas têm certeza de que se trata de um de nós. Acho que talvez seja um patriarca tentando nos meter em encrenca de novo para talvez enfraquecer ainda mais a nossa base de apoio. — Ele fez um gesto com seu telefone. — Esse depositário em especial já é o nosso maior detrator, então a sua reação não causa espanto, mas ele não foi o único patriarca que deixou recado.

O Chefe de Gabinete da Casa Branca fora a força por trás da conspiração do ano anterior a fim de tirar o estágio de verão de todos os convocados e membros do clube sênior como punição por terem iniciado os primeiros integrantes do sexo feminino. E, como Poe poderia atestar, ele não tinha medo de cumprir suas ameaças. O integrante sênior não só tinha ficado sem seu emprego de verão na Casa Branca, mas também não conseguira emprego em nenhum lugar próximo a Washington. Nunca se ouviu sobre um secretário da Rosa & Túmulo passando o verão de sua formatura fazendo trabalhos de jardinagem.

Os quinze minutos que se seguiram foram dedicados à estratégia, embora todas as nossas teorias e todos os planos tenham sido atrapalhados porque de alguma forma sabíamos que alguém no recinto (ou algum dos integrantes ausentes) podia ser o responsável pelo problema que tínhamos em mãos. À medida que a conversa começou a diminuir, percebi que Soze tinha razão. Se havia um patriarca determinado a arruinar este clube e começar do zero com os convocados do próximo ano, então causar todo esse reboliço interno era exatamente o modo de conseguir o desejado.

A sala foi ficando vazia à medida que meus colegas cavaleiros iam saindo com uma tarefa para cumprir. Lucky continuava inclinada sobre o laptop. Aproximei-me com cuidado, como faria com um animal ferido que poderia de repente: a) atacar ou b) fugir. Minha raiva pelo que eu presumia ter sido uma traição diminuía mediante o problema atual e mais ainda pelo que eu tinha visto do lado de fora da cafeteria.

— Lucky...

— Estou muito ocupada agora — devolveu ela. Aparentemente, seria a opção b.

— Tudo bem. Conversamos depois.

— Eu preferia não conversar com você.

— É, eu já entendi isso — disse eu, ficando um pouco agressiva também. — E, embora você possa ser tão difícil quanto queira no mundo bárbaro, aqui dentro nós temos de apoiar uns aos outros. Eu só quero ajudá-la.

— Você pelo menos sabe o que é um *firewall*? — perguntou ela.

— Você sabe o quero dizer.

Os seus dedos pararam sobre o teclado e ela virou para mim.

— Não ligo para quem você pensa que é, Amy Haskel, ou o que acha que ouviu. Se você quer fingir que é diferente aqui, o problema é seu. Eu sei que estou sob o mesmo julgamento aqui quanto do lado de fora. Não vou me corromper só porque um bando de homens idiotas usando túnicas diz que tudo bem. E não vou fingir que vocês se importam com os *meus* interesses só porque fizeram um juramento para uma deusa menor que nem ao menos existe.

E, com isso, ela voltou a atenção para o computador, recomeçando a digitar.

Merda. Por que ela aceitara entrar, se nos desprezava tanto? Respirei fundo.

— Sabe, nunca achei que isso tinha a ver com deuses ou deusas. Achei que essa escultura boba de madeira era um símbolo do que fizemos, nos 177 anos em que existimos. — Tudo bem, essa era a definição de uma imagem esculpida, mas eu tinha razão. — Essa não é a minha religião, Lucky, e ninguém está pedindo que seja. Ninguém está exigindo isso de você. Mas, quando eu prometo algo a alguém, sobre qualquer coisa, não se trata em nome de quem estou jurando, mas sim de mim. Eu fiz uma promessa e vou mantê-la. Então, eu *me importo* com você. E me importo porque prometi que me importaria. — Virei para ir embora. — E você nos deve dois dólares por ter usado o meu nome bárbaro.

Eu já estava no meio do caminho quando ela falou:

— Café.

Eu virei.

— O quê?

Lucky sentou em uma poltrona de couro grande demais para ela e olhou para a ponta de sua trança.

— Eu... Hum... Eu derrubei o meu café mais cedo, então realmente preciso de um pouco de cafeína. Então, se você quiser fazer um pouco de café para nós, eu já vou ter terminado tudo aqui quando você voltar, e aí nós poderemos conversar.

Eu ri.

— Você me deu um passa-fora e agora quer que eu faça café para você? Lucky, se você acha que isso funcionaria com alguém que realmente não gosta de você e quer ajudá-la, então realmente tem uma compreensão muito estranha do espírito humano.

Fui para a cozinha.

Agora, se eu fosse Hale, onde esconderia o café? Eu estava agachada em frente ao armário da despensa, empurrando sacos de cebola e de batata, quando ouvi passos atrás de mim.

— Uau.

Levantei, virei e vi George encostado no batente da porta, com a boca aberta. Merda! De onde ele saíra? Não o ouvi descendo as escadas. Ele se aproximou, com os olhos brilhando por trás dos óculos.

— Dê uma voltinha, Boo.

Franzi a sobancelha, mas fez o que ele pediu: girei lentamente até olhá-lo novamente. Dessa vez, sua boca estava fechada e o rosto tinha uma expressão de quem gostou do que viu.

— Quando foi que você fez — começou ele em um tom provocante — esse lindo desenho nas suas costas?

Minha mão voou até o cós da minha calça de cintura baixa. Ah, certo. Lá, emoldurado perfeitamente pelo suéter rosa-choque que eu colocara para Brandon, estava o pequeno hexágono da minha tatuagem da Rosa & Túmulo.

— Na primavera passada — respondi. — Com as outras meninas.

— Amei — sussurrou ele. — Mais do que as das outras garotas.

E, com esse comentário enigmático, ele passou a mão na minha cintura e tocou o pequeno ponto com o polegar.

— Por que você a escondeu durante todo o outono?

Ele virou e inclinou a cabeça sobre o meu ombro de modo que pudesse ver as minhas costas.

— Eu não estava escondendo — respondi. — Você só não olhou no lugar certo.

— Concordo. — Ele espalmou a mão nas minhas costas. — É uma pena que eu seja totalmente ignorante sobre todas as suas partes certas. — E foi o que bastou, apenas uma pequena pressão, e me inclinei contra o seu peito. Ele enterrou o rosto no meu cabelo. — Você está linda hoje, Boo.

Brandon não achou o mesmo. Ah, não era irônico o fato de a roupa que escolhi para agradar meu ex seduzir o homem responsável por acabar com o meu relacionamento? Mas logo esse pensamento e todos os outros sumiram da minha mente. Como George conseguia isso? Ele mal estava me tocando — só uma das mãos contra uma pequena parte das minhas costas e o queixo encostado na minha bochecha —, mas eu já me sentia tonta com a expectativa. Minhas mãos procuraram um lugar para segurar nas prateleiras e senti o frio do metal de um pote de café.

Certo. Café. Ah, que inferno, quem precisava de café quando podia ficar em pé ali, bebendo os feromônios de George Harrison Prescott? Minha pele ardia. Se ele apenas escorregasse um pouco a mão que estava nas minhas costas, se ele fizesse um pequeno gesto, eu me entregaria em um minuto.

Mas ele ficou ali, só me segurando, respirando fundo, o corpo quase tocando o meu.

Sua vez, Amy.

— Não deveríamos fazer isso aqui — disse eu por fim.

Porque sou covarde.

— Aquelas coisas que você disse ontem no seu EN — começou Puck, como se eu não tivesse dito nada. E agora suas mãos começaram se mover, muito lentamente, até o meu bumbum preso pela calça jeans. — Fiquei lá sentado, ouvindo você falar sobre todos os caras com quem já estive...

— *Todos os caras?* — perguntei sem ar. — Olha quem fala.

Ele riu contra a minha pele e parecia que eu tinha sido atingida por um raio.

— Tudo bem. Aquele número moderado de caras com quem já estive. E sabe no que pensei?

Diga. Diga. Diga. Diga.

Ouvi passos na escada.

— Abstinência de cafeína não é um quadro bonito, Buga... — Jenny entrou na cozinha e parou. — *Miércoles*. — Sua expressão primeiro foi de choque e depois de ressentimento. — Desculpem.

E saiu correndo.

Merda. Merda. Merda. Apoiei a cabeça na prateleira quando George se afastou de mim.

— Eu preferia que ela não tivesse visto isso.

— Por quê? Isso faria bem a ela.

Mordi os lábios.

— Não. Você não entende. Hoje mais cedo eu a vi brigando com o namorado.

Puck ergueu uma sobrancelha.

— Lucky tem namorado? Isso é impressionante.

— Não se você tivesse visto o cara. Ele é um verme. E estava sendo um idiota completo com ela e eu tinha acabado de conseguir abrir uma brecha naquela concha em que ela se esconde e a convenci a conversar comigo quando você...

— Quando eu o quê? — perguntou Puck. — Ela age como se eu tivesse feito algo pessoal contra ela. É sempre assim.

— Ela não aprova seu estilo.

— E daí? Eu não aprovo o dela, mas nunca fui cruel. — Ele estava apertando a mandíbula de novo e eu queria beijá-lo até que toda a tensão se dissipasse. — Deixa para lá. Sou quem sou e ela não é a primeira pessoa que decidiu me julgar por isso. Há gente o suficiente que me odeia só por ser um Prescott. Meu nome está em um prédio logo ali na rua e eu não posso fugir disso. Pessoas como Lucky decidem que eu sou mau por respirar o mesmo ar que elas, e não há como fugir disso também.

— Não se preocupe com o que ela pensa. Tenho certeza de que ela desaprova todos.

— Esse não era bem o tipo de conforto que eu estava esperando — disse ele, fazendo cara feia.

— Sinto muito — respondi. — O que você prefere? *"Oh, Puck, como alguém poderia não gostar de você? Um verdadeiro ícone do poder sexual!"*

— Ah, assim que eu gosto. Estou acostumado a ser duas coisas: um Prescott ou um jogador.

De acordo com sua mãe, é exatamente a mesma coisa. Mas mordi o lábio para não dizer isso em voz alta e o empurrei.

— Pode acreditar que a última coisa que Lucky precisava ver nesse momento era eu me aproximando de um cara. — Principalmente um cara como George. — Ela está passando por um momento difícil.

Passei por ele e saí da cozinha, mas Jenny já tinha partido havia muito tempo e agora a sala estava vazia. Olhei para meu reflexo no espelho em forma de diamante até que George veio por trás de mim e abraçou a minha cintura. Eu tinha de admitir: essas duas pessoas no espelho ficavam muito bem juntas.

— E apesar da forma como ela a trata, você vai ajudá-la?

Ele não sabia nem metade da história. Se a minha intuição estivesse certa, Jenny não só nos desaprovava, mas estava contando os nossos segredos para o namorado bárbaro. Engraçado o fato de ela ser a responsável por tentar localizar quem está vendendo os segredos dos patriarcas para o site segredosdosdoscoveiros.com.

— Foi o que juramos fazer, Puck. Ela pode julgar a todos nós, mas no momento, vou ser amiga dela.

Ele olhou de novo para as escadas.

— Tudo bem. Vou deixá-la com o seu compromisso anterior, mesmo achando que isso não vai adiantar muito. Eu tenho como hábito não sair do meu caminho para ser bonzinho com pessoas que não retornam o favor.

— Então, muitas pessoas são legais com você? — provoquei.

— E, em troca, eu sou *muito* legal com elas. — Ele se inclinou na minha direção e colocou a boca na minha orelha. — Da próxima vez que eu encontrar com você, Bugaboo, vamos continuar de onde paramos. Chega de esperar.

Ouvi algo parecido um pouco mais cedo. Engraçado, quando Micah dissera isso, parecia uma ameaça desprezível. Mas quando George disse, pareceu uma promessa deliciosa.

Foi uma promessa que ele não teve chance de cumprir por um bom tempo. Tudo bem, vários dias. O.K. Dois dias. Mas acredite quando digo que quando você está esperando para ter as mãos de George Harrison Prescott no seu corpo, o tempo passa muito, muito, muito devagar mesmo. (Principalmente considerando que havia dois dias Jenny não falava comigo. Ela desaparecera do mausoléu e não respondeu aos sete e-mails que enviei, nem aos três recados que deixei no correio de voz. Sendo que esses foram os que eu mandei — quem pode saber o que as outras Coveiras disseram depois de ouvir a história da discussão na cafeteria? De acordo com os relatos, ela não retornava nenhuma das ligações. Pode ser que a nossa preocupação a tenha assustado.)

E, então, aconteceu de um dia eu estar sentada no meu lugar favorito de estudo, a mesa perto da janela da grande biblioteca do mausoléu, olhando para a lua iluminando o jardim. O outono estava chegando a Connecticut, o que significava uma transição triste e lúgubre do verão verdejante para o brilho cruel de New England. Hoje o tempo parecia mais com o de New Haven. Choveu o dia todo e havia poças em todos os lugares, encharcando os sapatos e meias e a bacia das calças de todo mundo, fazendo com que todos se questionassem a respeito daquela saída depois do jantar para o laboratório de ciências ou para o Centro de Estudos Cinematográficos. Dava para sentir a umidade

enquanto eu estava sentada ali, com as pernas cruzadas sob o corpo e um grande exemplar do O Ramo Dourado do mausoléu aberto no meu colo. O tempo para escolher um tema para a minha monografia estava se esgotando, mas eu continuava distraída. A noite chuvosa parecia uma excelente chance de começar sem ser interrompida.

Desde segunda-feira, estar no mausoléu significava uma convocação automática para uma das campanhas de Josh para apaziguar o ânimo dos patriarcas e descobrir o traidor antes que ele causasse uma ruptura permanente entre o clube e seus patrocinadores mais devotos. Não tínhamos avançado muito na busca, já que os esforços de Jenny não deram em nada e todo mundo parecia dedicado demais à causa para ser o responsável pelo vazamento.

Entretanto, eu sabia que Lydia tinha se aproveitado da tempestade para prender Josh no quarto dela naquela noite. Que Deus a abençoe. O tempo ruim e os esforços de Josh manteriam todos os outros longe.

Mas parecia óbvio que eu subestimara a persistência de um certo homem.

O lustre acima da minha cabeça acendeu e eu olhei para a porta e vi Puck com a mão no interruptor.

— Ah, então, você está aqui.

Eu nem ouvira a porta da frente abrir.

O ritmo acelerado do meu pulso deu o sinal: *é agora*.

Mas eu poderia jogar com calma.

— Lydia disse onde poderia me encontrar?

— Não exatamente — sorriu ele. — Ela disse que achava que você tinha ido à biblioteca. O namorado dela falou que tinha certeza que você estava aproveitando a *grandiosidade* do saber.

— E, sem dúvida, ele mandou você aqui para investigar.

— Exatamente. Acho que tinha algo a ver com revistar qualquer um que encontrasse aqui. — Ele se sentou do meu lado e bateu no livro que estava no meu colo. — O que você está fazendo aqui até tão tarde? Será que não tem nada melhor para fazer?

Olhei para o relógio. Estava tarde mesmo. Eu estava surpresa de Lydia e Josh ainda estarem acordados. Em geral, eles costumavam "ir para a cama" bem mais cedo. E nem vamos perguntar por que George demorou tanto para vir me procurar.

— Estou estudando. Freqüento algumas aulas, sabe? Ou você saberia, mas você não quis continuar com as aulas de Shakespeare de Branch.

— Decidi que o seminário de Nabokov tinha mais a ver comigo. — Ele inclinou a cabeça. — *Bugaboo, luz da minha vida, fogo da virilha. Meu pecado, minha alma, Bugaboo. A ponta da língua viaja sentindo o seu gosto até* (bem, na verdade, invadir) *por fim, os lábios. Bug. A. Boo.*

Ele se inclinou e me beijou.

— Nojento — disse eu. — Humbert era um pedófilo.

— Bastante eloqüente, diga-se de passagem. Além disso — continuou ele, mordiscando meu lábio inferior —, você já tem mais de 18 anos.

Não dá para argumentar contra isso. Sorri e o beijei.

— O que você está fazendo?

— O que já deveríamos ter feito há muito tempo, Boo.

— Fala sério, e contar os nossos assuntos particulares para todo mundo da sociedade durante o meu EN? — provoquei, me mexendo no sofá para que ficasse mais fácil para ele se aproximar.

Nossa, esse homem sabia beijar.

— No meu ou no seu — murmurou ele, beijando o meu queixo e descendo pelo pescoço. — Todos acabarão sabendo. E eu não estou nem aí. Passe a noite comigo.

— Tudo bem.

Simples assim. Porque quando um cara como George Harrison Prescott está determinado a ficar com você, quando ele anda na chuva e cita literatura erótica e a beija como se não tivesse visto uma garota em anos — bem, só há uma resposta convincente. E é aceitar. Não adianta pensar demais, considerar as opções ou tentar determinar onde isso se encaixa no seu currículo e, definitivamente, não começar a se perguntar em que número você vai cair no longo EN dele. Isso não tinha nada a ver com os meus amigos, ou com o meu futuro, ou com qualquer outra coisa, mas com o que eu queria... agora. Entre essas paredes, ele não era o herdeiro relutante nem o cara que mais partia corações da faculdade, mas sim um colega Coveiro muito charmoso, um colega da Prescott e um cara que eu queria ter nos braços desde a primeira vez que o vi.

George Harrison Prescott: aceitar ou rejeitar? Sem perguntas.

Estiquei as pernas e envolvi as dele enquanto ele lutava para sentar no assento pequeno perto da janela. Além da janela não havia nada, apenas um jardim interno com flores secas e a luz da lua. E nós estávamos sozinhos no mausoléu da Rosa & Túmulo, o que equivale a estar sozinho no mundo. Aqui estávamos nós, a cinco minutos do restante da população e separados dos demais estudantes de Eli pelos nossos nomes da sociedade e os segredos que dividíamos.

— Não está tão frio quanto eu achava — disse eu.

— Hein?

Dei um tapinha no seu nariz.

— Sua pele. Não está fria.

— Eu me agasalhei.

E então ele começou a tirar a minha roupa, começando pelo cachecol que envolvia o meu pescoço.

Adorava esse momento de ficar com um cara, quando você ainda não perdeu todo o senso de racionalidade, mas não está, de modo algum, agindo como se estivesse na frente dos seus pais. Ainda estávamos vestidos, mas deitados; ainda não estávamos completamente desarrumados por causa dos beijos, mas a minha pele estava corada e ele havia tirado os óculos e os colocado na mesinha à esquerda. Eu já tinha visto George sem

os óculos, que eram sua marca registrada, é claro, mas nunca tão próximo do meu rosto. Eu já achava que os olhos cor de cobre eram maravilhosos por trás da armação que combinava perfeitamente com eles. Mas sem os óculos, e encarando-me, os olhos dele teriam tirado meu fôlego se eu estivesse respirando normalmente. Os homens não deveriam receber as vantagens genéticas concedidas a este cara. Ou, pelo menos, não sem um grande cartaz de aviso tatuado na testa. Ele moveu um pouco a perna e, de repente, esqueci completamente sobre seus olhos.

— George — murmurei.

— É melhor abrir a carteira, Boo — disse ele contra a pele sensível do meu pescoço. — Porque tenho a sensação de que você vai ficar devendo muito dinheiro de multa para os Coveiros.

Suas mãos deslizaram por dentro do suéter e eu arqueei as costas.

— Então, talvez devêssemos encontrar um lugar mais confortável.

Ele ergueu a cabeça.

— Tenho o lugar perfeito.

Então, antes que eu tivesse a chance de juntar os livros ou colocar os sapatos, ele estava me puxando para fora da Grande Biblioteca e subindo as escadas.

— Hum, posso assegurar que este não é o caminho de saída.

— E eu posso assegurar que esta noite eu só quero encontrar a entrada. — Ele chegou ao nosso destino e segurou a porta para mim com uma medida. — Milady...

O Templo Interior. Hesitei.

— Você está falando sério? E se alguém vier ao mausoléu?

Ele me pegou pela cintura e me puxou para dentro.

— Posso assegurá-la que todos estão em casa hoje à noite. Além disso, você acha que fomos os primeiros a pensar nisso? Os primeiros a fazer isso? — Ele puxou meu cabelo para o lado e começou a beijar minha nuca. — Aposto que vários caras já trouxeram as namoradas aqui para se exibirem. Não existe nada mais sexy do que saber o tipo de poder que o cara com quem está saindo tem. Sabendo que você está com um Coveiro...

— É — respondi. — Mas eu também sou uma Coveira. Como você planeja me impressionar?

— Ah, acho que vou pensar em alguma coisa.

E começou a me beijar. Sei que já falei sobre os beijos de George antes, mas permita-me dizer mais uma vez. Ele é fenomenal. Nunca fui beijada desse modo antes. Não quero entrar em detalhes técnicos nem nada, mas este homem beija como se estivesse fazendo muito mais do que apenas beijar.

Meu corpo também teve essa impressão.

1) Os beijos anteriormente citados.

2) A tremenda habilidade que ele possui de tirar a roupa de uma garota de forma tão sutil que, entregue aos beijos, ela nem percebe o que ele está fazendo até se dar conta de que está seminua sob a cúpula ornada com estrelas do Templo Interior e os beijos dele começarem a descer.

3) As coisas que ele faz com a boca conforme vai descendo, principalmente nos seios. Na verdade, é bem impressionante. Uau. *Uau.*

4) O modo...

Só consegui chegar até aí, antes de os meus joelhos fraquejarem.

— Calma aí, Boo.

Ele riu contra a minha pele nua e me estudou enquanto eu tentava respirar e fazer com que a minha barriga parecesse sarada, como se eu tivesse aproveitado as aulas gratuitas de Pilates no ginásio de Eli. Mas era difícil manter a concentração quando George Harrison Prescott se ajoelha diante de mim e coloca as mãos nas minhas nádegas e começa a roçar o nariz no meu umbigo.

— Tire as calças — pediu ele.

— Tá.

— Olhe para você — disse ele e se afastou um pouco, me observando. — De repente, toda dócil. A que devo o prazer?

— Ao prazer.

Baixei a calça até o quadril e senti uma onda de felicidade quando vi os olhos dele se arregalarem. A tonelada de roupa que lavei ontem valeu a pena.

— Rosa-choque. Só para você — disse eu.

— Muito bom.

Mas a expressão em seu rosto demonstrava muito mais do que apenas aprovação. Tirei as meias e a calça e coloquei a mão sob a alça da tanga.

E então ele hesitou.

— Espere um pouco...

— Ah, tudo bem. Vou ficar com ela.

Coloquei o meu dedo no peito dele.

— Você ainda está vestido. Está planejando me deixar aqui com as minhas roupas íntimas e fugir?

— Dificilmente você teria problemas. — Ele apontou para o armário na parte de trás da sala. — Com todas as túnica aqui, seria uma brincadeira sem propósito.

Bem lembrado.

— Então, acho que o senhor está com roupas demais.

Ele abriu os braços.

— Fique à vontade.

E foi o que fiz. Porque tirar todas as camadas de roupa do corpo de Adônis de George não era o que se chamaria de tarefa indesejável. Fico envergonhada de admitir quantas vezes o imaginei nu. E fico feliz de dizer que a realidade é muito melhor do que tudo que imaginei. E uma vez que ele estava sem roupas, e eu estava praticamente nua (ele se recusou a permitir que eu tirasse a calcinha), toda a provocação nos levou às ações. Chegamos ao ponto sem volta.

Acabei descobrindo que os beijos de George eram apenas um prelúdio do resto dos truques de seu repertório. Vivi 21 anos neste planeta, e achei que tinha aprendido algumas coisas (meu EN pode atestar isso) e eu nunca soube que algumas das coisas que ele fez comigo eram fisicamente possíveis. Por exemplo:

Evidência A: O trono no topo do púlpito é antigo e entalhado de forma complexa, coberto com cenas em baixo-relevo do Hades, ou seja, o mundo dos mortos grego, e coroados com dois grandes globos na frente de cada suporte de braço, que, ao que parece, se tornam um ótimo lugar para apoiar as panturrilhas quando se está em posições particularmente íntimas como, por exemplo, você está na cadeira e ele... bem, *não* está na cadeira, mas sim no púlpito. De joelhos. Tratava-se de um móvel maravilhoso, provavelmente parte de um conjunto com aquele espelho empoeirado que ficava perto da cozinha. A única coisa que talvez tivesse melhorado toda a experiência seria a presença do espelho. Mas estou divagando. Nunca tinha pensado que o trono fosse particularmente confortável, mas agora não sei se conseguirei pensar nele sem começar a suar.

Evidência B: Sexo na mesa de conferência pode ser algo antiquado no mundo corporativo, mas sexo na mesa de conferências da Rosa & Túmulo, sob a cúpula estrelada, cercada por painéis de madeira e obras de arte e George, George, George... Acho que devo uns duzentos dólares para os Coveiros. Em certo momento, segurei os ombros dele e o parei.

— Você acha que este lugar tem câmeras escondidas?

— Isso seria divertido. — Ele girou um pouco, fazendo um movimento que eu poderia jurar ser ilegal em três de cada cinco estados.

— George! Isso não é engraçado. Morro de medo de imaginar que isso tudo poderia acabar em uma fita.

— Sorria, você está sendo filmada, Boo. — Ele baixou a mão para me tocar e eu arfei.

Fala sério, você acha que seríamos obrigados a fazer todas aquelas transcrições nos Livros Negros se o Templo Interior tivesse câmeras?

— Bem pensado — consegui falar com a respiração entrecortada.

— Mas, pensando bem — disse ele, fazendo-nos rolar para o lado —, está vendo aquela terceira estrela ali em cima? Parece muito com uma câmera, não acha? — Ele me colocou por cima dele e agarrou o meu quadril. — Acho que este é o meu melhor ângulo.

E eu gozei na hora, então esse claramente era o meu melhor ângulo também.

Evidência C: Acabamos no chão do Templo Interior, deitados sobre uma túnica nova, bem embaixo do quadro do Êxtase Nupcial. E eu ainda estava de calcinha, mas apenas tecnicamente. George parecia fascinado por ela, passando os dedos sob as tiras no meu quadril e na parte de trás, bastante satisfeito com o fato de as frágeis tiras de renda não terem impedido suas atividades. E eu tinha de dizer que eu concordava com ele. Sempre imaginei que tangas eram algo sexy apenas para os homens; nunca havia me dado conta de que elas poderiam me excitar também até que George me mostrara todo o potencial do artigo.

— Lembra-se do que eu disse no outro dia? — A voz dele estava rouca e ele parecia sem fôlego. — Sobre o que eu estava pensando durante o seu EN?

— Lembro — murmurei, olhando para ele através dos olhos semicerrados.

— Era nisso. Era isso que eu queria. Eu a vi de pé aqui na frente deste quadro, falando sobre os outros caras e eu a desejei. Bem aqui. Bem assim. Essa era a minha fantasia, Boo. Você é... a minha fantasia.

Ele fechou os olhos e senti o peito dele estremecer sob as minhas mãos quando a sua respiração se acalmou.

Então relaxei, feliz de satisfazer toda e qualquer fantasia deste homem. Porque não era mais nenhum segredo que ele havia satisfeito todas as minhas.

*Por meio dessa eu confesso:
O que acontece no mausoléu, fica no mausoléu.*

8. Irmãos estranhas

Durante anos, ouvi rumores sobre as maravilhas que se encontravam no quarto de George Harrison Prescott, incluindo sem se limitar a isso: lençóis de cetim preto, espelhos no teto e uma *jukebox* que só tocava músicas de Barry White.

Mentira. Bem, há uma pequena *jukebox* (que descobri depois ter sido um presente quando o pai dele se casou), mas tinha diversas músicas de vários artistas e, pelo me consta, "Fight for Your Right to Party" não é o que se considera uma música para namorar. Os lençóis eram o padrão da universidade, havia um espelho normal dentro do armário e George e eu estávamos espremidos em sua estreita cama de solteiro. Seu braço estava apoiado na minha cintura e o queixo encostado no meu ombro.

PENSAMENTOS QUE EU TIVE NAQUELA MANHÃ

- 1)** Uau, será que fiz tudo que acho que fiz na noite passada?
- 2)** Minhas coxas estão um pouco doloridas.

- 3) Isso é bom. Eu poderia ficar aqui com George o dia todo.
- 4) Só que tenho um seminário as 10h15.
- 5) E tenho que fazer xixi.

Mas quis relaxar um pouco nos braços de George, sentindo nossos corpos pressionados um contra o outro, costas contra peito, coxa contra coxa. Sentir a respiração dele no meu ouvido e o calor na minha barriga. Depois me estiquei um pouco e escorreguei para fora da cama.

Eu estava abotoando a calça jeans quando ele acordou.

— Bom dia.

— Oi.

Cara, por que eu de repente comecei a me sentir tímida? Quando na minha vida eu já tinha me sentido envergonhada diante de George Harrison Prescott?

— Você já vai?

Eu sorri. Golpe dois.

— Sim, tenho umas coisas pra fazer.

Ele virou e colocou as mãos atrás da cabeça.

— Mas vamos nos ver hoje à noite?

Meu coração disparou.

— Na reunião.

É claro. A reunião de quinta-feira.

— George, eu sempre vou. Além disso, é noite da lagosta no mausoléu.

— Bem lembrado — sorriu ele, sem se mover. — Vejo você mais tarde, Boo.

E isso foi tudo. Deixei o quarto dele sem que qualquer um de seus colegas me notasse (nenhuma semente para alimentar a fofoca na Universidade Prescott, muito obrigada) e me dirigi para a minha suíte. A porta do quarto de Lydia estava fechada; eu estava segura. Tinha terminado.

Mas eu estava errada. Nada tinha terminado. Longe disso.

As semanas que se seguiram passaram em um alvoroço de atividade sexual. Eu ainda ia às aulas, fazia os trabalhos, resolvia problemas e tentava escolher um tema para a minha monografia. Mas eu não conseguia lembrar das discussões que tínhamos em sala de aula e serei a primeira a admitir que meus trabalhos não exibiam o nível usual de paixão literária.

Josh continuava empenhado em tentar descobrir quem era o responsável pelo vazamento de informações para o website e, embora cada um de nós dedicasse bastante tempo para encontrar esse cara (ou garota, como Nikolos insistia em nos lembrar em todas as oportunidades), a identidade do traidor continuava um mistério. E Jenny continuava evitando conversar com qualquer uma das Coveiras. (E, para ser honesta, por

pior que pareça, quanto mais ela nos evitava, menos nos sentíamos inclinadas a conversar com ela sobre o assunto. Já sabíamos qual seria sua reação.)

Decidimos, em massa, que uma confrontação formal, que era o *modus operandi* padrão do clube, seria demais para nossa tímida irmã agüentar, então, o melhor a fazer seria ir, um a um, até ela e expressar nossa preocupação de que talvez seu namorado não a estivesse tratando da forma correta.

Uma intervenção feminina. Ela, porém, mostrou-se escorregadia. Era quase impossível falar com ela no mausoléu, e nunca a encontrávamos sozinha dentro da sociedade ou sem uma das tarefas eletrônicas de prioridade máxima passadas por Josh a fim de localizar o traidor.

Não havíamos avançado muito nessa frente. Uma vez, quando Lydia não estava na nossa suíte, perguntei a Josh se ele achava que isso tinha algo a ver com o estranho e-mail que as Coveiras receberam pelo domínio Philamalarlico no início do ano. Afinal, os patriarcas também tinham recebido e-mail misteriosos em suas contas particulares. E o estranho poema incluía os versos “Tentem se soltar da teia que lhes serve de prisão. Comprado pode ser um ladrão”. Será que isso não poderia ser uma referência ao escândalo atual? Afinal, estávamos lidando com informações roubadas vendidas para um website.

— Ou talvez isso tenha sido uma referencia ainda mais pontual — continuei. — Lembre-se do que Jenny disse a Graverobber, err, Nikolos, no dia em que descobrimos sobre o site segredosdoscoveiros.com? Ainda não fazemos idéia de quem enviou aqueles e-mails ou o que significam, mas e se eles forem uma pista? Foi a primeira vez que pensei nisso. E se a palavra “ladrão” for uma pista que nos leva ao nome dele?

Josh riu e, felizmente, ignorou a minha desatenção com o nome da sociedade.

— Isso é um pouco obscuro, Amy. Você tem lido Dan Brown demais. Mas gosto da primeira linha de raciocínio. Pedirei a Jenny para procurar saber mais sobre os e-mails que vocês receberam.

— Você não acha que poderia ser Nikolos?

— Talvez ele seja o integrante cujo nome é o mais inadequado do grupo — respondeu Josh. — Um cara que nunca precisou ser um ladrão. E, mesmo que o dinheiro não seja a motivação, Nikolos talvez seja o último cara interessado em enfurecer ainda mais os patriarcas. Ele os quer do nosso lado de novo, lembra?

Concordei com a cabeça.

— Então, quem não tem uma grande soma de dinheiro à disposição e não dá a mínima para enfurecer os patriarcas?

Ele me olhou nos olhos.

— Quer dizer, além de você?

A única coisa que posso garantir é que quem quer que esteja vendendo os segredos não sou eu, nem George. Estávamos ocupados demais para nos preocuparmos com coisas tão mundanas quanto vender os segredos da sociedade.

Deixe-me dizer uma coisa: George Harrison Prescott é *insaciável*. Transávamos entre as aulas, depois das reuniões da Rosa & Túmulo, antes do jantar no salão. Transávamos no

quarto dele, no meu, no boxe do banheiro, na biblioteca e, em um momento muito imprudente, no salão comum da Prescott, na mesma poltrona, devo acrescentar, em que eu antes tinha resistido ao seu considerável charme.

Não enjoávamos. Às vezes, estávamos no meio de algum debate político fascinante na sociedade e, de repente, eu me pegava pensando em algum interlúdio particularmente gostoso, ficava vermelha e olhava pra Puck, que, quase sempre, estava me observando e sabia exatamente que tipo de pensamentos maliciosos passavam pela minha cabeça. Assim que éramos liberados do mausoléu, íamos para o quarto dele e ficávamos acordados até de madrugada, fazendo de tudo, menos conversar. Ou sentávamos no refeitório da Universidade Prescott, almoçando com nossos colegas, e eu sentia a mão dele na minha coxa. Seus olhos maravilhosos brilhavam e logo depois eu inventava alguma leitura inexistente que tinha de fazer à tarde e George dizia que tinha de ir à lavanderia e nós íamos para... Dessa vez, transamos no balcão da dispensa momentaneamente abandonada da Prescott.

Parecia que George sempre tinha um lugar onde queria transar comigo e sempre tinha novas formas e posições. A meu favor, eu não passava muito tempo pensando em com quem mais ele poderia ter transado naqueles locais e como. Na verdade, eu nem pensava. Brandon ficaria orgulhoso, pois sempre insistira que eu analisava demais todas as situações com as quais me deparava, destruindo qualquer coisa antes que ela tivesse chance de florescer. Com George, porém, eu estava vivendo o momento. Ele era lindo, divertido e sexy pra caramba e eu não dava a mínima para o que ele andava fazendo desde que ele continuasse me enlouquecendo sempre que ficávamos juntos.

Além disso, estávamos juntos com tanta frequência que, do jeito que o cara estava transando, não acho que ele tivesse tempo ou força necessária para qualquer outra coisa.

O Halloween, sempre significativo no campus de Eli, chegou novamente e, como era o nosso último ano, todos os seniores que conheço saíram. A maioria das Coveiras procurou uma fantasia no mausoléu. Lucky, é claro, manteve a política para nos evitar e não estava em lugar nenhum. Thondike, que ainda não se recuperara do último resfriado de uma série, se animou e se fantasiou de rainha das amazonas, embora todas nós a tenhamos aconselhado a não usar essa reduzida fantasia que não seria capaz de protegê-la contra os elementos da natureza.

— O motivo por que você está sempre doente — afirmou Angel, segurando um maravilhoso vestido georgiano — é que você não se cuida direito. Explique novamente o que você tem contra a lã?

— É uma questão de modelos agrícolas sustentáveis. Pequenas fazendas, tudo bem... Thorndike parou para espirrar.

— O motivo por que você está sempre doente — opinou Little Demon — é que você não toma os suplementos que lhe dei. Com essa dieta vegan que você...

— Eu não vou tomar qualquer coisa que aquele charlatão indicou para você, certo? — rebateu Thorndike — E, para ser sincera, não acho que você deva tomar também. Só porque fez bem a Jessica Simpson...

— Só por isso já é um motivo pra evitar — acrescentei.

Thorndike continuou:

— Eu li no rótulo a lista de componentes eu acho...

Little Demon parou de tentar entrar em uma fantasia de sereia e uniu o polegar com o indicador, levou-os aos lábios e fez um gesto como quem fecha um zíper.

— Fica quieta. Você é médica, ou algo assim? Não. Você nem estuda ciências. Da última vez que soube, você estava se formando em Etnia, Raça e Migração.

— E em que você está se formando essa semana? — perguntou Thorndike. — Você sabe que tem de declarar isso em algum momento antes da formatura, não sabe?

— Cultura Americana — sorriu Little Demon. — E acho que já escolhi o tema da minha monografia. Até mesmo o Errol Flynn ali vai gostar.

Juno erguei o olhar das botas de cano longo no estilo dos Três Mosqueteiros, que tentava colocar. Um cutelo estava preso no quadril.

— Ah, então conte.

— Vou escrever sobre o desenvolvimento e a difusão de organizações universitárias — informou Little Demon. — Li bastante sobre isso nos livros de nossa sociedade e é fascinante. Phi Beta Kappa deu origem à Rosa & Túmulo, que deu origem a outras sociedades, que dá origem a outras fraternidades e irmandades por todo o... — Mas ela parou ao ver a expressão nos nossos rostos. — O quê? É claro que eu não vou falar nada *secreto*!

— Claro que não — disse Angel sem muita convicção.

— E o que exatamente você anda pesquisando? — perguntei. Meus olhos pararam em várias partes de roupas de peregrinos, e eu estava ocupada tentando criar uma para Hester Prynne de *A letra escarlata*, caso ela tivesse sido um pouco mais sexy. Saia longa, capa comprida e colete com o "A" bordado em vermelho. — E o que nosso nobre secretário pensa dos seus esforços?

Um riso nervoso se espalhou pelo aposento.

— Na verdade, ele está mais paranóico que você — respondeu Little Demon. — É bem impressionante. Mas eu me recuso a mudar de comportamento por causa dessas besteiras. Se permitirmos que isso comece a afetar o modo pelo qual levamos as coisas no mausoléu, então os terroristas realmente *venceram*.

Dessa vez, o riso foi sincero.

— Falando sério agora, vocês deveriam ver as coisas que descobri. Se eu tiver algum tempinho, talvez escreva um relatório sobre as coisas secretas e históricas para o restante do clube.

— Ótima idéia — disse Juno. — Sobre o que estamos falando?

Little Demon deu de ombros.

— Escândalos passados, coisas que fariam o que aconteceu na última primavera parecer brincadeira de criança. Vocês acham que os patriarcas estão armados agora, mas vocês deveriam ver que tipo de besteira eles tentaram fazer quando os clubes começaram a atacar as minorias. As facções quase acabaram com este lugar.

Angel colocou uma peruca alta e empoeirada.

— O júri ainda está lá analisando se vamos continuar unidos até o final do ano.

Na saída, encontramos Lucky, que parecia estar deixando a Grande Biblioteca e indo direto para a porta de frente.

— Ei! — chamei. — Espere! — Ela parou e virou, com uma expressão cuidadosamente neutra no rosto. — Tenho a impressão de que você não tem aparecido muito ultimamente. Venha, vamos escolher uma fantasia de Halloween para você sair com a gente.

— Eu não comemoro o Halloween — informou Lucky, seca.

— Por quê?

— Por que vocês querem saber? — devolveu ela.

Ergui as mãos.

— Ei, calma. Fica fria. Eu só pensei que seria divertido. Você nunca mais saiu com a gente...

— É um culto ao demônio — disse ela, me olhando de cara feia. — Então, vão em frente e honrem os demônios. Eu não vou, obrigada.

— Tudo bem. Então que tal nos encontrarmos amanhã? Podemos tomar um café ou algo assim.

— Já disse, não vou.

As outras Coveiras, paradas ao pé da escada, começaram a protestar, e eu me aproximei ainda mais.

— Lucky, você está zangada comigo? Acho que deveríamos conversar sobre isso. Eu realmente não tive a intenção de ouvir o que você e seu namorado estavam conversando. Então, se você quiser que eu não me meta, vou respeitar; não importa o quanto eu queira ser sua amiga. Mas será que dá pra você entender que eu só estava tentando te ajudar?

— Ajudar-me como? — gritou ela. — A virar alguém como vocês? Não, obrigada.

Ao ouvir isso, as outras meninas respiraram fundo.

— Olhe aqui — gritei de volta. — Nunca julguei você e, acredite-me, se eu quisesse, poderia. Inclusive dizer muita coisa sobre como você está sendo preconceituosa e grosseira, e como você não sabe tomar boas decisões...

— Ah, é claro — respondeu ela, usando um tom de puro desdém — Vá em frente e ataque os meus princípios de *sua* posição na sarjeta. Você parecia muito cheia de moral na *cozinha*.

— Eu? — gritei. — Foi você que começou. Isso não tem nada a ver com diferença entre valores. Eu respeito os seus, Lucky. Tudo o que eu queria era conversar com você porque eu achei que seu namorado a estivesse pressionando a fazer algo que você não queria.

Ela se empertigou.

— Você não me conhece e parece óbvio que não conhece o meu namorado e, acima de tudo, você não faz a menor idéia do que *eu quero fazer*. Então fique fora da minha vida, Bugaboo.

Com isso, ela saiu. As outras quatro se juntaram a mim.

— Será que vocês duas têm algum problema sobre o qual não sabemos? — perguntou Thorndike, olhando enquanto Jenny se retirava.

— A mesma história de algumas semanas atrás — comentei. — Sem querer, ouvi uma briga entre ela e o namorado... — e ela me viu ficando com George — ... e não acho que ela esteja lidando muito bem com isso.

— Vou sair do limbo aqui e supor que o resto de nós receberá o mesmo tratamento — disse Angel. — Ela praticamente arrancou a sua pele. Não sabia que ela era assim.

— Melhor você do que eu — opinou Little Demon. — Eu já tive algumas brigas com amigas. Mas aquela garota? Ela faria Lindsay Lohan tremer.

— Ela não costumava ser assim, não é? — perguntou Juno. — Sempre tive a impressão de que ela era doce e quieta.

— Sim, ela é quieta, mas nem um pouco doce — murmurei.

— Não se preocupe. — Angel colocou o braço coberto de brocado no meu ombro e me abraçou. — Ela vai se acalmar para a próxima reunião e vocês podem tentar resolver isso.

— Você acha?

— Claro. Somos Coveiras.

Saímos do mausoléu e seguimos para o apartamento de Clarissa para dar os retoques finais de cabelo e maquiagem (Odile era excelente com o delineador). Um pouco da vibração da festa tinha diminuído depois da discussão que eu tivera com Jenny. Mara, em especial, parecia estar de ótimo humor, mas provavelmente porque, dessa vez, ela não era a Coveira estranha que estava de fora. E sim, eu tinha de admitir que Mara estava me conquistando. Ainda achava suas opiniões bruscas e sua natureza truculenta um pouco irritantes, mas quem era eu pra usar isso contra ela? Se as outras Coveiras conseguiam agüentar a minha tendência à teoria da conspiração, então por que eu não poderia dar um passe livre para a Rainha do Sindicato Estudantil de Eli? (Além disso, Clarissa serviu uma garrafa de Krug e isso realmente fez com que todo mundo ficasse mais amigável.)

Infelizmente, eu já tinha prometido ir ao concerto anual da Orquestra Sinfônica de Eli com Lydia, então tive de deixar as outras garotas fantasiadas e seguir para casa no final da tarde fria. Minha colega de quarto e eu quase não passamos tempo juntas nas últimas semanas. Ela andava ocupada com Josh, e eu com George, e ambas estávamos ridiculamente ocupadas com as tarefas acadêmicas, isso sem mencionar nossas respectivas sociedades.

Ainda mantínhamos segredos sobre nossas sociedades, mas eu começava a ver fissuras na armadura. Minha melhor amiga andava soltando algumas dicas sobre planejar uma viagem para nossas últimas férias de primavera (quando todos os Coveiros historicamente se retiravam para nossa ilha particular), e, quando neguei, as coisas ficaram um pouco frias.

Nas duas semanas que se seguiram, ela atendia todas as ligações no quarto, deixava a suíte bem cedo nas noites de sociedade e fazia várias menções a "tradições de Eli" sobre as quais nunca ouvi. Elas só podiam ser parte de alguma sociedade específica. Eu tinha de lembrar de perguntar a Greg ou Odile se, em suas pesquisas, eles já tinham visto alguma menção de qualquer sociedade no campus que incorporava nos ritos de iniciação o

“sangue” de hambúrguer cru ou as penas que encontrei no piso de nossa suíte na primavera passada, ou se eles conheciam qualquer dos termos que Lydia andava dizendo. Eu mesma já havia deixado escapar alguns jargões usados pelos Coveiros no mundo bárbaro. (Viu? Lá vou eu!) Talvez as palavras sirvam como dicas para sua identidade na sociedade secreta.

TERMOS ESTRANHOS QUE LYDIA DEIXOU ESCAPAR

- 1)** Empacotar como eu “Devemos empacotar aquele seminário de Política em Prosa juntas no próximo semestre. Acho que é muito difícil conseguir entrar, mas somos seniores e é importante para nossa graduação”. ← Minha teoria é que isso significa que devemos fazer o seminário juntas ou não fazê-lo.
- 2)** Arrancar, como em “Não acredito que ele falou um negócio desses em uma sala cheia de mulheres. Nós quase o arrancamos ali mesmo”. ← Minha teoria é que isso significa agredir alguém.
- 3)** Armar, como em “O refeitório estava armado hoje à noite. Você gostou das batatas?” ← Minha teoria é que isso significa que os cozinheiros estavam incapacitados.

Ou isso ou ela tinha adotado uma gíria do hip-hop. Ainda assim, eu queria descobrir. Afinal, ela sabia que eu estava na Rosa & Túmulo; parecia justo que eu soubesse em que sociedade ela havia entrado. E não seria uma ironia do destino se o mausoléu que invadísemos na expedição anual fosse o da sociedade de Lydia?

Cruzei a Chapel Street, passei por baixo dos arcos do prédio de História da Arte e cheguei à High Street. E foi quando o vi. Micah Price, em pé bem ao lado do arco que fica na rua secundária do mausoléu. Congelei e encostei na parede. Graças a Deus eu estava usando uma capa que sem dúvida o impedia de me ver. O que ele estava fazendo ali? Enquanto eu observava, a porta do mausoléu se abriu e Jenny saiu. Ele observou enquanto ela descia os degraus e ia ao seu encontro. Eles ficaram com as cabeças unidas por um tempo, sussurrando um para o outro e eu não consegui entender o que falavam.

Revirei os olhos. Sim, ela definitivamente estava usando uma interpretação bastante imaginativa do juramento de discrição. E, com toda certeza do mundo, eu falaria sobre isso na próxima reunião. Não dava a mínima para a raiva que ela sentia de mim.

Cheguei a suíte e descobri que Lydia e Josh tinham começado a festa sem mim. E o mais surpreendente: George estava com eles.

— Presumo que você não se importe com o fato de ele ter aparecido na nossa porta? — perguntou Lydia, com um olhar cheio de malícia, enquanto me oferecia um copo de bebida. — Beba logo, estamos atrasados.

Lydia usava uma roupa de montaria completa, com chapéu de veludo e chicote, o que aparentemente divertia muito Josh, que tinha escolhido uma fantasia de James Bond (ou seja, smoking, copo de Martini e uma pistola de plástico) e George, que nunca perdia uma oportunidade de ser: a) diferente ou b) maldoso, estava usando camiseta com uma estampa que dizia: “Sou um homem de Nantucket” se referindo ao famoso e indecente poema.

Juntos atravessamos o campus até o Memorial Hall, aquecidos apenas pelos drinques oficiais que bebemos no quarto e (no meu caso, pelo menos) pela fantasia fina. Durante

todo o caminho, George se divertiu tentando enfiar doces dentro do decote do meu vestido e eu fiz o que pude para afastá-lo com sacudidas da minha capa.

— Vou procurá-los depois — sussurrou ele.

O salão do show era um zoológico, como sempre no Halloween. O enorme mezanino já estava quase explodindo tamanha a quantidade de alunos que, bêbados e fantasiados, corriam pelos corredores, mostrando as fantasias e conversando. Acima de nós, havia duas sacadas com pessoas vestidas de diabo, Princesa Léia e roupas decotadas (vestidos verdes eram a principal escolha nos campi do país para o Halloween) e interpretações obscuras de idéias abstratas, que costumava ser um ponto forte em Eli. O objetivo é inventar uma roupa confusa, fazendo com que todos à sua volta se maravilhem com seu brilhantismo e lhe implores para dizer qual é, afinal, a fantasia que você está usando. Essas pequenas excentricidades pontilhavam o salão, estufando o peito e tentando impressionar os passantes. Vi quatro tipos musicais usando aventais, segurando tesouras e secadores de cabelo (Quarteto da Barbearia), uma garota com um par de sapatos de salto alto pendurados no pescoço de pernas para o ar, um homem com um terno de veludo com números colados (Matemática obscura) e uma mulher — que me deixou confusa por três minutos — usando um biquíni feito com dois pratos do refeitório e um teclado de computador e carregando uma garrafa de Schweppes. Finalmente consegui entender: Pratos Tectônicos.

Estávamos tentando passar por um calouro usando uma daquelas fantasias de frutas que eu achava que só fossem usadas em comerciais da Fruit of the Loom da década de 1980 e um cara com o corpo nu todo pintado com o estilo de Mark Rothko, quando senti uma mão pegar a minha.

— Amy! — gritou Brandon.

Virei e vi que ele estava sentado no final de uma fileira, com uma excelente fantasia de Alex do filme *Laranja mecânica*, com chapéu de feltro e cílios postiços. A seu lado, Felicity parecia ter saído de um videoclipe do U2 com barriga de fora e fantasia de dançarina/gênio. Um cinto de moedas douradas adornava a cintura fina e o longo cabelo escuro estava artisticamente preso no topo da cabeça.

— Vocês estão procurando lugar? — perguntou ele.

Ele tentou se espremer um pouco na fileira, mas Felicity parecia precisar de mais espaço do que se poderia imaginar, considerando sua magreza. Eu a vi observando minha fantasia e os olhos se demorando na letra vermelha bordada no corpete.

— Amy — chamou George, aparecendo do meu lado. — Lydia encontrou um lugar pra gente. Vamos. — Ele olhou por cima do ombro para o espaço que Brandon tinha aberto e meneou a cabeça. — Não acho que esse lugar seja grande o suficiente para todos nós.

Brandon apenas me olhou com os olhos muito maquiados e acenou lentamente.

George se inclinou um pouco.

— Olá. Acho que nos conhecemos no ano passado. Sou George Prescott.

Os olhos de Felicity se arregalaram, embora eu não tenha muita certeza se foi por causa do nome ou por causa da reputação.

O namorado dela pegou a mão de George e pareceu se animar de novo.

— Sou Brandon e esta é Felicity.

A letra escarlate dá as catas mais uma vez: Dimmesdale, deixe que eu apresente Chillingworth.

— Bem, divirtam-se no show. — George colocou a mão na minha cintura. — Vamos, Boo. Já vai começar.

— Legal a fantasia de vocês. — Eu disse para o casal.

— Obrigada — respondeu Felicity. — Estou fascinada com a sua.

— Deu tudo certo com a sua tutora de matemática? — perguntou Brandon. — Tipo assim, você resolveu tudo?

Não, não resolvi. E quando tentei Jenny foi uma vaca.

— Tudo bem — menti, prometendo a mim mesma que a primeira coisa que eu faria na manhã seguinte seria procurá-la, desde que ela não tivesse ocupada com um ritual de purificação do dia de todos os santos.

Querendo ou não, eu tinha uma obrigação para com ela.

Mas, por enquanto, eu pretendia curtir a minha noite como uma das milhares almas “adoradoras do demônio” que lutavam para afastar o frio de novembro que se aproximava, ouvindo a orquestra sinfônica de primeira classe em fantasias estranhas. Não conseguia entender como alunos, tão fantasiados quanto teorias geológicas, podiam homenagear os demônios do Hades. Eu achava que isso era apenas diversão e que Halloween era apenas o nome que se dava para esse tipo de diversão.

Será que isso não é pensar demais?

George me puxou para o seu colo quando as luzes diminuíram. Todos os anos a ESO faz um show fenomenal. Os membros não apenas eram músicos de primeira linha, mas também tinham um excelente senso de excentricidade, baseando o show de cada ano em um filme caseiro que, em feral, seguia tramas que combinariam muito com o especial de fim de ano de *Os Simpsons*. E o show sempre começava do mesmo modo: com a organista tocando a *Tocata e Fuga em Dó Menor* nos antigos canos embutidos nas paredes. As luzes lentamente começavam a iluminar um trio de violinistas em volta de um caldeirão que soltava fumaça que balançava os cabelos horríveis no ritmo da música. Eram as Irmãs Estranhas.

Cara, eu adoro Eli.

Tudo bem, talvez Jenny tenha um pouco de razão sobre os laços que o feriado quarta com o satanismo, mas quem era ela pra falar alguma coisa? Afinal, ela passava algumas noites da semana usando uma túnica em uma sala iluminada por velas presas dentro de crânios e professando lealdade a uma deusa do Hades. Considerando isso, eu acho que a Rosa & Túmulo tinha muito mais momentos ligados a atividades infernais que o Halloween.

As últimas notas de Bach cobriram essas reflexões e, de repente, por mais inacreditável que seja, eu não estava pensando mais sobre música ou Halloween, nem mesmo no modo como as mãos de George estavam subindo muito lentamente pelo meu corpete, sem dúvida procurando por algum doce perdido. Em vez disso, comecei a lembrar de uma conversa que tive com Jenny. Foi na nossa noite de iniciação na Rosa & Túmulo e

estávamos nos escondendo dos outros convocados, que tinham decidido nadar na piscina coberta depois do jantar na mansão onde aconteceu a nossa festa. Eu tinha tentado começar uma conversa, para nos conhecermos melhor e ela começou a falar sobre a "Irmandade da Morte" e suas "intenções demoníacas". Alguns dias depois, ela disse que queria mudar a sociedade da Rosa & Túmulo de dentro pra fora.

Ela demonstrou desrespeito suficiente para com nossas tradições nas últimas semanas para me convencer que odiava a nossa estrutura atual. Eu realmente desconfio que ela contou para o tal de Micah o que eu disse no meu EN (se é que não contou para outras pessoas também), quebrando seus juramentos e minando a estrutura da nossa sociedade. O único motivo por que os Coveiros se sentiam tão à vontade para falar no mausoléu era porque sabiam que os outros nunca os trairiam. Ainda assim, era provável que Jenny estivesse fazendo exatamente isso. Quem poderia saber que outros segredos poderiam atingir meus colegas Coveiros de alguma forma no mundo exterior? Dei uma espiada em Lydia e Josh, que estavam se acariciando na extremidade da fileira. Mesmo eu, que tinha uma razão nobre para contar alguns segredos (eu e minha colega de quarto éramos unha e carne depois de três anos morando juntas), tinha conseguido resistir à tentação e não quebrei o meu juramento.

E quão realista era uma gênio do computador, uma mulher que ganhou vários milhões de dólares no seu aniversário de 18 anos ao vender um software para uma grande empresa do Vale do Silício, não conseguir fazer algo tão simples quanto localizar um mero endereço de IP?

E, então, por que hoje a noite ela havia voltado ao mausoléu depois que tínhamos saído? Nós nem sabíamos que ela estava lá, e ela só deu sinais de que ia sair quando nos viu na escada. Será que ela havia voltado mais tarde, sabendo que nós já havíamos ido embora, para terminar o que havia começado?

— George — disse eu, tentando ser ouvida por sobre o som que vinha do palco —, acho que sei quem está fornecendo as informações.

— O quê? — gritou ele, quando a multidão começou a gritar. Na tela acima de nós, dois artistas performáticos da banda vestidos com os casacos de couro no estilo de *Matrix* abriram caminho por um cenário ultramoderno de uma biblioteca de livros raros em uma busca por... bem, eu não estava prestando atenção...

— Eu disse que acho... — Olhei em volta pra ver quem nos cercava e lembrei do aviso padrão de Malcolm para sermos discretos quando se trata de um assunto da Rosa & Túmulo.

Além disso, acho que George não daria a mínima para essa informação. Ele permaneceu completamente desinteressado em todo esse lance de traidor desde o início. George poderia aceitar a Rosa & Túmulo ou deixá-la. Ele só entrou como um favor ao pai e, mesmo assim, houve muita negociação e, até um pouco de força por parte do Prescott mais velho a fim de conseguir isso.

Mas Josh estava bem próximo. Tenho certeza de que ele ia gostar de ouvir meus pensamentos sobre o assunto. Ainda assim, um olhar para o casal indicou que nenhum dos dois receberia bem uma intromissão. Além disso, George tinha acabado de decidir que queria me levar para um canto para pegar uma bala.

Eu encontraria com Josh no nosso quarto depois do show. Isso poderia esperar.

Exceto pelo fato de que não voltei para o meu quarto. Depois do excelente show, fomos para a Associação de Cinema de Eli, que exibia todo ano uma reprise de *The Rocky Horror Picture Show*, onde assistimos a pessoas com fantasias reduzidas correndo de um lado para o outro do palco, atirando pedaços de pão e alegrando-se com comemorações bêbadas e animadas, até que George e eu decidimos voltar para Prescott e recriar algumas das cenas-chave, sem a presença de alienígenas transexuais. Em uma noite como essa, eu realmente amava Eli. E isso seria uma ótima recordação dos bons tempos.

Porque novembro era sempre uma merda.

*Por meio dessa eu confesso:
a discrição é a melhor parte do vício.*

9.

Assuntos atuais

Eu já estava atrasada na manhã seguinte e, enquanto eu me apressava pela porta e subia para a nossa suíte no primeiro andar, não havia nada na minha cabeça, a não ser: escovar os dentes, mudar a roupa íntima, pentear o cabelo, olhar para o meu rosto ver se ainda havia brilho da fantasia (que estava embolada em um canto do quarto de George). Passei correndo pela área comum da suíte e segui em linha reta até a porta do meu quarto.

— Bom dia, Amy — cumprimentou-me uma voz masculina às minhas costas. — Virei e deparei com Josh sentado no nosso sofá com um laptop no colo. Ele fechou a tampa e colocou o computador de lado. — Precisamos conversar.

— Merda. Sim, temos que conversar. Tenho algo pra contar, mas estou atrasada e...

— Você tem tempo para isso. Sente-se.

Pisquei pra ele. Como assim? *Sente-se*. Este homem tinha a minha idade, estava no meu quarto, sentado no meu sofá e estava ordenando que eu me sentasse como se fosse o meu pai.

— Onde está Lydia? — perguntei sem me sentar.

— Na aula.

— Bem, por mais que eu adore tê-lo aqui, Josh, eu realmente preciso correr. Mas quero conversar com você. Acho que é Jenny quem está passando as informações.

Ele pareceu incrédulo.

— Não, não é ela. Pode acreditar. Estamos trabalhando muito próximos nisso e ela está se esforçando ao máximo para tentar localizar esse cara. Ninguém se esforçaria tanto se estivesse envolvido de alguma forma.

— Tem certeza que isso não é só pra disfarçar? — perguntei. — Continue falando enquanto eu troco de roupa rapidinho. — Entrei no meu quarto e arranquei a roupa. — Tenho motivos para crer que ela anda contando para o namorado tudo o que acontece no mausoléu, quebrando o juramento de segredo.

— Você tem provas disso? — ouvi Josh perguntar.

Esfreguei o rosto com uma toalha, mas o brilho estava grudado.

— Não, mas um dia depois do meu EN, ele olhou para mim como se conhecesse todos os meus segredos sujos. Além disso, eu o vi próximo ao mausoléu ontem à noite.

— Onde ele estava?

— Perto do arco do prédio de História da Arte.

Josh riu.

— Tudo bem, isso é tecnicamente fora do mausoléu, do mesmo modo que este quarto. Estamos falando daquele cara do grupo de oração, não é? Ele provavelmente a odeia por nenhum motivo específico. Esse é o lance dele, lembra? — continuou ele, enquanto eu trocava de roupa e prendia o cabelo. — Olhe, eu sei que você tem uma tendência a... hum... sei como você costuma atribuir... — Ele pareceu pensar melhor e mudou totalmente a direção da frase. — Pode acreditar quando digo que não pode ser Jenny. Passamos horas juntos para tentar descobrir alguma coisa sobre o vazamento de informações. Horas. Não se pode fingir por tanto tempo. Ela é incrivelmente dedicada. Tenho certeza de que você está errada.

Ótimo. Agora eu era o "menino pastor que inventou a história do lobo para assustar os outros" porque eu tinha uma tendência a acreditar em "teorias da conspiração". Saí do quarto.

— Pode até ser. Mas tenho certeza que ela contou a Micah sobre o meu EN. E vou confrontá-la em relação a isso. — Cruzei a posta. — Foi ótimo conversar com você.

— Espere um pouco! Eu a ouvi agora é a sua vez.

— Sim, você me escutou. Ótimo. Olhe, eu tenho de correr...

Virei a maçaneta.

— O que você anda fazendo com George?

Parei e virei para ele.

— Nada.

— Não minta pra mim, Amy. Você está dormindo com ele?

Eu ri.

— Como se isso fosse da sua conta.

— Como secretário da C177, é da minha conta, sim.

Cruzei os braços.

— Acho que não. Isso não tem nada a ver com a Rosa & Túmulo.

— Pelo que sei, tem *tudo* a ver com o que acontece no mausoléu. — Ele me olhou nos olhos e fiquei sem ar. Será que o Templo Interior tinha câmeras escondidas? Meu Deus, isso era embaraçoso. — Não sei por que você escolhi justamente esse momento em que tudo está tão frágil para nos enfraquecer ainda mais.

— Você só pode estar brincando. Enfraquecer a sociedade? Estamos falando de assuntos bárbaros. O que George e eu... Veja bem, *George e eu*, não Puck e Bugaboo, fazemos não afeta você.

— Nós dois sabemos que isso não é verdade. Você não espera que esse lance entre vocês dure para sempre, não é? Você conhece George. E, quanto tudo terminar, alguém vai sair magoado e todos os Coveiros sofrerão as consequências. Incesto na sociedade é uma péssima idéia.

Você conhece George? Sim, eu conhecia e também conhecia o homem à minha frente.

— Só vou dizer isso uma vez, e como você é um cara inteligente que conseguiu não apesar entrar para a Phi Beta Kappa, mas também uma namorada nessa sociedade, tenho certeza de que vai entender tudo direitinho. Transo com quem eu quiser e nem você nem nenhum outro Coveiro tem o direito de se meter. Diferente de você, George e eu somos perfeitamente honestos um com o outro sobre o que estamos procurando no nosso relacionamento.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Josh, se levantando.

— Exatamente o que você entendeu. Como você se atreve a me acusar de ser do tipo que quebra juramentos por motivos pessoais? Se isso fosse verdade, eu teria contado à Lydia sobre você há muito tempo. — Coloquei a mão na maçaneta. — Mas quem sabe você não está certo? Talvez eu devesse contar. Eu não sei quanto a George e eu, mas também sei que a sua relação não vai durar para sempre. Juro a você que, se magoar a minha melhor amiga enquanto eu fiquei parada sem fazer nada como uma boa Coveira, *eu vou* quebrar meus juramentos. Farei de tudo para arruinar a sua vida, sem me importar com os votos que fiz.

É suficiente dizer que Josh e eu não ficáramos muito amigáveis um com o outro depois disso. Mas isso me incomodou mais do que eu poderia imaginar. Afinal, devíamos nos apoiar uns nos outros em tempos difíceis e, em vez disso, eu me desfiz de um dos meus irmãos favoritos, e George não queria falar sobre o assunto. Por causa da atmosfera fria, desconfortável e frustrante, fiquei compreensivelmente aliviada quando Clarissa e Demetria convocaram uma reunião das Coveiras um dia antes da nossa próxima reunião de Coveiros. Eu aguardava pela chance de me acalmar conversando com as minhas amigas mais simpáticas (já que a minha suíte se tornou uma zona da guerra fria) e por finalmente poder resolver as coisas com Jenny.

Mas, quando cheguei à pizzeria do campus onde as Coveiras deviam de encontrar, só havia quatro cavaleiras esperando por mim: Clarissa, Demetria, Mara e Odile. A pequena fofqueira tinha optado por não ir. Bem, não importa. Eu dividiria minhas suspeitas com as outras meninas e veria se elas me levariam mais a sério que Josh.

— Você está atrasada — reclamou Clarissa, virando-se no banco e segurando um copo de plástico com Coca-Cola light. — Pedi a salada grega pequena que você sempre come. Não sei como você consegue lidar com tanta gordura.

“Pequena” era um adjetivo inadequado quando se tratava da salada pequena na Normandy Pizza. Ela era praticamente do tamanho de uma bola de futebol americano, cheia de queijo feta, um monte de azeitonas e molho.

— Delícia — disse eu, sentando no banco. — Alguém sabe onde está Jenny?

Demetria deu de ombros.

— Essa não é a primeira vez que ela nos deixa na mão. Essa garota não sabe quais são as suas prioridades.

Clarissa concordou.

— Será que alguma de vocês viu a tatuagem dela? Acho que ela nem chegou a fazer.

Mara deu de ombros de forma delicada.

— Será que posso, uma vez mais, dizer o quanto fiquei satisfeita por me juntar a esse grupo alegre depois de todo esse assunto de tatuagem? Manchar a pele de alguém dessa forma é um sinal de barbarismo.

Nós quatro olhamos uma para as outras e sorrimos.

— Nesse caso — informei —, é exatamente o contrário.

— Espero que ela venha — disse Clarissa. — Mas não vou ficar esperando. Temos muito o que conversar, então vamos começar antes de ela chegar. Toda essa história de vazamento de informações está mexendo muito com os patriarcas. Francamente, achei que eles seriam mais legais, levando em conta que estamos protegendo os segredos deles.

— Você falou como alguém que venderia os segredos deles só pra se vingar do fato de que eles serem um bando de imbecis — sorriu Demetria. — Mas você viu o website? Fala sério. Eu me recuso a me armar contra um site com letras brilhantes e gifs animados. Acho que a artilharia de verdade deveria ser reservada a algo de aparência mais profissional.

— A questão não é o website — argumentou Clarissa. — É quem o website usa para publicar suas histórias. Josh diz...

Revirei os olhos.

— Josh diz um monte de coisas, mas só porque ele é secretário não quer dizer que ele é como o nosso chefe. Às vezes parece que teremos de ser revistados antes de entrar e sair do mausoléu!

— Nem me diga — concordou Odile. — Vocês deveriam ter visto o interrogatório que sofri quanto voltei de Nova York no mês passado. Que hora, hein? E ele começou “Que conveniente você estar fora daqui no dia em que as notícias vazaram, Little Demon”. Certo. Como se eu fosse vender os meus serviços para algum website dedicado a teorias da conspiração no mesmo final de semana em que apresentei o *Saturday Night Live*. Por que diabos eu faria uma coisa dessas, quando eu tinha um público muito maior esperando para ouvir algumas fofocas de Eli? Juro que a única coisa que Lorne queria de mim era que eu falasse algum segredo picante sobre essa universidade. — E então ela tossiu.

Se tivesse em um romance de Dickens, esse seria um sinal de que Odile pegara uma doença fatal e morreria dentro de alguns capítulos. Mas, no meu mundo, isso significava outra coisa bem diferente. Mara e eu nos mexemos no banco e, pela primeira vez em nosso relacionamento nossos olhares se encontraram em mútua compreensão. Olhamos de Demetria para Odile e depois de uma para a outra novamente.

— O que foi? — perguntou Clarissa, enquanto Demetria baixava a cabeça. A compreensão demorou a chegar à mente da Senhorita Alta Sociedade. — Aaaah.

— Vocês duas estão ficando? — questionou Mara.

— Não! — protestou Demetria de forma veemente demais.

Odile lançou-lhe um olhar incrédulo.

— Eca! — disse Clarissa. — Incesto na sociedade. Péssima idéia.

— É? — perguntei enquanto me ocupava da minha sala.

Fique quieta, Amy. O peixe costuma morrer pela boca.

— Dã-ã. É claro. — respondeu Clarissa.

— Eu não acho — discordou Odile.

Demetria bufou e disse:

— É claro que *você* diria uma coisa dessas. Você não é do tipo que se preocupa com tabus, não é? Você é do tipo George Harrison Prescott, mas sem o pinto.

— Não ouvi você reclamar — devolveu Odile.

Clarissa colocou a mão entre elas.

— Calma, gente.

— Esqueça isso — disse Demetria. — Foi uma bobagem. — Ela olhou para Odile. — Não leve a mal, mas você tem de admitir que foi uma bobagem.

Odile deu de ombros. Mara parecia mais escandalizada do que eu jamais vira antes (o que significa muita coisa) e eu estava consumindo uma pequena torre de alface, queijo feta, azeitonas e tomate no meu garfo. *Tipo George Harrison Prescott?*

Por um lado, eu estava louca para ouvir um pouco mais sobre a fofoca mais legal da Rosa & Túmulo nos últimos meses. Por outro, parecia um pouco hipócrita da minha parte ceder à tentação, quando, atualmente, eu mesma tinha um caso dentro da sociedade. Melhor não dar muita atenção ao que quer que tenha acontecido entre Demetria e Odile, para que isso não se torne uma especulação sobre quem está ficando com quem no nosso clube.

É claro que George ainda tinha o seu EN, o que significava que, se ele estivesse planejando ser fiel aos seus juramentos (o que sempre ficava no ar no caso de um cara como George), então tudo que fizemos viria à tona. É claro que Josh já sabia pelo menos uma parte da história. Talvez eu devesse contar para as Coveiras, para que elas não ficassem chocadas quando descobrissem pelos canais oficiais. Elas não me julgariam, certo? Tipo assim, o cara era lindo, sexy, infame e eu aposto que todas elas, mesmo Demetria, que gostava mais de mulheres, já devem ter se perguntado se os rumores eram verdadeiros. Além disso, éramos Coveiras e devíamos amar e apoiar as outras e tudo o mais.

Embora talvez, recentemente, eu não estivesse fazendo muito isso com um dos meus amigos e cavaleiros.

— Meninas... — comecei.

Mas bem nesse momento, nossa garçonete, uma outra lenda de Eli (ela trabalha no restaurante há mais tempo que os conselheiros dos conselheiros dos conselheiros de nossos conselheiros) parou ao lado da nossa mesa e nos entregou uma pequena pasta preta de couro.

— Nós ainda não pedimos a conta — reclamou Clarissa.

A garçonete virou as mãos pra cima.

— Eu não me envolvo com vocês.

E foi embora.

Clarissa franziu o cenho e abriu a pasta. E lá, em um pedaço de papel havia três palavras escritas:

Está no ar.

*Por meio desta, eu confesso:
queria estar errada*

10. Desaparecida

Antes de se formar, Malcolm me disse que era ótimo eu ter uma média de notas alta antes de entrar para a Rosa & Túmulo, porque os meus compromissos para com a sociedade consumiriam muito do meu tempo. Ele não estava brincando. Acho que não pensei mais sobre os trabalhos e estudos da faculdade depois que recebemos o bilhete. Não. Tudo em que eu conseguia pensar era em e-mails zangados, reuniões emergenciais e, é claro, o horrível escrutínio constante de todo o corpo estudantil concentrado de repente no mausoléu da High Street.

O tablóide do campus, *The Ruckus*, foi o primeiro a cobrir a história, publicando em um especial de página inteira um alerta sobre o website da conspiração e sobre todos os segredos que ele colocou no ar. (Sem dúvida eles ainda não tinham superado o fiasco do relógio com horário de várias partes do mundo.) Como era de esperar, muitos blogueiros políticos farejaram o cheiro de sangue no ar e, a partir daí, foi dada a largada para saber quem seria o primeiro blog a publicar a história completa. Na mídia impressa, desde o *Eli Daily News* e o *New Haven Register* até o *New York Times*, o *New York Post* e o *Washington Post* estavam apenas um pouco atrasados em relação ao jogo, considerando a inconveniência de se trabalhar para noticiários impressos. Não era mais seguro se aproximar do mausoléu, já que o Canal 8 de notícias e a CNN estavam acampados do lado de fora, tentando conseguir uma entrevista exclusiva com um Coveiro de verdade.

O que será que eles estavam esperando? Que o presidente viesse para New Haven e entrasse no mausoléu?

Por sorte, todas as mídias controladas por um Coveiro (e havia muitas) ficaram o mais longe possível de toda essa loucura. E o que, afinal, o traidor disse? Ele fez uma análise detalhada de todos os nossos ritos de iniciação, listas de integrantes de alguns clubes e

chamadas para informações mais suculentas que seriam publicadas na semana seguinte. Aparentemente, o indivíduo estava dando aos patriarcas e suas façanhas adolescentes um alívio temporário de uma semana (a fim de aumentar a expectativa e a extorsão).

A reação dos patriarcas, conforme avaliada pelos e-mails do domínio Phimalarlico, pelo correio de voz do mausoléu e pelas ligações furiosas para nosso secretário, Josh, podiam ser divididas em três grupos:

Padrão: "Liguei para expressar a minha decepção com a atual cobertura que a mídia está fazendo sobre a nossa sociedade. Fiquei ao lado desse novo clube, por mais não-ortodoxo que ele fosse, desejoso de dar a vocês o benefício da dúvida, acreditando que esse grupo nada convencional pudesse injetar sangue novo na organização. Estou começando a me questionar se meus colegas patriarcas não estavam corretos na decisão original de invalidar os convocados. Esta é uma virada aterradora dos acontecimentos e estou começando a reconsiderar minha opção de continuar apoiando essa sociedade até que vocês resolvam essa situação."

Zangado: "Sabia que não podia esperar muito desse clube, mas isso já está chegando a um nível totalmente inadequado. Em menos de seis meses, vocês estão conseguindo afundar a Rosa & Túmulo. Vocês precisam descobrir quem é o cavaleiro responsável por esse vazamento de informações e lidar com ele... ou com ela. Eu não passei mais da metade da minha vida protegendo o juramento dos meus irmãos para permitir que vocês destruam tudo. Vocês não verão mais nem um centavo do meu dinheiro."

Kurt Gehry: "Seus filhos-da-puta incompetentes, eu disse para tomarem conta disso. Bom, se vocês não podem ou não conseguem fazer tudo que é necessário para resolver isso, acho melhor nós assumirmos a partir daqui. Observem como *homens*, Coveiros *de verdade*, lidam com quem nos ameaça."

Na quinta-feira à tarde, cruzei com Genevieve Grady, ex-editora do *Eli Daily News* e ex-namorada de Malcolm Cabot e a quem a Rosa & Túmulo pensou em convocar. No ano passado, Genevieve, em um momento de ódio de mulher abandonada, havia ameaçado chantagear Malcolm para que ele lhe cedesse segredos do mausoléu, mas eu consegui convencê-la a deixar isso de lado. Quando ela me viu chegando, ergueu as mãos como se estivesse se rendendo.

— Amy, eu juro! Juro que não tive nada a ver com...

Meneei a cabeça.

— Eu sei que não. Seu jornal só está repetindo o que saiu no website. Tudo bem.

— Então, você sabe quem é o responsável? — perguntou ela, assumindo imediatamente seu lado jornalista.

Olhei para ela de cara feia.

— Ah, como se eu fosse dizer isso a você.

Ela riu.

— Fala sério, Haskell. Você é a minha fonte secreta.

— Não dessa vez. Você perdeu seu poder de barganha.

Seu sorriso se apagou.

— Você tem falado com... ele?

Genevieve se apaixonara por Malcolm, mas o pobre rapaz era incapaz de retribuir o sentimento.

— Tenho, sim. Ele contou aos pais no verão passado e, como era de esperar, eles o deserdaram. Ele está morando no Alaska por uma ano, antes de entrar para a faculdade de administração.

— Deserdaram? — Ela mordeu o lábio. — Acho que gostaria de mandar um e-mail para ele. Eu me sinto tão mal pelo ano passado. Acho que fiquei um pouco maluca.

Você acha? Mas me segurei para não falar.

— Aposto que ele ia gostar disso.

— Tudo bem, então é o que farei. Ah, Amy... — Ela tocou meu braço. — Pensando bem, fico muito feliz que ele tenha convocado você, e não a mim.

Eu me afastei. Sim, ela certamente estava doida para falar isso.

Mas o resto de nós estava sentindo na pele. Quinta-feira à noite, conseguimos realizar nossa reunião usando um complexo sistema para visitar o jardim de esculturas do prédio de Arte e Arquitetura, enquanto vários caminhões de entrega estavam parados na frente do mausoléu.

— É por isso que devíamos ter uma entrada secreta conforme me prometeram — resmunguei para Odile, que estava escondida atrás de uma pilha de caixas de leite.

O jantar daquela noite foi um evento deprimente, apesar da comida excepcional de Hale. Entramos um por um e reviramos a comida. Já que domingo havia sido reservado para a apresentação de um patriarca que tinha acabado de chegar da Bolívia, mudamos temporariamente o cronograma de ENs para quinta-feira, embora, considerando as circunstâncias do vazamento e da futura humilhação de novas informações sobre os Coveiros serem reveladas, ninguém estivesse muito animado para dividir suas histórias sexuais. Em um primeiro momento, pensamos que poderíamos seguir com o cronograma e nos ocuparmos com os antigos debates políticos da Rosa & Túmulo, mas a situação não saía da cabeça de ninguém — nem mesmo de Soze, que estava sempre no modo sério.

— Vamos ver o lado positivo — disse ele, brincando com o purê de batata no prato. — O que aquele site idiota disse? Um monte de merda sobre nossos ritos de iniciação, além de um mapa do andar térreo do mausoléu. Eles não publicaram nenhum segredo dos Livros Negros.

— Não — concordou Frodo, que finalmente conseguira entrar. Até agora, apenas oito de nós tinham conseguido chegar. — Eles estão guardando isso para a grande revelação da semana que vem. — Temos de localizar esse cara antes que as coisas fiquem ainda piores.

Comi um pedaço de bife e olhei para Soze.

— Vocês têm visto Lucky? Eu não a vejo há um tempão.

— Deixe isso para lá, *Boo* — devolveu Soze.

E se Puck notou o uso do seu nome especial para mim, não demonstrou. Diferente do restante de nós, meu amante não parecia nem um pouco preocupado com a reviravolta

dos acontecimentos e estava degustando o jantar com prazer. Ele já havia repetido a carne duas vezes e não parava de olhar para o pedaço no meu prato.

Mas Little Demon correu para me defender.

— Por que ela deve deixar para lá? Você pegou no meu pé porque eu estava em Nova York quando surgiu o primeiro post. Ninguém aqui tem visto Lucky desde que o site foi para o ar. Ela faltou às últimas reuniões das Coveiras, faltou a todas as nossas últimas reuniões e eu aposto uma garrafa de Cristal com você que ela vai faltar hoje de novo. Isso não parece muito mais suspeito para você?

Soze estreitou os olhos na minha direção.

— Com quem mais você andou dividindo suas suspeitas, Bugaboo?

— Não são suspeitas *dela* — disse Little Demon. — São minhas também. Você não é o único que pode fazer acusações por aqui, Soze.

— Embora aparentemente eu seja o único que se dá conta do que isso significa. — Ele largou o garfo no prato. — Será que ninguém deu atenção às ameaças de Gehry? Ele está querendo sangue e todos sabemos por experiência própria que ele não blefa. No meio político, ele é conhecido como o tipo de cara que ataca primeiro e pergunta depois. Se ele acha que pode jogar a culpa em alguém, ele arruinará essa pessoa sem pensar duas vezes. Ele fará isso mesmo que seja só para dar o exemplo — E ele provavelmente adoraria jogar a culpa em uma Coveira — opinou Clarissa, com o cabelo solto sobre os ombros.

— E daí? — perguntou Big Demon. — Se ele tentar fazer isso com Lucky, ela vai acabar com todo o sistema dele.

— Duvido — falou Puck, resolvendo, por fim, entrar na conversa. — Algo me diz que ela é o tipo de garota que oferece a outra face.

Larguei o garfo.

— Olhe, eu sou a última pessoa que entregaria Lucky para aquele babaca. O que vocês pensam? Tudo que quero é conversar com ela. Isso é tudo. Não a vejo há algum tempo. Ela ainda não tentou vir até aqui e eu queria saber por quê. Será que é pedir muito?

Aparentemente era. É claro que Lucky não era a única que não tinha aparecido naquela agradável noite de novembro. Graverobber (é claro), Kismet, Shandy, Thorndike (de quem se esperaria alguma experiência em passar por bloqueios) e Bond não apareceram e, quando ficou óbvio que não estávamos nem perto de chegarmos ao quórum, Frodo, o tio Tonny desta noite, pediu recesso.

— Falaremos on-line — sugeriu Soze quando começamos a nos esgueirar para sair. — E com certeza nos encontraremos no domingo. Tudo isso deve ter explodido até lá.

Isso é o que chamo de esperança. E, assim, decidi acompanhar Ben até a Universidade Edison, que era o lar da minha cavaleira ausente favorita. Josh pode achar que a ausência de Jenny era mais uma correlação do que uma causa, mas eu decidi enfrentar a hacker de computadores no seu esconderijo de CPUs.

A Edison fica na outra extremidade do campus, próxima ao ginásio. É uma das faculdades consideradas feias. Enquanto as demais carregam o esplendor gótico ou georgiano (um pouco apertadas, mas, ei, pense nas janelas amplas, lareiras enormes,

tijolos à mostra e painéis de madeira), os residentes da Edison tinham apartamentos de solteiro espaçosos a partir do segundo ano e moravam em um prédio com arquitetura ultramoderna e excelente exemplo da arte abstrata. O prédio não tinha ângulos certos. Os alunos que tinham a sorte de ir para uma das faculdades antigas não conseguiam entender a atração que os outros sentiam por esse prédio.

— Você gosta daqui? — perguntei para Ben, enquanto atravessávamos um jardim amplo cercado por colunas de grama e pedra recortada. — Não consigo me imaginar morando aqui. Um dos motivos de se escolher Eli é a beleza do campus. O que você achou quando foi destinado à Edison?

Ben deu uma piscada.

— Vim para Eli porque fui recrutado para o time e ela apresentava o melhor programa acadêmico dentre as universidades que estavam me recrutando. E, não, não acho que esse prédio seja feio. Na verdade, ele é ótimo. Eu pedi transferência para esta faculdade e, só para você saber, não foi só porque sou um atleta e quero estar perto do ginásio. Acontece que eu *gosto* de arquitetura moderna.

A essa altura, eu já tinha me lembrado que Ben era um formando em História da Arte e me perguntei se eu ganharia mais pontos com ele se oferecesse para cortar a minha língua cruel como punição aos meus comentários grosseiros. Só porque eu preferia o estilo georgiano da Prescott, isso não significava que eu soubesse algo sobre o valor da arte moderna. Também nunca fui muito fã da pintura abstrata de Kandinsky.

Mas teve algum valor para o curso de nossa conversa. Ben só emitia alguns sons sem significado naquela noite, oferecendo pouca ajuda. Eu precisava de sua chave da faculdade para ativar o elevador que me levaria até o quarto de Jenny no oitavo andar, mas assim que chegamos ao elevador, ele se recusou a me acompanhar até a porta dela.

— Já é ruim o suficiente ter de passar duas noites da semana com ela — disse ele. — O nível de energia negativa como o dela interfere na minha sorte e o meu técnico diz... — Ele suspirou. — Bem, não importa.

— Como assim?

— Você não se importa com a qualidade do meu desempenho nas quadras. Você só precisa que eu a leve até Jenny.

— Isso não é verdade. — Toquei o braço dele. — É claro que estou interessada. Se você está com problemas, deve nos procurar. Por que você não falou sobre isso na reunião?

Ben lançou um olhar cético.

— Há sempre uma crise acontecendo lá. Os patriarcas estão zombando de nós ou alguém está ameaçando desistir ou blablablá. Não quero ser mais um a reclamar.

— Você acha que seria isso? Talvez você nos forçasse a nos concentrarmos no que realmente importa.

Ele bufou.

— Não temos nada em que nos concentrar, Amy. Não este ano. Não tivemos a chance. Não somos mais do que um bando de grupinhos e facções. Vocês, meninas, com suas tatuagens. Pense nisso. Nós também estávamos na cidade. Droga! Eu dirigi a merda da van. Mas fomos convidados para fazer tatuagens? Não. — Ele enfiou a mão no bolso. —

Foi como no mês passado, quando você queria que procurássemos Jenny e perguntássemos o que a estava incomodando. Como se isso fosse realmente acontecer. Como devo me sentir à vontade para me abrir com todo mundo se ninguém se abre comigo?

Engoli em seco. Ele estava certo. Será que eu era culpada por contribuir para a natureza dividida do clube deste ano? Será que, talvez, eu não tenha ouvido quando um dos meus irmãos precisou de ajuda?

— Alguém tem de começar — disse eu, por fim. — Se você quiser conversar comigo, serei toda ouvidos.

— Tá. Tanto faz. — O elevador chegou no oitavo andar e ele fez um gesto para o quarto de Jenny. — Só que não agora.

Olhei para o corredor estreito cheio de portas. A Edison era tão diferente dos demais dormitórios de Eli que, por um momento, senti como se tivesse em outro lugar.

— Não, se você quiser conversar agora...

— Boa tentativa. — Havia um leve sorriso no seu rosto. — Vamos deixar para domingo.

— Sério...

Ele ergueu a mão.

— Amy, esta noite deveria ter sido a noite do meu EN. A reunião nem aconteceu por causa de todo o drama que fez com que metade do clube não aparecesse. Estou de mau humor e só quero descontar a minha raiva em uma esteira. Vou dizer a você o que realmente me deixaria feliz: encontre esse filho-da-puta que está estragando a minha experiência na nossa sociedade. Assim você poderá me compensar.

Ele pressionou então o botão para fechar as portas e partiu, e eu dei as costas para um irmão que precisava de mim para confrontar outro. *Vou tentar, Ben. Vou tentar mesmo.*

A porta de Jenny, diferente das demais, não apresentava nenhuma decoração, símbolo ou mesmo um quadro branco.

Bati e, quando não houve resposta, tentei a maçaneta. Trancada. Uma olhada rápida no banheiro me mostrou que ela também não estava ali. Muito bem. Eu não queria que ela me encontrasse em sua porta se estivesse saindo do banho enrolada em uma toalha e com o rosto franzido. Talvez um dos seus colegas humanóides (a julgar pela decoração) soubesse onde ela estava.

Ainda assim, era quinta-feira, e se eles, como Lydia, suspeitassem do envolvimento de Jenny com a Rosa & Túmulo, dificilmente contariam a uma estranha sobre seu paradeiro.

Bati nas outras portas. Nas três primeiras, não obtive resposta. Na quarta, uma garota me disse que não costumava prestar atenção nos horários de chegada e saída de suas colegas do andar e nem mesmo sabia o nome de todas, pois só tinha ido para aquele andar porque eram necessárias sete garotas. A garota da quinta porta me disse que já não via Jenny havia alguns dias. A sexta ficou muda como um monge trapista. *Bingo*. Ela estava claramente reagindo ao dia — quinta-feira. Infelizmente, eu sabia que não eram os compromissos com a sociedade que mantinham Jenny fora de casa esta noite.

Eu: Você viu Jenny?

Colega: ...

Eu: Sabe quando ela estará de volta?

Colega: ...

Eu: Ela não deixou uma chave com você, deixou?

Colega: (*fechou a porta na minha cara*)

Bem, isso não estava me levando a lugar nenhum.

— Chega — disse para o corredor vazio. Talvez eu fosse uma formanda de literatura educada, mas mesmo eu tinha alguns truques escondidos na manga. Ou melhor, no meu mosquetão. Peguei meu cartão de entrada e o tirei do protetor de plástico. Ajoelhei-me na porta de Jenny, enfiei o cartão no espaço próximo à lingüeta e rezei para que: a) Jenny não tivesse implementado a segurança-padrão das portas de dormitório e b) eu me lembrasse de como fazer isso. Eu não invadia o quarto de ninguém desde o feriado de Ação de Graças do meu primeiro ano e, mesmo assim, fora apenas o quarto de Lydia. Ela me ligara, histérica, dizendo que o professor de sociologia não recebera seu trabalho final por e-mail e ela estava presa em uma parada de Detroit, sem acesso à internet, e me implorou para que eu encontrasse seu trabalho no computador e o enviasse novamente. Foi assim que nos tornamos melhores amigas. Nada como um pequeno roubo para cimentar uma amizade.

Alguns momentos de muito suor depois, ouvi o *clique*. Soltei o ar e, sentindo-me bastante satisfeita, abri a porta, rezando para que Jenny não estivesse mesmo lá e não apenas me deixando de fora de algum momento de privacidade ilícita. ENs eram uma coisa, uma visão real de tudo era outra completamente diferente.

Mas o quarto estava vazio. Pelo menos, acho que estava. Era difícil notar logo de cara, com cinco toneladas de equipamentos eletrônicos espalhados pelo lugar e papéis em todos os cantos.

Será que isso era normal? Eu nunca estivera no quarto de Jenny antes, então não fazia a menor idéia se a bagunça que reinava atrás das portas era uma indicação do seu estado de espírito atual ou se era uma característica pessoal.

Passei pelo batente e abri caminho entre as pilhas intermináveis de papéis, cabos e fios, camisetas estranhas ou chinelos de dedos. A maior parte do quarto era ocupada por um grande console de computadores. Havia três monitores sobre a mesa e as prateleiras atrás deles estavam ocupadas por CPUs, alto-falantes e o que pareciam ser laptops novos. Uma longa mesa dobrável havia sido anexada à escrivaninha, ocupando mais da metade do quarto, e havia mais monitores arrumados ali também — pequenos, grandes e de tela plana — além de três teclados.

Parecia o cenário de *Invasão de Privacidade*. Para que alguém precisaria de 14 computadores? Ou será que ela os colecionava como eu colecionava lápis azuis? Avancei mais, mantendo a porta no meu campo de visão. Eu ainda não pensara em como explicaria para Jenny a minha presença no quarto se ela aparecesse.

Mas onde ela estava? A cadeira ergonômica de encosto alto preta estava diante de um terminal de computador e sobre a mesa em frente a ele havia três coisas: as chaves de Jenny, a carteira de Jenny e o telefone celular de Jenny. Ela não devia ter ido longe sem essas coisas essenciais. Merda. Isso significava que eu não tinha muito tempo.

Em um canto não usado do quarto, havia uma mesinha coberta com uma toalha vermelha, sobre a qual havia um altar enfeitado com velas votivas, um terço cuidadosamente enrolado e uma imagem de Nossa Senhora, tudo parecendo um pouco empoeirado. Um pequeno travesseiro estava na frente da mesa, servido como apoio para um livro grosso e de capa dura. Provavelmente uma Bíblia. Alguns pôsteres enfeitavam as paredes, na maioria, reproduções de paisagens inofensivas de Monet e uma mulher vitoriana com penteado da Princesa Leia.

Havia envelopes espalhados pela cama, com pastas, livros, revistas de informática, catálogos, pilhas de CD, porta-jóias e mais alguns cabos. Nem parecia ser possível dormir ali. É claro que talvez Jenny não dormisse ali. Ou talvez nem dormisse. Talvez fosse uma insone que conseguia sobreviver à base de tabletes de cafeína e cappuccinos. Talvez ela nunca carregasse as chaves para lugar nenhum. Talvez a minha intuição dizendo que nada disso tem a ver com Jenny esteja completamente errada. Será que algum de nós chegou a descobrir quem a Jenny realmente é? Ela sempre foi a Coveira mais discreta, e não estou falando daquele modo bom e institucionalizado. Eu estava começando a ver que sua discrição tinha mais a ver com uma defesa, com algo que ela poderia usar para se esconder enquanto trabalhava para nos trair. Eu só não sabia por quê.

Olhei para a escrivaninha mais próxima, como se o conteúdo sobre ela pudesse me fornecer pistas sobre a personalidade misteriosa de minha irmã, mas não descobri nada de diferente do que há na minha escrivaninha. Um texto de uma aula, alguns post-its com números de telefone e endereços e malas diretas indesejadas, metade das quais não estavam sequer endereçadas à Jenny, mas para nomes aleatórios de residentes. Recebo esse tipo de coisa todo dia na minha caixa postal. Parece que o pessoal que manda essas malas diretas acha que sou uma aluna coreana me formando em química, cujo nome é Jungsub Byun. A ocupante anterior do quarto de Jenny parecia ser uma pessoa chamada Ada Lovelace.

Eca! O que eu estava fazendo aqui? Mesmo se houvesse provas da traição de Jenny, eu não fazia a menor idéia de como poderia encontrá-la. Não nessa bagunça. Puxei a cadeira ergonômica — o único lugar do quarto em que não havia nada em cima — e me sentei. Não consegui nada.

Pelo menos aqui. Eu ainda poderia tentar localizar Micah e ver se Jenny estava com ele. Mesmo que ela nunca tenha conversado comigo sobre o confronto que presenciei, presumi que ela ainda estava saindo com o cara, imbecil ou não. Afinal, eu os vi juntos no Halloween. Senti uma pontada de culpa por nunca ter conseguido conversar com ela sobre essa questão, mas me perdoem pela minha falta de compreensão nesse momento. Será que era algo não fraterno da minha parte? Afinal, uma vez eu jurara *guardar os segredos e confissões de meus irmãos, apoiá-los em todos os seus esforços...* Mas será que isso significava apoiar Jenny em seus esforços de se tornar uma vaca que não respeita os próprios juramentos?

Acho que não era isso que os fundadores tinham em mente quando criaram nossos juramentos. Além disso, tínhamos outros com os quais nos preocupar, como o que dizia: *prometo apegar-me completamente aos princípios desta antiga Ordem, favorecer seus amigos e prejudicar seus inimigos, e colocar acima de todas as outras as causas da Ordem da Rosa & Túmulo*. Não quero dar uma de Kurt Gehry aqui, mas acho que era seguro dizer que Jenny era inimiga da Ordem. Sendo assim, ela deve ser derrotada.

Nada de segurança. O monitor mostrou a janela aberta de um navegador da internet exibindo a página de e-mail da Phimalarlico. Uma janela de "escrever e-mail" estava aberta. Inclinei-me na direcção da tela.

— Como entrou no quarto dela?

— Usei meu cartão de entrada.

Josh ficou em silêncio.

— Você invadiu o quarto dela?

— Josh! Eu acho que algo de ruim aconteceu com ela.

— E você invadiu o quarto dela? No que você estava pensando?

Eu estava pensando que, se ninguém acreditava no que eu dizia sobre Jenny, eu obteria algumas provas. E agora eu estava pensando que ela tinha sido seqüestrada.

— O que importa? A questão é que ela desapareceu. Temos de fazer algo. Devo ligar para a polícia?

— E contar que você invadiu o quarto dela? — debochou ele. — Amy, a não ser que haja sangue pelo chão, não acredito que você tenha muito o que contar.

As únicas pessoas que deixam sangue no chão são os integrantes da sociedade secreta de sua namorada, era o que eu queria dizer, mas me segurei.

Ele continuou:

— Ela deve estar estudando em algum lugar. Já tentou ligar para ela?

— O telefone dela está comigo. — Mas ele tinha razão.

Pressionei o botão de *Chamadas recentes*. Micah, Micah, Micah, Casa, Pizzaria, alguém chamada Grace, dois números em Nova York e dois daqui de Connecticut. Vou ligar para esses depois.

— Você *roubou* o telefone celular dela? Você invadiu o quarto dela e roubou o celular dela? Você está doida?

— Você está certo. — Parei de correr e olhei para trás. — Eu não deveria ter tocado em nada até a polícia chegar.

— Você precisa voltar e colocar as coisas dela no lugar. E depois você deve escrever um bilhete para ela ligar. Vá para casa, espere por ela, e reze para que ela não denuncie você. Só porque você é uma Coveira não significa que pode sair por aí desrespeitando as leis. Ainda não sou advogado, mas eu diria que tendo que você fez esta noite foi ilegal.

— Mas, Josh, você não está ouvindo. Acho que ela está com problemas. Há um e-mail não terminado no seu computador em que a palavra "socorro" é repetida diversas vezes. Você disse que Gehry queria sangue...

— Amy, posso ver que você está muito chateada, mas precisa se acalmar um pouco e pensar. Onde você está? Por que não vem para casa para que possamos conversar sobre isso...

— *Vir para casa?* — gritei. — Minha suíte não é a sua casa, Josh Silver! Minha melhor amiga não será o seu último erro romântico. E você *não* é meu chefe. Eu estive lá. Eu vi o estado em que o quarto estava. Você tem de acreditar quando digo que ela está com problemas.

— Não dá para conversar com você assim.

E desligou.

Voltei para a Prescott fervendo de raiva. Talvez eu devesse apenas chamar a polícia, mas as palavras de Josh ecoavam na minha cabeça. A última coisa de que eu precisava agora era ser presa por ter invadido o quarto de alguém. E, como ele disse, eu duvidava que alguém fosse me levar a sério. Então uma aluna da universidade era uma relaxada bagunceira. Eles ririam da minha cara na delegacia se eu tentasse fazer um boletim de ocorrência sobre o desaparecimento quando a pessoa em questão só havia desaparecido algumas horas. Porque, com pedido de socorro ou não, talvez ela só estivesse na biblioteca.

Essa opinião foi fortalecida pelas outras dez ligações que fiz. Mara e Omar ficaram horrorizados por eu ter pensado em invadir o quarto de outra pessoa (Mara, certinha como sempre, chegou a ameaçar ir até meu reitor com essa informação, até que eu a lembrei dos juramentos que fez quando entrou na sociedade); Kevin e Harum riram e me perguntaram quantas teorias da conspiração eu esperava descobrir antes que tudo isso estivesse resolvido (Kevin chegou a dizer que, se eu insistisse com essa linha de argumentação, ele começaria a suspeitar que eu era a informante do website); Odile disse que não importava o quanto eu queria discutir com Jenny, isso não era motivo para eu sair por aí cometendo crimes; Ben estava correndo; e caí no correio de Nikolos, Greg, Demetria e Clarissa.

Fiquei parada no pátio da Prescott. De jeito nenhum eu ia voltar para o meu quarto sabendo que Josh ia me passar um sermão. Mas eu ainda tinha outro Coveiro com quem falar e talvez conseguisse fazer com que ele me ouvisse. Subi as escadas que levavam ao quarto de George.

Havia luz saindo por baixo da porta e eu ouvi música tocando, mas tive de bater duas vezes antes de ele abrir. E quando ele o fez, um sorriso apareceu nos seus lábios e ele começou:

— Olá, lindinha — disse ele, me puxando para dentro. — Você foi embora tão rápido que achei que não fosse ver você hoje à noite.

A camiseta dele era macia e marcava o peito e os ombros, e a calça do pijama, igualmente gasta, estava meio solta no quadril. O cabelo estava bagunçado e ele estava de óculos. Eu amava os óculos de George. Assim que entramos, ele foi até a mesa e fechou o laptop. Sinal de consciência pesada, se é que eu já vi isso. Mas eu não tinha tempo para me preocupar com aquilo agora.

— George, fui até o quarto de Jenny.

— Ela está por trás do lance todo? — perguntou ele, enquanto remexia no frigobar e pegava duas cervejas. — Deve estar. Aquela garota é uma ameaça à sociedade.

— Sim, mas isso não é tudo. Ela não estava lá.

Ele abriu as garrafas e me ofereceu uma.

— Se eu fosse ela, também me esconderia.

— Acho que ela foi seqüestrada.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— É? Por quê? Você achou algum bilhete de resgate? Alguém pedindo um milhão de ações da Microsoft?

Ele riu e bebeu um pouco de cerveja.

— Não, encontrei um e-mail não terminado com a palavra "socorro" escrita milhões de vezes.

Isso o deixou sem palavras por um tempo, mas depois ele se refez.

— Fala sério, Boo. Quem você acha que poderia seqüestrá-la, além daquele cara do culto? — Ele recostou na poltrona. — E, para eles, eu digo "divirtam-se".

Isso já estava começando a ficar frustrante. Por que ninguém me levava a sério? Eu estava certa em relação aos patriarcas no ano passado, mas ninguém queria me ouvir até que todo mundo perdeu os estágios de verão.

— Acho que foram os patriarcas. Acho que descobriram que ela estava por trás do vazamento de informações e fizeram com que ela desaparecesse.

Ao ouvir isso, ele começou a rir.

— Certo. Vamos encontrá-la no fundo do porto de New Haven. Esse não é o estilo daqueles caras.

— E quanto à primavera passada? — argumentei, embora meu ânimo estivesse no fim.

Oito conversas desencorajadoras eram o máximo que eu poderia agüentar.

— Acabar com o emprego de verão de alguns estagiários é o máximo que eles conseguem. Achei que você já tinha superado toda essa mitologia em torno da Rosa & Túmulo.

— Eu tinha, até que fui ao quarto de Jenny.

Ele me puxou para o lado dele e começou a massagear o meu pescoço.

— Relaxe um pouco. Você está nervosa.

Senti seus polegares afundarem nos pontos enrijecidos próximos aos ombros e mordi o lábio. Tudo bem, eu estava nervosa mesmo. Nervosa de novo, como eles esperavam que eu estivesse. Recebi o nome de Bugaboo por um motivo — eu era uma das que sabiam menos sobre como a sociedade funcionava, a que era mais inclinada a acreditar nas suas lendas mais refinadas. Mas eu já provara que poderia estar certa no último semestre. Um bando de patriarcas tinha se unido para destruir nosso clube recém-convocado e quase tinha conseguido. No entanto, George estava certo. Eles não fizeram nada de ilegal. Apenas antiético.

Ainda assim, enquanto George me massageava, eu sentia minha garganta se fechar com as palavras que eu queria dizer e com lágrimas que eu me recusava a derramar. Eles não tinham visto o que eu vi.

George puxou meu cabelo para o lado e começou a beijar meu pescoço.

— Ouça — sussurrou ele, entre uma mordiscada e outra. — Meu pai é um Coveiro, e o mais perto que alguém já chegou de quebrar a lei foi fazer algumas travessuras no campus. Kurt Gehry e sua gangue podem falar grosso, mas nunca fariam nada perigoso. Eles só são uns caras com muito poder nas mãos. Isso é tudo.

Cara, eu queria muito acreditar nele. George e eu não ficávamos juntos desde o dia que o site entrou no ar. Estávamos preocupados demais para nos... ocuparmos. E isso

fazia muito sentido. As ameaças profissionais de um bando de universitários parecia bem mais realista do que o lance da capa-e-espada. E agora que eu estava aqui sentada nos braços de George, a idéia de que Jenny pudesse estar em perigo — que ela estava amarrada no porta-malas de alguém ou sentada em um quarto escuro com uma lâmpada sobre a cabeça — bem... tudo isso parecia bastante ridículo. Não é de espantar que todos tenham rido de mim.

— Você acha realmente que está tudo bem?

— Sei que está. — Ele me pegou pelos ombros e me virou para olhar o meu rosto. — Relaxe. Tudo isso vai ficar bem. Esse é só o escândalo mais recente dentre os muitos que a sociedade já enfrentou. — Ele me empurrou de leve, até que eu estivesse deitada no sofá. — Vamos fazer com que você esqueça disso.

Forças estranhas e sobrenaturais deviam estar ali, porque eu estava diante de George Harrison Prescott e *não* estava a fim daquilo. Tudo bem, talvez um pouco das minhas suspeitas fossem exageradas, mas isso não significava que eu tinha de desconsiderar todos os meus instintos.

Sentei-me.

— O que você estava fazendo antes de eu chegar?

— Estava trabalhando. Por quê?

— Trabalhando em algo tão particular que achou necessário fechar o computador? — Cruzei os braços. — Você acha que sou idiota?

— Boo...

— Não tem problema, sabe? — disse eu rapidamente. — Nós não temos nada *sério*.

— Então, por que você quer saber?

Curiosidade.

— Trocando mensagens instantâneas com gatinhas? Surfando pelo MySpace para ver se encontra o perfil de garotas bonitas?

Ele riu.

— Fala sério. Eu sou um jogador, não um pervertido.

Meneei a cabeça.

— Você está pronto demais para reclamar esse título.

— Não preciso reclamar esse título, querida — disse ele, se inclinando para mim. — Os Coveiros já me nomearam Puck.

Mas eu estava temporariamente imune.

— O que você estava fazendo?

Ele recostou de novo no sofá.

— Será que vamos realmente entrar nessa discussão? Achei que você fosse legal.

— Eu sou.

— E então? — Ele me observou. — Esse tipo de coisa excita você? Tipo saber de outras garotas com quem eu saio?

Uma lista enumerada? Dificilmente.

— Só quero que sejamos honestos.

— E eu quero que as coisas não mudem.

Tradução: ele estava vendo outras pessoas, mas achava que se me contasse eu ia ficar com raiva. Mas nesse momento eu não tinha como saber como estava me sentindo porque eu *já* estava com raiva.

— George, se eu decidisse parar de transar com você, como se sentiria?

Ele pensou por um tempo.

— Sei lá. Por quê, você quer parar?

— Não sei. Ficamos sentados por um tempo, sem nos olharmos. Por fim, ele disse:

— A verdade é que não estou vendo ninguém, e não faço isso desde que ficamos juntos pela primeira vez.

Provavelmente era mentira. E eu estava brigando com ele apenas porque ele não queria me ajudar. Que tipo de relacionamento de merda era esse?

— Boo, olhe para mim. — Quando eu não olhei, ele colocou a mão sob o meu queixo e levantou o meu rosto. Os olhos cor de cobre dele olhavam diretamente para os meus. — Eu não estou mentindo. Estou com você e ninguém mais no momento. Mas isso não significa que eu não vá ficar com alguém. E se você quiser que eu conte para você quando acontecer, eu conto e depois você pode tomar uma decisão.

Nada mais justo.

— O que você quer que eu faça se eu começar a sair com alguém?

Ele riu.

— Esconda ele.

E depois me beijou.

No entanto, pela primeira vez, passei a noite no quarto de George sem nenhuma atividade sexual envolvida. Dormi mal, e bem cedo na manhã seguinte (tudo bem, 8h da manhã), saí e voltei para o meu quarto. Como eu esperava, Josh já tinha ido ou ainda estava dormindo.

Andei de um lado para o outro, já que não conseguiria dormir ali, assim como não conseguira dormir nos braços de George. É claro que eu estava zangada com Jenny, mas, sob toda a raiva, havia o sentimento de que ela era minha irmã e parecia que ela estava com sérios problemas. Mas se Jenny Santos, que era umas cem vezes mais esperta que eu e muito mais bem relacionada também, não podia se ajudar, como eu poderia fazer alguma coisa para ajudá-la?

Eu não poderia, mas talvez não precisasse. Eu teria de chamar os mais graduados. Sentei em frente ao computador e abri a minha página de e-mail do domínio Phimalarlico e digitei uma mensagem rápida.

De: Bugaboo-C177@phimalarlico.org

Para: Lancelot-C176@phimalarlico.org

Assunto: Emergência

Lance, preciso de ajuda. Lucky nos traiu, e agora ela desapareceu. Os outros acham que ela está se escondendo porque sabe que estamos zangados com ela, mas acho que não é isso. Eu vi o quarto dela. Se ela saiu, não foi planejado. Preciso de sua ajuda para descobrir o que aconteceu com ela. Ligue para mim o mais rápido possível.

Meu irmão mais velho devia estar no computador, porque me respondeu dois minutos depois.

De: Lancelot-C176@phimalarlico.org

Para: Bugaboo-C177@phimalarlico.org

Assunto: Re: Emergência

péssimo momento, irmãzinha. estou saindo agora para uma pescaria, (o que você está fazendo acordada numa hora dessas?) isso está uma bagunça, entendo sua preocupação, mas você já sabe o que tem de fazer: ligue para poe. ele vai ajudá-la.

Até parece. Ele me ajudaria a entrar em um túmulo e sem direito a rosas. Respondi de volta:

De: Bugaboo-C177@phimalarlico.org

Para: Lancelot-C176@phimalarlico.org

Assunto: Re: Re: Emergência

Poe me odeia e eu não gosto muito dele. Ele nunca me ajudaria. Por favor, Lance? Eu preciso de você!

Dessa vez, demorou menos de trinta segundos para eu receber uma resposta:

De: Lancelot-C176@phimalarlico.org

Para: Bugaboo-C177@phimalarlico.org

Assunto: Re: Re: Re: Emergência

tenho de ir. ligue para poe. ☺

Sabe aquela vontade de bater com a cabeça no teclado? Na vida real, isso não é nem um pouco eficaz para aliviar a tensão. Além disso, não é nada prático, pois acabei fechando acidentalmente alguns programas.

Enquanto eu reiniciava, considere minhas opções:

- 1)** Esqueça tudo. Jenny deve estar bem. ← Até parece, isso não tem muito a ver comigo.
- 2)** Volte e implore para algum outro Coveiro ajudar. ← Até parece, porque eu sou muito chegada à penitência.
- 3)** Deixe que eu resolva tudo sozinha. Afinal, sou uma garota inteligente e capaz. Eu certamente poderia rastrear um seqüestrador sozinha. ← Só que eu não sei nada sobre

seqüestros. Sou formanda em literatura. O último seqüestro sobre o qual li foi em *O rapto da madeira*.

4) Chamar a polícia e explicar a eles por que eu estava tão preocupada com uma garota que eu não conhecia bem e que não era muito amigável comigo e que também é uma milionária da indústria de computadores, e que eu achava que ela poderia ter sido seqüestrada como parte de uma vasta rede de conspiração que chegava até o chefe do gabinete do presidente dos Estados Unidos porque ela ameaçara contar ao mundo com quem um bando de homens de meia-idade transou quando eram adolescentes. ← *Res ipsa loquitur*. *

5) Engolir o orgulho e ligar para Poe. ← Afinal, ele é tão paranóico quanto eu, e tem muito mais experiência em lidar com isso.

E claro que não seria fácil. Nós não apenas compartilhávamos um ódio mútuo, como também eu nunca me preocupei em descobrir o verdadeiro nome dele. Essa seria minha primeira tarefa.

O início da *Missão Impossível* foi seguir imediatamente para o mausoléu. Uma vez lá, subi as escadas até a sala de registros. Houve uma moção para lacrar essa sala até que localizássemos o informante, mas ninguém achou que isso adiantaria muita coisa. A pessoa já tinha obtido as informações que queria. Agora, eu estava feliz por ter acesso.

Ao longo da parede da sala de registros havia vários quadros pendurados com fotos de cada clube desde os primórdios do daguerreótipo. Olhei a parede em busca da fotografia do clube C176. Os homens estavam reunidos em volta de um relógio de pêndulo na Sala do Vaga-Lume e, diante deles havia uma mesa baixa com a imagem de Perséfone. Cada um deles usava smoking. Lá estava Malcolm na fileira da frente, com a mão descansando no ombro do cavaleiro que eu conhecia como Poe. Olhei a lista de nomes abaixo da fotografia.

James Orcutt.

Que nome ridiculamente normal. Eu meio esperava Darth Vader. Mas não importa. A Grande Biblioteca tinha um computador (porque, sinceramente, como seria *grande* se não contasse com um?). Digitei o nome Orcutt no catálogo online de alunos e, depois de um tempo, obtive o número dele. Bingo. Saí da sala e me dirigi até o único telefone do mausoléu.

Não tem mais volta agora, Amy. Você realmente quer fazer isso? Ir até Poe? Respirei fundo e disquei.

— Alô — atendeu ele.

Minha reação à voz dele era sempre ruim, o que Pavlov chamava de reflexo condicionado, mas tentei me controlar e usar um tom de voz animado ou, pelo menos, amigável.

— Alô. James? — O nome parecia estranho na minha boca. — Aqui é...

— Amy Haskell. — Não foi uma pergunta. — O que você quer?

Hesitei, ainda me recuperando do choque de ele ter reconhecido a minha voz.

— Eu... Malcom disse... Bem, eu preciso de ajuda.

* "A coisa fala por si." Embora não seja uma formanda de estudos clássicos, a confessora conhece um pouco de latim.

Silêncio. Depois ele disse:

— Imaginei. O que é? Não, espere. Você está no mausoléu?

— Sim.

— Venha até meu apartamento: 27 Danbury, número 3. Venha agora.

E desligou.

Que escolha eu tinha? Eu estava desesperada. Precisava trabalhar de acordo com as regras dele. Então, segui para a cidade. Todos os alunos de direito moravam fora do campus, mas, quando cheguei ao endereço de Poe — desculpe, *James*, mas hábitos antigos são difíceis de abandonar —, vi que meu inimigo estava morando em um bairro mal-afamado. Fiquei em pé por um momento na frente de um prédio me perguntando se essa construção pobre poderia ser o endereço certo.

O jardim da frente era uma bagunça de ervas daninhas, envolvido por uma cerca na qual havia um sinal em preto e vermelho no qual se lia CUIDADO COM O CACHORRO. Mas não havia sinal de cachorro e, por isso, abri o portão e segui pelo caminho maltratado até a porta e nenhum cão brabo me seguiu enquanto eu entrava. Os degraus estalavam sob meus pés e a porta da frente quase que gritava "Não entre aqui" com todas aquelas pontas soltas. Procurei pelo número três e toquei a campainha.

Alguns minutos depois, a porta atrás da tela abriu e lá estava Poe — quero dizer, James —, usando o uniforme de sempre: camiseta branca e calças gastas. Ele se encostou no batente e falou comigo por trás da tela.

— Você veio mesmo.

— Eu preciso mesmo de ajuda.

— E você acha *mesmo* que vou ajudá-la. Posso saber por quê? — Ele inclinou a cabeça para um lado. — Vamos esquecer por um minuto que você sempre foi uma filha-da-puta comigo. Até onde posso ver, você tem feito de tudo para acabar com a minha sociedade desde que nós lhe entregamos as rédeas. E agora você quer a minha ajuda?

Não vamos esquecer que a primeira vez que encontrei com esse cara ele ameaçou me afogar e/ou me forçar a uma atividade sexual indesejada. Podemos dizer que não começamos com o pé direito. E daí que se tratava de um trote? Ainda me magoava. Mas não importa. Eu ainda tinha uma carta na manga.

— Olhe, eu não gosto de você e sei que você não gosta de mim. Tenho certeza que isso não é surpresa para nenhum de nós. Mas ambos gostamos da Rosa & Túmulo. E a sociedade está com problemas. E tudo por causa do atual escândalo e, se minhas suspeitas estiverem corretas, ela vai ter mais dificuldades. Estou aqui em nome da sociedade, nada mais do que isso.

Ele engoliu em seco. Se havia algo que eu sabia sobre esse cara é que ele era um Coveiro até a alma. Eu também conseguira vencê-lo no ano passado com essa jogada. Malcolm estava certo. Poe me ajudaria. Ele poderia odiar fazer isso, mas o faria.

— Do que você está falando?

— Jenny Santos é a responsável pelo vazamento de informações para aquele website. E ela desapareceu.

— Está se escondendo?

A voz dele estava cheia de raiva. Como disse, era um Coveiro até a alma.

— Acho que não. Parece que o quarto dela foi todo revirado e ela deixou a carteira, as chaves e o telefone para trás. Havia um e-mail não terminado no computador dela. Então, eu acho que ela... desapareceu.

— O que você quer dizer? Como se tivesse sido seqüestrada?

— Kurt Gehry disse que ele ia lidar com o problema do jeito *dele* e que faria do réu um exemplo. Você o conhece melhor do que ninguém. Você acha que seria possível...

Poe — James — ah, dane-se, *Poe!* — abriu a porta.

— Entre.

Ele me puxou para dentro e deu uma olhada rápida em volta do jardim e fechou a porta.

— Obrigada. Não acho que alguém tenha me seguiu...

Ele virou para mim.

— Está falando sério? Você acha que o *Chefe de Gabinete da Casa Branca* planejou o seqüestro de uma aluna universitária? Você tem idéia de como está sendo ridícula?

— Tenho. Todo mundo me disse isso a noite toda. Mas você me deixou entrar.

— Porque eu não queria que ninguém na rua ouvisse suas alucinações.

Meneei a cabeça.

— Não, porque você acha que eu posso estar certa.

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Espere aqui enquanto troco de roupa. Segurei-me para não perguntar *para quê?*, mas queria muito saber, já que sempre o vira vestido exatamente daquele modo (a não ser nas vezes em que ele estava vestido como a Morte, é claro). Ele seguiu para o quarto tirando a camiseta pela cabeça e depois fechou a porta.

— Então, isso significa que você vai me ajudar? — perguntei para a porta fechada.

Não obtive resposta. Suspirei e olhei para o espaço à minha volta. Será que eu deveria me sentir à vontade enquanto ele procurava algo para vestir no guarda-roupa?

No meio da sala, havia um sofá velho, forrado com um tecido azul-claro que já estava fora de moda desde 1985. Tínhamos um parecido no nosso quarto e eu me perguntei se ele tinha levado com ele os móveis da faculdade. Eu não conhecia a história da família de Poe, mas, julgando pelo ambiente, ele não era um dos Coveiros ricos e o tão falado presente de graduação de trinta mil dólares era um mito, assim como nosso suposto controle do mundo. Mas o laptop dele era legal. Estava fechado sobre uma mesa de centro cheia de livros de direito. Ergui meus olhos para as prateleiras presas na parede. Eu era curiosa.

CINCO COISAS SOBRE POE QUE ME DEIXARAM CHOCADA

- 1) Ele é vegetariano. Pelo menos, tem uma tonelada de livros de receitas vegetarianas. Isso não deve ser por acaso. (Mas o fato de ele ser amigo de Malcolm Cabot, o grande caçador branco, está além da minha compreensão.)
- 2) Ele estava assistindo ao filme *Meu amigo Harvey* no DVD. (Nunca imaginei que ele fosse do tipo de gostar de coelhos imaginários gigantes.
- 3) Ele toca gaita.
- 4) Jardinagem faz muito bem para os ombros. (Posso admitir isso, certo?)
- 5) Ele também tem uma cobra de estimação.

Tudo bem que este último item não chegou a ser uma surpresa. Mas ficar em pé ali, olhando para um monstro de 1,80 metro em um tanque de grama, me deixou um pouco nervosa. Havia uma partição de madeira entre a gaiola da cobra e um outro aquário. Fui olhar o conteúdo do segundo. Ali, em um pequeno ninho feito de lascas de cedro, perto de uma pequena roda e um pouco de queijo, havia um rato branco, cercado por cinco pequeninos seres albinos enrugados, pelados e ensangüentados.

— Eca! — exclamei, sem conseguir me conter.

— Eram oito no total, mas ela comeu os menores — disse Poe.

— Nojento. — Olhei para ele e mordi meu lábio. Onde ele conseguia essas coisas estranhas? Agora, ele estava usando um suéter vermelho macio que parecia ser de cashmere e calças cinza tipo cargo. — Qual é o nome deles?

— Eu não dou nome para comida. São todos para ele — respondeu, apontando para a gaiola da cobra.

Nojento de novo.

— Você os usa como alimento para a cobra?

— Sim — respondeu ele. — É a cadeia alimentar. A maioria dos irmãos dela também serviu de alimento para ele.

Esqueça todo esse assunto de como ele era legal por ser vegetariano. Esqueça tudo que eu disse sobre os ombros dele também.

— Isso é horrível! Toda a família dela serviu de alimento para aquela cobra, e agora você vai usar os filhotes dela?

— Você não quer saber o nome *dele*? — debochou Poe.

— Não!

Ele olhou para mim.

— Amy, você é vegetariana?

Cruzei os braços.

— Não é você que tem todos os arquivos a meu respeito? Você sabe que não.

— Então, não dê uma de santinha em relação a Lord Voldemort.

Voldemort? Vá entender. E a sua atitude explicava a amizade com o caçador Cabot. Mas não era para isso que eu estava aqui.

— Chega de conversa-fiada. Estou aqui por causa do nosso problema. Você vai me ajudar?

— De certo modo. Vou tentar ajudá-la a localizar essa garota. Mas apenas para provar que você está errada.

— Se você está tão certo de que estou errada, por que se dar ao trabalho? —perguntei.

— Todos os outros me ignoraram.

— Os outros não sabem os problemas que você pode causar. Além disso, quero colocar as mãos no pescoço dela tanto quanto os outros Coveiros.

— Tudo bem por mim. Vamos começar agora.

Se eu não o conhecesse bem, diria que o sorriso que ele deu foi charmoso.

— Vamos começar e acabar logo com isso para eu não precisar mais olhar para a sua cara.

Pode acreditar: o sentimento era recíproco.

*Por meio desta, eu confesso:
não fiz a matéria Interrogatório Básico.*

12.

Sacrossanto

— Primeiro passo, podemos ligar para os Santos — sugeriu Poe, enquanto andávamos rapidamente pelo campus.

— Você tem o número deles?

Eu estava praticamente trotando para conseguir acompanhá-lo. Tenho certeza de que formávamos uma dupla e tanto. É claro que Poe já me achava insignificante, uns saltinhos não serviriam para piorar ainda mais a opinião dele sobre mim.

— Está no mausoléu, junto a outros registros. Precisamos disso durante o processo de deliberação.

— Achei que eles queimassem aquilo.

Ele me olhou.

— É. *Eles* queimam. Amy, será que já se esqueceu? Você é um *deles*.

Dei outro saltinho para tentar alcançá-lo.

— Tudo bem. Pensei que *nós* queimássemos esse troço.

— Queimamos os registros das discussões. O novo clube não precisa saber tudo que os cavaleiros que os convocaram pensavam sobre eles. Mas os arquivos de fatos que juntamos sobre cada um dos convocados são guardados. Estão nos livros de registros, guardados nos arquivos do meu clube.

Entretanto, quando chegamos ao mausoléu, Poe parou.

— Não sabia que as coisas estavam tão ruins.

Olhei por sobre o ombro dele. Na verdade, as coisas não estavam tão ruins quanto antes. A van da CNN ainda estava lá, mas o Canal 8 já tinha ido, assim como a maioria dos repórteres de outros canais.

— Isso não é nada. Você deveria ter visto no outro dia.

Ele apertou os lábios.

— Creio que sou uma *persona non grata* no mausoléu agora.

Não agora. Apenas durante os ENs. Não adiantava nada entrar em uma discussão de semântica agora. Eu ainda queria a ajuda dele. Além disso, se ele queria evitar o mausoléu, tudo bem para mim.

— Isso parece um pouco demais — disse Poe. — Considerando a informação que foi ao ar até agora.

— Talvez eles estejam se preparando para semana que vem — sugeri. — Por quê, os ritos de iniciação não são sagrados o suficiente para você?

— É claro que sim. — Claro. — Mas não vejo por que isso interessaria ao público da CNN.

Desviamo-nos de todas as entrevistas desnecessárias e entramos no mausoléu, embora eu ache que não tenhamos conseguido entrar sem sermos fotografados de diversos ângulos.

— Fomos definitivamente apanhados — afirmou Poe.

— E os Coveiros devem saber que isso é sempre uma possibilidade. Se eles estavam tão preocupados com isso, deveriam ter construído uma entrada secreta.

Como eu acreditava que tinham.

— Sempre uma possibilidade? — debochou Poe. — Eles não tinham lentes teleobjetivas em 1831, Bugaboo.

Na sala de registros, Poe rapidamente pegou o arquivo de Jenny. Passou os olhos pelo conteúdo a fim de encontrar um número enquanto eu me distraía olhando os arquivos dos meus colegas. Talvez você goste de saber que Puck foi suspenso uma vez quando estava no segundo grau porque foi apanhado dentro do vestiário das garotas. Com uma garota. Parece que a tendência de gostar de lugares perigosos não é novidade.

Passei para o meu arquivo. Uau! Eles tinham todas as informações aqui, desde fotocópias do meu boletim do jardim-de-infância até as declarações de Imposto de Renda do meu pai.

— Como vocês conseguiram tudo isso?

Poe olhou para a pasta nas minhas mãos e a fechou.

— Mais tarde. Vamos ligar para os pais dela.

Óbvio que não usamos o telefone do mausoléu.

— Não custa nada sermos cautelosos — disse Poe. Fiquei aliviada de saber que eu não era a única a pensar assim. Os outros achavam apenas que se tratava de mais uma das

minhas neuroses. Decidimos usar o meu celular. Poe inclinou-se para ouvir e eu controlei o impulso de me afastar. A sra. Santos atendeu no oitavo toque. Seu tom era cauteloso e hesitante.

— Sra. Santos, sou amiga da sua filha, Jenny. Eu estava me perguntando se...

— Quem é?

Eu hesitei e Poe me cutucou. E se Jenny estivesse em casa e já tivesse avisado à mãe que não receberia ligações dos integrantes da sociedade? Talvez ela não tenha feito uma lista de todos os patriarcas possíveis, mas tenho certeza de que ela teria se protegido contra o clube atual, principalmente das Coveiras.

— Aqui é Amy Haskel, sra. Santos. Sou uma amiga da sua filha em Eli.

Poe ergueu dois dedos. O imbecil estava pensando em me multar por isso!

— Não conheço você — disse a sra. Santos. — Você está na Universidade Edison? Onde está a minha filha?

— É por isso que estou ligando. Acho que sua filha viajou neste final de semana e ela está com as minhas anotações para um projeto que temos de entregar na segunda-feira. Estou tentando localizá-la para pegar o material de volta. Será que ela está aí?

— Ela está com suas anotações? Jenny não costuma agir assim. Que projeto?

Essa senhora fez a minha paranóia parecer brincadeira de criança.

— É um projeto de literatura inglesa. Shakespeare.

— Jenny não está fazendo nenhuma matéria de Shakespeare neste semestre. E ela certamente não sairia do campus sem nos avisar com antecedência. Ela deve estar na biblioteca.

— Não, sra. Santos. Ela realmente viajou. Nenhuma das colegas de quarto dela a viu nos últimos dois dias.

Poe começou a escrever em um bloco e o ergueu.

Não a assuste.

Tarde demais. A voz do outro lado ficou em silêncio.

— Suas colegas de quarto? — Havia um tom de preocupação na voz da mulher. — Você avisou ao reitor? Por que ninguém nos ligou?

— Estou ligando para a senhora agora.

No entanto, agora que já preocupei a mãe dela, comecei a temer o que isso significaria caso eu estivesse errada. Talvez Jenny estivesse a caminho de casa ou dormindo na casa de uma amiga ou até no apartamento de Micah. Talvez o resto do clube estivesse certo, e eu estava fazendo muito barulho por nada.

— Vocês estão no Bronx, certo?

— Quem está falando? — Ouvi uma nova voz no telefone e presumi que fosse a do sr. Santos. — Por que você está assustando a minha esposa? O que aconteceu com a nossa filha?

— Sinto muito, sr. Santos. Eu não quero preocupá-lo nem nada. Só estou tentando entrar em contato com Jenny e não...

— Você não é a única.

Poe e eu trocamos olhares.

— Nos últimos dois dias, tudo que recebemos são ligações perguntando onde Jenny está, se nós a vimos. E ela não tem atendido ao telefone de seu quarto.

Pensei no telefone celular, ainda guardado na minha bolsa. Não havia ligações não atendidas. Será que os pais dela não tentariam aquele número também?

— Ah, Carlos! — exclamou a sra. Santos. — Por que você não me contou?

— Eu não queria preocupá-la.

Poe começou a escrever de novo. E levantou outra observação:

Você acha que os patriarcas sabiam que ela tinha sumido?

— Então, eu quero saber quem é você e por que está ligando para a gente. Você não está na mesma aula que ela, porque eu sei quais matérias ela cursa e você não é amiga dela porque nós conhecemos todos os amigos dela.

Talvez o senhor não conheça sua filha tão bem quanto pensa. Mas eu não poderia dizer que *sou uma colega da sociedade secreta.*

— Eu a conheci por intermédio de Micah Price — tentei porque era o único nome bárbaro que eu conhecia.

— Aquele garoto — cuspiu a sra. Santos. — Ele não é amigo da nossa menina.

Às vezes eu não compreendia os pais. Ou eles exageravam e achavam que você estava se metendo em apuros ou subestimavam totalmente a possibilidade de os filhos fazerem as coisas escondidas deles. Os Santos pareciam ser do segundo tipo. Mas pareciam estar prestes a sair do mundo de complacência em que tinham entrado.

— Desde que ela conheceu esse garoto, ficou diferente. Ela costumava vir para casa todos os finais de semana e ia à igreja conosco. Agora ela nem quer falar com o nosso padre.

Ou talvez eles entendessem a situação melhor do que eu imaginara.

— Você falou com esse Price? — perguntou o sr. Santos. — Todos os outros amigos dela ligaram, mas dele, não ouvimos uma palavra.

— Então, vocês receberam ligações dos outros amigos dela — disse eu. — De ninguém mais?

Silêncio.

Quando a sra. Santos falou, por fim, foi em um fio de voz.

— Você é um *deles*, não é? Da Irmandade da Morte?

Abortar! Abortar!, li no bloco de Poe.

— Então é verdade — disse o sr. Santos. — Ela se juntou a vocês.

Poe agarrou meu braço e sacudiu, mas me afastei. Proteger o segredo da sociedade não era a minha preocupação no momento. Até agora, os Santos haviam me dado informações importantes. Eu não permitiria que uma coisa tão pequena como a discrição ficasse no meu caminho.

— E se eu for?

— Maricel, desligue o telefone!

— *Onde está a minha filha?* — perguntou a mulher. — Se vocês são tão poderosos, poderão encontrá-la certo? Poderão ajudá-la se ela estiver com problemas, certo?

— Desligue o telefone, *carina*. — Desta vez, a voz dele soou mais longe, como se agora estivesse ao lado dela, em vez de na outra extensão. — Não fale com eles.

— Não! Você não me contou que havia pessoas ligando para saber de Jenny e eu tive de ficar sabendo por uma estranha. Então, eu não ligo sobre o que dizem da Irmandade. Vocês vão encontrá-la, não vão? Vocês vão encontrá-la para mim?

— Podemos tentar — respondi, mas o telefone já estava mudo.

Olhei para Poe.

A expressão do seu rosto era cruel.

— Isso foi um erro. O reitor de Edison não veria maldade no caso de uma garota que saiu da cidade para passar o final de semana fora, mas, se os pais ligarem e começarem a falar sobre a "Irmandade da Morte", principalmente com toda essa cobertura da mídia, então talvez comece a haver uma pressão para levar o caso à polícia. E isso certamente chamaria mais atenção da mídia. Ou seja, tudo que não queremos.

— Fale por você — respondi. — Se há realmente algo de ruim acontecendo, como isso pode atrapalhar?

— E se não houver nada, acabamos de cometer uma traição.

— Que tal isto: meus juramentos para com a sociedade só valem para as partes que não envolvem a lei?

— Se fosse tão fácil assim.

— Para mim, é. — Eu o analisei. — Não é para você?

Ele ficou quieto por alguns segundos.

— Pergunte-me quando tudo isso acabar.

— Então você só vai decidir depois que a decisão já tiver sido tomada por você.

Trata-se de um Coveiro até a alma. Será que ele consideraria seus votos sagrados mesmo que houvesse crimes envolvidos? Como isso poderia ser bom para a sua carreira política?

— Você realmente não pensa antes de falar, não é?

— Eu falo o que vejo.

— Mas você não vê tudo que acha que vê.

— Talvez não — disse eu. — Mas pelo menos descobri que não eram os patriarcas que estavam ligando para ela. Talvez porque eles sabem onde ela está.

— Talvez porque eles estão presumindo que os Santos não sabem. E eles estão certos.
— E, então, para evitar que o fio de compreensão que criamos se desintegrasse totalmente, ele olhou para o bloco de anotações em sua mão. — Então agora *nós* presumimos que os Santos vão alertar a universidade, a polícia e a mídia.

— Espero que eles tenham mais sorte que eu.

— Espero que não. E quanto a nós?

— Acho que está claro.

Ele fechou o bloco.

— Micah Price.

Jenny não poderia ter escolhido uma hora pior para desaparecer. Eu realmente precisava estudar neste final de semana. Eu tinha uma reunião naquela tarde com o meu orientador e prometi que definiria o tema da minha monografia. Além disso, tinha um trabalho para a manhã do dia seguinte que eu ainda nem havia começado.

Tecnicamente, o trabalho deveria ser entregue hoje às 5h horas da tarde, mas todo mundo sabia que a professora Szyska nunca ia ao escritório nas sextas-feiras à tarde. Esse era o dia em que a namorada dela chegava à cidade para começarem o final de semana. Era o dia de namoro de Szyska. Contanto que você enfiasse o trabalho por baixo da porta dela até as 10h de sábado, quando ela aparecia para trabalhar, você era considerado um excelente aluno. O que era ótimo, já que eu nem tinha escolhido o tema que abordaria para o trabalho de seis páginas que eu tinha de escrever sobre o livro *Escória de carvão de Humphrey*. Eu estava pensando em fazer algo sobre a atual obscuridade de Tobias Smollett, autor da obra, no currículo acadêmico do colegiado moderno. Algumas boas adaptações para o cinema (talvez escritas por Emma Thompson ou Richard Curtis) fariam maravilhas para todo o subgênero de comédia cavalaria do século XVIII no campo da ficção em língua inglesa.

Quanto ao meu projeto de sênior: eu estava ferrada. Mas poderia pular os sermões de autoflagelo sobre como passei o último mês distraída com George e começar a me preocupar com o problema que eu tinha em mãos. Nome: localizar Micah Price.

O que não foi tão difícil como seria de se esperar. Poe tinha planejado usar alguma influência dos Coveiros no escritório de registros, mas isso não foi necessário depois que joguei o nome de Price no Google. Os resultados da pesquisa mostraram algumas notícias que saíram no *Eli Daily News* nos últimos meses. Parece que ele liderava um movimento contra a matéria Literatura Bíblica e fazia protestos contra essas aulas durante o semestre. As aulas aconteciam nas segundas e quartas-feiras, sendo que havia sessões às sextas-feiras às 10h30. E estávamos dentro do horário da aula.

Encontramos o protesto, como era de esperar, no jardim Cross Campus. Eu me perguntei se os protestantes contavam com mais popularidade no início do ano. Agora o grupo consistia apenas em Micah, uma dúzia de cartazes e três calouros (um dos quais estava sentado com as pernas cruzadas no gramado meio congelado, meio morto, trabalhando em um problema de álgebra linear). Considerando a pilha de cartazes de protesto empilhados perto do grupo, eu poderia jurar que Micah esperara mais

participantes. Ele estava gritando em um megafone e o resultado era que muitas das palavras que ele gritava saíam falhadas.

— A palavra de Deus *não* deve ser analisada — gritava ele.

Dois dos calouros gritavam "Isso mesmo". O aluno de álgebra linear apenas erguia os punhos fechados no ar.

— A palavra de Deus não deve ser sujeita a comparações. — (Isso mesmo!) — Não se trata de *histórias* que poderiam ser dissecadas por *hereges* que se inscreveram nessa matéria. Não se trata de *mitos*, para serem classificados e abandonados pelos *ateus* que odeiam Deus e controlam esta instituição!

Os seguidores sacudiam seus cartazes, que traziam *slogans* como: NÃO ME FALE SOBRE O *MEU* DEUS, A BÍBLIA NÃO É UM CONTO DE FADAS e, por mais estranho que pareça, EU NÃO SOU UM MACACO. (Este último deve ser uma sobra do protesto que ele promoveu na terça-feira no seminário de Base Geológica da Evolução Humana do departamento de Antropologia.)

— Eu me pergunto que Bíblia eles estão defendendo — começou Poe. — A do Rei James? A internacional? A católica? Eu me pergunto se ele acha que é boa idéia estudar os Apócrifos.

— Quando fiz essa matéria, usamos a edição anotada de Oxford — respondi. — E a grande controvérsia na minha turma era acerca da tradução. Havia um aluno judeu que discutia toda semana sobre vogais e sentidos alternados etc. Apreendi mais do que pensei que aprenderia sobre septuagintos.

— Talvez eles devessem ter aulas sobre História da Bíblia? — perguntou Poe.

— Acho que isso causaria ainda *mais* controvérsia. O problema de aulas que usam os textos sagrados de uma religião viva é que algumas pessoas na aula verão o texto como sagrado. Ninguém levanta bandeiras contra o estudo da mitologia mundial. Mas tentar ensinar usando um texto que algumas pessoas acham que foi profanado desde o início é um problema.

— Então por que o departamento de literatura insiste em ensinar? Por que não ficam apenas com o estudo da Bíblia no departamento de teologia e pronto?

— Porque não discutimos necessariamente a religião. Apenas as histórias e o propósito do contexto. Alguns alunos querem entender Faulkner e Borges e Steinbeck sem ter lido a Bíblia antes.

— E de quem é a culpa disso? — riu ele. — Esta universidade foi fundada por puritanos que não achavam que Harvard era sagrada o suficiente. E não para ensinar a pessoas que não lêem a Bíblia.

— Esta universidade também não foi fundada para mulheres, mas olhe: aqui estamos nós — devolvi. — Muitas coisas funcionam assim. — Fiz um sinal com a cabeça em direção ao protesto. — Não sei como eles conseguem assistir à aula com esse barulho o tempo todo.

— Acho que se acostumam depois de um tempo.

Seguimos pelo gramado até o grupo não-tão-alegre de Micah. Ele estava lendo um editorial a favor de se citar a Bíblia. Bati em seu ombro durante uma rendição particularmente animada de Levítico 26.

— ... *E se rejeitardes os meus estatutos, e a vossa alma se enfadar dos meus juízos, não cumprindo todos os meus mandamentos, para invalidar...* O quê?

Ele virou e deparou comigo.

— Desculpe interromper — disse eu. — Mas você tem visto Jenny?

Micah me olhou de cara feia e depois para Poe, mas ele não foi bem-sucedido, porque Poe era um mestre Jedi na arte de olhar de cara feia. Ele derrubava paredes.

— Vejam só — disse Micah, baixando o megafone. — A Irmandade da Morte veio calar o meu protesto.

— De forma alguma — respondi. — Pode ficar à vontade. Eu só preciso saber se você tem visto Jenny ultimamente.

— Não a vejo há dias. — Ele virou e levou o megafone aos lábios. — *E destruirei os vossos altos, e desfarei as vossas imagens, e lançarei os vossos cadáveres sobre os cadáveres dos vossos deuses; a minha alma se enfadará de vós.*

— Você pulou alguns versos — informou Poe, esticando a mão e tirando o megafone das mãos de Micah. — Agora responda à pergunta da moça e depois você pode voltar para a sua lengalenga.

Os três calouros congelaram. O aluno de álgebra linear olhou para cima, afastando o olhar da calculadora. E, talvez eu esteja imaginando coisas, mas acho que vi rostos nas janelas da sala de aula. Poe fez um sinal para que eu continuasse. Era óbvio que ele não era adepto dos constantes avisos de Malcolm sobre discrição.

— Certo. — Arregacei as mangas do meu suéter. — Vou perguntar de novo: qual foi a última vez que você viu Jenny?

O olhar que Micah lançou para Poe me deu medo e senti uma necessidade súbita de dar um passo para trás, mas mantive os pés firmes no chão e ergui o queixo. Lembrei que esse era o cara que havia ameaçado Jenny, o cara que quase lutara com Josh e que, depois de todo o seu discurso sobre piedade, era a única pessoa próxima de Jenny que não se preocupava em procurar por ela.

Ele se aproximou de mim.

— Aquela piranha me traiu — provocou ele.

Entre na fila, cara.

Mas Micah ainda não tinha acabado.

— Então, não dou a mínima para onde ela esteja e não estou nem aí para o que possa acontecer com ela. Ela merece qualquer punição que caia sobre ela. Jennifer Santos é uma prostituta inútil de Satã — continuou ele. — E você sabe disso, porque você também é.

E ele cuspiu no meu rosto. Fiquei ali parada, em estado de choque. Assim como os calouros, os alunos que estavam em aula (que realmente estavam assistindo a tudo) e todo mundo que estava no Cross Campus.

Poe simplesmente deu um passo na direção de Micah e devolveu-lhe o megafone.
E depois acertou-lhe um soco no queixo.

*Por meio desta, eu confesso:
estou tão chocada quanto você.*

13. Hipóteses

— Não acredito que acabei de fazer isso — repetia Poe sem parar, enquanto saíamos do Cross Campus.

Olhei para trás enquanto subíamos os degraus próximos à fonte do Memorial às Mulheres de Eli, cujo projeto é de Maya Lin, e que tem bem mais do que uma leve semelhança com a sua obra mais conhecida, o Memorial aos Veteranos do Vietnã. (Essa mulher tem alguns truques, mas eles são bons.) Sim, Micah ainda estava caído no chão. Os três calouros estavam em volta do seu corpo estendido. Precisávamos *muito* sair da cidade.

— Não acredito que acabei de fazer isso. Por que eu fiz isso? Não acredito que fiz isso.

Poe enfiou a mão no bolso e pegou um lenço. Ah, por Perséfone! Será que ele ia enxugar a testa? Em vez disso, ele me entregou.

— Ele acertou o seu olho?

Surpresa demais para não aceitar, eu o peguei e limpei o cuspe de Micah que ainda estava na minha bochecha.

— Não acertou, não. Obrigada.

— No que eu estava pensando? — Poe encostou-se em um mural de recados perto da biblioteca e cobriu o rosto com as mãos. — Vou ser preso e suspenso. Se eles me processarem, não passarei na prova da ordem dos advogados.

— Talvez eu esteja um pouco influenciada e tudo — disse eu —, mas todo esse lance de você defender a minha honra foi legal.

— Sei lá... assim que eu o ouvi falar sobre... a Rosa & Túmulo daquele jeito...

— Rosa & Túmulo? — perguntei. — Você não quer dizer Jenny e eu?

Ele deslizou pela parede, olhando para os sapatos.

— Juramento de fidelidade. Ah, estou encrencado.

Tudo bem, talvez ele não estivesse preocupado em defender a minha honra. Pelo menos, não tanto quanto os seus juramentos exigiam. Mas, mesmo que o pensamento não contasse, o ato contava muito.

— Venha — ofereci a mão para ele. — Vamos continuar andando.

Poe colocou as mãos no chão e se ergueu.

— Certo, porque se afastar da cena do crime sempre é a melhor opção.

— Ele não vai dar queixa — disse eu, enquanto entrávamos na sala comum da faculdade mais próxima. — Porque se ele fizer isso terá de contar que foi um grande merda.

Sentamos em um sofá que ficava atrás de um piano de cauda, de modo que não dava para nos ver da porta. Poe flexionou a mão.

— Está doendo — afirmou ele com um tom de surpresa.

— Bem, você o socou com muita força.

Ficamos ali sentados por um tempo, sem falar nada, enquanto nossos níveis de adrenalina baixavam e recuperávamos o fôlego. Já fazia muito tempo desde a última vez que eu tinha visto uma briga que envolvia socos. Mas essa só envolvera um. Mesmo assim... Olhei para Poe, que ainda estava examinando os nós machucados dos dedos. Acho que acabei de acrescentar mais um item à lista de coisas que me surpreenderam em Poe.

Malcolm ficaria muito orgulhoso.

Por fim, perguntei:

— O que eles querem dizer quando nos chamam de "Irmandade da Morte"?

Poe esfregou a mão.

— Trata-se de um nome bárbaro — informou ele. — E bastante popular entre os teóricos da conspiração que acham que somos adoradores do demônio. Olhe naquele website e você encontrará tudo.

Humpf. Nesse momento, eu estava quase certa de que o segredosdoscoveiros.com estava sendo muito visitado. Ei, isso me deu uma boa idéia: visitar o site sem parar até que ele caísse. Se conseguíssemos isso, eles não teriam como postar nada novo. Eu tinha de me lembrar de dizer isso a Josh. Afinal, havia mais de um modo de lidar com teóricos da conspiração. É claro que devia haver outros meios de parar o traidor (ou traidora). Afinal, a pessoa que estava pegando pesado nos últimos dias era Jenny. Quem poderia saber se as informações que ela nos deu sobre como encontrar esse cara tinham sido falsas o tempo todo? Com certeza deveria ter mais alguém no clube com conhecimentos tecnológicos suficientes para causar algum estrago.

— É por causa da morte e das imagens do Hades e todas aquelas coisas que usamos durante a iniciação — dizia Poe, enquanto eu imaginava toda essa questão de escândalo terminando em lamúria, e não em uma explosão. — Na tradição cristã, o mundo dos mortos é sempre o inferno, o reino do mal. Na tradição grego-romana, não é assim. Não havia julgamento de valor depois da morte. Os heróis também iam para lá. Os maus eram punidos no Tártaro, enquanto os heróis ficavam nos Campos Elísios. Mas todos acabavam no Hades.

— Obrigada. Só para sua informação, não sou uma idiota total em mitologia.

Ele deu de ombros.

— Também é uma outra maneira para eles tentarem explicar nossa influência. Do mesmo modo que aqueles doidos que acham que somos controlados por répteis de outro planeta. Somos poderosos, então temos de estar ligados a demônios. Entendeu?

Acenei com a cabeça. Suponho que tenha entendido a confusão.

— Jenny nos chamou de "Irmandade da Morte" na Noite de Iniciação — informei.

— E isso a surpreende? Levando em conta as pessoas com quem ela costuma andar? Se você não se lembra, os pais dela também nos chamaram assim.

— Não, isso não me surpreende. — Recostei no sofá e cruzei os pés embaixo do corpo. — Mas me faz pensar.

— No quê?

Mordi o lábio. Se eu expressasse meus pensamentos em voz alta, Poe iria considerá-los apenas como teorias da conspiração. Do mesmo modo que os outros Coveiros fizeram. Mas já estava acostumada com isso, então o que eu tinha a perder?

— Fico imaginando por quanto tempo ela planejou isso tudo. Sei que ela não gosta de ser uma Coveira e tenho motivos para suspeitar que ela tenha quebrado o juramento de confidencialidade. Acho que ela contou para o namorado tudo o que acontecia nas reuniões.

Os olhos de Poe se arregalaram.

— E você contou isso para os outros?

— Para Josh — disse eu. — Mas ele não acreditou. Sou a desinformada e histérica, lembra?

— Amy, se você acha que é uma pessoa de segunda classe no seu clube, é porque tem agido assim.

— Não. É porque ninguém me ouve.

— Que é porque... — Poe parou e suspirou. — Deixa pra lá. Continue.

— De qualquer forma. E se Jenny já estivesse planejando nos expor desde o momento em que entrou para a sociedade? Será que ninguém do seu clube temeu por isso? Não sei que tipo de deliberações vocês tiveram antes de decidirem convocá-la, mas sei que deliberaram.

— Essas informações são confidenciais.

— Parece que muitas coisas são segredo até que vêm a público. Talvez mantê-las escondidas não seja tão bom para a gente.

— Ou talvez o problema seja que a informação *vazou* para os patriarcas que você acredita que a seqüestraram.

— Então, isso *era* uma preocupação! — Peguei a dica e Poe se sobressaltou. — O que vocês discutiram?

— O irmão mais velho de Jenny era um programador de computador — disse ele.

— Ele está por aqui? Talvez ele pudesse nos ajudar.

— Aguardo notícias dele desde que a história foi ao ar.

Droga. Parece que todos os patriarcas recentes tinham seguido a vida e esquecido da gente... Exceto Poe.

— Jenny era a melhor opção para ficar no lugar dele e todos concordaram. — Poe hesitou. — Eu não deveria estar contando isso para você. — Mas então ele tomou uma

decisão. — Sim, nós nos perguntamos se ela não teria dificuldades em se dedicar à sociedade, considerando suas fortes crenças religiosas, mas não dava para discutir com as credenciais dela. Ela é um gênio. Lembre-se que estávamos tentando convocar apenas supermulheres.

E conseguiram. Todas, exceto eu. Eu era a Bugaboo, convocada aos quarenta e cinco do segundo tempo depois que a primeira opção de Malcolm tinha: a) sido largada, b) ficado maldosa e c) perdido a cabeça.

O relógio nos avisou da hora.

Poe levantou.

— Preciso ir. Tenho aula. Podemos nos encontrar esta tarde?

— Tenho uma reunião com o meu orientador à 1h.

Ele mordeu o lábio.

— Tudo bem, então. Pode ser depois. Vou tentar marcar uma reunião com o reitor da Edison e ver se conseguimos entrar no quarto de Jenny de forma legítima desta vez. Talvez os pais dela já tenham ligado. E... — Ele respirou fundo. — E vou ver se me lembro de mais alguma coisa das deliberações sobre Jenny. Combinado?

— Combinado... Mas tem *mais* uma coisa que você pode fazer — disse, olhando-o diretamente nos olhos. — Talvez conseguir uma resposta direta de uma vez por todas a respeito do envolvimento de Gehry?

Ele engoliu em seco.

— Eu não tenho mais conexões com ele.

— Você ia ser estagiário dele!

— Sim — disse Poe. — E aí resolvi ouvir você.

Eu costumava fantasiar sobre a minha monografia de final de curso, mas depois comecei a fantasiar sobre garotos. Na minha imaginação, eu estaria sentada em algum cenário universitário pitoresco — uma biblioteca cercada de janelas e uma mesa com abajures esverdeados ou em um banco de granito embaixo de um salgueiro chorão em um jardim cercado por gárgulas — e viraria uma página de um livro mofado, leria um pouco, depois me levantaria, pegaria alguns papéis ou mesmo óculos de leitura, daria um soco no ar e gritaria "Eureca!". Depois, correria até o escritório do meu professor favorito (que, estou um pouco envergonhada de admitir, na minha visão era sempre uma pessoa mais velha, branca e do sexo masculino), onde ele estaria, sem dúvida, sentado em uma cadeira de couro de espaldar alto em um escritório espaçoso e cheio de livros e teria uma secretária que lhe serviria chá em uma linda xícara de porcelana. Eu estaria tremendo de tanta animação para contar a ele sobre uma descoberta surpreendente que fiz em um dos cânones e, sim, eu seria a primeira a argumentar que...

Bem, meu sonho sempre acabava no ponto em que eu estava prestes a contar sobre o que eu escreveria, embora ele sempre voltasse, de forma muito conveniente, para a parte em que eu recebia um prêmio Fulbright e um Rhodes e, depois, meu trabalho era

publicado em uma revista acadêmica de renome, onde eu era citada como "uma nova estrela da disciplina".

Já chega disso.

Eu estava no elevador, a caminho do escritório do meu orientador, que ficava no sótão do — você não vai acreditar — do prédio de administração do departamento de física, o que era muito inconveniente. Além disso, não havia nenhum tipo de secretária e o professor que o ocupava não era velho nem branco. Na verdade, ele estava na casa dos 40 anos e era do Oriente Médio. Tentei preparar uma lista mental do que eu faria.

COISAS PARA DIZER AO PROFESSOR BURAK

- 1) Desculpar-me. Isso deveria ser a primeira coisa, claro, uma vez que eu havia cancelado três reuniões anteriores e tinha conseguido dois prolongamentos no prazo não-oficial do departamento para a entrega de um tema.
- 2) Perguntar sobre a esposa e os filhos.
- 3) Desculpar-me mais uma vez, por não ter preparado uma bibliografia comentada que ele sem dúvida esperava para essa reunião.
- 4) Um tema.

O item número quatro era a parte difícil da equação. O mostrador digital sobre a minha cabeça anunciava que eu tinha mais oito andares para pensar em algo.

O problema era que havia coisas demais na minha mente com as quais eu tinha de lidar no momento. A *Revista Literária* não tinha me tomado tanto tempo, e o trabalho empalidecia em comparação às horas e mais horas que eu dedicava à Rosa & Túmulo todas as semanas. (Howard estava certo quanto a isso.) Acrescente aulas e algumas fracas tentativas de ter uma vida social e eu já estava gemendo. Eu sempre prometia a mim mesma que mergulharia de cabeça na minha monografia no próximo semestre, quando ela realmente contaria como créditos na minha carga horária, e — com alguma sorte — todo esse drama envolvendo a Rosa & Túmulo tivesse acabado.

Porque, vamos falar sério, era difícil pensar em um tema legal para a monografia, quando você está preocupada em decifrar e-mails anônimos codificados, rastrear o proprietário de um website maluco, além de ter de ficar imaginando se uma amiga tinha sido seqüestrada pelos patriarcas da "Irmandade da Morte". Se Perséfone era realmente nossa patrona, já era hora de ela começar a fazer alguns milagres.

O elevador parou e soou um sinal indicando que eu havia chegado ao meu destino, mas não registrei isso. Na verdade, eu quase preendi a mão tentando evitar que as portas fechassem de novo, pois estava totalmente imersa nos meus pensamentos.

Por fim, eu encontrara um tema.

Entrei entusiasmada no escritório do professor.

— Srta. Haskel — disse ele, fazendo um gesto para que eu me sentasse. — Será que já conseguiu decidir um tema?

— Sim — respondi, radiante. — Gostaria de escrever a minha monografia de final de curso sobre as transformações do mito de Perséfone na literatura moderna.

Ele apoiou as mãos na mesa e pareceu digerir a informação.

— Interessante. Você já tem algum texto moderno em mente?

Merda. Repassei mentalmente o meu repertório de possibilidades. Será que *Tess of the d'Urbervilles* seria óbvio demais? Inglês demais? *Não moderno* demais?

— Ainda não escolhi os principais textos — disse eu. — Há tantas opções.

— Verdade.

— Não estou bem certa se devo discutir as ramificações na literatura inglesa ou talvez desenvolver um estudo sobre as opções americanas da virada do século. Ou talvez enfocar textos do período da ascensão do movimento feminista.

O professor Burak acenou lentamente com a cabeça.

— Parece bom. Bem, Srta. Haskell — disse ele, se levantando. — Parece que você já tem por onde começar. Marcarei uma reunião para daqui a um mês e veremos os progressos.

Também fiquei de pé. Era isso? Ele deu a volta na mesa para apertar a minha mão, mas quando a peguei, ele dobrou os dedos de um modo muito familiar e, antes que pudesse evitar, eu estava fazendo o contra-sinal. O, hum, contra-sinal da Rosa & Túmulo.

Não consegui esconder como eu estava chocada, o que sem dúvida fez com que minha cova (sem trocadilhos) ficasse ainda mais funda. O Dr. Burak não era um patriarca.

Ele tinha me testado e eu falhara. Ooops.

— Foi o que pensei. — Ele voltou para sua cadeira. — Podemos começar de novo?

Negar. Negar. Negar.

— Não estou entendendo.

— Vamos lá, Srta. Haskell. Você acha que é a primeira aluna a chegar aqui com um desejo misterioso de escrever sobre Perséfone? — Ele bufou e virou para a estante de livros e pegou um maço de manuscritos. — Vejamos o que temos? "Perséfone e Demetra na obra de D. H. Lawrence". — Ele jogou o trabalho sobre a mesa. *Plaft*. — "Uma deusa americana: Perséfone pré-feministas em *My Antonia* e outras obras menores de Willa Cather" — *Plaft*. — "Não coma romã: estupro e rejuvenescimento na poesia renascentista do Harlem" — *Plaft*. — E, não vamos nos esquecer das *sete* monografias inspiradas em Perséfone na obra de Thomas Hardy, *Tess of the d'Urbervilles*. — *Plaft*. *Plaft*. *Cabum*.

Fui descoberta.

— Não é que eu não ache um campo válido de estudo, sabe? — disse ele enquanto eu ficava ali, encarando a pilha de trabalhos diante dele. Até reconheci alguns dos patriarcas como os escritores. — Mas esse campo está um pouco sobrecarregado no momento. Pelo menos, *neste* templo particular de aprendizado.

Continuei sem palavras.

— E, é claro — acrescentou ele —, há ainda a questão de não poder acessar e citar algumas de suas fontes, uma vez que elas fazem parte de uma coleção muito, *muito* particular mesmo.

Encontrei a minha língua e me lembrei dos meus juramentos.

— Professor Burak, não sei que impressão eu devo ter passado mais cedo, mas asseguro ao senhor que eu...

Ele ergueu a mão.

— Olhe, sou a favor de os alunos explorarem as tradições que são importantes para eles. Paixão é sempre algo positivo quando se escolhe o curso de estudo. Mas já é hora de começar a pensar de forma mais criativa. Afinal, já faz, o quê? Duzentos anos?

Cento e setenta e sete. Mas isso não era da conta dele.

— E sei que vocês devem ter muitas regras e rituais que têm origem em vários mitos. Por que essa monomania acerca de Perséfone?

— Senhor, eu...

— Certo. Já sei. "Você não faz idéia do que eu estou falando". Claro. Já sou professor nesta universidade há tempo suficiente para conhecer os procedimentos. Mas isso não muda nada sobre o assunto. Nós, do departamento de literatura, já lidamos com isso há mais tempo do que você tem de vida, Srta. Haskell. Duvido que a senhorita consiga abordar o tema sob uma perspectiva que nós ainda não tenhamos visto. Vamos voltar para a estaca zero.

Derrotada, eu me levantei e preparei-me para sair. Olhei para a pilha de trabalhos sobre a mesa dele.

— Algum desses trabalhos foi escrito por uma mulher? — perguntei a ele.

Ele parou para pensar.

— Não. Até onde sei, você é a primeira mulher a tentar esse truque em particular. Mas não pense que isso tornará o tema aceitável.

— Então, o que isso significa?

Ele riu.

— Significa mais uma semana para pensar em um tema.

Poe me enviou uma mensagem de texto para que eu o encontrasse no escritório do reitor da Edison às 3h30 da tarde, então, depois de uma parada rápida no terminal da biblioteca a fim de me certificar de que o tema de Estudos de Perséfone realmente estava lotado aqui em Eli, segui para o encontro, ainda um pouco abalada pela sacudidela que levei do orientador. Mas, fala sério, que tipo de idiota éramos nós, Coveiros, por pensarmos que os poderosos desta universidade não acabariam notando nossa predileção por um certo mito? *Que de dentro para fora comece a podridão.* Sério!

O professor Burak não tentou me acusar de tentar copiar a minha monografia nem nada, mas a preocupação era óbvia. Então, agora eu tinha de acrescentar mais uma tarefa na longa lista do que eu tinha para fazer.

Encontrei Poe andando fora dos portões da Edison, esperando por algum aluno da graduação de Eli com um cartão de entrada para ele também poder entrar. Passei meu cartão no portão e o segurei para que ele entrasse.

— É ruim não ter mais acesso, né? — perguntei enquanto cruzávamos o jardim.

Mas ele não mordeu a isca e, depois de um momento, desistiu da hostilidade.

— Na verdade, o mais frustrante é que sempre andei pelo campus tendo como base os lugares aos quais meu cartão me dava acesso. Agora tenho de contornar diversos prédios que antes eu simplesmente atravessava. — Caminhamos até o escritório do reitor e ele segurou a porta para mim. — Pelo lado positivo, posso ficar a noite toda na Biblioteca de Direito.

Touché. A ausência de um lugar onde os alunos pudessem estudar a noite toda sempre foi motivo de frustração para todos. A maioria das bibliotecas da universidade fechava no início da noite. A biblioteca principal fechava à meia-noite e, mesmo as seções de consulta sob o Cross Campus fechavam às 2h da manhã. Se você quisesse estudar a noite toda, só podia fazê-lo em seu quarto (ou, se você tivesse sorte, no seu mausoléu). Eu conhecia algumas pessoas que conseguiram convencer amigos estudantes de direito a emprestarem passes para a zona proibida e, em geral, a Biblioteca de Direito era considerada um meca para os acadêmicos sérios. Um espaço em que as torneiras tinham água quente e fria e todas as cadeiras eram ergonômicas.

Eu mesma nunca estive lá. Para dizer a verdade, nunca estudei a noite toda. Minha incapacidade de ficar acordada sempre foi um motivo de divertimento para meus amigos da faculdade. Quando eles faziam uma parada à meia-noite para comprar mistos-quentes na Buttery, eu já estava engatada no trabalho havia várias horas, porque sabia muito bem que, a partir das 2, no máximo três, da manhã, eu já não prestava para mais nada. Isso estava sempre acontecendo comigo depois que eu fora convocada para a Rosa & Túmulos, começando pela Noite de Iniciação, quando desmaiei em algum momento durante a madrugada, só para ser carregada para casa, ter a minha roupa tirada e depois ser enfiada na cama de Malcolm (uma situação que causou mais do que uma pequena confusão quando acordei) e se repetindo até hoje em todas as reuniões à noite. Meu clube costuma encerrar as reuniões oficiais da sociedade por volta das 2h da manhã e, depois, querem ficar no mausoléu e festejar, mas tudo que quero é me enfiar embaixo das cobertas.

Eu testaria minhas condições esta noite, enquanto lutaria para conseguir fazer o trabalho sobre Humphrey Clinker até a manhã seguinte.

— Você conseguiu falar com alguém esta tarde? — perguntei enquanto entrávamos na ante-sala.

— Conto depois.

Poe informou nossos nomes à secretária, cuja mesa era um altar ao movimento sindicalista, e ela anunciou nossa chegada ao reitor. Ele apareceu e nos acompanhou até seu escritório, fechando a porta atrás de si.

— Vocês são amigos de Jenny? — perguntou o reitor. Concordamos com a cabeça. Mentirinhas inocentes, uma vez que tenho certeza que Poe está na lista das pessoas de quem Jenny não gosta e ele também parecia não gostar muito dela. Quanto a mim, eu não sabia bem onde me situava. Eu estava morrendo de raiva dela, é claro, mas ela ainda era minha irmã. Além disso, eu me sentia mal por ela. Passar tanto tempo com um imbecil como Micah Price deve ser horrível.

— A situação é a seguinte — disse o reitor. — Recebi um telefonema dos pais de Jenny, dizendo que os amigos dela não sabiam onde ela se encontrava. Os pais não fazem idéia de onde ela possa estar e os amigos com quem entrei em contato também não. Já acionei a polícia do campus e, de acordo com eles, não há evidências de nenhum problema, tudo indica que se trata apenas de uma garota de 20 anos que decidiu passar o final de semana fora. Talvez ela esteja em Foxwoods jogando pôquer. Talvez tenha decidido ir a uma boate em Chelsea. Não posso tomar medidas muito drásticas só porque uma formanda decidiu matar aula na sexta-feira para curtir um final de semana.

— Você conhece essa garota? — perguntou Poe. — Posso garantir que ela não está jogando pôquer.

— O que o senhor quer dizer com "nenhuma evidência"? — perguntei, tentando manter o assunto. — O senhor viu o quarto dela?

O reitor me olhou.

— Por quê? Você viu?

Sorri sem graça e dei de ombros.

— Fui até lá mais cedo com dois policiais — continuou ele. — E nada parecia fora do lugar.

Nada parecia fora do lugar? Será que esse cara estava dizendo que uma zona de desastre parecia normal? Ele obviamente devia ter ficado cínico depois de anos vivendo com alunos desorganizados. Abri a boca para falar, mas Poe colocou a mão sobre a minha.

— Sentimos muito estar incomodando o senhor com isso — disse Poe, enquanto eu controlava a vontade de tirar a minha mão debaixo da dele —, mas Amy está muito preocupada com a amiga. Elas discutiram um pouco outro dia e ela está se remoendo desde então. — Ele olhou para mim e meneou a cabeça de leve, a expressão cheia de falsa preocupação. Fechei a mão livre. — O que o senhor disse faz todo sentido do mundo e tenho certeza de que Jenny vai estar de volta no domingo à noite.

— Eu também — respondeu o reitor.

— Querida — disse Poe para mim e me encolhi —, por que você não deixa um bilhete para Jenny? Vai ser a primeira coisa que ela verá quando chegar em casa. E é muito mais pessoal do que um e-mail ou uma nota no quadro branco. — Sim, porque ela nem tem um quadro branco. — Talvez o reitor permita que você deixe o bilhete na mesa dela, sabe, *perto das chaves e do telefone celular*. — Ele olhou para o reitor. — Acho que não haveria problemas, não é?

— Claro que não — respondeu o reitor. — Vou pegar a chave mestra com a minha secretária.

Dois minutos depois, estávamos no elevador da torre da Edison e, enquanto Poe e o reitor falavam sobre as virtudes da arquitetura moderna, eu escrevia um bilhete para Jenny.

Querida Jenny,

Desculpe o linguajar, mas que porra é essa? Onde é que você se meteu? Você tem muito o que explicar, chica! Tudo que resulte em uma conversa mais próxima com James Orcutt não é facilmente perdoado. É melhor que você esteja com problemas de verdade, ou você já era.

Com amor,

Amy

Pronto. Isso deveria resolver. Chegamos ao andar de Jenny e seguimos até seu quarto, que agora, por mais chocante que seja, tem um quadro branco pendurado na porta que o reitor destrancou. Eu quase engasguei.

O quarto estava limpo. Arrumado. É claro que a grande quantidade de computadores de Jenny ainda era evidente, e também havia a pilha de cartas que ainda não tinham sido abertas sobre a mesa, mas a cascata de papéis e a confusão de cabos e fios não estavam à vista. O piso havia sido varrido e exalava um fraco perfume de limão. A cama estava perfeitamente arrumada.

— Viu? — perguntou o reitor. — Está tudo bem. Por favor, deixe o bilhete.

E foi o que fiz. E, enquanto Poe distraía o reitor com mais conversa-fiada, deixei as chaves e o telefone e, furtivamente, procurei sobre a mesa por alguma prova do que acontecera neste quarto nas últimas 18 horas. Nada. Não havia nenhum post-it ilegível, nenhuma anotação no calendário (que, a propósito, exibia a data de hoje). Havia uma caneca cheia de canetas, livros da biblioteca empilhados de forma organizada e uma pilha de correspondência por abrir arrumada de forma exemplar. As paredes exibiam os mesmos pôsteres impressionistas e o retrato vitoriano. O altar no canto parecia limpo e fresco. Senti um frio descer pela espinha.

O que aconteceu aqui?

— Pronta para ir? — perguntou o reitor e, como um zumbi, eu saí.

Esperem! Esperem! Parem! Há algo muito errado acontecendo aqui! Ouçam o que estou dizendo! Por favor! As palavras se juntaram em minha garganta e eu abri a boca para dizê-las.

Poe pegou meu cotovelo.

Quando saímos do elevador, Poe se despediu animadamente do reitor e me acompanhou pelos degraus e pelo jardim de Edison. Assim que o reitor desapareceu no escritório, me afastei.

— Como... você... se atreve? — explodi.

— Consegui fazer com que você entrasse no quarto, não foi?

— É, mas fez com que Jenny e eu parecêssemos duas idiotas! Foi humilhante.

Poe suspirou.

— Sabe, Amy, se você parasse um pouco com esse discurso feminista, veria que, às vezes, agir como um idiota, seja você homem ou mulher, quando se trata de espionagem, pode ser muito útil. Você é uma formanda em Literatura. Você não leu *O Pimpinela escarlate*?

— Então, acho melhor *você* agir como o idiota, Sr. Percy.

Ele meneou a cabeça.

— Não nessa situação. Se estivéssemos falando com uma reitora, eu ficaria feliz em atuar como um amante preocupado com o seu amor, mas isso não teria funcionado com aquele cara.

Sim, principalmente levando em conta que Poe teria primeiro de conseguir parecer o namorado de alguém (deixando de lado os ombros fortes).

— Não me diga que você nunca precisou fingir para conseguir o que queria.

Com isso, ele me pegou.

— Talvez seu problema seja que o pequeno número que encenamos esteja muito perto da verdade.

— Talvez meu problema seja que isso lhe deu outra chance de agir como um porco chauvinista superior.

E, aparentemente, essa afirmação também estava muito perto da verdade. Poe ficou em silêncio por um tempo e depois se refez.

— Amy, cresça e apareça. Eu só conversei um pouco com o cara e nós conseguimos entrar. Deixe essa indignação de lado.

Poe enfiou as mãos nos bolsos e continuou andando. Fiquei parada por um tempo. Era fácil para ele dizer. Cômodo para ele não ficar na defensiva sempre que o chamavam de idiota, porque ele *escolhia* quando isso ia acontecer. Quando você tem de lidar com atitudes de rejeição o tempo todo, bancar a idiota era bem mais difícil. Eu era tratada como inferior muitas vezes durante a semana, mesmo quando eu *não* estava me fazendo de burra, só porque... Por quê? Na população geral, era porque eu era uma mulher, no mundo de Eli, era porque eu era uma formanda em Literatura, que era considerado "fácil" e, na minha sociedade secreta, era porque eu tinha uma leve tendência histórica à paranóia.

Mas eu não era idiota. E não estava errada em relação a isso. Na verdade, eu não estava nem um pouco errada. Havia algo de muito estranho no caso de Jenny Santos, e eu ia provar.

Alcancei Poe e seguimos para o prédio principal dos graduandos.

— Tudo bem — disse eu, por fim. — Concordo em colocar nossas opiniões políticas de lado por um tempo, a favor do bem maior. Sim, nós entramos no quarto dela. Obrigada. E eu sei que você não vai acreditar em mim, mas aquele lugar estava um desastre total na noite passada. Parecia que uma bomba tinha explodido lá dentro.

Poe fechou a porta atrás de nós e ficou um tempo parado com a mão na maçaneta e olhando para o chão. Depois, ele olhou para mim, com os olhos cinzentos tristes cheios de preocupação.

— Acredito em você — afirmou ele. — Acho que talvez ela esteja em perigo.

*Por meio desta, eu confesso:
eu também fico convencida.*

14.

Concessão e omissão

Por que a declaração de Poe me deu um frio na barriga? Afinal, eu vinha dizendo isso o dia inteiro. Mas eu já tinha me acostumado com as pessoas me dizendo que não acreditavam em mim. Então, quando alguém acreditava — alguém cujo objetivo de vida parecia ser provar que eu estava errada —, eu não me sentia reconhecida. Pelo menos, não na hora. Não, a minha reação imediata foi de terror. Depois, triunfo. É claro.

— O quê?! — exclamei. — Se você acredita em mim, temos de correr para contar à polícia tudo o que sabemos.

— Não sem provas de que realmente há algo de errado. Não por causa de um adulto que está sumido há um dia. Ninguém vai ver um quarto limpo como um sinal de seqüestro.

— Quando você pretendia me contar que mudou de idéia?

Estávamos juntos fazia meia hora e ele não havia me dado nenhuma indicação de que mudara de idéia.

— Você acha que eu deveria ter feito isso na frente do reitor de Edison?

— Acho, *sim*. Quanto tempo você estava planejando me deixar sem saber?

— Eu queria obter mais informações primeiro. Queria confirmar os fatos.

Porque ele não acreditava em mim.

— Por que você não me deixou falar lá na torre? Você viu o quarto. Você sabe que não estava assim quando eu entrei lá.

— Essa não é a única coisa que sei. — Poe olhou para um lado e para o outro para ver se tinha alguém e depois para mim, aproximou o rosto do meu e começou a sussurrar. — Depois da aula, liguei para o Sr. Gehry.

— Ligou? Pensei que você tinha dito que ele não falaria com você.

Aparentemente, porém, tudo era uma questão do que Poe tinha a oferecer.

— Eu disse a ele que acreditava que Jenny Santos era a responsável pelo vazamento de informações.

— E?

— Ele não pareceu surpreso. O que, por si só, é surpreendente. Mas, então, ele disse que já tinha "resolvido o problema" e "que tinha providenciado para que pessoas como ela

não fossem mais uma ameaça para a organização". — Poe se afastou da parede e virou. — Eu pensei que sabia o que ele queria dizer, mas... o quarto dela! Parece que foi desinfetado!

Eu não sabia como lidar com este Poe. O Poe zangado, sabe-tudo e melhor do que todos, com esse, sim, eu sabia lidar. Não com esse que parecia preocupado, ou amigável, ou com medo. Este era o Poe de quem Malcolm gostava. E eu não fazia idéia de como reagir a ele.

Ele sentou em um banco e cruzou as mãos.

— Você disse que, na noite passada, parecia que o quarto dela tinha sido revirado. Talvez eles estivessem procurando algo. E, depois de ver o quarto hoje, eu poderia dizer que eles encontraram. — Digeri as palavras de Poe enquanto ele me observava com os olhos cinza-claros. — Amy, tem certeza que não havia mais ninguém no quarto com você ontem à noite?

Por mais estranho que pareça, a resposta *é claro* não saiu dos meus lábios. Pode ser porque, de repente, comecei a tremer. Essa capela de pedra era fria e escura e um pouco úmida. E eu poderia estar em uma merda danada.

— Não sei. Tinha tanta coisa lá. Não sei onde alguém poderia se esconder... — A não ser atrás da mesa do computador, ou no armário, ou até embaixo da cama, ou encolhido embaixo do edredom. Esfreguei as mãos nos braços. — Se havia alguém lá e eles me viram...

— Então, provavelmente, eles acham que você também tem a informação. Talvez estejam nos seguindo neste exato momento. Talvez eles procurem por algo no seu quarto.

— Mas isso não faz sentido! — percebi que tinha elevado o tom de voz e voltei a sussurrar. — Quem poderia estar me seguindo? Todos os Coveiros do planeta já sabem que era Jenny quem estava dando informações para o site. É claro que eu tinha essa informação. Todos nós temos. Isso nunca foi uma preocupação.

— Eles já sabem o que ela disse até agora. Nossos procedimentos de iniciação e outras coisas do tipo. Para dizer a verdade, tenho certeza que muito do que foi dito ali já vazou muitas vezes desde o século passado. Mas, a não ser que leia os Livros Negros, você não fica sabendo nenhuma informação substancial sobre o dia-a-dia dos clubes anteriores. Talvez eles queiram descobrir o que ela sabe sobre esses detalhes. — Ele fez uma pausa. — Ou talvez mais do que isso. — Poe me pegou pelos ombros. — O que mais você sabe?

Peguei nos antebraços dele, no estilo de defesa de caratê.

— Nada. Só sei as coisas sobre as quais conversamos nas reuniões.

Ele estreitou os olhos.

— Tem certeza?

Do que ele estava falando?

— É claro que eu tenho certeza. É comigo que você está falando, lembra? Com a Coveira mais sem noção de todos os tempos!

Poe não respondeu, só ficou ali por um momento me analisando.

— Você vive dizendo isso, mas deve saber que não é verdade. — Seu tom era suave, quase conciliador. Ou talvez isso seja apenas porque ele estava sussurrando. — Você tem um jeito de arrancar informações. Como no ano passado...

Ele voltou para o banco e sentou, olhando para os sapatos por alguns segundos.

Sim, deve ter sido o sussurro. *Arrancar informações?* Fala sério. Logo depois da minha iniciação, quando os patriarcas tinham transformado o mausoléu em uma barricada, Poe tinha sofrido um lapso de memória obscuro e eu o lembrei dos seus juramentos a tempo para que ele ajudasse e apoiasse o seu clube. Não é como se eu o tivesse trancado em um quarto e o interrogado usando tanques de água ou pregos nos dedos. *Arrancar!*

Por fim, ele ergueu a cabeça:

— Amy, tem algo que... Depois que você me expulsou do mausoléu no mês passado...

— Não sou sua confessora, James — cortei. A última coisa que eu queria era ser uma substituta de seus amigos Coveiros graduados. — Certa vez eu encontrei sua fraqueza e a explorei. Fim da história.

Ah, o olhar carrancudo estava de volta. Ótimo. Eu estava em solo firme agora que Poe voltara à sua forma original. Ele ergueu o queixo.

— É, foi exatamente o que você fez. Então eu não posso mais ter nenhuma fraqueza.

— Você é um Coveiro dedicado — disse eu. — Você sabe disso e eu sei disso. Você faria qualquer coisa para proteger esta organização.

Ele deu um sorriso forçado.

— Isso mostra que você me conhece.

Sim, de volta ao solo firme.

Quando você se torna um Coveiro, faz três juramentos à sociedade.

1) *Juramento de discrição:* Por meio desta, juro solenemente, dentro da Chama da Vida e sob a Sombra da Morte, nunca revelar, por ação própria ou omissão, a existência do conhecimento considerado sagrado ou os nomes dos membros da Ordem da Rosa & Túmulo.

2) *Juramento de constância:* Por meio desta, juro solenemente, dentro da Chama da Vida e sob a Sombra da Morte, guardar os segredos e confissões de meus irmãos, apoiá-los em todos os seus esforços e ter para sempre como sagrado o que quer que eu venha a saber sob o símbolo da Ordem da Rosa & Túmulo.

3) *Juramento de fidelidade:* Por meio desta, juro e devoto solenemente meu amor e afeição, lealdade eterna e fidelidade imorredoura. Pela Chama da Vida e a Sombra da Morte, prometo apegar-me completamente aos princípios desta antiga Ordem, favorecer seus amigos e prejudicar seus inimigos, e colocar acima de todas as outras as causas da Ordem da Rosa & Túmulo.

E sim, sei que os dois últimos parecem sinônimos. Não fui eu quem os escreveu; apenas jurei.

Depois que Poe e eu nos afastamos de modo frio, peguei o jantar e fui para a biblioteca começar o trabalho sobre Humphrey Clinker. Mas as palavras não vinham e a fase de releitura de várias passagens importantes não me ajudou a ter um *insight* para o trabalho. Esse seria difícil. Depois de algumas horas, arrumei minhas coisas e fui para casa. Já que eu não estava conseguindo me concentrar direito, era melhor fazer o trabalho no conforto do meu quarto. Por Perséfone, eu torcia para que Josh não estivesse lá, porque, francamente, eu não estava sentindo muito amor fraterno por ele neste momento.

Em vez disso, encontrei Lydia, que claramente estava me aguardando havia um tempo, pelo modo como pulou no momento em que cruzei o batente.

— Você tem um minuto?

— Só um minuto. — Coloquei minha bolsa no sofá e me sentei. — O que foi?

Minha colega de quarto estava parecendo bem menos do que feliz agora. Eu não passava muito tempo com ela ultimamente. As coisas no mausoléu estavam agitadas demais. Mas eram olheiras que eu via em seu rosto?

— Está acontecendo algo de errado com Josh. Ele tem andado estranho a semana toda.

A semana toda? Não desde quarta-feira? Acenei com a cabeça e assumi uma expressão pensativa.

— Humm....

— E acho que sei o motivo.

Mantive a boca fechada. Será que ela sabia? Sabia o quê? Como? Sempre fomos *discretos*. Lydia respirou fundo.

— Eu... hum... Meio que disse que o amava. De verdade. Não disse "Amo seu cabelo, amo sua risada, amo passar tempo com você", mas a versão sem qualificações. Acho que o assustei.

Para ser honesta, acho que ele se assustou mesmo, mas mesmo assim ainda acho que não foi isso que causou uma mudança de personalidade. A não ser... Ele tinha partido para o ataque bem no início da semana. Será que nosso pequeno confronto alguns dias atrás foi o que causou esses problemas? Mas tentei manter o tom de voz neutro.

— Uau! Quando você disse?

— Depois do Halloween.

Bingo.

— E o que ele disse?

Lydia corou.

Na minha opinião, existem vários modos de responder a essa declaração:

1) "Também amo você." (Ou alguma variante.) E você está sendo sincero.

2) O mesmo, mas você não está sendo sincero.

3) "Obrigada."

4) Uma admissão sincera de que você não ama a pessoa e que você acha que não seria uma boa idéia ela gastar tanta energia amando você.

5) Dar uma de covarde e fugir. (Revelação: Conheço muito bem essa estratégia, pois a usei recentemente com Brandon. Ele disse que me amava, e eu me esquivei. Ele me chamou a atenção, e eu insisti que havia ouvido. E, correndo o risco de soar como uma hipócrita, é uma merda.)

— Lydia — insisti. — O que ele disse?

— Ele não disse nada. Ele... hum... fez uma coisa. Uma coisa imprópria para menores de 18 anos.

Ah, então existe uma sexta opção.

— E essa coisa imprópria tinha a ver com *amor*?

— Amy, eu disse que o assustei. Não acho que ele estava tentando retribuir o sentimento.

Eu também não. E se eu sabia algo sobre as histórias românticas de Josh, e eu sabia, então acho que ele está saindo com alguma garota. Merda.

— Sabe, Lydia, ouvi uns rumores...

— O quê?

— Ouvi que Josh tem problemas... para se manter fiel.

Ela riu.

— Ah, isso. Há rumores sobre isso?

Eu dei de ombros.

— Bem, fiz algumas investigações só para me assegurar que você não se magoaria, sabe?

— Você fez? — Ela me abraçou. — Que fofa, mas já conversamos sobre isso. Sei exatamente onde estou me metendo.

Uau! Eu me torturei esse tempo todo por nada. Josh já tinha contado a ela. Talvez eu não tivesse dado a esse cara o crédito que ele merecia. Contar aos Coveiros não significava que *e/e* não pudesse contar para a mulher com quem estava namorando.

Ou talvez ele tenha contado a ela apenas por temer que eu contasse.

— Ninguém é perfeito — continuou Lydia. — Nem eu, nem você, nem Josh. Se fôssemos perfeitos, não estaríamos solteiros e disponíveis para novos relacionamentos, certo?

— Bem, sim, mas considerando os eventos recentes... Você confia nele?

— Acho que sim. Confio nele até ele me dar um motivo para não confiar mais. É assim que o amor funciona, não é?

Talvez esse fosse o problema do nosso clube, como Ben dissera na noite passada. Não ficávamos juntos porque nos amávamos uns aos outros, e a confiança cresce a partir daí.

Ficávamos juntos porque prometemos fazer isso e estávamos esperando que o sentimento virasse amor. Ultimamente, nenhum dos Coveiros estava demonstrando muita confiança. Isso porque, desde que os rumores de um traidor vieram à tona, ninguém confiava em ninguém.

Na verdade, isso tinha começado até antes disso, quando as Coveiras tinham recebido um e-mail com rimas nos avisando para tomarmos cuidado com um perigo que estava diante de nós.

Como Ben dissera, era muito drama e intriga. Por que não podíamos passar o tempo na Rosa & Túmulo realmente nos envolvendo nas coisas para as quais a sociedade havia sido criada? Camaradagem e troca de idéias. Não era de se estranhar que eu me sentisse dez vezes mais à vontade conversando com Lydia em nosso quarto do que eu me sentia nas nossas reuniões. Nossa suíte decorada com móveis do exército da salvação podia não ter o teto arredondado, incrustado com estrelas, ou os painéis de madeira da Grande Biblioteca, mas certamente não tinha intrigas. Tudo bem, *quase* não tinha intrigas. Ainda guardávamos os segredos de nossas respectivas sociedades.

— Quais são seus planos para hoje à noite? — perguntei à minha amiga. — Tenho de fazer um trabalho que preciso entregar logo de manhã, então, provavelmente vou ficar acordada até tarde. Voto por comida chinesa.

— Também tenho trabalho. Parece ótimo. — Ela pegou o telefone. — Posso pedir?

— Por favor. Vou ao banheiro. Pode pedir o de sempre para mim.

Saí pela porta e subi as escadas até o banheiro da entrada. E foi lá, com as calças enroladas no tornozelo, que ouvi o grito.

O grito de Lydia.

Terminei o que estava fazendo em tempo recorde e saí do cubículo tentando ajeitar as roupas enquanto andava. Ouvi a porta de entrada abrir com um baque, mas quando cheguei à escada não havia nada, além da escuridão. Desci a escada correndo ao entrar na nossa suíte, encontrei Lydia parada perto da porta do meu quarto, com o telefone na mão. Dava para ouvir a voz irada do atendente do restaurante saindo pelo aparelho.

— Garota maluca! — gritou ele e bateu com o telefone.

— Lydia, o que aconteceu?

— Ah, Amy, havia um homem no seu quarto! — Ela se encostou na estante de livros em busca de apoio. — Abri a porta para pegar o cardápio do seu mural, e esse cara... ele pulou em mim!

— Você está bem?

— Sim. Ele fugiu. Não me tocou nem nada.

— Graças a Deus! Você viu como ele era?

Ela meneou a cabeça e levou a mão ao peito.

— Não. Alto. Roupas escuras. Branco. Mais velho... do que nós, quero dizer. Também não deu para ver se ele levou alguma coisa. Amy, seu computador. Seu aparelho de som.

Mas eu não estava preocupada com meu aparelho de som, pelo menos não enquanto os avisos de Poe ecoavam em meus ouvidos. *Talvez eles procurem algo no seu quarto.* Fui

lentamente até o meu quarto. Será que tinha mais alguém lá dentro? Provavelmente não. Ainda assim, eu me sentia invadida. Irônico, né?

— Quanto tempo você acha que ele ficou aqui dentro? — perguntou Lydia. — Eu cheguei dez minutos antes de você. Odeio pensar que ele estava ali o tempo todo.

Tempo suficiente para ele se assegurar de que eu não tinha nenhuma informação misteriosa que eu poderia ter obtido com Jenny. Olhei pela porta. Meu computador ainda estava lá. Provavelmente com algum software que registra o que eu digito, e talvez tenham instalado escutas também. Então, quer dizer que a minha sociedade não faz espionagem!

— Será que devo ligar para a polícia?

— Sim. Não. Espere. Ligue para Josh.

Ela me olhou com curiosidade.

— Josh?

Isso seria difícil.

— Olhe, você obviamente está assustada. Você não o quer por perto? Ligue para ele ou eu ligarei. — Peguei o telefone de suas mãos e disquei o número do quarto de Josh.

— Alô, Josh? — disse eu quando ele atendeu. — É a Amy.

— Cometeu algum crime hoje?

— Não, estava ocupada demais lidando com um invasor do nosso quarto.

— O quê?!

— Olhe, será que você poderia vir para cá? Lydia acabou de achar um homem no meu quarto. Ele fugiu, mas estamos assustadas.

— Tudo bem. Estou indo. Diga a ela que já estou chegando. Vocês estão bem?

— Estamos, sim. — Talvez ele não tenha dado a resposta correta à declaração de Lydia, mas estava correndo para cá. — Você acha que devo chamar a polícia e dar queixa sobre esse homem que invadiu meu quarto tão *de repente*? — perguntei, esperando que ele estivesse prestando atenção nas ênfases. — Não sei *o quê* ele estava procurando.

Josh parou para pensar.

— Espere até eu chegar aí. Estou saindo agora.

Desliguei o telefone e olhei para Lydia.

— Não sei não, amiga, mas acho que ele se importa muito com você.

Mas Lydia não reagiu. Em vez disso, ela me perguntou:

— Como você sabe o número de telefone de Josh?

Opa.

— Acho que procurei o número uma vez quando você estava lá. Nem acredito que me lembrei!

Ela ficou me olhando, com uma expressão curiosa no rosto.

— Também não acredito que você lembrou.

Dei uma risada forçada.

— Fala sério, Lydia. Eu não estou me encontrando com o seu namorado.

Felizmente, Josh chegou alguns momentos depois (ele deve ter vindo correndo mesmo) e abraçou Lydia com força.

— Você está bem?

— Estou bem. Estou bem — respondeu ela com voz abafada. — Ele não fez nada. Apenas passou correndo por mim.

Josh olhou para mim por sobre o ombro de Lydia.

— Você o viu?

Meneei a cabeça.

— Eu estava no banheiro e ouvi o grito de Lydia.

Lydia se soltou do abraço dele.

— Acho que precisamos ligar para a polícia.

Josh tirou o casaco e o colocou no sofá, depois entrou no meu quarto.

— Parece que está tudo bem. Não há nada *revirado* nem nada. — Ele me olhou. — Você faz idéia do que essa pessoa poderia estar procurando?

— Gostaria de saber — respondi, entrando no quarto também.

— Gente, e a polícia? — perguntou Lydia.

— As coisas... progrediram um pouco desde que nos falamos ontem à noite — sussurrei. Eu precisava falar a sós com Josh sobre o que Poe e eu descobrimos sobre o quarto de Jenny. — O quarto está muito mais *limpo* do que *ontem*.

Ergui a sobrancelha para ele.

— Eu realmente acho que devíamos chamar... — tentou Lydia novamente, mas depois desistiu.

Josh foi até a minha porta.

— Não há sinal de arrombamento. Você tranca a sua porta? — e com os lábios ele perguntou "*Você voltou lá?*"

Olhei para a sala, mas Lydia tinha sumido do meu campo de visão.

— Sim, mas, já que isso é tão essencial para você, quero que saiba que foi tudo *dentro da lei* desta vez. Eu estava com o reitor da faculdade dela.

— O reitor?

— É. Os pais dela ligaram porque estavam preocupados.

— Porque você ligou para eles, certo?

— Porque James Orcutt e eu ligamos para eles.

— Quem?

— *Poe* — dublei com a boca.

Poe acha que há um problema?

Sim. Não somos tão céticos quanto você.

A essa altura, nós teríamos de pegar um empréstimo para pagar as multas por usar nossos nomes da sociedade. Embora eu suponha que isso não conte, já que não falamos em voz alta.

— Eu sabia! — gritou Lydia.

Josh e eu pulamos de susto e depois, abalados, voltamos para a sala.

Lydia estava perto do sofá, com o casaco azul-marinho de Josh embolado nas mãos.

— Seu *mentiroso*!

Ela jogou o casaco na cabeça dele e ele pegou. O broche dele da Rosa & Túmulo estava saindo pelo bolso esquerdo.

— Calma aí, querida. Que mentira?

— Você sabe exatamente de que mentira eu estou falando. Não acredito que vocês dois tenham agido esse tempo todo como se não se conhecessem. Não acredito que eu nunca tinha notado. Não acredito...

— Em quê? — perguntei. — Que Josh sabe guardar um segredo melhor do que eu? Você realmente acha que isso foi fácil de engolir?

Ela virou para mim.

— Vocês devem ter rido muito nas minhas costas.

Josh e eu trocamos olhares.

— Acredite se quiser — disse eu —, mas não achamos essa situação nem um pouco engraçada. Estávamos ocupados demais pulando um na garganta do outro.

— Por quê?

— Porque — respondeu Josh — nós dois a amamos e não queremos ver você magoada.

Fiquei boquiaberta. Lydia, por sua vez, conseguiu manter a compostura.

— Você... me ama?

Josh olhou para ela e suspirou.

— Sim, eu amo.

Nesse momento, decidi voltar para o banheiro e, sei lá, lavar as mãos, pentear o cabelo, talvez fazer a sobrancelha. Esse tipo de coisa.

Quando voltei, Josh e Lydia estavam abraçadinhos no sofá.

— Tudo bem? — perguntei.

— Bem, é menos um segredo que tenho — murmurou Josh.

Eu dei de ombros.

— Ela sabe de mim desde o ano passado e o mundo não acabou por causa disso.

— É mesmo. Então, me conte o que está acontecendo. Contei a Josh o que Poe (tendo o cuidado de dizer James) e eu descobrimos mais cedo e o que suspeitávamos que ia acontecer.

— E você não faz idéia do que a pessoa que veio ao seu quarto estava procurando? — perguntou ele.

— Não. Se Jenny estava dividindo as informações com alguém, não era comigo. Ela está zangada comigo, lembra? Você tem idéia do que eles poderiam estar procurando?

Josh meneou a cabeça.

— Até alguns momentos atrás, eu ainda não acreditava que Jenny estivesse envolvida. Como posso duvidar agora? Sinto-me um idiota.

Ele olhou para a porta fechada do quarto de Lydia.

— Não pretendo chamar a polícia ainda, mas não quero que vocês duas fiquem aqui esta noite. Já convenci Lydia a ir para o meu quarto comigo.

— Nossa, isso deve ter sido muito difícil.

— Imagino que você tenha um lugar para ficar — disse ele, erguendo uma sobrancelha. — Ainda mantendo as coisas em família?

— Vou ficar bem — mudei de assunto. — Você não acha que devemos procurar as autoridades? Duas invasões em dois dias?

— Uma invasão e uma suposta invasão, e nós teríamos de expor a Sociedade para mostrar que tudo está ligado. Ainda não estou pronto para isso.

Essa foi a mesma desculpa que Poe deu.

— Então, quando você vai achar que as coisas foram longe demais, Josh? Quando descobriremos que os patriarcas estão com Jenny?

Josh franziu o cenho.

— Não sei. Ainda tenho esperança de que tudo não passe de uma confusão. Vou ligar para Po... qual é o nome dele? E vou avisar que quero ajudar. Lydia disse que você tem um trabalho para entregar amanhã e estou me sentindo um idiota por não ter ajudado antes. Vamos combinar o seguinte: se Jenny não ligar até amanhã, nós vamos à polícia, certo?

Mais uma noite. E se Josh estava querendo assumir um pouco da responsabilidade, talvez eu devesse permitir.

— Amy — disse Josh, pegando a minha mão. — Sinto muito. Eu deveria ter acreditado nos seus instintos.

— Deveria mesmo.

— Quer que eu ligue para George para dizer a ele que você vai para lá?

Pensei nisso por um momento.

— Não, está tudo bem. Tenho uma idéia melhor.

Vinte minutos depois, encontrei com Poe na entrada da Biblioteca de Direito carregando meu exemplar de *Escória de carvão de Humphrey* e a maleta do laptop. Dinheiro trocado no bolso para o refrigerante enquanto Poe me guiava pela corda metafórica de veludo, exibindo sua identificação de aluno de direito com uma das mãos e a outra pousada nas minhas costas.

Desta vez, o toque dele não me fez mal.

— Isso nunca deveria ter acontecido — disse ele, quase que para si. — Tem certeza que Jenny não passou nenhuma informação para você? Nada mesmo?

Jenny mal falava comigo. Eu dificilmente era sua aliada. Mas eu tinha pensado em outra hipótese enquanto juntava meus papéis.

— Você acha que existe alguma chance de o cara que invadiu meu quarto estar por trás do website? Que talvez, com Jenny *incapacitada*, ele esteja procurando informações em outro lugar?

Em caso positivo, o quarto de Josh ou de George não seriam mais seguros que o meu. Poe me olhou de cara feia.

— Vou avisar a todos do seu clube para ficarem atentos e trancarem as portas. Eles também devem reportar imediatamente qualquer atividade suspeita. Mas, para ser honesto, não acho que esse teórico da conspiração seja do tipo que sai de casa. E acho que ele tentaria entrar no mausoléu, não no seu quarto. Não, acho que você foi o alvo porque estava espionando o quarto de Jenny. E, se eu estiver certo, tudo isso já saiu do controle.

Ele me deixou no seu cubículo de estudo e ainda me deu um pacote de Doritos.

— Agora não vai poder dizer que nunca fiz nada por você.

— Eu não diria isso. Você me ajudou o dia todo. Realmente sou muito grata por tudo que fez.

Ele franziu o cenho.

— Não me entenda mal, Amy. Não foi por você que fiz tudo, mas pela Rosa & Túmulo. Como se de alguma forma eu tivesse confundido isso.

Nove horas, sete páginas e duas mil e quinhentas palavras depois, eu tinha concluído o trabalho e estava com uma dor de cabeça horrível que atribuía aos quatro copos de café da Biblioteca de Direito que tomei no decorrer da noite. Também consegui ficar acordada até bem depois da minha hora limite nos três últimos anos, o que eu atribuía, em partes iguais, ao pânico e ao medo. Já tentou escrever um trabalho quando tem certeza de que há alguém observando você, pronto para atacá-la a qualquer momento? Será que eu estava prestes a ser arrancada do cubículo de estudos de Poe, deixando para trás os restos do meu último café e um saco de Doritos vazio? (Sim, comi o Doritos. Devo a ele 55 centavos.) Pelo menos, nesse caso, eles saberiam na hora que se tratava de um ato

ilegal. A biblioteca até podia ser povoada por zumbis a essa hora, mas mesmo eles acordariam com os sinais de luta.

Provavelmente. Mesmo que fosse apenas para discutir as questões éticas.

Eu estava cansada de ficar acordada, de estar paranóica e de ler sobre cavalaria do século XVIII. Infelizmente, devido à cafeína que ainda circulava pelo meu corpo, eu não dormiria por algum tempo ainda. Também não queria voltar para o meu quarto frio, vazio e recentemente invadido. Eu me sentia segura em lugares públicos. Apoiei a cabeça na mesa e tentei respirar fundo, esperando que, se o sono não viesse, eu conseguiria, pelo menos, meditar.

Quando o dia começou a clarear, desisti e comecei a juntar as minhas coisas. Depois fiz a caminhada acadêmica da vergonha até o departamento de Inglês a fim de deixar o trabalho antes de a professora chegar à sua sala para pegá-lo.

Tenho de admitir que não havia passado muito tempo apreciando o ar matinal durante a faculdade (ou, melhor, *nunca*), mas dá para pensar que, nas poucas ocasiões em que consegui me levantar ao amanhecer, o mínimo que Eli poderia fazer em troca era fazer com que valesse a pena. Hoje, porém, a única diferença discernível entre a noite e a não-noite era um brilho fraco por trás das nuvens que cobriam o campus e talvez até toda a costa leste. O ar estava frio e úmido, e o céu parecia prestes a desabar sobre alguém bastante idiota para se aventurar do lado de fora.

Encontrei o departamento de Inglês trancado, se é que "trancado" servia como uma descrição precisa de uma fechadura que centenas de alunos conseguiam abrir todos os dias a fim de usar a entrada principal para o prédio. (Como o Old Campus de Eli é fechado e trancado todas as noites, exceto para os alunos, as forças do campus não estavam tão interessadas na segurança da parte dos prédios que dava para dentro do campus, e sim com a parte que dava para a rua.) Subi as escadas até a sala da minha professora, olhei o piso para ver se havia poeira e escorreguei o trabalho por baixo da porta. Pronto.

Talvez Hale tivesse alguns *bagels* no mausoléu. Como eu já estava em High Street, valia a pena dar uma olhada. O pessoal da mídia já tinha ido para casa, ou, pelo menos, ainda não tinham saído. Sem dúvida deviam estar exaustos com toda a excitação de espionar um prédio sem janelas e com um jardim negligenciado. Atravessei a rua deserta e entrei pelo portão aberto, o que, pelo código da sociedade, significava que havia alguém lá dentro. A esta hora? Parecia óbvio que eu não era a única Coveira com trabalhos atrasados.

Passei pelo vestíbulo, temendo acordar algum outro sobrevivente de uma noite de estudos, e entrei na Grande Biblioteca, onde encontrei Juno, Bond, Angel e Puck sentados nos sofás, bebendo Earl Grey e comendo pão de milho.

— Boo! — chamou Puck. — Venha se sentar conosco.

— O que estão fazendo aqui tão cedo?

Recusei a xícara de chá oferecida por Angel (não quero mais cafeína hoje, muito obrigada) e peguei um pedaço de pão.

— Será que não é melhor dizer "tão tarde"? — perguntou Puck. — Fiquei sabendo na noite passada que minha madrastra teve de fazer uma cirurgia ontem à noite e eles estavam preocupados com o bebê. Acabei de saber que está tudo bem e estamos comemorando. Serei um irmão mais velho!

— O mundo treme diante da expectativa — disse Angel. Ela piscou para mim. — Acabei de voltar do melhor encontro que já tive na minha vida. Acho que encontrei minha alma gêmea.

— Estou tentando convencê-la de que isso não existe — contou Puck.

Cuidado, Clarissa! Foi assim que ele me fisgou.

— Eu dormi aqui — admitiu Bond, apontando para uma mesa próxima cheia de papéis. — Estava trabalhando no primeiro manuscrito da minha monografia, pois tenho de entregá-lo antes da celebração nacional dos puritanos/nativos e ainda nem comecei.

— Acabei de participar de uma aula de Tai Chi — disse Juno. — Um amanhecer triste o de hoje. Acho que muitas pessoas acharam que sua energia vital não fluiria na lama fria do lugar que geralmente chamamos de New Haven Green. E você, Bugaboo?

— Escrevi sete páginas sobre cavalariaços.

Angel engasgou com o chá.

— Talvez você precise de um pouco de uísque.

Em vez disso, servi-me de um pouco de chá de camomila e me sentei para ouvir o resto da conversa. Angel estava elétrica, ainda sonhando acordada com o encontro perfeito; Bond parecia disposto a dar uma parada na tradução de poesia; Juno falava sobre sua até agora desconhecida faceta zen; e Puck deixou de lado sua atitude insolente em relação ao pai e à madrastra para demonstrar um alívio óbvio. Na hora seguinte, a conversa passou facilmente de um assunto para outro: desde as opiniões de Juno sobre a moda da primavera (colhidas no exemplar da *Vogue* de Angel), passando pelo debate sobre o importante jogo entre Harvard e Eli (Eli queria vencer o Campeonato da Ivy League), até os diversos e contraditórios relatos históricos sobre a masmorra negra de Calcutá. E não, não consigo me lembrar como um assunto puxou o outro. Será que alguém consegue quando há tanta energia positiva circulando?

Mágica. Eu quase não queria dormir. Era assim que a Rosa & Túmulo deveria ser o tempo todo. Coveiros, sentados em uma sala, compartilhando idéias, piadas e histórias, sem todo aquele estresse de política interna e rancor que nos perseguia desde o princípio do ano. Era assim que o meu clube era no início, ou mesmo durante o verão, antes de começarmos a nos preocupar com os fundos e com os traidores.

Mas alguém sempre dá um jeito de estragar as coisas. E, neste caso, foi Angel.

— Então, alguém teve notícias de Lucky?

Puck riu e fez um sinal para mim.

— Pergunte à Nancy Drew ali. Soze me disse que ontem ela passou o dia inteiro investigando o "desaparecimento" de Lucky.

— Eu também desapareceria, se fosse ela — disse Juno. — Todos estão muito zangados com ela. O que não consigo entender é por que fez uma coisa dessas. Ela não ficou milionária por causa de um programa de computador que vendeu? Ela não precisa de dinheiro.

— Talvez não tenha sido por dinheiro — disse eu e bocejei.

— Então, por quê?

Dei de ombros, porque se eu respondesse *porque ela nos odeia* iria acabar com a atmosfera amigável que reinava. As sim como: *Eu acho que seu desaparecimento tem a ver com um seqüestro e eu não sou a única que pensa assim*. Mas eu não tinha forças.

— Soze ligou para algum de vocês ontem à noite?

Todos ergueram as mãos.

— Tinha algo a ver com o quarto de Lucky ter sido revirado — informou Angel.

— E sobre como vocês acham que isso foi arranjado por algum patriarca — completou Juno. — Acho bem possível. Eles querem saber se ela fez mais alguma sujeira.

Angel deu de ombros.

— Fico assustada de saber que eles entram no quarto das pessoas desse modo. É uma viagem total de poder, se querem a minha opinião. Eles não poderiam fazer isso. Soze me disse que alguém entrou no seu quarto também.

— Justiça poética? — perguntou Bond. — Afinal, você invadiu o quarto de Lucky primeiro.

Puck piscou para mim.

— Boo está se mostrando uma excelente Coveira. Vejam todos os truques interessantes que ela tem na manga.

— Conversei com Poe ontem, depois que vocês me despacharam — disse eu, tentando não parecer paranóica. — E ele concorda que essas pessoas podem ter feito muito mais do que apenas invadido alguns quartos. Achamos que a Lucky pode estar desaparecida mesmo.

Sabem, como eu disse na noite de anteontem.

Todos se exaltaram, até Puck.

— Fala sério, Boo — disse ele. — Você não acha que os patriarcas poderiam ter algo a ver com...

— Acho — disse Angel. — Meu pai é um empresário agressivo. Vocês não acreditariam nas coisas que ele já fez. Aposto que ele é um dos líderes.

— E não o honorável Chefe de Gabinete da Casa Branca? — perguntou Juno. — Talvez um pouco de ação da CIA, já que estamos brincando com a idéia de uma conspiração maciça?

Ela revirou os olhos.

Mas eu estava cansada demais e sem a mínima vontade de entrar em uma discussão. Deixe que Poe ou Soze assumam o debate.

— Conversamos com o reitor dela ontem. Ele não pode dar queixa do desaparecimento sem evidências de que algo aconteceu ou antes de 48 horas do desaparecimento. Ainda não chegamos a esse ponto. Soze me prometeu que, se ela não entrar em contato com ninguém até hoje de manhã, ele vai contar à polícia sobre o vínculo de Lucky com a Rosa & Túmulo.

Isso fez com que todos ficassem em silêncio.

— Ele quebraria o juramento? — perguntou Juno. — Ele realmente acha que aconteceu alguma coisa com ela?

— Sim. E, a propósito, obrigada por me levarem a sério apenas quando *e/e* me leva. Adivinhem quem o convenceu?

Bati com o dedo no peito. Tudo bem, eu estava um pouco nervosa.

— Sinto muito — desculpou-se Juno, parecendo arrependida. — Acho que...

— O quê?

— Acho que não estou acostumada com o tipo de coisa que esses caras fazem — disse ela. — Eu não estava aqui no ano passado. Você estava. Eu não vi o quarto dela. Você viu. Eu não...

— Teve de ver um estranho vasculhando o seu quarto ontem à noite? — sugeri.

— Exatamente — concordou Juno. — Eu deveria ter prestado mais atenção. Sinto muito. Eu só... todo mundo no clube estava sempre falando sobre o que os patriarcas fariam com o traidor e tudo estava ficando meio histérico por aqui. Meu termômetro de bobagens estava em alerta máximo.

— Você não foi a única — murmurei.

Juno se aproximou e sentou-se ao meu lado e, para minha total surpresa, me deu um abraço.

— Eu não fui uma boa irmã. Eu deveria *apoiá-la em seus esforços*, certo?

Até que enfim ela entendeu.

Isso, é claro, fez com que todo o grupo comesse a me abraçar e — eu acho (ou espero) — com que Puck se sentisse culpado. Depois, tivemos mais uma rodada de chá e pão de milho.

Passou um tempo e Puck disse:

— Ainda não acho que ela tenha sido seqüestrada, mas é ela quem anda contando histórias a nosso respeito. Nunca consegui confiar nela. Sempre achei que deveríamos ter uma ligação, sabe? Por causa de nossos nomes.

— Como assim? — perguntei, lutando contra outro bocejo.

Eu precisava dormir logo.

— Lucky é um nome tradicional, como Puck, e Big Demon e Little Demon — explicou Angel. — Eles sempre vêm em pares. Lucky é o nome escolhido para o convocado com *menos* experiência sexual.

Juno riu.

— Então ela é virgem. Que tipo de ligação você esperava, Puck?

É. Que tipo? Ergui uma sobrancelha para o meu amante.

Ele me lançou um olhar.

— Nada do gênero. Só conversas e coisas assim. Tentar ajudá-la a "ter sorte". É um nome horrível com o qual lidar.

— Tenho certeza que *você* não saberia lidar com um nome desses.

Eu queria mais um pedaço de pão de milho, mas estava cansada demais para esticar o braço para pegar.

— Acho que ela também não soube — disse Puck. — Pelo menos, é essa a impressão que ela me deu.

— Eu nunca tive a impressão de que ela falava com você — disse Angel.

— Ela falava. Nós fizemos História da Ciência juntos quando éramos calouros. Não que nos conhecêssemos. Eu mal ia à aula. Ela, é claro, arrebitou — sorriu Puck. — Se eu fosse o responsável por dar os nomes do clube, teria sido mais benevolente com Lucky. Teria lhe dado um nome mais legal.

— Como qual? — perguntou Greg. Puck se recostou no sofá.

— Não sei. Trinity, talvez? Deep Blue? Ada Lovelace?

Ada Lovelace. Meus olhos já estavam se fechando.

— Esse nome é longo demais para a sociedade.

— Não é mais longo do que Tristram Shandy — disse Angel. — Quem é Ada Lovelace? Eu só conheço um Lovelace da literatura, e não é Ada.

Correto. Lovelace, o vilão de *Clarissa*. É claro que Angel se lembraria.

— Não é da literatura. História. Ela foi a primeira programadora de computadores. Ou algo assim. Lucky fez um trabalho sobre ela em uma das poucas aulas a que fui. — Puck parecia muito orgulhoso por ter lembrado. — Ela era filha de Byron e uma matemática. — Ele olhou para as prateleiras de livros. — Aposto que deve haver algum livro aqui sobre ela.

— O sobrenome da filha de Byron era Lovelace? — perguntou Angel, enquanto Puck se levantava para começar a procurar os livros.

— Sim — respondeu Bond. — Eu me lembro de ler algo sobre isso. Trata-se de uma história sobre como sua esposa criou a filha para ser lógica e científica e assim negar a influência romântica do pai da garota.

Ada Lovelace. Sim, era bem melhor do que Lucky. Bocejei de novo.

Bond pegou um livro e abriu no índice.

— Acho que era o sobrenome de casada. Aqui está.

Ele abriu o livro e o colocou sobre a mesa de centro. Levantei-me para ver. Ali, naquela página, havia um retrato muito familiar de uma mulher vitoriana com o penteado da Princesa Leia.

— Eu já vi esse retrato — disse eu. — Lucky tem um pôster com essa imagem no quarto.

— Adoração a um ídolo, né? — falou Angel.

— Ada Lovelace — soava muito familiar para mim. Bocejei de novo e Puck pegou meu braço.

— Acho que terei de levar Boo para casa — disse ele. — Vou me certificar de que não há monstros da CIA escondidos no seu armário.

— Talvez eu devesse levá-la, para me certificar de que Boo realmente consiga dormir um pouco — interpôs-se Angel, lançando um olhar significativo para mim.

— Talvez Boo deva apenas se esticar aqui — disse, me deitando. — Este sofá é tão confortável.

— Fique à vontade — ofereceu Puck. — Vou para casa, então, antes que o pessoal da imprensa chegue.

Ele se despediu e foi embora.

Um pouco depois, ouvi a voz dele no vestíbulo.

— Chegou uma encomenda aqui.

— Um FedEx? — perguntou Juno. — Isso é estranho. Mas quem mais poderia entregar aqui? Traga para dentro antes que fique molhado.

— Acho que o bom de não ter um endereço na lista telefônica — disse Angel — é que não recebemos muitas malas diretas pelo correio.

Lutei contra as ondas de sono. *Malas diretas pelo correio. Ada Lovelace.* Foi ali que vi esse nome.

— Gente — chamou Puck, aparecendo na porta, com o envelope amarelo aberto e o rosto totalmente pálido. — Acho que Lucky foi seqüestrada.

Ele segurava uma longa trança negra.

*Por meio desta, eu confesso:
depois disso, não tive mais problemas em convencer as pessoas de que eu estava certa*

15. Segunda casa

Com certeza, eu não voltaria a dormir.

— Ai, meu Deus! — exclamou Angel. — Não toque nisso. Digitais.

— Esse envelope já passou por muitas mãos — afirmou Juno. — E tirar digitais de cabelo...

— O que você é? — perguntou Angel. — CSI? Não. Então, cale a boca. George, pelo amor de Deus, solte isso!

Fico orgulhosa de dizer que, naquele momento, ninguém pensou em multá-la.

— O que devemos fazer? — perguntou Puck, segurando a trança com o braço esticado, como se fosse uma cobra viva. — Ligar para a polícia?

— Sim. E depois ligar para Soze — disse Juno. — E o tal de Poe. Você disse que ele a ajudou, certo, Bugaboo?

Acenei lentamente, ainda tonta de sono.

— Há mais alguma coisa dentro do envelope? Algum tipo de bilhete?

Puck meneou a cabeça.

— Estou com medo de olhar.

Mas ele olhou e, para o alívio coletivo, não havia mais nenhuma parte de corpo lá dentro.

— Bem — tentou nos confortar Juno —, pelo menos, não é um dedo.

Isso, porém, não serviu de consolo. Liguei para Soze (que ainda estava dormindo) e Poe (que estava acordado — mas os vampiros caçam durante a noite, certo?), e ambos disseram para esperarmos por eles antes de ligar para a polícia. Puck se ofereceu para ligar para o pai, embora todos achássemos que o Sr. Prescott devesse ficar com a esposa aquela manhã. Liguei para Gus Kelting, que fazia parte da diretoria do TTA e que me arrumara o estágio de verão, mas o correio de voz informou que ele estava viajando a negócios. Tentamos nos lembrar de outros patriarcas simpáticos ao nosso clube, mas a lista era curta.

— Quem poderia ter feito algo assim? — perguntou Angel com a voz abalada. — O cabelo dela era tão bonito...

— Certo, porque *beleza* é a questão... — cortou Juno.

Puck não parava de mudar de lugar.

— Não acredito nisso... não consigo. É só uma porcaria de sociedade, certo? Uma fraternidade? Quero dizer... mas que merda! Não gosto muito dela, mas ela é uma boa pessoa, sabe? Eles não iriam...

Todos passamos um bom tempo olhando para a trança, que Puck, por fim, colocou sobre a mesinha de centro. Pareceu levar uma eternidade até que Soze e Poe chegassem, mas foram apenas vinte minutos. Considerando que o apartamento de Poe ficava a uns vinte minutos a pé, fiquei bastante impressionada.

— Como você o encontrou? — perguntou Soze.

Puck indicou o envelope.

— Estava na porta. Como se fosse correspondência comum.

Poe pegou o envelope e analisou a etiqueta com o endereço.

— Foi enviado pelo correio? Para cá? Que estranho. O carimbo diz que foi enviado de Manhattan. Na quinta-feira.

— Bem — respondeu Bond —, isso restringe bastante as coisas.

Ergui a mão.

— Gente, no outro dia, quando peguei o telefone de Jenny, havia alguns números de Nova York. Eu liguei, mas ninguém atendeu.

— Isso também não ajuda — disse Angel. — Quando nós vamos ligar para a polícia? Acho que agora temos evidências.

— Mas evidência de quê? — perguntou Poe. — Se foram os patriarcas, por que deixariam o troféu na nossa porta? Será que eles não teriam enviado a trança para o responsável pelo website? Ou mesmo para Bugaboo ou para mim, porque somos nós que estamos tentando localizá-los?

— Evidência de *quê*? — perguntou Juno, incrédula. — Evidência de seqüestro. De seqüestro.

— Tudo bem — tentei. — Antes de sermos interrompidos com a trança, eu estava pensando em Ada Lovelace...

— Boo, o que isso tem a ver com tudo o que está acontecendo? — perguntou Puck.

Eu o ignorei.

— E me lembrei que no quarto de Lucky havia várias cartas endereçadas a Ada Lovelace. Achei que eram mala direta, mas agora...

— Ela provavelmente usava um nome falso na internet — disse Puck. — Eu faço isso.

— Sites pornográficos? — provocou Angel.

Puck lançou-lhe um olhar.

— Mas não se colocaria um nome falso e um endereço verdadeiro — argumentou Poe e depois virou para mim. — Você se lembra que tipo de correspondência era?

Eu dei de ombros.

— Achei que fosse propaganda. Ainda estava na mesa quando fomos ao quarto dela ontem. Talvez não seja nada, mas é estranho. Devíamos falar para os policiais...

— Vamos lá verificar — disse Poe.

— Como? — perguntei. — Quer que eu invada o quarto dela de novo?

Poe sorriu.

— Isso não será necessário.

Soze resolveu entrar na conversa.

— O que isso tem a ver com tudo? Precisamos chamar a polícia agora. Lucky deve estar em perigo.

— Liguei para eles ontem à noite — disse Poe, evitando me olhar nos olhos. — Eu estava ficando preocupado. Mas eles apoiaram o reitor.

— Mas agora... — disse Soze apontando para o cabelo.

Poe deu de ombros.

— Tente de novo e veja o que acontece. Mas sinto muito admitir que eles podem estar acostumados com ligações de Coveiros lunáticos. Não sei se uma trança de cabelo vai convencê-los de algo. — Ele olhou para mim. — Você vem?

Eu suspirei.

— Sim.

Angel pegou o envelope.

— Vou procurar por esse CEP e ver de que bairro é.

Soze meneou a cabeça.

— Se alguém verificar nossos registros de busca, você não acha que parecerá suspeito termos pesquisado as evidências antes de chamarmos a polícia?

Poe riu, melancólico.

— Somos da Rosa & Túmulo, garoto. Tudo que fazemos parece suspeito.

Poe era um homem com talentos misteriosos. Sem que eu e o reitor notássemos, ele sabotou a fechadura do quarto de Jenny quando estivemos lá ontem. Um pequeno pedaço de fita adesiva segurava a lingüeta no lugar. Agora nós nos esgueiramos e pegamos a correspondência de Ada Lovelace.

— Estas cartas não estão endereçadas para uma caixa postal de Eli — disse eu. — Todas foram enviadas para um endereço da cidade de Nova York.

E eram coisas estranhas. Uma conta de luz, um aviso de serviço de internet a cabo... E não as coisas normais de empréstimo universitário e coisas assim. É claro que, sendo milionária e tal, ela provavelmente não tinha empréstimo.

Clarissa ligou.

— O CEP 10002 é da Union Square e do Lower East Side.

— Obrigada — agradei. Olhei para o envelope. — Ei, onde fica Ludlow Street em Manhattan?

Dava até para imaginar ela torcendo o nariz.

— Fica no Lower East Side.

Quais eram as chances? Desliguei o telefone e olhei para Poe.

— O que isso significa?

— Significa que a Senhorita Boazinha tem um esconderijo.

Pensei nisso por um tempo.

— Será possível que todos estivessem certos desde o início? Que Jenny só tenha saído da cidade para o final de semana? Mas que agora esteja com problemas em Nova York?

Poe me lançou um olhar determinado.

— Vou até lá.

— Vou com você.

Ele me olhou.

— Amy, você não dormiu a noite toda e está péssima.

— E daí? Eu durmo no trem.

— Além disso, pode ser perigoso.

— Certo, porque você fica agressivo e, depois de socar alguém, entra em pânico.

Poe respirou fundo.

— Você é muito difícil.

— Foi você quem começou.

É preciso talento para conseguir dormir no vagão do Metro North. Mas era preciso muito mais talento para conseguir dormir no vagão do Metro North no meio de um (possível) caso de seqüestro enquanto seu parceiro e inimigo está sentado bem à sua frente, lendo um livro de direito e marcando algumas partes com uma caneta marca-texto barulhenta. O tipo de talento que apenas os monges zen surdos, cegos e em coma demonstram. Desisti antes de chegarmos a Stamford.

De acordo com a atualização resumida de Poe quando eu parei de fingir que dormia, Josh tinha ligado para a polícia, que o repreendeu por não ter ligado para a polícia do campus quando Lydia encontrou um invasor no meu quarto. Se nada foi roubado, nós tínhamos de abrir uma investigação — com a *segurança do campus*. Mas nada foi roubado e, no momento em que Josh soltou as palavras "Rosa & Túmulo" no relato, os policiais se fecharam. Ou eles achavam se tratar de um trote de Eli ou não queriam se envolver. Seja como for, estávamos sozinhos.

Olhei pela janela por um tempo e, depois, por um tempo um pouco maior, observei Poe. Ele estava usando as roupas de sempre hoje: calças de lã um pouco brilhosas nos joelhos, um suéter cinza e um sobretudo preto que precisava de uma boa escovada. Mas fala sério, quem era eu para falar? Eu estava usando as roupas de ontem para minha viagem glamourosa à cidade. Talvez mais tarde a gente pudesse jantar e assistir a um show.

Sabe, depois que fizéssemos o nosso número *A gata e o rato*.

Poe me pegou olhando.

— Posso ajudá-la?

— Desculpe — disse. — Eu só estava pensando. — Olhei pela janela. — Não é isso que imagino quando penso em passar um final de semana na cidade.

Ele voltou à leitura.

— Eu não saberia. Nunca passei um final de semana na cidade.

— Nem com Malcolm?

Ele bufou.

— Não acho que tivéssemos os mesmos interesses. Além disso, eu provavelmente acabaria com o estilo dele.

Fiquei chocada. Poe não tinha o menor estilo. Voltei a olhar para a paisagem molhada do lado de fora.

— É tão fácil para você, não é? — continuou Poe e eu olhei para ele. — Você nunca tem de se preocupar com nada. Você não faz idéia de como foi duro para mim durante a faculdade. Eu estava falido.

— Também estou falida — disse eu. — Minha dívida já está bem acima dos cem mil dólares. Você viu o meu arquivo. Sabe que meus pais não são ricos como os de Malcolm ou de George ou de Clarissa...

— Não, Amy, eu estava *sem dinheiro*. Além de empréstimos. Eu não ia à cidade, não saía, eu não podia nem comprar uma pizza com cerveja. Uma fatia de dois dólares! Agradeço pelo café que eu roubava no refeitório. — Ele voltou a olhar para o livro. — Quando entrei... você sabe onde... foi tudo para mim. Passei a ter uma vida social. Eu não podia ir a bares ou boates, mas podia ir ao mausoléu. Ainda assim, era duro. Eu tinha o selo da sociedade, mas não o pedigree. Meu pai é jardineiro. Acho que ele praticamente passou fome nos últimos quatro anos para eu poder estudar aqui em vez de em uma faculdade estadual. Foi para ele que trabalhei no verão.

E deve ter sido quase impossível voltar para o pai e admitir não ter conseguido um emprego no ano de formatura. Uma tristeza repentina superou o meu desdém usual em relação a esse homem que estava sentado na minha frente.

Eu me inclinei para frente.

— James, sinto muito...

Ele fechou o livro.

— Pelo amor de Deus! Pare de me chamar assim! — Ele afastou o olhar e passou os dedos pelos cabelos. — Meu nome é Jamie. Sempre foi. Não é Jim, Jimbo ou James. Ninguém me chama de James.

Jamie? Eu me recostei no assento e digeri a informação por um tempo. Então Poe teve problemas financeiros na faculdade. Mas ele não era o primeiro. O pai de Lydia foi despedido no segundo ano dela, colocando a família toda em problemas financeiros e ela não se tornou uma misantropa. Ela simplesmente escolhia atividades sociais gratuitas. É impressionante como você pode se divertir com alguns colegas e um jogo de tabuleiro. Ainda assim, isso explicava muita coisa.

— Eu ainda penso em você como Poe, sabe? Acho que combina com você.

Seus olhos encontraram os meus e ele deu um sorriso. Um sorriso verdadeiro.

— Dois dólares. E você não gostaria de saber de que modo penso em você.

— Acho que posso imaginar. — Eu o observei enquanto ele abria o livro novamente. — Então... As coisas agora estão melhores?

— A faculdade de direito me dá um orçamento um pouco mais razoável — disse ele. — Mas não posso sair por aí vestido em grande estilo. — Ele fez um gesto para sua roupa. — Mas para mim está tudo bem. Vou conquistar as coisas quando sair da faculdade. Vou trabalhar para um grande escritório por um tempo e ficar rico.

— E depois?

Ele deu de ombros.

— Política. Contanto que eu consiga alguma conexão depois desse pequeno problema. O que parece bem improvável. Você ainda quer trabalhar no setor editorial?

— Não sei. Pensei muito nisso no verão passado. Eu estava trabalhando para...

— Kelting.

— Certo. Organizamos um livro de memórias. Ex-prostitutas, estrangeiros ilegais trabalhando no comércio sexual... Foi algo muito forte. Mas também me fez perceber o quão limitada é a minha educação. Smollett *et. al.* é bom, mas acho que ainda tenho muito o que aprender. — Olhei para o piso do vagão, marcado com pedaços de chiclete, mas não quis olhar para Jamie. Eu não tinha conversado sobre isso com muitas pessoas. — Estou pensando em fazer uma pós-graduação. Não necessariamente em literatura. Talvez em outra coisa.

— Mais graduação, mais dívidas — disse Poe. — Não sugiro isso a não ser que você tenha um plano bem delineado na cabeça.

Certo. Uma boa maneira de estourar essa bolha.

— A não ser que você *saiba* o que quer e está fingindo que não sabe apenas para adiar a decisão.

— Quê?

Poe colocou o pé no meu banco.

— Na graduação, existe esse tipo. Isso me deixava louco. Eles sempre parecem não ligar muito para o assunto, mas queriam entrar na política. E não do tipo ligado ao governo como Josh, eu ou mesmo Kurt Gehry. Eles querem se candidatar. Mas, de alguma forma, acreditavam que dizer isso em voz alta era um tipo de viagem egocêntrica que significava que eles não deveriam.

— Eu não quero me candidatar a nada.

— Não estou dizendo que queira. Mas talvez você queira fazer algum tipo de trabalho social, ou ser professora, mas não quer admitir por achar que as pessoas podem achar que isso não é bom o suficiente para um formando de Eli.

— Se eu pensasse nisso, você é precisamente o tipo de pessoa de quem eu temeria um julgamento.

Ele levou a mão ao peito.

— Sou filho de um jardineiro.

— Você é um Coveiro da melhor faculdade de direito do país.

— Você é uma Coveira da melhor universidade do país.

— Mais um motivo para querer algo grandioso.

Ele riu.

— Algum dia, dê uma olhada na lista de patriarcas. Descubra o que fazem para viver. Talvez você se surpreenda. Temos até um lixeiro.

Ele abriu o livro novamente. Mas depois de uma página, acrescentou:

— Minha mãe fazia trabalho social.

— Ela se aposentou?

— Ela morreu.

E isso praticamente matou a conversa. Seguimos o resto da viagem a Nova York em silêncio e eu até consegui cochilar um pouco. Não sei quantas páginas Poe leu, e não posso ter certeza, mas acho que a umidade do vagão deve ter feito milagres pela caneta marca-texto dele, uma vez que ela parou de fazer barulho.

Chegamos à Grand Central Station e Poe decifrou o mapa do metrô enquanto eu ia até uma loja para comprar guarda-chuvas para nós. Embora estivesse agradável lá embaixo, dava para ver, pela água gelada que descia pelas escadas, que o dia devia estar péssimo do lado de fora. Depois de termos mudado para o trem F, chegamos ao Lower East Side.

— Então, qual é o plano? — perguntei a Poe enquanto caminhávamos pela confusão de ruas.

— Eu não tenho um. Achei que devíamos ir ao apartamento e bater na porta para ver o que acontece.

— Brilhante — disse eu, revirando os olhos.

— Eu sei.

Viramos a esquina. O apartamento de Jenny ficava em um prédio sujo e grafitado de cinco andares com uma mercearia no primeiro andar. Qualquer tipo de valorização que pudesse ter passado pelo Lower East Side recentemente deve ter deixado esse ponto específico de fora, o que não significa que Jenny tenha conseguido comprá-lo por um preço baixo. Pergunto-me se os pais dela, ou mesmo o idiota do namorado (sabe, aquele que deve estar com gelo no queixo?), sabiam sobre este esconderijo. De acordo com Poe, o clube dele não ficou sabendo desse apartamento durante o processo de deliberação, então deve se tratar de uma aquisição recente.

Entramos no vestíbulo e apertamos o botão do interfone que indicava o número do apartamento de Jenny, mas ninguém respondeu. Também não havia nome na pequena caixa de correio. Sem ter nada a perder, pressionei os outros botões. Depois de um segundo, ouvimos uma resposta:

— Entrega — disse eu, e a porta abriu. Sorri para Poe. — Você não é o único que tem truques escondidos na manga.

Um senhor de meia-idade usando uma camisa de trabalho suja de graxa enfiou a cabeça pelo vão da escada.

— Vocês se importam de dizer o que querem? — pediu ele, descendo as escadas e limpando as mãos em uma toalha. — Vocês não estão carregando nenhum pacote.

— Você é o zelador aqui? — perguntei. — Estamos procurando a moradora do 4A. Ada Lovelace?

— Nunca encontrei com ela. — Ele deu de ombros. — Ela alugou esse lugar há uns dois meses, quando o novo dono comprou o imóvel. Mas não costuma vir muito aqui.

— Você sabe se ela veio para cá neste final de semana?

— Olhe, garota, por que você e o seu namorado...

— Não queremos brigar — disse Poe, dando um passo para frente. — Só queríamos deixar um bilhete para ela. — Ele pegou um pequeno cartão com o selo da Rosa & Túmulo.

O homem arregalou os olhos e olhou de um para o outro.

— Quem são vocês?

— Quem acha que somos?

— Dois malucos. — O zelador indicou o cartão com a cabeça. — Vocês são o segundo grupo a vir aqui procurando por ela e mostrando esse cartão como se eu desse a mínima. O que vocês são, uma gangue?

— Não sabe o que esse símbolo significa? — perguntou Poe, assumindo um tom defensivo.

O cara deu de ombros.

— Alguma coisa do tipo *Código Da Vinci*. Não estou nem aí. Agora, por que não dão o fora antes que eu os coloque para fora?

De volta à rua, Poe chutou uma pedra.

— Não entendo. A bomba-C costuma funcionar muito bem.

— Talvez em New Haven — disse eu. — E *bomba-C*?

— Cite os Coveiros em uma conversa e veja como o caminho se abre para você — explicou Poe.

— Isso não é contra a política de discrição? Poe ergueu os ombros.

— Qual o sentido de ter poder se você não pode usá-lo de vez em quando? Verdade seja dita, a política da organização é voar sob o radar, mas, às vezes, eles mostram o poder.

— Como quando eles fizeram com que perdêssemos nossos estágios na primavera passada? — Olhei para o prédio. — Bem, parece que não temos muita influência por aqui. Além disso, estou prestes a congelar ou a dormir em pé, possivelmente ambos. Então, vamos continuar essa conversa em algum café por aqui.

Poe suspirou.

— Tudo bem. Deixe-me dar uma volta no quarteirão para ver como é a escada de incêndio do prédio. Se eu conseguir subir...

— Como quiser, Homem-Aranha.

Mas não consegui evitar o sorriso.

— Tenho algumas habilidades que você desconhece, Srta. Haskell. De qualquer modo, se eu não conseguir abrir a janela, posso, pelo menos, tentar espiar lá dentro.

— E levar um tiro e/ou ser preso?

— Deixe-me pelo menos dar uma olhada. Volto em dois segundos. Não se afogue enquanto eu não estiver aqui, está bem?

Ele piscou e partiu.

Fiquei embaixo do toldo da mercearia e esfreguei os braços para me aquecer. Eu deveria ter trazido luvas. Eu deveria estar na cama agora, encolhida embaixo das cobertas.

Mas que merda, Jenny. Tudo bem. Já chega. Eu precisava de um café *agora*. Entrei na loja. Vazia como o resto da rua neste dia horrível. O atendente atrás do balcão estava assistindo à televisão e havia um jovem vagabundo usando um casaco impermeável preto roubando balas em um canto.

— Um café pequeno, por favor — pedi. — Na verdade, quero dois.

O atendente acenou com a cabeça e serviu dois copos. Ele olhou para o garoto.

— Ei, vai comprar alguma coisa?

O garoto pegou duas PowerBars.

— Sim — murmurou ele.

Mas foi o suficiente. Eu me virei para o garoto, cuja voz era familiar, e ele me olhou diretamente nos olhos.

— Ai, meu Deus...

— Então — disse Jenny —, você me encontrou.

*Por meio desta, eu confesso:
não estou orgulhosa de mim mesma.*

16. Bomba-C

— Onde diabos você esteve? — gritei.

— Amy...

— O que aconteceu com você?

— Por favor, tente se acalmar...

— Pensei que você tivesse sido seqüestrada, sabia?

— Eu sei — respondeu ela, e seus olhos pousaram no atendente e depois na porta.

— Como você sabe? Mas que merda, Jenny! No que você estava pensando? Seu *cabelo* foi deixado na nossa *porta*!

— Eu não... Eu não fui seqüestrada, certo? — Ela ergueu as mãos. — Quem está com você? — perguntou ela. — Poe?

— Quer saber? — disse eu, andando na direção dela e colocando o dedo no casaco dela. — Eu nem vou dizer que você vai ser multada por isso. Você é uma traidora! — Agora que eu vi que ela estava bem (embora de cabelos curtos), toda a minha raiva reprimida saiu do controle. — Como pôde? Sua vaca mentirosa, manipuladora! Como pôde?!

— Calma aí — pediu o atendente atrás do balcão. — Você é uma garota! Que estranho. Espere, isso é um caso de lésbicas?

— Amy, espere um pouco! — Jenny agarrou minha mão com as dela. — Eu estou... — Ela respirou fundo. — Estou com muito medo. E quero conversar com você, mas... — Ela olhou pela vitrine. — Mas não com aquele cara, tá? Eu não o suporto.

— Bem, ele também não gosta de você — devolvi. — E embora eu talvez ficasse do seu lado há alguns dias, agora acho que vou ficar do lado dele.

— Amy — pediu ela, esfregando a minha mão. — Por favor, me ajude.

Jenny talvez não desse atenção aos seus juramentos, mas eu dava. Tudo bem, eu era péssima nessa história de discrição. E nem sempre eu amava ou confiava completamente nos meus irmãos. Ainda assim, eu tinha de ajudá-los quando precisavam de mim.

E essa garota precisava de mim.

— Jenny, o que vou dizer? Que você quer falar, mas só comigo? Isso é meio estranho, não acha?

— Não. Você nem pode dizer a ele que me encontrou. Por favor. Não confio nele.

Isso estava vindo de uma traidora com um apartamento secreto e um nome falso.

— Não tenho uma opinião muito boa das pessoas em quem *você* confia.

Jenny se escondeu atrás das prateleiras de Cheetos.

— Neste momento, a única pessoa que se encaixa nessa descrição está parada bem à minha frente.

— Então, desconsidere o que acabei de falar.

Olhei para a rua. Poe devia estar me procurando.

— Livre-se dele, tá? — Ela enfiou um cartão de restaurante na minha mão. — E me encontre nesse lugar.

— Nem pensar! — disse eu. — Você desapareceu há dois dias e acha que vou deixar que suma da minha vista? Pode esquecer.

— Amy, eu juro...

— Mentira. Não acredito nos seus juramentos. Não depois do que fez.

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

— Eu juro. Juro sobre a Bíblia. — Ela levou a mão até o pescoço e abriu um cordão com um crucifixo. — Tome. Isto foi da minha avó e será sua garantia de que estarei lá. Mas não conte a Poe sobre mim. Por favor. Há muitas coisas que você não sabe.

Eu já estava meio cansada de ouvir isso. Além disso, eu não tinha como saber se ela me dera uma bijuteria barata. Mas eu já vira Jenny usando esse crucifixo antes.

— Tudo bem — concordei, já começando a me arrepender. Jenny sussurrou algo para o atendente ainda surpreso e saiu correndo pela porta dos fundos.

— Então, garota — disse ele, enfiando uma nota de cinquenta dólares no bolso —, ainda vai querer os cafés?

Do lado de fora, olhei para as ruas vazias procurando por Poe enquanto tentava equilibrar dois copos de café e o cabo do guarda-chuva e pensava em um modo de "me livrar de Poe". Vínhamos trabalhando tão bem juntos. Eu ainda estava tentando imaginar alguma coisa quando vi Poe virando o quarteirão.

— Onde você estava? — perguntou ele de cara feia. — Procurei você em todos os lugares.

— Em todos os lugares, menos na mercearia do prédio?

Ele colocou as mãos nos meus ombros.

— Você não faz idéia do que pensei.

— Na verdade, dá para imaginar — respondi, afastando-o. Entreguei a ele um copo. — Eu sou a grande teórica da conspiração, lembra?

— Será que você pode deixar esse tom insolente de lado por dois minutos? Quero mostrar uma coisa. Acho que podemos entrar...

Mas eu já não estava mais ouvindo.

— *Insolente?* Quem você pensa que é? Minha tia-avó Amélia, brandindo uma colher de pau?

Ele revirou os olhos.

— Desculpe. É só uma expressão. Eu estava brincando.

— Brincando? — procurei algo na minha memória. — E desde quando você tem senso de humor? Parece que sempre me lembro de um certo indivíduo que queria me afogar da última vez que tentou fazer uma brincadeira.

Poe foi cruel comigo durante a minha iniciação. Concentre-se nisso.

— Tudo bem, eu *sei* que você está debochando de mim. Já pedi desculpas. Será que podemos continuar?

Ele não ia facilitar as coisas.

— Não se você continuar me rotulando dessa forma. Eu nem consigo entender por que você ainda está aqui, James. Qual é o seu plano? Está tentando fazer as pazes com Gehry?

— Não, não mais. Achei que já tínhamos passado por isso. Meu nome é Jamie. Sou jardineiro agora, lembra?

— E, a não ser que você queira *continuar* sendo jardineiro, não acha que seria melhor dar o fora daqui? Continue assim e não terá mais amigos no meio político.

Ele colocou o copo no parapeito de uma janela próxima e enfiou as mãos no bolso.

— E por que você se preocupa?

— Eu não me preocupo — respondi na hora. — É só a minha paranóia chata. Então, eis a minha teoria: você disse que queria me ajudar. Você me deu algumas informações úteis

e depois se assegurou de estar sempre ao meu lado. Você não está aqui para me ajudar. Está aqui para ajudar a *eles*. Que modo melhor de cair nas boas graças deles?

— Você ficou maluca?

Sim.

— Você sabia que eu acabaria conseguindo localizá-la e se assegurou de estar ao meu lado.

— Você *está* louca. Amy, você não conseguiria localizar um trem sozinha. — *Isso mesmo Poe, facilite as coisas para mim*. Meus olhos começaram a queimar. — E, caso você não tenha notado, nós não conseguimos encontrá-la. — *Ah, Poe, você realmente está por fora*. — E assim que você fica quando não dorme?

— Claro. Meu sono. É sempre bom ter um pouco de condescendência no seu arsenal, com um pouco de misoginia, não é?

Ooops. Talvez eu tenha ido um pouco longe demais. Poe deu um passo para trás como se tivesse levado um soco. Ficou parado por um momento na chuva, olhando para mim sem entender o que estava acontecendo. Depois ergueu os braços, se rendendo.

— Realmente não consigo entender as mulheres.

Falando em misoginia. Ou, pelo menos, chauvinismo.

Ele olhou para o prédio de Jenny e depois meneou a cabeça.

— Isso não ia dar em nada mesmo. Vou dar o fora daqui. Vejo você por aí, Amy.

Ele virou e foi embora.

Fiquei ali parada até o meu café esfriar.

Jenny estava sentada em um reservado de madeira quando cheguei ao restaurante quase vazio. Coloquei o guarda-chuva ensopado de lado e me perguntei o que teria acontecido com Poe, enquanto escorregava pelo banco.

— Onde ele está?

— Eu o enfureci e ele me largou sozinha. — Coloquei o cordão dela sobre a mesa e fiz sinal para a garçonete. — Cappuccino duplo?

Jenny me ofereceu o cardápio.

— Está com fome?

— De informações. Agora, me diga o que aconteceu antes que eu tente usar o pimenteiro como arma.

Ela cruzou as mãos no colo.

— Por onde devo começar?

— Tanto faz. Seu envolvimento com o website. Seu desaparecimento. Seu nome falso. Seu apartamento falso. Que tal me explicar sobre a trança que está sobre a mesinha de centro da Grande Biblioteca?

— Estraguei tudo.

— Isso eu já sei. Diga-me como. E comece dizendo se alguém a machucou ou não.

Ela mordeu o lábio e seus olhos ficaram opacos.

— Não mais do que eu andava me machucando. Os Coveiros são cães que ladram mas não mordem.

— Diga isso para o cara que invadiu o meu quarto ontem à noite — devolvi.

— Alguém invadiu o seu quarto?

— Sim. E o seu. — Eu estava começando a perder a paciência. Onde estava o meu cappuccino? — Agora, me diga *o que aconteceu*. Comece pela parte em que você nos traiu e depois eu decido se estou interessada em continuar aqui.

Ela respirou fundo.

— Tudo bem. Quando entrei para a sociedade, não sabia o que esperar. Eu desconfiava que a Rosa & Túmulo adorava ao demônio.

— Então, por que entrou?

— Eu era uma agente infiltrada — declarou ela, quando a garçonete chegou com o meu cappuccino, um milkshake e uma omelete com batatas fritas e saiu. — Foi idéia de Micah. Quando os Coveiros começaram a me procurar, pensamos que era a chance perfeita. — Ela gesticulou com o garfo. — Para... pegá-los.

— O que deu errado?

Ela começou a comer.

— Para início de conversa, você. E as outras garotas. Vocês todas foram legais comigo e tal, e eu me senti no meio da batalha, você sabe, com os patriarcas e todas aquelas coisas que Demetria diz. Isso fez com que a sociedade parecesse bastante humana para mim. Antes de estar lá, eu achava que havia rituais de sangue.

— Como na iniciação?

Hummmm... cappuccino.

Jenny bufou.

— Achei que a iniciação seria bem pior do que realmente foi.

Obviamente, ninguém a ameaçou forçá-la a ser uma escrava sexual.

— Para começar, achei que haveria sangue de verdade. E o que dizer de Perséfone? Faça-me o favor.

Coloquei meu copo na mesa.

— Você estava preparada para beber sangue?

— Nojento, né? — Jenny deu um gole no milkshake. — Mas era para a causa.

— Estou tentando imaginar uma causa que faria com que eu me prontificasse a beber sangue.

— Jesus morreu pelos meus pecados. Acho que o mínimo que eu poderia fazer seria beber algo nojento. Mas senti que alguém estava debochando de mim com aquela

iniciação. Eu estava tão perto e, ainda assim, não tinha visto nenhuma heresia de verdade. E definitivamente não havia nada de mau. Era como andar em um trem fantasma. Não acho que ninguém estava levando a história de Perséfone a sério.

— Pensei que não acreditasse em fantasmas.

— Não acredito, mas isso não quer dizer que eu nunca tenha andado em um trem fantasma. Eu não quero que eles sejam banidos nem nada. É só bobeira. — Ela pensou por um momento. — É muito complicado explicar no que acredito. Quero dizer, quando eu era mais nova, meus pais adoravam o Halloween e esse tipo de coisa. Minha mãe é filipina e meu pai é porto-riquenho. Ambos têm tradições que remetem a superstições e eu me lembro de me divertir muito com elas. Eu até fazia rostos em abóboras na igreja que costumava freqüentar quando era pequena.

— Quando foi que isso mudou?

— Eu comecei a me afastar aos poucos das crenças dos meus pais... E do catolicismo, em geral, desde que entrei na faculdade. Micah diz... — Ela parou. — A questão é que a Rosa & Túmulo não é o que eu esperava, então, não havia o que eu destruir, sabe? — Ela me pegou olhando para o prato dela. — Você quer um pouco?

O cheiro estava ótimo. Peguei um garfo.

— Então você teve a síndrome de Estocolmo. Aposto que seu namorado não ficou muito feliz com isso, né?

A expressão no rosto de Jenny ficou amarga.

— Não muito. Eu ainda achava que vocês eram do mal. Decidi, então, que ainda não sabia o suficiente. Como se talvez eles estivessem reservando o pior para depois que pudessem confiar em nós. Continuei pesquisando.

Apertei a mandíbula.

— E, então? Quando foi que você decidiu que nos odiava?

— Eu não odeio vocês.

— Mas agiu como se odiasse — afirmei, olhando-a de cara feia. — Você contou ao seu namorado tudo o que dizíamos nas reuniões. Contou a ele sobre o meu EN. E não adianta negar.

— Não vou negar — respondeu Jenny de forma suave. — Sinto muito.

Esfreguei os olhos, que estavam ficando pesados.

— *Porquê?* Por que a minha vida sexual poderia ter algo a ver com o culto ao demônio?

— Micah estava ficando... impaciente. — Jenny levou a mão até a parte de trás do pescoço, como se estivesse procurando a trança para ter algo com que fazer com as mãos. — Ele queria saber mais. Queria entender o que eu vi em vocês.

— E ele? — Eu estava lutando contra a vontade de gritar. — Ele entendeu?

— Não. E quanto mais conversávamos sobre isso, menos ele entendia. Acho que é por isso que temos de manter tudo em segredo. Os bárbaros não entendem isso muito bem. — Ela riu, melancólica. — Se Micah me ouvisse me referindo a ele como *bárbaro*...

Eu até que poderia imaginar como ele reagiria. Esfreguei o rosto.

— E aí?

— Eu não sou como vocês. Isso é certo. Pude perceber isso assim que os ENs começaram. Eu estava morrendo de medo de fazer o meu... ou não fazer, como aconteceria.

— Ninguém é igual a ninguém — disse eu. — Essa é a questão.

Ainda assim, também fiquei nervosa com a perspectiva, então não poderia culpá-la.

— Comecei a achar que talvez Micah estivesse certo. — Ela baixou o olhar. — Eu odiava estar lá. Não vocês, mas estar lá, porque eu queria gostar de vocês, mas sabia que isso era errado.

— Gostar de nós ou *ser* como nós? — Meneei a cabeça. — Ninguém está pedindo para você mudar, Jenny.

— Bem, a pessoa que *eu sou* não gosta de pessoas como vocês. Ela não deve sair para beber com Demetria ou pensar que George é bonito e charmoso, ou querer trocar confidências com sua vítima mais recente.

Ela me lançou um olhar.

— Tudo bem, vamos esclarecer uma coisa. Um, eu *não* sou vítima. Dois, não era para você saber sobre isso. E, três, nós somos pessoas legais. O que aconteceu com *amar o pecador, se não o pecado?*

Agora ela ergueu a cabeça.

— Ah, Amy, fala sério. Todo mundo sabe de você e George. Não somos idiotas. Lembre-se que peguei vocês dois.

Eu me lembro.

— E eu quase que esqueci a última parte. Com Micah, as coisas eram um pouco *você está comigo ou contra mim*. Sei disso agora.

Ela pegou uma batata frita e a colocou de volta no prato. Interpretei isso como um sinal que ela tinha terminado e comecei a comer a comida dela com mais vontade.

— E quanto mais eu esperava, mais ele começava a ver sinais de que eu estava contra ele. — Havia um tom na voz dela quando disse isso. — Não consegui suportar isso. Ele é tão... Nunca encontrei alguém como ele. Ele é demais. Tão certo da fé dele. Tão puro.

— Esse cara cuspiu na minha cara e nos chamou de prostitutas do demônio — contei. — Pureza claramente não é uma das virtudes dele.

Jenny começou a chorar.

Ooops.

— Eu só... Eu só... O que mais eu poderia fazer? Não queria perdê-lo. E eu achava que ele estava certo. Vocês eram muito maus. Não que vocês fossem maus de verdade... É só que... Ah, deixa para lá! Era só um pulo sair dali e ir para o mau caminho. E Micah...

— O quê? Ele disse que a amava? — perguntei em tom de deboche.

Ela acenou com a cabeça, triste, e pegou um guardanapo para assoar o nariz.

— Ele disse que as pessoas precisavam saber o que os Coveiros faziam. Disse que seria um ato de... — Ela começou a soluçar — ...*lealdade*.

Poe não o socara com força suficiente.

A garçonete voltou.

— Ela está bem?

— Está, sim — respondi. — Você poderia trazer mais um cappuccino? E será que poderia acrescentar um pouco de Grand Marnier?

Eu precisava de um pouco de álcool para me ajudar neste momento.

— Tudo bem.

— Viu? — Jenny agora estava usando lenços de papel. — Micah ia ter um treco se me visse bebendo tão cedo.

— Mas você não está bebendo, Jenny. Eu é que vou beber. E não estou convidando você para beber comigo.

— Tudo bem. *Estar* com alguém que bebe tão cedo.

— Quem liga para o que Micah pensa?

— Eu ligo. Ligava. Fico tão feliz quando estou ao lado dele. — Ela fungou. — Mas não consegui fazer o que planejamos — disse ela. — Lá no fundo, não era o que eu queria. Talvez eu soubesse que estava sendo tola. Foi por isso que fiquei tão zangada com você. Era como se vocês, e gostar de vocês, estivessem me impedindo de fazer o que eu realmente queria.

— Micah.

Ela concordou.

— Imaginei que tinha uma saída: eu poderia ser essa pessoa boa ou poderia ser como vocês.

— Obrigada.

— Você entendeu o que quero dizer. Passei a vida toda dando duro, sendo boa, tomando as decisões certas, tentando viver o tipo de vida que Cristo desejava para mim, mas não consegui.

— Acho que não estou conseguindo entender onde você falhou.

— É difícil explicar.

— É difícil explicar para uma não-cristã ou é difícil explicar porque a explicação não é muito cristã?

Ela hesitou.

— A última opção.

— A parte que você nos destrói pela glória de Deus?

— Sim.

— *Minha é a vingança, diz o Senhor.*

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Hebreus 10:30?

— Romanos 12. Acho. Mas poderia ser ambos. Quando Deus realmente deseja alguma coisa, acho que Ele a diz algumas vezes.

— Certo. — Jenny engoliu em seco. — Você lê a Bíblia?

— Eu fiz uma aula.

Ela digeriu a informação e depois continuou.

— Então, você entende que eu não podia realmente me deixar envolver. Passei muito tempo orando em busca de orientação, mas a única resposta que consegui foi que trair a sociedade seria errado. E Micah disse que isso só aconteceu porque fui... corrompida.

— Que imbecil.

O lábio inferior de Jenny começou a tremer de novo.

— Então, eu tinha uma escolha. E ser boa não estava funcionando. Não tinha funcionado. Mas você... Você estava muito feliz.

— Estava?

— Você parecia feliz. E tinha George e aquele outro cara da cafeteria. O modo como eles olhavam para você...

Brandon?!

— Você deve ter entendido errado, Jenny. Não estou envolvida...

— Se Micah me olhasse daquele jeito, eu seria feliz para sempre. — Seus olhos encontraram os meus. — Eu faria qualquer coisa. Você sabe o que quero dizer, né?

— Isso está parecendo o começo de *Fausto*, mas, sim, eu entendo.

— Então, nós discutimos... você e eu. E depois, não sei mais. Eu queria provar que você não estava certa sobre tudo e que você não tinha tudo.

Eu?

— E como você queria provar isso?

— Decidi seduzir Micah.

Eu precisava de mais um pouco de Grand Marnier.

— Por minha causa.

Ela respirou fundo.

— Eu sei. Parece idiota, né?

— Não, parece *uma desculpa*.

— E era mesmo. Vejo isso agora. De qualquer modo, não funcionou. Ele... não... me queria.

Ela começou a chorar de novo e eu levantei do meu banco e escorreguei para o dela. Eu a abracei e ela apoiou a cabeça no meu ombro, soluçando.

— Ei, está tudo bem.

Aliás, estava mais do que tudo bem, considerando que Micah Price era um filho-da-puta do mais alto calibre. Mas esse tipo de lógica não funciona muito bem com um coração partido.

— Eu ia dar a ele exatamente o que ele queria. Tudo. Bem, quase tudo. Não suportei entregar a ele os Livros Negros, mas prometi que o faria.

— Teve o mesmo efeito.

Ela me olhou com os olhos cheios de lágrimas.

— Isso não faz diferença. Traição é traição. Mas parecia que isso me dava algum controle. Eu poderia escolher as informações que causassem menos problemas. Eu não esperava que a mídia ficasse tão interessada. Tudo que contei foi tão inofensivo. Nem chegavam a ser segredos.

— Onde você encontrou aquele website?

— Ele pertence a um amigo de Micah. Um cara muito recluso. Muito afastado da realidade. Ele nunca me contou seu nome verdadeiro. Eu me ofereci para ajudá-lo a reprojeter o site uma vez. Fazer com que ele ficasse mais amigável para o usuário, um pouco mais... profissional. E ele deu um ataque.

— E nós é que somos estranhos? — perguntei.

Ela deu um meio sorriso.

— Então enviamos a ele as notícias dos rituais e as listas de clubes e coisas assim. E, aí, eu e Micah fomos comemorar. Essa seria a fase um. Estava tudo perfeito.

— E o que aconteceu?

— Eu o beijei. E até isso foi perfeito, a princípio. E aí eu fiz alguma coisa errada, ou fui agressiva demais, não sei bem. — Ela se afastou de mim, mas manteve a cabeça baixa. — Ele me empurrou. Eu caí. Ele começou a gritar comigo. Coisas terríveis. Horríveis mesmo. Ele disse que eu estava arruinada... Que os Coveiros tinham me arruinado. — Ela me olhou. — Amy, eu só o estava beijando. Nada mais do que isso. Ele nem quis me beijar. O que há de errado comigo?

Por onde começar?

— Não há nada de "errado" com você. Não desse modo. — Não era necessário elucidar todos os problemas que o namorado dela tinha, era? — Você tem de fazer o que quer. Beber ou não, transar ou não. A escolha é sua. Ninguém que eu respeito julga alguém por isso.

— Depois que ele foi embora, eu não sabia o que fazer. Eu estava chorando como nunca chorei na minha vida. Não consegui suportar. E não tinha a quem procurar. Eu não tenho amigos que não sejam os de Micah. Não mais. Eu não poderia procurar vocês, não depois do que eu tinha feito. E, segundo Micah, Deus também me odiava. Eu estava sozinha. Então, eu fugi.

— Para cá. — Olhei para ela. — Por que não foi para casa?

— Claro! — disse ela. — Meus pais iam adorar saber que eu estava chateada porque fracassei na tentativa de seduzir um garoto que eles odiavam e que eles achavam que

estava me afastando da Igreja depois que nós dois conspiramos para destruir uma sociedade secreta possivelmente satânica para a qual eu entrei. Provavelmente, isso acabaria muito bem. — Ela mordeu o lábio. — Não sei se você notou, Amy, mas meus pais são um pouco controladores.

Eu olhei para ela.

— Como sabe que eu conversei com seus pais?

Ela deu um sorriso afetado.

— Fala sério. Eu grampeei o telefone lá de casa há anos. Foi assim que descobri que você estava me procurando.

Será que as surpresas não terminariam?

— É claro que eu estava procurando você! Achei que algo terrível tinha acontecido. Aquela mensagem na tela do computador...

— Sim. — A expressão dela ficou um pouco envergonhada. — Essa era a idéia.

— Por quê?

— Porque eu queria ver se ele realmente me amava. E a resposta é que... ele não me ama.

— E se a polícia tivesse se envolvido? Jenny, você poderia ter se encrencado.

— Eu sei. E agora sei que não estava pensando de maneira muito clara. Tive os últimos dias para me acalmar.

— E eu, para me desesperar.

Ela baixou a cabeça, mas não tinha mais cabelo para cobrir-lhe o rosto.

— Sinto muito. Sinto muito mesmo. Não sei o que me fez fazer isso com vocês. Não espero que vocês me perdoem.

— Isso é bom. Mantenha suas expectativas bem baixas.

Ela assoou o nariz.

— Não sei o que vou fazer agora. Eu ferrei com tudo. Tenho rezado muito. Eu até fui à igreja. A igreja católica. Comunguei e tudo. Já não fazia isso havia algum tempo.

— Por que não? Ah, espere, deixe-me ver se adivinho. Micah não gosta disso.

Jenny bateu algumas vezes com a cabeça no espaldar do reservado.

— Sou tão idiota. Sou tão idiota. Por quê?

— Presumo que essa pergunta seja retórica. Todos nós ficamos idiotas quando se trata de assuntos do coração.

— E quanto a problemas da alma? Todo esse tempo, eu achei que todos os ensinamentos de Micah estavam me aproximando mais de Cristo. Eu realmente acreditava nisso. Mas agora acho que me afastei Dele.

(Estou supondo a letra maiúscula.)

Abracei-a novamente.

— Acho que Ele saberá lidar com isso.

— Sim. Mas será que eu vou saber? Eu enlouqueci um pouco nestes últimos dias.

— Nestes últimos dias? — Eu olhei para ela. — Você tem um apartamento com um nome falso. Acho que você já enlouqueceu há um bom tempo.

— É verdade.

— E o seu cabelo? Por que você fez isso?

— Levítico. Absolvição.

Hum... Melhor deixar para lá.

— Não sei se alguém no clube vai aceitar isso como um pedido de paz.

Ela franziu a sobrancelha.

— Eu não enviei para os Coveiros. Mande para Micah.

— O envelope estava na porta do mausoléu esta manhã... — Eu parei. — Mas que merda! — exclamei e olhei para Jenny. — Sinto muito. Mas aposto que sei quem deixou isso na nossa porta esta manhã. — Peguei o telefone celular. — Vou ligar para Josh e pedir para ele tentar tirar a etiqueta com o nosso endereço para ver se o de Micah está por baixo.

— Pode acreditar que está. Mas foi muito desprezível da parte dele fazer isso. — Ela colocou a mão sobre a minha. — Não entre em contato com Josh ainda. Não acabei de contar a história.

— Só quero avisar para ele chamar o pessoal de volta. Você está segura, mesmo que não esteja muito bem no momento, mas, pelo menos, está tentando.

— Hum... Acho melhor deixar para depois. Acho que ainda precisaremos do pessoal.

Franzi o cenho.

— Como assim?

— Os patriarcas que não nos queriam não estão nos perseguindo? Eles não invadiram o seu quarto e o meu? Não vieram para cá atrás de mim?

— Certo. Eles a estão procurando para fazer você pagar por ter fornecido informações secretas.

— Não é bem isso. Quero dizer, não tenho dúvidas de que eles querem me fazer pagar. Mas acho que não é isso que estão procurando. Eles querem saber se sei o que sei e se contei para você.

— O que você sabe?

Jenny olhou para o resto da sala.

— Aqui não. — Ela pediu a conta e jogou algumas notas na mesa. — Amy, significa muito para mim o fato de você ter conseguido me encontrar.

— Por quê? Estou puta da vida com você, lembra? Tirando essa coisa de abraços e tal, eu ainda estou furiosa com tudo que você fez.

— Mas você se importou em saber se eu estava viva ou morta. O que é mais do que posso dizer dos outros. Se eu tivesse ligado para você no início da semana, aposto que estaria disposta a me ajudar, não importando a raiva que sentiria. Você realmente acredita nos seus juramentos, não é? Você acredita que devemos nos amar.

— Às vezes — respondi. — Mas eu não começaria os preparativos para me santificar ainda. Além disso, acho que devemos proteger uns aos outros do perigo.

— Bem, você me encontrou. Então, neste momento, você é a minha melhor amiga.

— Poe também encontrou você — lembrei. As multas no momento estavam um pouco esquecidas. — Pode acreditar, ele se envolveu muito nisso. Por que você não confia nele?

Ela pegou o casaco.

— Depois que eu contar o que descobri — disse ela, levantando-se —, você também não vai mais confiar nele.

*Por meio desta, eu confesso:
confissão, bárbara ou não, faz bem para a alma.*

17. Elísio

Desta vez, o zelador apenas me lançou um olhar curioso quando Jenny passou por ele e subiu as escadas.

— Está tudo bem, Srta. Lovelace?

— Tudo bem — respondeu ela.

— Ainda não me acostumei com a idéia de que você tem outro pseudônimo — eu disse enquanto subíamos.

— Tenho mais alguns on-line.

— Você é um mistério, Jenny. Não entendo por que tanto fingimento.

— Acho que você acaba se acostumando. Cresci no meio de computadores, onde ninguém era quem dizia ser: idade, sexo, nacionalidade ou nome. Ninguém sabia quem eu realmente era, a não ser meus colegas da escola e da igreja. Quando vendi meu software, eles nem sabiam que eu só tinha 15 anos. Só descobriram quando as negociações já estavam avançadas demais para voltarem atrás. Na verdade, eles também não sabiam que eu era uma garota. Depois de um tempo, parecia estranho usar meu nome de verdade para qualquer coisa. Ficamos muito vulneráveis. Todo mundo sabe da sua vida. É impossível ficar fora da rede, mas você pode reduzir a sua presença.

E, em algum lugar entre seu histórico cibernético e sua criação rígida, ela começou a esconder cada vez mais a sua personalidade. Como será que nenhum de nós notou isso antes?

— Mas você usou um nome falso para obter um apartamento. Isso é legal?

Ela franziu o cenho.

— Não sei. Talvez eu deva perguntar aos meus advogados. Eu só presumi que eles cuidaram de tudo. Não acho que eu tenha *comprado* o apartamento com nome falso. Acho que o meu pseudônimo "alugou" o meu apartamento. Tanto faz. Pedi para os advogados lidarem com a burocracia.

Ela destrancou várias trancas da porta e entrou, mas eu estava ocupada demais tentando entender a linha de raciocínio dela e demorei um pouco para entrar.

— Como poderei confiar em você? — perguntei. — Você mentiu, você *espionou*, você vive usando pseudônimos e jogando notas de 50 dólares desde que a conheci. Para piorar, acho que você não gosta muito de mim.

— Eu sei — disse Jenny, trancando (e trancando, e trancando) a porta atrás de nós, e passando a corrente como uma medida extra de segurança. — Eu também teria dificuldades em confiar em mim se fosse você, mas fique mais um pouco comigo.

— Tenho feito muitas concessões ultimamente. Até fui legal com Poe.

— Aposto que, comparada a ele, serei café pequeno. — Ela pendurou o casaco. — Bem-vinda ao meu humilde lar.

Humilde descrevia bem. Certamente, havia muito espaço, e um piso maravilhoso, mas não tinha muito mais do que isso. Computadores ocupavam toda a parede, havia uma máquina de café e um colchão em um canto. Nada de quadros, cortinas, objetos de decoração e os únicos móveis eram os essenciais: mesas dobráveis para os computadores e uma grande cadeira ergonômica.

— Eu até ofereceria algo para você beber, mas acho que já consumiu cafeína suficiente por hoje, e tudo o que tenho se encaixa nessa categoria.

— Jenny, depois que voltarmos para a faculdade, você vai procurar um terapeuta. Ou, pelo menos, sentar com seus pais ou com o padre para conversar sobre isso tudo. — Sentei-me na cadeira mais próxima. — Eu diria para você levar seu problema para a Rosa & Túmulos, mas...

— Você não acha que eles vão me aceitar de volta?

Ela me lançou um sorriso triste.

Para ser sincera, não, mas não era o que eu ia dizer...

— Eu ia dizer que você não parece ter muita fé em nós.

— E você tem?

— Eu...

— Isso logo não vai importar mais... Dê uma olhada. — Ela sentou à frente de um dos consoles e ligou o monitor. — Lembra-se no início do ano, quando recebemos aqueles e-mails estranhos?

— Com as rimas?

— Sobre os quais vocês não pararam de debochar? Sim, esses. — Ela abriu algumas janelas. — Bem, fui eu que enviei. E, em uma estranha atitude de desinteresse, vocês os ignoraram.

— Não é isso. Só que não compreendemos.

— Eu queria despertar um pouco de investigação, Amy. Pensei que, se as Coveiras ficassem preocupadas com o que estava acontecendo, elas investigariam a fundo.

Bem, nós tentamos. Chegamos a pedir para Jenny fazer pesquisas, mas ela lavou as mãos e não se envolveu.

— Jenny, o que você quer dizer quando diz "com o que estava acontecendo"?

— A sociedade está sendo arrancada debaixo dos pés de vocês e vocês nem notam.

— O quê? E por que você simplesmente não nos contou sobre isso?

— Ei, você se lembra que eu era uma agente secreta pronta para destruir? Eu não queria ajudar.

Revirei os olhos.

— Como se fôssemos sair correndo e contar tudo para o seu namorado? Jenny, vou repetir: terapia. Às vezes é bom sair um pouco da concha e contar alguma coisa a alguém.

— E o que estou tentando fazer agora. Olhe. — Ela apontou para a tela e eu me inclinei. — Alguns membros do clube, desde o início do ano, fizeram um pacto secreto para formar uma sociedade *dentro* da Rosa & Túmulo. Uma versão formada apenas por homens que acreditam que a sociedade, injustamente, lhes foi tomada. Tenho rastreado os e-mails deles desde o início do período de reserva de créditos.

Tentem se soltar da teia que lhes serve de prisão.

— Espere, você tem feito o quê?

Ela deu de ombros.

— Foi fácil entrar. A segurança do servidor Phimalarlico é feita para manter os estranhos de fora, não para evitar que o pessoal de dentro fique espionando. — Como as portas do Old Campus. — Posso ler o e-mail de qualquer um que eu queira.

— Vou dormir bem melhor sabendo disso. Agora, o que esses caras estão fazendo?

— Eles têm, sistematicamente, desautorizado vocês. — Ela me entregou uma pilha de papéis impressos. — Eles se encontram em segredo para discutir os detalhes da nova sociedade. Além disso, eles têm tirado, de forma bastante discreta, dinheiro do fundo.

— Eles têm roubado o nosso dinheiro?

— Com a ajuda de partes interessadas da diretoria da TTA. Os patriarcas não amigáveis? Bem, eles não sumiram, apenas transferiram o apoio para os Elísios. E se os Elísios conseguirem apoio e dinheiro suficientes, a sociedade de vocês vai virar piada.

Dei uma olhada nos e-mails, todos endereçados a pessoas chamadas Teseu-XI e Heitor-XI. Algumas das conversas eram apenas fofoca ou resumo do que acontecia nas reuniões da Rosa & Túmulo e como evitar tais "embaraços" quando a mudança acontecesse. Eles haviam aumentado a frequência desde a Noite de Iniciação e mencionaram a perda de Howard como um ponto catalisador para conseguirem apoio. Muitos falavam sobre dinheiro ou sobre como o movimento dos patriarcas estava ganhando apoio.

— Elísios, hein? — disse eu. — Como nos Campos Elísios, o paraíso do mundo dos mortos da Grécia antiga, reservado apenas aos heróis?

— Exatamente.

— Então, quem são eles?

— Tenho conseguido lentamente descobrir a identidade deles, com base na hora e no conteúdo das mensagens. Deveria ser mais fácil com base nos endereços IP, mas o sistema de internet sem fio de Eli dificulta um pouco as coisas. — Jenny me olhou. — Eis o que consegui até agora. Prepare-se.

E me entregou a lista.

MEMBROS DOS ELÍSIOS

Hades = Kurt Gehry

Heitor = Nikolos Kandes

Teseu = George Harrison Prescott

Ajax = Benjamin Edwards

Orion = Omar Mathabane

Orfeu = Kevin Lee

Nestor = James Orcutt

Engoli em seco e me recostei na cadeira. *Mantenha a calma. Você não tem energia suficiente para um ataque de fúria. Tente lidar com isso.*

— Quem começou com isso? — perguntei.

— Não sei ao certo. Isso não foi discutido nos e-mails. Mas aconteceu neste verão. Nikolos parece ser um dos organizadores.

Isso não me surpreende. *Comprado pode ser um ladrão.* Era uma referência a Graverobber. Eu estava certa de novo. Ponto para mim!

— E há cinco deles. Todos os homens do clube, exceto...

— Josh, Greg e Harum.

George estava na lista. E Poe. Como eu não sabia disso? E claro que eu não me surpreendia com Poe, embora isso tenha feito o pequeno teatro que fiz na rua ter sentido. Mas George! Como ele conseguiu tempo para os Elísios com todas as nossas outras atividades? Se ele estava envolvido nas duas sociedades, ele definitivamente não estava se encontrando com mais ninguém. Não era uma questão de desejo, mas sim de agenda!

Ela pegou mais uma folha de papel.

— Tenho tentado rastrear outros patriarcas envolvidos, mas é muito mais difícil descobrir a identidade deles. Eles não mandam e-mails. Só consegui...

Mas eu nunca tive a chance de olhar. Alguém começou a socar a porta.

— Jennifer Santos! — gritou uma voz ameaçadora. — Abra esta porta. Sabemos que está aí.

Nós duas congelamos, mas Jenny se refez mais rápido.

— Coloque isto na sua bolsa — sussurrou ela, entregando-me uma pilha de papéis. — Temos de fugir.

— O quê? — perguntei. — E se for a polícia? Jenny estava ocupada fazendo algo no computador. Em segundos ela fechou tudo e estava desconectando cabos de caixas de metal.

— Por favor — pediu ela. — São os Elísios. Eles voltaram e, desta vez, o zelador não conseguiu segurá-los. Não podemos permitir que eles descubram o quanto sabemos.

— Acho que eles sabem exatamente o que sabemos — argumentei. — Caso contrário, por que estariam aqui?

Será que Poe tinha ligado para eles? Será que ele descobriu que eu o estava despistando porque havia encontrado Jenny?

Os socos na porta foram substituídos por um barulho muito mais ameaçador: o de trancas sendo abertas. Aparentemente, os bolsos de alguém eram bem mais poderosos que os de Jenny. Imagino que propina... ou ameaça... havia finalmente conquistado o zelador? Acho que podemos deixar de lado a história de latir e não morder.

— O que vamos fazer? — perguntei. — Estamos em um apartamento. Só há uma saída. Eles definitivamente devem estar observando todas as saídas de incêndio.

— Já pensei em tudo. Agora, vamos.

Jenny pressionou mais algumas teclas, e todos os computadores começaram a fazer um som estranho. Ela agarrou a minha mão e me puxou pela sala até uma das janelas.

— Vá!

Olhei para fora e para baixo e, por um segundo, não sabia bem para o que eu estava olhando. Havia uma escada colocada de forma diagonal cobrindo um pequeno espaço. Olhei para o jardim minúsculo cercado por paredes altas com janelas.

— O que é isto?

— Um poço de eletricidade. Agora vá.

Joguei a bolsa sobre o ombro, lancei um olhar cético para ela e desci. A escada estava congelada, molhada e escorregadia. Ela também rangia a cada passo. Eu tinha certeza que ela se partiria em um segundo e nós duas nos estatelaríamos quatro andares abaixo. A única coisa que me fazia continuar era o som dos Elísios martelando a porta, na tentativa de arrebentar a corrente que fechava a porta por dentro.

Por fim, desci o último degrau, onde a base da escada estava contra uma outra janela, no lado oposto do poço. Eu entrei. Jenny entrou logo depois de mim, puxou a escada da janela e a espatifou no chão.

— Eles voltarão a qualquer minuto — disse ela. — Temos de nos esconder.

Ela me empurrou ainda mais para dentro do aposento. Havia escadas estreitas que nos levariam para o térreo. Descemos e me vi em uma área de depósito. Pilhas gigantes de pacotes de comida nos cercavam. Estávamos na parte de trás da mercearia.

Ela encostou na parede.

— Então agora você já sabe por que estou com medo.

— Sim. Todo esse negócio de fuga realmente faz maravilhas com os níveis de adrenalina no corpo.

Falando nisso, eu já estava quase sem forças. Fiquei acordada a noite toda, tomei muita cafeína e comi pouco, acabei de participar de uma fuga eletrizante — isso sem mencionar o fato de que eu tinha dormido mal na noite de anteontem para ontem. Eu estava prestes a cair.

— Será que dá para explicar por que fugimos?

Ela piscou.

— Porque eles estavam tentando invadir o meu apartamento.

— Então, deveríamos chamar a polícia — disse eu. — Não precisamos nos esconder. O que um bando de empresários poderá fazer conosco em plena luz do dia em Manhattan?

— Será que estou ouvindo isso da garota que havia algumas horas acreditava que eu tinha sido seqüestrada? — devolveu ela. — Não quero descobrir o que eles fariam comigo. Por isso, não quero que me peguem.

— Faz sentido — respondi. — Então, como agiremos agora?

— Quer dizer o que *você* vai fazer agora, Amy. Você já tem a informação. Vai permitir que arranquem a sua sociedade?

— É sua também, Jenny. Ela olhou para os pés.

— Não mais. Se é que um dia foi.

Então, a nota de 50 dólares que Jenny dera ao atendente da mercearia não tinha nada a ver com o preço abusivo de barras energéticas. Em vez disso, ela pediu que ele tirasse o carro dela da área de depósito. Em meia hora, estávamos em uma estrada seguindo para New Haven. Passei o tempo enviando mensagens de texto para Josh e Clarissa, avisando que eles não precisavam mais se preocupar com Jenny, mas que, por favor, não espalhassem a notícia até que eu conversasse pessoalmente com os dois. Depois disso, tentei entrar em contato com o meu antigo chefe, Gus Kelting, membro da diretoria da TTA. Gus estava em uma viagem de negócios em Reykjavik, a capital da Islândia, e não estaria disponível por várias semanas. Fui transferida para o serviço de correio de voz e, conforme aprendera no verão passado, pressionei o código 312, que me levaria diretamente para o correio de voz para assuntos da Rosa & Tumor. Rezei muito para que ele estivesse verificando suas mensagens. Caso contrário, estaríamos sozinhos para lidar com tudo isso — embora talvez este fosse o momento perfeito para ver se conseguiríamos resolver problemas sem ajuda.

Fiquei acordada o máximo que consegui, prestando atenção para ver se estávamos sendo seguidas e argumentando com Jenny sobre a necessidade de nossa fuga eletrizante.

— A idéia desses caras de usarem a influência deles é sabotar os estágios de verão, e não atirar no joelho das pessoas — disse eu, concordando, por fim, com o argumento que todos jogavam na minha cara desde que Jenny tinha desaparecido.

— E que tal contratar brutamontes para atirar nos joelhos? — perguntou Jenny. — Eu sou do Bronx. Não me arrisco.

Parecia sensato.

Adormeci um pouco depois e só acordei quando Jenny estacionou na garagem de York Street e desligou o carro. Lar doce lar.

— Não quero voltar para o meu quarto — disse ela.

— Por que não? Está tudo limpo e arrumado agora. — Dei um sorriso fraco e sonolento. — Venha para o meu quarto comigo, se quiser. Josh deve estar lá mesmo, e podemos contar a ele toda a história. Prometo que ele será mais coerente do que eu.

Ela mordeu o lábio. A esta altura, eu estava surpresa de ela não ter se machucado ainda.

— Não sei como poderei encarar Josh depois de tudo. Não sei como poderei encarar vocês.

Para ser honesta, eu também não sabia, mas esperava que passássemos rapidamente pela sessão de acusações e recriminações e entrássemos direto no problema que tínhamos em mãos: os Elísios.

Falando em pessoas que não queremos encontrar no momento, a primeira que encontramos no instante que entramos na faculdade foi ninguém menos que George Harrison Prescott, o próprio.

— Olá, Boo — disse ele, em tom jovial e nem um pouco indicativo de meses de duplicidade. Que homem frio. Frio como gelo. — Já voltou de Nova York?

— É o que parece — respondi, enquanto Jenny enterrava ainda mais o boné de beisebol na cabeça.

Ela parecia um garoto que estava lendo o quadro de avisos.

— Descobriu alguma coisa?

Dei de ombros porque não confio na minha habilidade para mentir para ele. Eu queria partir o pescoço dele. E do que adiantava conversar? Era possível que ele estivesse brincando comigo o tempo todo e que ele e o resto de seus amigos Elísios já soubessem sobre a invasão do apartamento de "Ada Lovelace". Sem dúvidas o zelador tinha contado aos homens sobre a visitante de Jenny antes de lhes dar as chaves.

— Estou muito cansada. Vou tentar dormir um pouco.

— Posso ver você mais tarde? — Ele colocou um braço na minha cintura. Jenny retesou as costas, ecoando, sem dúvida, a minha relação repentina com uma boa postura.

George notou minha total falta de excitação quando me tocou, e deixou o braço cair ao longo do corpo.

— Você está bem?

— Estou. Só estou cansada. — O que era verdade, ou pelo menos uma meia verdade. Eu *estava exausta*, e não "cansada".

— Bem, liga para mim mais tarde se quiser ficar juntinho. Provavelmente só voltarei bem tarde.

— Tudo bem — murmurei.

Jenny e eu continuamos o nosso caminho pelo jardim e até os degraus que levavam a meu quarto, que brilhava com luzes quentes e amarelas. Eu podia ver a porta bem à frente, e meus olhos estavam ficando pesados de novo. *Vamos lá, Amy, força. Você ainda tem muito o que fazer antes de dormir.*

— Acho que ele não reconheceu você — disse eu, colocando meu cartão na porta de entrada.

— Acho que ele não reconhece nada que não classifique na categoria de possível parceiro sexual — declarou Jenny. — Então, temos isso a nosso favor. Você não vai ligar para ele mais tarde, vai?

— Só me diga que você não está gostando disso.

Josh e Lydia estavam sentados no sofá da nossa sala, comendo uma pizza. Eles olharam para gente, e o pedaço de Josh caiu com a surpresa.

— Ai, meu Deus! — exclamou ele. — O que aconteceu com vocês?

— Amy, você está péssima — afirmou Lydia.

— Obrigada, querida. Vou amar você para sempre se me disser que é pizza de pepperoni.

— Você já me ama, mas sim.

Ela pegou outro prato de papel.

Olhei para o meu reflexo no espelho. Havia olheiras sob os olhos, além de sujeira no rosto. E era com essa pessoa que George queria encontrar mais tarde? Talvez ele estivesse cego de desejo.

— Deixa para lá. Acho que vou tomar um banho primeiro.

— Não há ninguém no seu quarto — informou Josh. — Tenho verificado constantemente. — Só então ele optou por cumprimentar Jenny. — Olá.

Ela apertou a bolsa.

— Olá.

Educação à parte, deixei o grupo não tão feliz e fui para o chuveiro. Diga o que quiser sobre a vida no dormitório, mas há muito pouco nesta vida que se compare a um glorioso banho quente na ducha ultrapoderosa do banheiro da Universidade Prescott. Vinte minutos depois de muito vapor, saí do banho rosada e relaxada, vesti meu roupão e segui para o quarto.

Jenny claramente já relatara toda a história para Josh e ele claramente havia se mobilizado. Lydia muito gentilmente deixou nosso quarto (o bilhete no meu quadro branco dizia: *Tudo bem. Você conseguiu um passe livre para transformar nossa sala na sede do seu clube. Eu entendo os casos de emergência. Amor, Lyds*).

— Você acha que ela vai contar à sociedade dela que estamos com problemas? — perguntei a Josh. — Você sabe que todas as outras sociedades do campus vão se deleitar se ouvirem falar disso, não é?

— Ouvir sobre o quê? Ela saiu antes de Jenny dizer uma palavra. Sua colega de quarto é uma dama de classe. Eu sei ou não sei escolher minhas namoradas?

— Você está namorando a colega de quarto de Amy? — perguntou Jenny, enfiando a cabeça pela porta do meu quarto e olhando para mim. — E você permite isso?

— Cale a boca, Jenny — disse Josh, seguindo-me até a porta do meu quarto. — Lydia não é a única que sabe dar às pessoas o benefício da dúvida. Você tem muita sorte que somos assim.

— Eu acredito nela — declarei.

Josh suspirou.

— Eu também. Já estão todos a caminho.

— Todos?

— Os que não fazem parte dos Elísios — informou Jenny. Ela tinha se apoderado do meu laptop enquanto eu estava no banho. — Houve mais algumas trocas de e-mails. Acho que haverá uma reunião hoje à noite. Eu só preciso descobrir onde.

— Hoje à noite? — perguntei. — Em um sábado?

Eu provavelmente só voltarei bem tarde. Foi o que George disse. Sem dúvida.

— É por isso que estamos preocupados — disse Josh. — Deve ser algo importante se as pessoas estão dispostas a deixar o final de semana de lado. Talvez seja sobre a informação que eles acham que Jenny nos passou.

Logo depois, o resto do grupo chegou.

— É melhor que isso seja bom — avisou Clarissa. — Tive de desmarcar um encontro com o Sr. Maravilhoso.

— Duas noites seguidas? — perguntou Mara, pegando um pedaço de pizza. — Uau! Parece amor de verdade.

Greg pegou o último pedaço de pizza e começou a mastigar.

— Todos nós cancelamos nossos planos para estar aqui — falou Greg. — Espero que haja um bom motivo para isso.

— Eu não cancelei nada — discordou Harum. — E sim, mereço o status de perdedor. Se vocês todos têm festas para ir, poderiam pelo menos me convidar. O que aconteceu com apoiar um irmão em todos os seus esforços?

— Estamos apoiando você no seu status de perdedor — implicou Clarissa.

Odile e Demetria chegaram e ficaram em lados opostos da sala. Briga de amantes, talvez? Ergui a sobrancelha para Demetria, mas ela me ignorou.

— Quanto tempo isso vai levar? — perguntou Demetria.

— Se estamos esperando por George ou Nikolos voltarem dos bares, vamos ficar aqui a noite toda.

— Eles não estão num bar — disse Josh apertando os dentes.

Eu tinha me vestido no quarto de Lydia enquanto Jenny trabalhava no meu computador, e a porta do meu quarto ainda estava fechada.

— Já estou ficando cansada desses encontros constantes — disse Odile. — Achei que teríamos duas reuniões por semana, não dezessete.

— Não se preocupe — interrompeu Josh. — Esta talvez seja a última. De qualquer tipo.
— Ele abriu a porta do meu quarto. — Pode sair agora.

Jenny saiu e todo mundo respirou fundo.

— Nossa, trata-se de uma versão de *Meninos não choram* — disse Odile.

Jenny acenou, sem jeito.

— Oi, gente.

Apenas Harum a cumprimentou. Todos os outros estavam furiosos.

— Então, você a encontrou — fungou Clarissa. — Ótimo. Já podemos acabar com ela?

— Ainda não — disse Josh. — Dêem a ela cinco minutos.

Então, todos ouvimos Jenny contar a versão resumida do seu esquema de agente duplo. Ela não entrou em detalhes sobre seu relacionamento nem tentou jogar a culpa em Micah. Ficou em pé ali na frente de todo mundo e foi honesta (usando seu nome verdadeiro), admitindo para todos que o que ela fez com eles era errado. Não sei quantos pontos ela ganhou com isso, mas eu estava orgulhosa dela.

Logo depois, ela entrou no assunto que realmente importava nesta reunião: os Elísios. Passamos os e-mails impressos e a lista dos participantes. A maioria das garotas ficou em choque. Mara não pareceu muito consternada e os garotos pareceram mais desapontados que surpresos com a notícia.

Josh olhou para Harum e para Greg.

— Imagino que a experiência de vocês seja bem parecida com a minha?

Greg deu de ombros.

— Alguns dos rapazes fizeram alguns comentários — disse ele. — Achei que eles só estavam querendo irritar as garotas e nunca dei muita atenção.

— Acho que eles estavam julgando nossas respostas — continuou Josh. — E quando não demonstramos interesse pela idéia, eles não nos convidaram.

— Eu fui convidado — informou Harum, em voz baixa. — Pelo menos, pensando agora, acho que era isso que eles estavam tentando fazer.

Todos os olhos se voltaram para ele.

— Foi há alguns meses, logo depois da Noite da Iniciação dos Neófitos. Saí para beber com Ben e Nikolos e estávamos desabafando, falando sobre nossos investimentos e coisas assim. Eu ainda não entendia como a sociedade funcionava. Pensei que eles estavam tentando me recrutar para algum tipo de comitê para arrecadar fundos para os Coveiros. Eu não tinha tempo para isso... Não sem comprometer minhas outras atividades. Então eu disse que não. — Ele olhou para todos os rostos chocados. — Eu não sabia do que se

tratava. Pensei que eles queriam que eu fosse voluntário para o trabalho ou algo assim. Foi a última vez que ouvi falar no assunto.

— Então, se você soubesse, teria entrado? — perguntou Demetria.

— É claro que não — respondeu Harum. — Eu não compactuo com essa merda sexista.

— Sério? — duvidou Juno. — Eu pensava...

Ele estreitou os olhos para ela.

— Obrigado. Parece que deixei todas as burcas na minha outra bolsa, ou eu daria uma para você.

— Calma — pediu Demetria. — Podemos deixar os comentários racistas para depois?

— Para sua informação — bufou Juno —, isso não tem nada a ver com raça. Eu ia dizer que Harum me disse que não sabia que permitiam mulheres até ele chegar, em agosto. Tive a impressão de que ele não tinha gostado muito da idéia.

— Era você quem não estava satisfeita, se não me engano — alfinetou Clarissa. — Hipócrita, com certeza. Mas você não estava muito satisfeita.

— Só porque não concordo com o princípio por trás de um novo imposto, não significa que eu não vá pagá-lo — respondeu Mara.

— Tudo bem, gente. Vamos deixar a lógica de lado por um tempo e vamos passar para o ponto onde decidimos o que fazer.

Quanto mais cedo decidíssemos, mais cedo eu poderia dormir.

Mara olhou para Jenny.

— Por que temos de fazer alguma coisa? Ela já admitiu que mentiu para nós, que usou nossos medos contra nós a fim de lançar a semente da suspeita entre nós. Como podemos saber que isso não é a fase dois do plano dela?

Quem era paranóica *agora*? É claro que, se eu tivesse tido tempo de dormir na noite passada, também estaria me perguntando a mesma coisa.

— Isso seria diabólico demais da parte dela, vocês não acham?

— É preciso ser diabólico para perceber isso — disse Clarissa. — Que plano para derrubar uma sociedade diabólica não seria igualmente diabólico?

— Vocês estão especulando que esses últimos dias fizeram parte de uma trama elaborada para nos convencer a confiar nela quando ela apresentasse informações mostrando que um terço do nosso clube está conspirando contra nós? — perguntou Josh. — Será que não acreditaríamos mais nela *antes* de sabermos que ela havia nos traído?

Clarissa apertou os lábios.

— Tudo bem. Você está certo. Quando se coloca as coisas dessa forma, parece ser bastante improvável.

Greg bufou e mostrou um dos e-mails dos Elísios que Jenny imprimiu.

— Esses filhos-da-puta. Ouçam isto: "Conseguimos muito apoio para a nossa causa com os patriarcas de boa vontade, especialmente dos patriarcas cujas doações generosas diminuíram muito. A única preocupação que ainda resta é o que fazer quanto ao saldo do

fundo. Seria bem fácil redirecionar uma parte dos dividendos para uma nova conta, mas isso não parece valer a pena. Do seu irmão sob a rosa, Hades." Eles estão roubando nosso dinheiro.

— Bem — disse Jenny —, eles acham que o dinheiro também é deles.

— Eles não podem fazer isso, certo? — perguntei. — Mesmo que tudo seja parte do Tobias Trust Association, eles não podem criar um novo orçamento que inclua um fundo secreto para os Elísios sem a votação da diretoria ou do clube, certo?

— Definitivamente — concordou Josh. — E duvido que metade da diretoria saiba disso. Você conseguiu falar com seu contato, Amy?

— Ele está na Islândia. Deixei uma mensagem de voz, mas...

Até onde eu sabia, alguns Elísios poderiam facilmente entrar no serviço de correio de voz e apagar a minha mensagem informando-o sobre a trama.

— Ouçam isto — pediu Demetria, segurando outro e-mail. — "Duvido que o clube vá se encontrar domingo à noite devido ao clima de desconfiança que se instalou. Agora é o momento perfeito para decidir o próximo passo. Por que esperar mais? Chegou a hora. A ordem antiga está se esfacelando. Não vamos ficar no caminho. Do seu irmão sob a rosa" etc.

— Quem escreveu esse? — perguntou Mara.

— Alguém chamado Heitor.

De repente, Odile se ergueu.

— Espere, já ouvi esse nome antes. Elísios.

Demetria olhou para ela.

— Não me diga que você foi convidada?

— Não. Li sobre eles. Nos anais. Eles já existiram antes, quando o clube começou a aceitar membros de outras raças ou não-cristãos. Alguns dos membros da velha guarda não estavam satisfeitos e criaram um clube *secreto* dentro do clube secreto.

— Nojento — disse Jenny. — E o que aconteceu com eles?

Odile deu de ombros.

— Eu não me lembro dos detalhes, mas está nos Livros Negros. Acho que os outros descobriram e copiaram.

— Então a história está se repetindo — disse eu.

Demetria baixou o e-mail.

— Tudo bem. Estou pronta. Vamos pegar esses imbecis.

— Primeiro temos de encontrá-los — ponderou Clarissa. — Onde será que eles se encontram? Não é no mausoléu. Eu estava lá.

— Você foi a todos os lugares? — perguntou Josh.

— Não procurei em todos os lugares, se é o que você quer dizer, mas o mausoléu estava definitivamente vazio. Andei pelo andar de cima e pelo andar de baixo. Fui à cozinha porque alguém deixou a luz acesa. Tudo deserto.

Peguei outra folha impressa.

— Eles mencionam algo sobre o local das reuniões nesses e-mails?

— Muito pouco — disse Jenny. — Por isso, suponho que seja sempre no mesmo lugar, já que eles nunca sentiram necessidade de anunciar o local, apenas a hora.

— Quando eles costumam se encontrar? — perguntou Josh. — Talvez possamos restringir as opções a partir daí.

Jenny começou a folhear as páginas.

— Quarta-feira, quarta-feira, quarta-feira. Aqui tem uma na segunda-feira, uma na terça-feira, uma na sexta-feira e outra na quarta-feira. Houve um sábado no primeiro final de semana de outubro...

— Eu me lembro dessa noite — interrompeu Odile. — Foi a maratona de Jane Fonda que Kevin insistiu que fôssemos e depois desapareceu bem no meio.

— George também não apareceu — informei.

Havíamos até brigado por causa disso.

— Vocês acham que eles estavam tentando nos manter ocupados? — perguntou Greg. — Se todos estávamos no cinema, não poderíamos estar...

— No mausoléu — completou Clarissa. — Mas eles não estavam lá agora. Juro que teria notado.

Olhei para os e-mails que Jenny descartara. Passei muito tempo com George nas últimas semanas. Onde eu o tinha visto? Uma das reuniões de quarta-feira me chamou a atenção. Como se eu pudesse esquecer *aquela* noite. George e eu no mausoléu. Mas não fazia sentido. Ele não estivera em uma reunião dos Elísios. Ele estava comigo.

Mas eu não tinha ouvido a porta abrir quando ele entrou. E a pele dele não estava fria como se ele tivesse vindo do lado de fora. E ele tinha garantido que *todos já tinham ido para casa...* Ai, meu Deus.

— Eles se encontram no mausoléu — afirmei. — Tenho certeza.

Os olhos de Josh encontraram os meus e um brilho de entendimento passou entre nós.

— Mas onde? — perguntou ele. — Certamente não é no Templo Interior.

Será que era por isso que George sabia que não havia câmeras? Eu não podia suportar nem pensar nisso.

— Também não é na Sala do Vaga-Lume nem na Biblioteca. — Eu os teria ouvido. — Acho bastante improvável ser em qualquer lugar no andar principal. Será que existem salas no mausoléu sobre as quais não sabemos?

— Considerando que é você quem está perguntando — disse Clarissa, com um sorriso —, é bem provável.

— Quem pode saber? — perguntou Odile. — As plantas do mausoléu não estão nos arquivos.

Todo mundo virou para ela.

— O quê?

Ela deu de ombros.

— Elas estão listadas no catálogo, que, a propósito, é uma desgraça total, mas não se encontram nas prateleiras. Eu queria usá-las para planejar a Iniciação dos Neófitos, mas não consegui encontrá-las.

Jenny levantou as mãos.

— Juro que não fui eu. Desenhei a minha própria planta do andar.

Hora de mudar de assunto.

— Quanto você quer apostar que as plantas desapareceram assim que surgiu a idéia dos Elísios? — perguntei.

— Mas como explicar que nenhum de nossos irmãos mais velhos tenha se preocupado em nos contar sobre algum outro aposento do mausoléu? — perguntou Greg.

— Talvez eles também não soubessem — respondi. *Ah, Amy, como você pôde ser tão burra?* — Talvez, o único irmão que soubesse desse aposento fosse uma pessoa muito versada da história dos Coveiros. Alguém que está do lado dos Elísios.

Alguém como Poe. Gente, eu quase o peguei naquele dia, depois que visitamos o dormitório da Edison. Ele obviamente estava tentando descobrir se eu sabia alguma coisa sobre os Elísios. Ele praticamente me contou. Mas, como sempre, recorri à troca de farpas, em vez de realmente *ouvir*.

Peguei um dos primeiros e-mails de "Nestor". Eu concederia aos Elísios um ponto, pois eles sabiam como escolher os nomes. Eu li Homero. Nestor era o velho guerreiro sábio que aconselhava os jovens heróis na *Ilíada*.

De: Nestor-X1@phimalarlico.org

Para: Elísios-X1 @phimalarlico.org

Assunto: Re: próxima vez

Creio que as reclamações sejam infundadas. Naturalmente, nosso espaço não tem a grandiosidade do Templo Interior, mas é muito conveniente para os nossos propósitos. Lembrem-se dos templos dos mitras e outras reuniões espartanas. Somos guerreiros. Para que precisamos de luxo? Além disso, se vocês querem competir, nossa entrada vence a deles, além de dividir a história com o mais glorioso artefato do Templo Interior.

Do seu irmão sob a rosa,
Nestor

A entrada deles? Mas se tudo no mausoléu foi construído ao mesmo tempo, por que uma entrada teria algo a ver com as antiguidades mantidas no Templo Interior? E de que "artefato" ele estava falando? Os retratos a óleo? As imagens de Perséfone? O elaborado trono entalhado?

A única coisa que vi que parecia com a madeira entalhada do trono era a moldura do espelho antigo que ficava no porão. Olhei para o grupo.

— Clarissa, você disse que alguém havia deixado a luz da cozinha acesa?

— Sim. E daí?

— Acho que eles estão se encontrando no porão.

— Onde no porão?

— Atrás do espelho.

Seguimos todos os nove em direção ao mausoléu na High Street. Discrição era algo do passado. Durante a caminhada, eu me repreendia por não ter notado os sinais. Poe e George aparecendo na cozinha vindos de não sei onde. Poe me pressionando para descobrir se eu tinha encontrado algo mais no quarto de Jenny. George dando desculpas sobre os bolos que me deu e escondendo segredos no computador. Eu tinha certeza de que se tratava de outra garota. Muito esperto. Toda a traição dele tinha a ver com traição sexual, e não da sociedade.

Eu estava totalmente por fora.

Josh e Harum abriram a porta do mausoléu e nós entramos, sem dar a mínima para as pessoas que podiam estar na rua. Fomos todos para o porão e, no corredor estreito, vimos o reflexo de nove Coveiros no espelho com moldura entalhada.

Soze passou os dedos pela moldura e puxou, mas o espelho não se moveu.

— Não é desse lado — sussurrou ele. Tentou do outro lado. — Nada ainda.

— Talvez haja um truque — sugeriu Thorndike. Ela passou as mãos pela moldura. — Também não consigo sentir nada. — Ela limpou as mãos na calça cargo. — Sinto muito dizer isso, Bugaboo, mas acho que você estava errada.

— Vamos procurar no resto do mausoléu — disse Juno. — Eles têm de estar aqui em algum lugar.

— Não — discordou Lucky. — Acho que ela está certa. Olhem.

Ela deu alguns passos para trás e apontou para o espelho. As esculturas complexas da moldura mostravam o estupro e a prisão de Perséfone, sua sedução pela romã e sua entrada para a família real do mundo dos mortos. E, lá, no alto, havia uma rosa entalhada.

Lucky olhou para mim e sorriu.

— Sob a rosa.

Então, ela se inclinou para frente e pressionou o vidro. Ele se abriu como uma porta, revelando degraus.

— Rápido — disse Thorndike. — Eles devem ter ouvido isso.

Descemos as escadas correndo e nos deparamos com um par de portas no fim. Thorndike abriu as duas, revelando um aposento pequeno e arredondado. Lanternas antigas iluminavam sete pessoas usando túnicas vermelhas compridas em torno de uma mesa comprida. Eles levantaram rapidamente, e eu vi choque e horror em seus rostos. A maioria se afastou até a outra extremidade da sala, onde havia outra porta.

— Sigam eles! — ouvi Thorndike gritar e o caos tomou conta de tudo.

Mas eu não tinha energia para correr. Só fiquei ali observando enquanto um dos dois remanescentes puxava o capuz para se revelar. Poe. O outro, ainda sentado, se inclinou para frente, apoiou o queixo na mão e suspirou.

— Sinto muito, Boo — disse George.

Senti os olhos queimarem. Tudo bem, eu estava errada. Virei e comecei a correr.

*Por meio desta, eu confesso:
existem dias em que acho que não vale a pena me estressar.*

18. Benefícios

Corri como se não tivesse ficado acordada por mais de 24 horas. Corri como se a queimação que sentia nas pernas fosse, de alguma forma, apagar a necessidade ou a capacidade de chorar. (Não apagou.) Corri como se estivesse sendo perseguida pelo próprio Cérbero. Mas não era o cão de três cabeças que estava correndo atrás de mim quando parei por alguns momentos depois que bati o portão da Universidade Prescott. E também não era George.

— Amy, espere!

Parei. Cerrei os dentes e os punhos. E, então, lentamente, virei.

Poe colocou a mão nas grades.

— Abra o portão.

— Existe um motivo — comecei com voz trêmula — para eles não permitirem que alunos formados mantenham os cartões de entrada. É porque não queremos mais vocês em nossas vidas.

— Amy, eu quero conversar sobre isso. Por favor, por que não se acalma?

— Você mentiu para mim! Você nos traiu... de novo!

— *Eu* menti para você? — Ele elevou um pouco a voz. — Quem foi que fez uma ceninha em Nova York hoje cedo? Você sabia onde Jenny estava e, em vez de me contar, depois de tudo que fiz para ajudá-la, você me enganou!

É, e me senti mal na hora. Contudo, eu estava errada ao me sentir assim. Aproximei-me do portão.

— Jenny me implorou para não contar a você. E ela estava certa. Você estava contra nós! Foi uma suposição correta a minha, não?

— Não, Amy! Não foi assim que as coisas aconteceram.

— Diga isso para os gorilas que os patriarcas enviaram para invadir o apartamento dela.

Ele bateu as mãos contra as grades.

— Eu *estava* tentando ajudar. *Estava* preocupado com ela. Se você acredita ou não, tanto faz.

— Não acredito em você — provoquei, me aproximando ainda mais e segurando as grades e olhando para ele através delas. — Como fui idiota! Esse tempo todo, eu ficava

me dizendo que não importava o que eu pensava de você como pessoa, que eu poderia confiar em você sobre o que seria melhor para a sociedade. Tinha certeza que, para você, entre todas as pessoas, a Rosa & Túmulo vinha em primeiro lugar. — Eu me inclinei até que nossos narizes quase se encostassem. — Você é tão bom em me fazer parecer idiota, James. Todo esse tempo, você estava tentando nos arruinar.

— Isso não é verdade!

— Não? — Deixei as mãos caírem ao longo do corpo. — Então me explique a questão dos Elísios. Explique o roubo em nosso fundo, a idéia de corromper nossos integrantes, de fazer reuniões dentro no nosso mausoléu até que tivessem juntado o suficiente para continuarem sozinhos.

Por um momento, ele não disse nada.

Acenei com a cabeça, apertando os lábios em um esforço para não chorar. Quando recuperei o autocontrole, continuei:

— Você conhece tudo sobre a sociedade. Conhece o suficiente da nossa história para saber que essa foi uma péssima idéia. Você sabe para que eles usaram os Elísios. Conhece o tipo de racismo que isso significa. — Olhei diretamente nos olhos dele, que eram grandes e cinzentos e estavam tão vermelhos de sono quanto os meus. — Como pôde começar isso de novo?

— Não fui eu quem começou — respondeu ele. — Juro. Eu não sabia nada disso até o dia que você me expulsou do mausoléu. É que eu... Eu sentia falta da Rosa & Túmulo. Foi a melhor época da minha vida. Os melhores amigos que já tive. E acabou. Então, quando Nikolos me procurou com um convite, sim, aceitei. Não era a Rosa & Túmulo, mas eu era bem-vindo ali.

— Mas será que você não entende? — gritei. — Você está *destruindo* a sociedade na sua tentativa de se segurar nela. Cresça! Deixe-nos em paz!

— Se você não ficasse implorando a minha ajuda, talvez eu pudesse! — gritou ele de volta.

— Ei — disse George, chegando ao portão. — Parem de gritar. — Ele olhou de Poe para mim e depois para Poe de novo. — Com licença.

Poe saiu da frente e George passou o cartão pelo sensor. O portão abriu e Poe colocou a mão para abri-lo.

— Não, amigo — negou George. — Você não pode entrar.

— Eu só quero conversar com ela.

— Bem, eu não quero conversar com você — disse eu.

— Mas era exatamente isso que você estava fazendo alguns segundos atrás — respondeu ele.

George entrou e fechou o portão. Ele se aproximou de mim com uma pequena ruga de preocupação em seu rosto perfeito.

— Isso tudo é por minha causa, não é? Venha, Amy, vamos a algum lugar para discutir isso.

Eu não estava bem certa se era por causa dele, mas eu queria falar com Prescott também. Poe bateu no portão.

— Não, Amy! Espere!

Lancei um olhar de raiva para ele.

— Morra, James!

George colocou o braço no meu ombro e começamos a nos afastar.

— Pela última vez — disse Poe, em tom baixo. — É *Jamie*.

Tirei o braço de George do meu ombro e olhei para trás.

— Tudo bem. Morra, *Jamie*.

Fui para o quarto de George sem reclamar, mas, uma vez que chegamos lá, soltei o verbo.

— Como você pôde fazer isso? Por que mentiu para mim?

— Eu não menti.

— Mais uma mentira. Meu Deus, você é bom! Como pode esperar que eu o escute, confie em você, me sinta bem quando estou com você... — Tudo bem, acho que já disse *confiar em você* — ...durma com você de novo!

Ele pareceu magoado.

— Não dormir comigo?

— George, toda a nossa relação se baseia na idéia de que, diferente da relação idiota de namorado/namorada, nós seríamos honestos um com outro. Quer conversar sobre as muitas e muitas vezes que você mentiu para mim? Que tal sobre o que você estava fazendo no seu e-mail na quinta-feira quando cheguei aqui? Que tal sobre onde você realmente estava quando me encontrou naquela noite no mausoléu? Que tal sobre o que você estava fazendo quando deveria estar no festival de filmes comigo? Você não escreveu nenhum trabalho sobre Berlim! Todo esse tempo, pensei que você estivesse mentindo para me proteger de histórias sórdidas com outras mulheres. É loucura: com *isso* eu conseguiria lidar. Mas mentir sobre a Rosa & Túmulo? Não. As únicas promessas que você fez foram em relação a isso.

— Você está levando tudo isso para o lado pessoal.

— Não, George, não estou. Isso não é sobre mim e você. É sobre você e os outros Coveiros. Estou furiosa com você como um *irmão* da sociedade. Como pôde fazer isso nas nossas costas?

Ele sentou no sofá e respirou fundo.

— Não sei. Eu estava andando muito com Nikolos. Ele é um cara legal. Estávamos conversando sobre alugar um barco neste verão e viajar pelas ilhas.

E pegar garotas, sem dúvida. Dei a ele um sinal de "vá direto ao ponto".

— Quando dei por mim, eu estava lá no porão, usando túnica vermelha. Nikolos estava animado com a idéia e eu me perguntei "por que não?". É bem irônico.

— Como assim?

— Não sei se você se lembra, mas eu nem queria ser um Coveiro — disse ele. — E lá estava eu, um membro dos Super Coveiros. Ainda assim, eu não sabia que isso ia chatear vocês tanto assim.

— Não deve haver segredos entre nós. Não devemos fazer parte de outra sociedade.

No entanto, George só estava ali sentado, fazendo pouco de tudo o que estava acontecendo.

— Para ser honesto, nem passou pela minha cabeça que isso poderia ser um problema até esta manhã. Quando descobri que Jenny sabia sobre nós e que era por isso que todos estavam tão assustados com o desaparecimento dela. Não passou pela minha cabeça que você poderia ficar chateada.

— Mas não passou pela sua cabeça me contar seu segredinho? Nem quando eu estava enlouquecendo, achando que Jenny estava em perigo? — Meneei a cabeça. — Se você não dava a mínima para os Elísios, por que entrou?

Ele deu de ombros.

— Parecia legal. De que outra razão eu poderia precisar?

— Para me enganar? Muitas! — gritei.

Ele riu, o tipo de risada debochada que o som começa a sair pelo nariz e depois pela boca.

— Eu sabia que isso ia acontecer — disse ele, mais para si do que para mim.

— O quê? Que você ia acabar entendendo que vocês estavam tentando passar a perna na gente? Já não era sem tempo.

— Não, que você não conseguiria lidar com os parâmetros do nosso relacionamento. Nada de cordas, lembra? Eu não devo nenhum tratamento especial para você.

— E não estou pedindo isso — disse eu, fervendo por dentro. Como ele se atrevia a me acusar disso? Eu pensava que ele me conhecia melhor, depois de todo esse tempo. — Neste momento, eu estou pedindo um tratamento regular e honrado de Coveiro para Coveiro. Estou pedindo que pense um pouco sobre como você pode magoar alguém, antes de decidir fazer algo só pela diversão.

Eu estava pedindo a ele para fingir que podia se importar com alguém além dele mesmo.

Ele revirou os olhos e ficou em pé.

— Fala sério, Boo — pediu ele, enquanto um sorriso começava a se insinuar no canto da boca perfeita. — Não aja como se você tivesse um motivo para fazer cada coisa que decide fazer.

— Eu não ajo — admiti. — Às vezes, os motivos são realmente horríveis. Mas eu tenho de me responsabilizar da mesma forma. Isso faz parte do processo de crescimento. Temos de deixar a infância para trás.

Ele ergueu a mão em um gesto de aceitação.

— Então, esse deve ser o meu problema. Eu ainda gosto de brincar.

Lancei-lhe um olhar de raiva, mas isso só fez com que ele abrisse mais o sorriso e se aproximasse de mim.

— Mas há mais coisa por trás disso. Diga-me que não está mais chateada comigo do que com os outros. Pare de enganar a si mesma.

— Você está certo — respondi. — Estou mais chateada com você. Porque éramos próximos e eu confiava mais em você.

Ele abriu os braços.

— Viu? É sobre nós dois.

Ai, mas que *inferno*!

— Você não está entendendo, querido. Isso não tem nada a ver com sexo, e tudo a ver com o fato de que eu passei mais tempo com você do que com Kevin ou Nikolos ou Omar. Nós somos *amigos*. Eu estaria tão furiosa com Josh ou com outra pessoa com quem eu realmente me importasse no mundo bárbaro. Você acha que estou apaixonada por você? — zombei. — Não sou tão superficial assim! — Virei as costas e segui para a porta. — E nem tão idiota.

A mão dele bateu na porta acima da minha cabeça e a fechou. Eu mal tive tempo de respirar quando ele me agarrou e me virou para ele e me pressionou contra a parede. E então ele estava me beijando — com força. Não era assim que George costumava me beijar. Todos os elementos que poderiam ser considerados lânguidos, sedutores ou charmosos tinham evaporado. Isso *machucava*.

Virei o rosto para o lado, mas ele seguiu.

— George... — Empurrei os ombros dele para trás e ele se inclinou, me esmagando com o peso do seu corpo e insinuando o joelho por entre as minhas pernas. — George!

Conseguí empurrá-lo.

Ficamos ali parados. Apenas sessenta centímetros de distância nos separavam. Ofegávamos e nos encarávamos. O cabelo de George estava despenteado, os óculos, um pouco tortos, e o sorriso sedutor tinha desaparecido. Mas reconheci a expressão. Ele estava excitado. Estava excitado porque eu estava brigando com ele.

Fechei os olhos. Exatamente como os pais dele. *Eu não queria isso para mim*.

— Vou embora — disse eu. — E não quero mais fazer isso.

A voz dele estava fria e calma.

— Acho que você deveria ficar.

— Não. — Estiquei o braço como se o estivesse afastando de mim. — Não estou brincando, George. Estou zangada com você. Não quero estar com você, quando você age dessa forma. Talvez nós só estivéssemos nos divertindo, mas não estávamos brincando um com o outro.

Desta vez, ele não tentou me impedir quando abri a porta e sai. Desci as escadas, atravessei o jardim da Prescott e subi os degraus da entrada do meu dormitório. Tudo que

eu queria era chegar em casa, entrar no meu quarto e ir para a cama. Tudo que eu queria era chorar até cair no sono. Tudo que eu queria era ficar sozinha.

Entrei no quarto, fechei a porta, encostei-me nela e escorreguei até o chão. Meus joelhos estavam dobrados na frente do corpo. Encostei a cabeça na porta e senti as lágrimas começarem a se formar em meus olhos. Eu odiava os homens. Odiava todos os homens.

Ouvi o som de alguém pigarreando e abri os olhos.

Josh estava em pé ao lado do meu quadro branco, segurando a caneta sem tampa.

— Será que é um momento ruim?

*Por meio desta, eu confesso:
a política é sempre pessoal.*

19. Tio Tony

Existe uma verdade raramente reconhecida que diz que não importa o quanto você durma, seus problemas sempre estarão prontos para esmagá-la assim que você abrir os olhos. Então, dez horas depois, fui arrancada do esquecimento em que mergulhei por batidas insistentes na porta, e me arrastei para abri-la.

— O quê!

— Amy, é Josh. Posso entrar?

— Não.

Ele escapou por pouco de ter tido o rosto arrebitado por mim na noite anterior, e apenas porque eu estava cansada demais para acabar com alguém. Então, eu simplesmente passei por ele a caminho do meu quarto, entrei, fechei a porta e tranquei. O Sr. Phi Beta Kappa entendeu a mensagem.

Mas agora ele estava de volta.

— É melhor que esteja decente — disse ele, enquanto abria a porta e deparava com uma confusão de roupas.

Você até poderia pensar que, depois do excelente trabalho de limpeza e arrumação que os patriarcas mandaram fazer no quarto de Jenny, eles poderiam ter me oferecido o mesmo tipo de tratamento. Josh sentou na beirada da cama.

— Trouxe suco de laranja.

— Meu ódio por você diminuiu consideravelmente. Peguei o copo e voltei a me esconder debaixo do edredom, mesmo bebendo.

— Precisamos conversar.

— Sou obrigada a discordar.

Dei um gole no suco. Uau. Era a primeira bebida sem cafeína que eu tomava desde nem sei quando. E eu também estava faminta.

— A não ser que você, por ventura, tenha trazido um *bagel*.

Ouvi barulho de um pacote de papel.

Tudo bem, eu odiava todos os homens da face da Terra menos Josh.

— Amy, é importante.

— É sempre importante. Tem sido importante há semanas. Não posso lidar com nada sério no momento. Acho que deixei isso bem claro na noite passada. O que mais você quer? Eu encontrei a informante. Eu a trouxe para você. Eu descobri uma conspiração imensa. Eu até sobrevivi à explosão. Acho que já chega, não?

— É sobre Lydia.

Saí debaixo do edredom.

— O quê?

— Como era de esperar, cheguei em casa tarde — disse Josh. — Mas recebi um e-mail de Lydia pedindo para eu vir para cá. Acho que toda a honestidade sobre a Rosa & Túmulo abriu as portas para ela conversar sobre as experiências que ela tinha com a sociedade dela... Amy, estou muito preocupado com ela.

— Como assim?

— Ela já conversou com você sobre a sociedade dela?

Comecei a devorar o *bagel*.

— Nada. Esse é um assunto proibido aqui no quarto. Ano passado, na época da convocação, discutimos muito por causa disso.

— Tenho a impressão de que seja lá no que for que ela esteja envolvida é bastante intenso.

— Mais intenso que a Rosa & Túmulo? — perguntei, cética. — Como isso é possível?

— Tenho a impressão de que ela é muito maltratada.

Ah, isso.

— Fiquei um pouco preocupada depois da Noite de Iniciação. Quando voltei, parecia que ela havia passado por uma experiência muito difícil. O quarto dela estava cheio de penas e sangue de vaca. Um troço nojento.

Franzi o nariz ao lembrar. Nossa sala cheirava a bile e havia marcas de lama por todos os lados. Achei que a iniciação na Rosa & Túmulo tinha sido ruim, com todo aquele negócio de caixão e ameaça de afogamento, mas claramente, não foi nada em comparação com o que quer que seja que a sociedade da Lydia tinha feito com ela.

— Obviamente não foi prazeroso, mas parecia que ela estava lidando bem com tudo. Mas por que você de repente ficou tão preocupado?

— Por causa do modo como ela fala das reuniões. Eles são brutais. Você sabia que ela teve de ficar nua em um pedestal enquanto contava suas experiências sexuais?

Parei de mastigar.

— As infrações às regras da sociedade são pagas com castigos físicos.

Pisquei para ele.

— Como assim? Eles usam chicotes?

— Bem, ela não deve ter infringido nenhuma regra, porque nunca vi marcas em seu corpo. Mas dá para imaginar?

— Não! Isso é terrível.

Eu imaginava um monte de histórias horríveis antes de entender a verdade sobre a Rosa & Túmulo, mas nunca cheguei a imaginar algo assim.

— Ela me contou sobre um outro integrante. Ele ou ela, ela não quis dizer, faz parte do time de natação. Eles enfiaram o broche da sociedade na *pele dele* para ele usar durante os treinos.

Parei de comer.

— Pare. Isso é terrível. Você já descobriu em que sociedade ela está?

— Não, mas quero descobrir. Aposto que devemos ter algum tipo de registro sobre eles no mausoléu. Quero acabar com esses caras.

— Não consigo acreditar que ela se submeteria a esse tipo de coisa — disse eu.

Mas a verdade é que eu conseguia. Lydia sempre viu essa história de sociedade como uma coroação ao tempo em que passou em Eli.

— Aposto que é uma das sociedades mais novas — afirmou Josh. — Talvez uma das que se reconstituíram. Elas costumam ser muito mais radicais porque querem ter a mesma reputação da Rosa & Túmulo.

— É possível. Mas, falando sério, quem ia querer a reputação da Rosa & Túmulo agora?

Ele deu de ombros e ficou em silêncio por um momento.

— Ontem à noite, vim aqui porque queria saber por que você tinha desaparecido.

— Eu tive de fazer isso. Não agüentava mais. Estava dormindo em pé. O que aconteceu?

— O aposento leva a um túnel que dá em um canto no jardim de esculturas. Então, você estava certa o tempo todo sobre uma entrada secreta para o mausoléu.

— Ponto!

Dei mais um gole no suco.

— Quando os alcançamos, eles já tinham se espalhado. Mas não importa. O confronto foi importante. Creio que você teve dois confrontos, não?

Não respondi, e Josh, para ser sincera, não disse "bem que eu avisei". Mas aprendi a lição. Incesto na sociedade é uma coisa ruim. Muito ruim.

— A grande questão é quem vai aparecer para a reunião de hoje à noite — disse ele.

— Você acha que eles não vão?

— Tenho medo do que vai acontecer de um jeito ou de outro — respondeu Josh. — Amy, você lembra que é a sua vez de ser tio Tony?

Prendi a respiração. Eu tinha esquecido completamente.

— Conversei com os outros sobre o problema e fiquei surpreso com as opiniões diferentes. Alguns acham que devemos esquecer que tudo isso aconteceu. Disseram que é coisa do passado e que devemos seguir com as nossas vidas. Outros acham que devemos expulsá-los do clube por quebrarem o juramento de fidelidade.

— O que você acha? — perguntei.

— O que *você* acha? — replicou ele. Recostei nos travesseiros.

— Eu digo que se fodam. Não posso mais lidar com isso. Ele ficou quieto por um tempo.

— Algumas pessoas disseram que devíamos permitir que continuassem com esse grupo. Que a pequena facção deles não é muito diferente da das Coveiras.

Eu me sentei na cama.

— Isso é besteira.

— Só estou dizendo o que algumas pessoas falaram.

— Isso é coisa da Mara.

Ele não respondeu. Em vez disso, perguntou:

— Mais tarde podemos falar sobre Lydia?

— Claro. Vou ver se consigo descobrir alguma coisa com ela. Mas vou logo avisando que ela é muito boa em se esquivar desse assunto.

Ele acenou com a cabeça.

— E, um bando de... hum... Coveiros "do bem" vai se reunir hoje antes do jantar para discutir a situação. Você vai estar lá?

Pensei um pouco e comecei a me encolher embaixo das cobertas.

— Estarei lá para a reunião — disse eu, por fim. — Acho que já dediquei tempo demais à Ordem da Rosa & Túmulo por uma semana.

— Ah, você já se esqueceu. — Josh se levantou. — Hoje é domingo. É o início de uma nova semana.

Maldição.

Quando finalmente cheguei ao mausoléu um pouco antes do jantar, fui recebida como se esperava: como uma heroína conquistadora pelos Coveiros "do bem" e com um silêncio sepulcral dos Elísios desgraçados. Felizmente, só tive de agüentar isso por um momento, pois Lucky chegou logo depois de mim. A reação provocada por ela foi unânime.

— Uau! Então você teve *cujones* para dar as caras — disse Angel, erguendo a taça. — Um brinde a esse *chutzpah*.

Eu estava ocupada com a mistura de idiomas usados no cumprimento. Reunimo-nos na sala de jantar para a refeição mais estranha da qual participei na minha vida. Na verdade,

"estranho" não era a palavra certa para descrever a situação. Assim como não o eram "desconfortável", "intolerável", "constrangedor", "artificial", "tortura", embora todas essas palavras e mais algumas servissem para descrever o que estava acontecendo. Era difícil comer com todos aqueles problemas enormes pairando sobre nós e toda tensão não resolvida no ar. Hale serviu salmão com um molho que, tenho certeza, devia ser maravilhoso. Mas não consegui engolir nem um pedaço. Ninguém olhava ninguém nos olhos, a sala estava no mais absoluto silêncio e Puck parecia ter sido tirado do corpo, julgando pela sua total incapacidade de fazer uma piada.

Não que eu teria rido.

Vinte e nove dolorosos minutos depois, tossi de forma discreta a fim de chamar a atenção de todos.

— Vamos começar o show? — perguntei.

O som de cadeiras sendo arrastadas substituiu o barulho dos talheres e seguimos para o Templo Interior. Comecei a reunião com os rituais de sempre, mas pulei a parte da música e de despentear o cabelo dos colegas. A quem estávamos tentando enganar?

— Hoje, em vez das discussões sobre multas por transgressões menores das regras, vamos passar direto para o problema que temos em mãos. — Fiz uma pausa para ver o efeito. — Mas que merda, gente!

Todos olharam para mim. Puxei o capuz para trás.

— Fala sério. Passei os últimos dias correndo por este campus, além de uma boa parte do território do estado, me esforçando ao máximo para manter esta sociedade unida. Estou cansada. Estou zangada. E quero saber por que eu tenho de continuar me preocupando, além do motivo óbvio dos juramentos que prestei. Para qualquer um com o mínimo de discernimento, dá para perceber que existem alguns integrantes que não estão satisfeitos com a atual formação da sociedade... Alguns não estão satisfeitos com a sociedade. Ponto. Então, o que faremos agora, se todos concordarem, é deixar que cada cavaleiro fale sobre os seguintes tópicos: — comecei a enumerar com os dedos — a existência dos Elísios, os fracassos percebidos do clube deste ano, o vazamento recente de informações e, o que, se é que existe algo, deve ser feito sobre tudo isso. Da direita para a esquerda. Vamos lá.

Sentei no trono, cruzei os braços e esperei.

E um por um começou a falar.

De acordo com Thorndike e Angel — que, surpreendentemente concordaram em algo —, deveríamos expulsar os traidores do mausoléu, incluindo Lucky. Quebrar um juramento é quebrar um juramento e todos haviam feito isso.

Bond era de opinião que devíamos "dar um corretivo" em todos. Não sendo muito familiarizada com as gírias de Eton, só entendi o que ele queria dizer quando Soze me lançou um olhar significativo e eu me dei conta de que ele estava falando sobre o tipo de comportamento mais praticado pelos membros da sociedade de Lydia do que pelos Coveiros. Bond também sugeriu que eles ficassem em "observação" por vários meses.

Juno disse que devíamos aceitar o novo *status quo* (mas, ainda assim, expulsar Lucky). Como Soze já havia me falado, ela não via os Elísios de modo diferente das reuniões informais entre as Coveiras. Outros (e me incluo nessa categoria), porém, argumentaram

que as Coveiras não tinham segredos — principalmente sobre a nossa existência — para o resto do clube. Também não tínhamos formado parâmetros formais ou rituais para o grupo, como as túnicas vermelhas dos Elísios. Também não excluíamos qualquer cavaleiro que quisesse se juntar a nós em qualquer bar, pizzeria ou cantina que freqüentássemos. *Também* não fizemos nada que pudesse ser interpretado como tentar tirar proveito do fundo Tobias Trust, então esse argumento não se sustentou. Juno apenas respondeu que nossas tatuagens poderiam ser interpretadas como rituais, do tipo mais antigo e tradicional, e que só porque os Elísios tinham pensado primeiro em ter um local reservado para suas reuniões e em estabelecer um caixa 2, isso não significava que as Coveiras não pudessem ter feito isso também. Ela recomendava que, a partir de agora, todos os iniciados na Rosa & Túmulo, dependendo do sexo, entrassem no grupo das Coveiras ou no dos Elísios, do mesmo modo como era feito, até recentemente, em Harvard, quando as formandas recebiam diplomas que declaravam que elas haviam se formado em Harvard e Radcliffe.

Dando uma opinião que chocou a todos, incluindo talvez ela mesma, Little Demon concordou com quase tudo que Juno disse.

— Não a questão das Coveiras e das tatuagens — acrescentou rapidamente. — Mas não acho que os Elísios sejam os cavaleiros do apocalipse, como vocês estão pensando. Sim, foi uma coisa horrível fazer isso nas nossas costas, mas e daí? Nós os pegamos; tudo foi descoberto. Correndo o risco de cair em um estereótipo, será que não poderíamos voltar a ser o que éramos?

Ela acrescentou que Lucky deveria ser punida por seus atos e que poderíamos encontrar um modo de puni-la sem recorrer à expulsão.

— Acho que podemos usar o corretivo que Bond mencionou.

Hum... Acho que não.

Graverobber reiterou seu antigo discurso sobre os fundos, expondo em seu argumento que achava que os Elísios eram a última grande esperança para termos uma Rosa & Túmulo como no passado. (Nesse ponto, Thorndike começou a argumentar que os *Elísios* do passado haviam sido a última grande esperança do III Reich. Nesse momento, bati o martelo várias vezes para que ela calasse a boca e deixasse Graverobber terminar seu discurso, mas o que eu queria, na verdade, era apoiar Thorndike e bater com o martelo na cabeça de Graverobber.) Ele terminou dizendo que apoiava totalmente a sugestão de Juno desde que o dinheiro dos Elísios ficasse com os Elísios etc.

Big Demon deixou a análise financeira de lado e concentrou seus argumentos nos problemas que via no clube. Entretanto, admitiu que, desde o início, os Elísios passavam muito tempo falando de dinheiro e da Rosa & Túmulo, então também não tiveram chance de fazer a parte legal de se unirem.

— Eu queria, pelo menos uma vez — disse ele —, passar um tempo aqui na sociedade e *não* falar sobre o estado da sociedade. Isso mais parece um relacionamento ruim.

Kismet e Frodo demonstraram estar surpresos por não saberem de onde saíra o nome dos Elísios.

— Eu provavelmente teria repudiado a idéia de me envolver se soubesse o significado do nome dentro da sociedade — afirmou Frodo.

Kismet concordou, mas acrescentou que sentia que o principal pecado que cometeram não foi o nome da subsociedade, mas sim, mantê-la em segredo.

— Se tivéssemos feito tudo de forma aberta — perguntou ele —, será que estaríamos discutindo agora? Qual é a principal reclamação de vocês: que os Elísios existem ou que existiam em segredo?

Todos consideramos a pergunta no silêncio que pairou no aposento depois do seu discurso. Por fim, Kismet deu uma cotovelada em Puck, que parecia estar cochilando. *Perfeito.*

— O que vocês decidirem está bom para mim — disse Puck, sem olhar para mim.

— Isso não é o suficiente — declarei.

Agora ele olhou para mim, trazendo no rosto uma expressão casual de quem não está nem aí.

— É claro que não. Boo precisa de mais. Bem, sinto muito, mas isso é tudo que eu tenho.

Respirei fundo, tentando me acalmar.

— Você não tem nada a dizer sobre seu envolvimento com os Elísios ou sobre o que espera para o futuro da Ordem?

Ele inclinou a cabeça como se estivesse pensando.

— Não, não posso dizer que tenho. Como você deve se lembrar, eu não me envolvi a ponto de sofrer se tudo isso... deixar de existir.

Imbecil. Enquanto eu tentava pensar em uma resposta calma (sem mencionar o esforço para manter uma expressão neutra), Jenny se levantou. O olhar que lançou para Puck tinha o nível usual de hostilidade, mas dava para notar algo diferente agora. Desta vez, ela estava zangada por mim. Jenny segurou a ponta da blusa e começou: — Não sei se posso falar neste momento e, julgando por tudo que falaram até agora, tenho certeza de como tudo vai acabar no que me diz respeito. Para ser honesta, não posso culpá-los. Fiz promessas para entrar na Ordem da Rosa & Túmulo e não as cumpri. E sinto muito mesmo. Sinto muito porque agora percebo o quanto tudo isso magoou vocês... Não apenas por tudo que vocês passaram durante a última semana, mas também porque acho que tudo isso que aconteceu nesse último mês contribuiu para a falta de... coesão do clube deste ano. — Ela virou para Big Demon. — Sinto muito ter feito você perder a noite do seu EN. Sinto-me especialmente mal porque você não é apenas meu irmão, mas antes disso tudo, éramos colegas da Edison. Eu deveria ter me aproximado mais de você. — Ela virou de novo para o grupo. — E sei que isso pode soar egoísta, mas sinto mais ainda porque sei que não terei outra chance como esta. Eu deveria ter percebido desde o início, quando, mesmo fornecendo informações, comeci a escolher o que deixaria vazar. Eu deveria ter percebido que isso significava que eu não queria fazer aquilo. Eu amava a Rosa & Túmulo, mesmo que não quisesse admitir. Então, agora estou fazendo exatamente isso, mas sei que é tarde demais.

Ela se sentou, e o silêncio reinou na sala e não foi aquele tipo de silêncio reconfortante. O clima no Templo Interior ficou tão pesado quanto estivera na sala de jantar. E, então, Tristram Shandy se levantou.

— Eu não disse nada ainda. Na verdade, não disse muita coisa durante todo o semestre. Para ser sincero, tenho me sentido excluído. Juno foi a única neófito que realmente conseguiu entrar na sociedade, já que foi instantaneamente aceita e acolhida no seio das outras Coveiras.

Angel bufou, deu uma risada e perguntou:

— *Instantaneamente?*

— *No seio?* — acrescentou Thorndike. Ergui o martelo como sinal de advertência. Shandy continuou:

— Ouvi tudo o que vocês tinham a dizer, e isso me fez pensar, especialmente sobre essa idéia de que podemos prosseguir deste modo: Coveiras para as mulheres e Elísios para os homens. Mas, no final das contas, acho que é tudo uma besteira. — Ele se aproximou do pedestal próximo de onde eu estava sentada e pegou o livro de juramentos. — Não sei se as coisas foram diferentes quando fui iniciado na Arábia Saudita, mas tenho certeza que nosso juramento de fidelidade dizia: *colocar acima de todas as outras as causas da Ordem da Rosa & Túmulo*. Até onde posso entender, isso significa acima de outras sociedades também. A idéia de sub-sociedades dentro da Ordem é contra os princípios sobre os quais juramos.

"Os Elísios não representam quem eu sou. Nunca representaram. E não farei parte desse grupo, porque entendo que a sua existência zomba do tipo de irmandade que deveríamos criar. Não deveria existir uma hierarquia dentro do clube. É por isso que existe um tio Tony a cada semana. É por isso que votamos sobre tudo. Nós falamos como uma única voz. Entendo que nossos predecessores fizeram isso quando optaram por convocar mulheres. Por que deveríamos denegrir os esforços deles ao separar os grupos? Os membros do sexo feminino de um lado e do sexo masculino de outro? O que acontecerá com pessoas como eu, que não quero fazer parte de nenhum subgrupo?"

Ele se sentou e, uma vez mais, o silêncio reinou no templo. Desta vez, porém, acho que foi porque estávamos todos surpresos que Shandy, sempre tão silencioso, tivesse feito a melhor argumentação de todas.

Tudo bem.

— Acho que devemos parar um pouco e pensar sobre...

— Espere — interrompeu Little Demon. — Você não disse o que você acha.

O que eu acho? O que eu acho. Ah, por onde devo começar? Tudo que tenho feito é pensar nisso, tudo pelo que tenho lutado por tanto tempo, e eu ainda não tinha respostas. Esconder-me debaixo das cobertas me pareceu uma solução permanente.

— Acho que este clube não conseguiu superar as próprias expectativas. Vejo que dedicamos muito tempo e energia tentando fazer isso. Acredito que todos ficamos magoados e desapontados com tudo que aconteceu desde que entramos. Perdemos nossos empregos, nossos amigos e talvez algo mais. Então, deve haver algo que nos mantém aqui mesmo assim. Não é o dinheiro, não são os contatos e não pode ser apenas a comida de Hale. Acho que 176 anos de patriarcas ficariam arrasados se desistíssemos. Mas acho que se não conseguirmos, como um grupo, decidir qual é o próximo passo, então seremos o pior clube, e talvez o último, em toda a história da Rosa & Túmulo.

Ergui os ombros e os deixei cair de novo depois que as minhas palavras ecoaram nos meus ouvidos, assim como no de todos no Templo Interior.

— E acho que estou cansada de ter essa discussão. Estou cansada há mais de um mês e não sou a única. Se não conseguimos ver para onde essa sociedade vai e começarmos a trabalhar para isso, então acredito que é melhor desistirmos. Agora mesmo. Talvez seja apenas a minha falta de sono falando, mas estou quase assumindo a mesma posição de Puck: "Que se dane. Não dou a mínima para o que vai acontecer". — Ele ergueu os olhos e vi a surpresa refletida nas suas feições. — Mas eu ligo. Só não tenho uma resposta. Penso que devemos fazer o que é melhor para a nossa sociedade. Mas não posso decidir sozinha e não sei se estamos prontos para decidir como um grupo. — Levantei-me. — Então, proponho o seguinte: vamos adiar esta reunião e vamos para casa. Todos já sabemos quais são as nossas opções e o que os outros integrantes acham do assunto. Nos próximos dias, deveremos tentar chegar a um acordo sobre o que faremos agora. E, se não conseguirmos, então, vamos fazer da reunião de quinta-feira o momento para admitir que é hora de desistir e, então, votar por debandar, e o clube C177 não mais existirá.

Há muito a se dizer sobre saídas dramáticas. E, na verdade, falar as palavras em voz alta acrescentava um toque legal, na minha opinião. Se o silêncio era intenso antes, você deveria ouvi-lo depois do meu pequeno decreto. Ou não, como foi o caso.

Estávamos rodeando o assunto a noite toda. Só que eu fui a única a descrever o pior cenário possível. Tínhamos de descobrir um modo de fazer isso funcionar ou dar adeus a uma tradição de dois séculos. Bum.

Além disso, era verdade. Dediquei tempo e energia suficientes para os dramas da Rosa & Túmulo. Se não conseguíssemos resolver isso juntos, talvez o melhor mesmo fosse desistir. Mesmo que isso significasse um hiato e permitir que os patriarcas escolhessem o novo clube (que, sem sombra de dúvida, seria formado apenas por homens) para o C178.

Encerrei a reunião e fugi do Templo Interior antes que fosse envolvida por mais conversas e debates. E também não entraria na minha conta de e-mails do Phimalarlico. Já tinha me dedicado muito à sociedade nos últimos dias. Se eles não conseguissem ficar sem mim por alguns dias, então talvez fosse melhor ela acabar mesmo.

Desta vez, ninguém tentou me impedir de deixar o mausoléu nem me seguiu até a minha faculdade. (Como se George quisesse ficar perto de mim!) Imaginei uma noite de domingo feliz e calma. Até Lydia estaria ocupada com a reunião da sua sociedade.

Quando virei na York Street e a Universidade Prescott ficou à vista, vi uma figura familiar passando pelo portão e virando a College Street. Era Lydia, carregando sua bolsa. O que ela estava fazendo aqui? Devia estar muito atrasada para a reunião da sociedade.

Comecei a segui-la, mantendo uma distância segura. Era a oportunidade perfeita para descobrir para qual sociedade ela tinha entrado. Eu simplesmente a seguiria até a porta de seu mausoléu.

Mas, em vez de ir até qualquer mausoléu que eu conhecia, ela virou no Cross Campus e seguiu para a biblioteca. Eu a segui até o prédio e observei enquanto ela seguia direto para os elevadores nos fundos. Assim que as portas fecharam, corri para ver o mostrador.

Sétimo andar. Quando eu era caloura, tinha ouvido rumores de uma sociedade que costumava se encontrar em uma sala secreta na biblioteca, embora eu nunca tivesse descoberto que sociedade era essa. Entrei no outro elevador. Será que eu teria dificuldade de uma entrada para uma sala secreta no meio das estantes de livros? Não havia nada lá, a não ser salas de leitura e prateleiras. É claro que eu acabara de aprender uma lição sobre como uma sociedade poderia esconder suas salas, caso necessário. Eu deveria manter os olhos bem abertos para qualquer espelho de aparência suspeita.

A porta do elevador abriu no sétimo andar e vi um corredor com várias portas. A maioria tinha painéis de vidro jateado, embora alguns deles tenham sido cobertos por camadas de tinta ou, em um caso, por um pedaço de madeira. Encostei o ouvido em cada uma das portas. Nada. Tentei as maçanetas de metal. Nada.

Talvez uma das estantes servisse como entrada. Em Eli, havia dois tipos de pessoas: aquelas que estudam nas estantes e as que não estudam. Eu já li um pouco ou tentei resolver problemas nas salas comuns de leitura, no térreo, mas ficar horas entre as estantes? Nem pensar. Fileiras silenciosas e intermináveis de prateleiras de livros, cada uma delas iluminada por uma lâmpada fluorescente controlada por um marcador de tempo elétrico individual. Ir até as prateleiras significava ligar um dispositivo e esperar até que a lâmpada acendesse e correr pelas fileiras, rezando para encontrar o livro de que precisava antes que a luz se apagasse. Não há nada mais amedrontador do que andar pelas prateleiras empoeiradas se perguntando, se algo de ruim acontecesse com você ali, quanto tempo levaria até que alguém precisasse de um exemplar do livro *The Passion of Perpetua* ou estivesse interessado na leitura de Hildegard de Bingen. Por exemplo. Havia um cubículo de estudo neste lugar desolado, embora eu não consiga imaginar o tipo de pessoa que o freqüentasse. Existe uma diferença grande entre paz e silêncio e temer ser a única pessoa na face da Terra.

Ou talvez eu só tenha ficado traumatizada, quando criança, com a bibliotecária fantasma no filme *Caça-fantasmas*.

Seja como for, fiquei alerta enquanto andava pelo andar abandonado. A maioria das fileiras estava apagada e eu não acendi as luzes, temendo ser descoberta. Quando cheguei ao fim da fileira de prateleiras, virei à direita e caminhei até a parede. Qualquer sala secreta deveria ficar ali. É claro que eu só conseguia ver uma estante de livros, cada uma mais abandonada que qualquer outra nesta fortaleza desolada do conhecimento.

— Amy?

Congelei. Lá, sentada atrás de uma parede alta de madeira de um dos cubículos individuais, estava Lydia. A bolsa estava em seu colo e ela ainda nem tinha pegado a caneta marca-texto.

— Amy, o que está fazendo aqui? Você não deveria estar na sua reunião?

Olhei para ela boquiaberta.

— *E você? Não deveria estar na sua?*

Por meio desta, eu confesso:

eu sabia!

20. Reparações

Lydia ficou ali sentada por um bom tempo, batendo com a caneta na mão.

— Não parece que eu esteja em uma reunião — disse ela, por fim.

— Não estou entendendo. A sua também acabou mais cedo?

Eu ia me agarrar a qualquer explicação, a esta altura.

— Estou feliz que isso tenha acontecido — afirmou Lydia. — Estou mesmo.

Meneei a cabeça.

— Isso não pode estar certo.

— Você estava me seguindo?

Ela se inclinou e pegou o braço de outra cadeira, arrastando-a até que ela ficasse à sua frente. Sentei.

— É claro que eu estava! Eu queria saber em que mausoléu você ia entrar! — Meneei a cabeça de novo. — Não faça isso comigo, Lydia. Eu sinceramente acho que não consigo suportar mais nada esta semana. O que aconteceu com a sua sociedade?

Ela respirou fundo.

— Eu não faço parte de nenhuma.

— Fala sério! — Massageei a testa. Se o seu córtex cerebral explodisse antes de você se formar, será que seus pais tinham direito a algum tipo de reembolso? — Mas e tudo que você contou para Josh?

— Eram mentiras — disse ela, dando de ombros.

— E quanto a tudo que você me contou?

— Mentiras também.

— E sobre aquela merda que aconteceu na Noite da Iniciação? E a porra do sangue na porra do nosso piso?

— Uau! Olhe a *boca*, Amy. Estamos em uma biblioteca. Fale baixo.

— Não há ninguém por perto, Lydia. Fale comigo! Não acredito que isso esteja acontecendo. E se você soubesse o tipo de semana que tive que enfrentar, saberia que é muita coisa.

Minha melhor amiga, uma mentirosa. Meus irmãos na sociedade, meu amante e agora a minha melhor amiga. A qualquer momento, meus pais me ligariam para dizer que eram alíenígenas do espaço. Ou membros da realeza britânica. Ou republicanos.

Considerarei marcar uma hora com o pessoal da Higiene Mental. Era assim que o pessoal do departamento de saúde chamava o departamento de psicologia.

— Eu sei, Amy. Eu quis confessar várias vezes, mas não sabia por onde começar.

— Pode começar — sussurrei.

Viu? Eu sei falar baixo.

Outra inspiração profunda.

— Eu não fui chamada de volta depois das entrevistas. Não fui convocada. E você foi. Pela Rosa & Túmulo. Entre todas as sociedades. Eu nem sabia que eles aceitavam mulheres.

— Eles não aceitavam.

— E eu fiquei... com inveja. Você nem queria entrar em uma sociedade. Ao tanto quanto eu. Também fiquei um pouco envergonhada. Então comecei a pesquisar sobre as sociedades secretas e inventei uma.

— Você *inventou* uma sociedade?

Talvez não seja eu quem precise de Higiene Mental, afinal.

— É. Queria que você achasse que eu também tinha sido convocada. Imaginei que seria fácil fingir. Tudo o que eu precisava fazer era criar alguns rituais para a Noite de Iniciação e desaparecer às quintas e aos domingos. E, algumas vezes, eu nem precisei fazer isso, já que você não ficava na nossa suíte mesmo.

— Mas, Lydia, o sangue e as penas...

Ela baixou a cabeça, envergonhada.

— Acho que me empolguei um pouco. Mesmo assim, você acreditou. E foi divertido ver você imaginar que eu tinha uma sociedade ainda mais intensa que a sua.

— O que eu estava pensando — corrigi — era que aqueles filhos-da-puta estavam machucando você, e não foi nada divertido.

— Eu me dei conta disso logo depois. Além disso, estava ficando meio cansativo. Mentir é uma merda porque fica cada vez mais difícil se lembrar do que foi dito anteriormente. Ainda por cima, esse negócio atrapalhou a minha vida social também. Todos os nossos amigos saem às quintas, e eu tinha de ficar presa em casa, pois morria de medo que alguém pudesse dizer algo na sua frente sobre como eu estava no bar com a Carol ou algo assim. Eu nem posso comer no refeitório da Prescott. Vou a algum lugar que ninguém me conheça. — Ela riu. — Eu quase fiquei aliviada quando Josh e eu começamos a namorar. Era óbvio que ela fazia parte de alguma sociedade, então pelo menos eu não precisava inventar outra desculpa.

Inacreditável.

— E aí eu comecei a perceber que eu estava um pouco maluca — (um *pouco*?) — Nada disso parecia importante depois que a empolgação da noite da convocação acabou. Mas eu tinha inventado uma história e tanto e não tinha como desmentir tudo, eu sempre imaginei como seria fazer parte de uma sociedade. Eu entraria para Eli, seria convocada por uma sociedade e me formaria entre os melhores das filas do Bilderberg Group?

— Quem?

Ela piscou para mim.

— Está falando sério? Que tipo de Coveira você é?

Dei de ombros. Do tipo Bugaboo.

Lydia continuou:

— No outono, quando entrei para a Phi Beta Kappa, percebi como eu tinha sido burra, ali estava eu em uma sociedade de honra, a mais antiga do país, e estava chorando por causa de uma fraternidade estúpida.

— Elas não são est... — Calei a boca. Bem, quem era eu para falar sobre isso esta noite? De vez em quando, elas eram estúpidas mesmo. — Se você já superou isso tudo, por que ficou com raiva de mim e de Josh quando descobriu que a sociedade dele era a Rosa & Túmulo?

— Porque vocês dois tinham fingido que não se conheciam. Vocês me enganaram direitinho. — Ela começou a mexer no caderno. — Mas está tudo bem. Agora entendo que vocês não conversavam sobre mim pelas minhas costas.

Isso é um tanto maluco. Todo esse tempo, estávamos nos preocupando à toa?

— Noite passada, você contou a Josh que sua sociedade de mentira batia em você e enfiava broches na sua pele.

— Ele contou isso para você? — Ele deu um riso afetado. — Acho que falei um pouco cedo demais sobre vocês não falarem de mim pelas minhas costas. E não foi em mim. E sim em um integrante da equipe fictício da equipe de natação. Parecia que ele queria falar coisas sobre coisas da sociedade. Não sei que problemas vocês estavam enfrentando, ele só precisava desabafar um pouco. E eu não podia permitir que ele fizesse isso sem dar algo em troca.

— O que ele contou para você?

— Nada demais, eu juro! — Ela inclinou a cabeça. — Olhe para você, tão leal. Juro que ele não me contou nada. Ele só disse que estava estressado, que não sabia o que ia acontecer e coisas assim. Não era bem o momento de confessar minhas mentiras. Ele precisava de mim. Ele pode confiar em mim. Vocês dois podem.

— Então, você disse a ele que a sua sociedade torturava os integrantes para que ele se sentisse melhor sobre o que estava acontecendo na dele?

— É, mais ou menos isso.

A verdade era que isso era tão adorável e tão perverso, que eu não poderia condená-la.

— Mas agora você disse a verdade.

— Sim, Amy, e estou muito aliviada. Quanto mais envolvida eu ficava com a mentira, mais eu achava que estava vivendo em um seriado mal escrito. Isso é tão constrangedor. Por favor, me desculpe.

— Você está desculpada — respondi na hora. — E nem vou perguntar onde você conseguiu aquelas penas.

A pesquisa de Lydia sobre sociedades deixava muito a desejar. Onde ela conseguira as informações?

— Em um travesseiro velho. — Ela me olhou. — Vai deixar que eu mesma conte a Josh?

Eu a abracei.

— Claro.

As transgressões de Lydia eram o de menos. Embora bizarras, não magoavam ninguém. Exceto, talvez, travesseiros velhos. Uma semana atrás, isso talvez significasse um problema para a nossa amizade. Agora parecia um pouco mais que um ponto fraco. Eu não poderia perder outra amiga. Nesse ritmo, quem sabe que tipo de perspectivas eu teria para as férias de inverno? Ainda assim, eu não queria estar perto de Josh quando ele ficasse sabendo disso tudo.

— Mas, se você quiser saber, acho que a cabeça dele está um pouco cheia agora. Talvez fosse melhor você esperar alguns dias.

— Claro. Pode deixar. — Lydia se afastou um pouco e examinou meu rosto. — Amy... vai ficar tudo bem?

Eu não podia responder nem que sim nem que não. Também não poderia dizer *Eu até contaria para você, mas depois teria que matá-la*. Não depois da confissão que Lydia acabara de fazer. A represa estourou e as lágrimas começaram a descer pelo meu rosto. Vi os olhos de Lydia se arregalarem, enquanto os soluços subiam pela minha garganta. Ela me abraçou de novo e eu chorei, chorei e chorei. Chorei até que houvesse pontos molhados na blusa dela e os meus olhos ardessem como se tivessem sido picados por mosquitos e meu nariz ficasse totalmente entupido.

Ah, graças a Deus! Eu esperava por dias havia dias. Eu tinha me segurado nas brigas com Josh, durante o desaparecimento de Jenny, quando ninguém acreditou em mim, quando discuti com Poe, quando fiquei acordada a noite toda, quando briguei com Poe na cidade, quando tive de lidar com Jenny, com os Elísios, com George, com Poe e com todo o resto. Já estava cansada de tudo isso. As lágrimas eram como vômito, como veneno. Queria que essa dor saísse de dentro de mim. Não queria mais segredos. Não queria mais a Rosa & Túmulo. Que tipo de cavaleira eu era?

— Ai, meu Deus, Amy, não me diga que eles a estão torturando! — disse Lydia enquanto eu continuava chorando.

— Nada disso — soluzei. — Talvez eles devessem. Estragamos tudo. Os graduados disseram que faríamos isso, que nós, mulheres, arruinaríamos tudo, e eles estavam certos. Acabou, Lydia. Você deveria ficar muito impressionada com sua colega de quarto. Sou a deusa da destruição. Sou a Medusa. Sou Kali.

— Você está me assustando. Isso sim. Acalme-se. — Ela afastou o cabelo do meu rosto. — Nem eu estou entendendo o que você está dizendo. Será que isso é algum tipo de jargão da sociedade?

Não. Os Coveiros tinham um panteão completamente diferente.

— Este semestre está sendo muito difícil. Achei que estávamos todos na mesma página, mas parece que ninguém concorda sobre como as coisas deve ser. Será que somos a soma de nossas tradições, mesmo que essas tradições sejam uma merda? Ou será que as tradições foram criadas para proteger a sociedade de nós mesmos? — Eu sabia que estava sendo vaga demais para obter uma resposta da minha melhor amiga,

mas eu estava presa pelos meus votos de discrição. Mesmo agora, eu ainda me importava. — É muito difícil, porque as decisões do clube do ano passado acabaram com a imagem do que a sociedade costumava ser... para sempre. E agora não sabemos o que devemos ser.

— Você realmente acredita nisso? — perguntou ela. — Que eles sempre foram a mesma coisa?

— Mais ou menos.

Embora, pensando bem, os barões da indústria e os donos de plantações do meio do século XIX não pudessem representar a diversidade dos clubes atuais. Eles até sobreviveram à luta contra os Elísios antes.

— Eis uma lição que aprendi em ciência política — disse Lydia. — Nada é tão estável quanto pensamos. O que chamavam de republicano virou democrata, que se tornou republicano de novo e que acabou chegando à ideologia dos democratas...

— Acho que me lembro de não ter passado nesse teste de história — respondi.

— A questão é que cada geração escolhe a própria imagem, independentemente das ordens de quem veio antes. Temos de fazer isso, caso contrário perdemos a nossa relevância.

— Que relevância podemos ter em um mausoléu, usando roupas bobas e cantando músicas antigas?

— Que relevância temos quando estamos sentadas aqui, em uma absurda catedral medieval de 1930, cercadas por fichários? — Ela sorriu. — Essas são apenas armadilhas da vida. As verdadeiras tradições somos nós, a última geração em uma longa linha de alunos que tiveram o privilégio de estudar em uma das maiores universidades do país. E não sei quanto a você, mas não estou aqui para ficar bonita. A tradição na qual estou interessada é a busca da excelência acadêmica. Assim, acho que deve ser uma grande honra ser convocado pela Rosa & Túmulo, mas é uma honra ainda maior receber a responsabilidade de dar continuidade à sociedade.

— Você falou como uma mulher que realmente pertence a uma sociedade.

— Você acha que não pertence?

— Este não é o melhor momento para me perguntar isso.

— Tudo bem. Vou fazer outra pergunta. O que você acha dos outros? Não precisa me dizer se isso for fazer com que você quebre seus votos. Mas pense nisso. Sei que Josh faz parte da sociedade, e você sabe como me sinto em relação a ele. Também tenho quase certeza que a tal Clarissa também está. Se não houvesse mausoléu, se você não tivesse aprendido sobre seja lá que mistérios maravilhosos existem lá, por que ainda estaria na sociedade?

Lydia estava certa, é claro. E ela usou o mesmo argumento que Ben, Jenny, Mara e Harum usaram e, até certo ponto, o mesmo que usei com George. O que significava ser um Coveiro? O problema não está nas salas do porão, nem no dinheiro e nos rituais secretos que vazaram para a imprensa.

O problema era que estávamos tão ocupados pensando na sociedade como uma entidade, que esquecemos sobre a Rosa & Túmulo como uma experiência. Hostilidade e

competição não eram o modo de dirigir uma sociedade de pessoas que deviam ser como irmãos.

Quando deixávamos de lado todas as questões políticas, nos divertíamos muito. Como naquela manhã em que ficamos sentados na biblioteca, bebendo chá e conversando. Ou os jogos de tabuleiro. Ou os debates políticos, mesmo que a maioria dos assuntos fosse demais para minha cabeça. Até os que eu considerava inimigos evocavam boas recordações que não tinham nada a ver com discussões. Nikolos catalogara nossa coleção de arte, Kevin adaptou os hinos dos Coveiros em músicas hip-hop, Ornar e Ben estavam sempre jogando e George... George sempre nos divertia quando estava por perto. Fosse organizando um torneio de xadrez improvisado ou recitando sua litania de poemas obscenos (como se houvesse um outro tipo), ele era nosso diretor de atividades internas e conquistava a todos que o conheciam. Literalmente.

O meu lugar era *nessa* Rosa & Túmulo, aquela na qual ninguém achava estranho que cavaleiros fossem correndo para Nova York se achassem que um irmão estava com problemas. A questão era: será que os cavaleiros da C177 algum dia poderiam ser esses Coveiros?

Só na quarta-feira recebi o primeiro sinal de que isso era possível. Josh — que praticamente morava conosco —, Lydia e eu estávamos almoçando no refeitório da Prescott e eu estava saboreando uma deliciosa sopa de abóbora (ponto para os cozinheiros!) quando senti a mão em meu ombro.

— Desculpe interrompê-los na hora do almoço, mas podemos conversar?

Olhei para cima e vi um braço (maravilhoso, é claro) por trás da mão e, além do braço, o resto do dono, parecendo esplêndido em um suéter azul de gola V. Juro que o outono foi feito para homens bonitos como George. Homens bonitos ficam dezessete vezes mais lindos quando vestem roupas da L.L. Bean. Você quer rolar com eles no feno e resolver logo o problema.

Concentre-se, Amy.

— Ainda não estou pronta para conversar com você — disse eu, voltando a atenção para minha sopa.

Foi quando notei que a outra mão de George estava descansando no ombro de Josh.

— É sobre aquele projeto de grego — continuou ele. Grego. Como se fosse mais à moda de Tucídides que dos bárbaros persas. Josh e eu trocamos olhares e Lydia começou a me chutar por baixo da mesa.

— Claro — respondeu Josh. — Lydia, poderia nos dar licença por um minuto?

Saímos do refeitório e subimos as escadas até a biblioteca. New Haven teve piedade de nós e o campus estava iluminado pelo tipo de sol que só existe no outono. Tudo estava mais claro, como se o sol e as plantas sobreviventes estivessem se esforçando ao máximo para se manterem vivas. Elas não conseguiriam, é claro, mas era uma coisa bonita de se ver. O painel de madeira dourada e detalhes brancos quase brilhava sob a luz amarela. Odile estava sentada no sofá.

— Está tudo limpo — informou ela, enquanto George fechava a porta.

— O que está acontecendo? — perguntou Josh.

— Nós temos uma proposta.

— *Nós?* — perguntei, olhando de George para Odile e de novo para George. — Será que eu faltei a alguma reunião?

Odile deu um passo para frente, carregando vários papéis.

— Sou a arquiteta da paz. — Ela colocou todos os papéis sobre a mesa diante de nós.

— Estou aqui para fazer tudo que for possível para nos colocar de volta nos trilhos. E acho que esse é o modo correto de fazer as coisas.

— Todos tivemos tempo para pensar — disse George. — E a maioria dos outros Elísios e eu concordamos que cometemos um erro. Queremos desfazer os Elísios e trabalhar para reconstruir a unidade do nosso clube.

— *A maioria?*

George ignorou a minha pergunta.

— Mas também nos demos conta de que não adianta jogar a traição para baixo do tapete. Se um ato de traição tem a força de dissolver nossos laços e ameaçar a ordem, então um ato de extrema lealdade deve ter a força de renová-los. — Ele pegou um arquivo. — E isso serve para todos os cavaleiros. Mesmo... hum... os traidores que *não* faziam parte dos Elísios.

Jenny. Ergui a sobrancelha para ele.

— Que tipo de ato?

— Pelas conversas que tivemos com Jenny — começou Odile —, percebemos que existem algumas facções...

George tossiu um pouco.

— Tudo bem. Certas *pessoas* que se proclamam inimigas da ordem.

Eles conversaram com Jenny? Uau, talvez eu os tenha subestimado.

— E nós planejamos — continuou George — mostrar a essa pessoa o que significa ser um inimigo da Rosa & Túmulo. Dar a ele um gostinho do que pode acontecer se ele contar para mais alguém as coisas que ele pode saber sobre os nossos ENS.

— Nem pensar — respondeu Josh. — Acho que já tive conspirações e crimes demais para um semestre.

— Isso não é bem um crime — explicou Odile, unindo o polegar e o indicador. — Apenas uma pequena contravenção.

— Só por curiosidade — disse eu para George —, quantas pessoas vocês já conseguiram arrebanhar para esse esquema?

Ele hesitou e depois virou para Odile.

— Bem, Jenny, é claro, Ben e Harum. Se conseguirmos vocês dois, teremos sete.

— Cinquenta por cento?

— Estamos esperançosos — afirmou Odile. — Ainda estamos trabalhando nisso. Tenho certeza que antes da reunião de amanhã...

— O fato é que — interrompeu George, pousando os olhos cor de cobre em mim — acho que o pessoal que ainda não se decidiu está esperando ouvir o que você pensa.

— Eu? Você só pode estar brincando. Por quê?

— Porque foi você que fez tudo acontecer. Você encontrou Jenny. Você descobriu os Elísios.

Revirei os olhos.

— Foi Jenny quem descobriu os Elísios e eu duvido que a maioria dos Elísios tenha ficado feliz com isso.

Notei que Omar, Kevin e Nikolos não faziam parte do presente grupo de apoio. Josh resolveu falar:

— Jenny não conta. Ela está com mais problemas que todos os outros. Depois de todo o seu esforço na semana passada, Amy, acho que faz sentido.

— Ah, isso me faz lembrar que o plano também envolve a questão de Jenny — informou Odile. — Bem, de acordo com a minha pesquisa, todas as informações supostamente vazadas para...

— Não há nada de suposto nisso — disse eu. — Ela confessou a culpa.

— Não foi a primeira vez que essas informações vazaram: em 1972 em um artigo na revista *Harper's*, em 1983 em um artigo da *Esquire* e em 1990 em uma reportagem da BBC. Certos detalhes da nossa iniciação não são segredos há um bom tempo.

— Foi isso que ela quis dizer quando falou que escolheu as informações com cuidado! — exclamei.

Qualquer um com um vago conhecimento de pesquisas booleanas no Google poderia facilmente descobrir quais informações já haviam vazado antes. E Jenny era uma garota que certamente dominava o Google.

— Gehry e os outros patriarcas sabiam disso — disse George. — Mas na semana do vazamento eles usaram os possíveis danos das informações com os Elísios, dizendo que isso servia para mostrar o quanto a Rosa & Túmulo tinha decaído, e nós caímos direitinho.

— Vocês não foram os únicos.

— Bem, eu deveria ter sido... mais responsável. Seguido a minha cabeça. Deveria ter sido mais... — Ele olhou para mim. — ...adulto.

— Mas, se vocês olharem para isso a partir dessa perspectiva — interrompeu Odile —, o crime de Jenny não foi tão hediondo.

— Discordo — argumentou Josh. — Veja como as informações dela chamaram a atenção da mídia. Se eram realmente notícias antigas, por que as pessoas se empolgaram tanto?

— Porque as pessoas têm memória curta e existe um ciclo de notícias 24 horas por dia que precisa ser alimentado — explicou Odile.

— Mesmo que nos desesperássemos, no final não faria a menor diferença.

Eu estava maravilhada com a tática diabólica da angelical Jennifer Santos. Eu teria de tomar cuidado quando estivesse perto dela.

— Viu? — perguntou Odile dando um sorriso brilhante. — Acho que podemos fazer isso funcionar.

George se inclinou.

— Pode confiar em mim, Boo. Isso vai consertar as coisas. Confiar nele? Confiar *nele*? Agora eu sabia que tinha acabado de entrar no Mundo Bizarro.

— Vamos lá, Boo. Com um só golpe, vamos nos vingar de Micah Price, que não apenas está trabalhando para expor nossos segredos, mas também magoou muito uma das nossas cavaleiras. E poderemos colocar os Coveiros de volta nos trilhos. Nossos três princípios. Um pequeno inútil. O que me diz?

Olhei para eles. Foi uma jogada inteligente colocar as duas pessoas mais bonitas do clube nessa campanha específica. Odile e George estavam ali, parecendo saídos de um comercial de cerveja e de uma propaganda de sabonete, ambos silenciosamente me encorajando a permitir que eles fizessem o pior.

Três juramentos. Um trabalhinho. E nos vingariamos de Micah?

— Podem contar comigo.

*Por meio desta, eu confesso:
é bom ser uma cavaleira.*

21. O jogo

Aqueles de nós que escolhemos passar os anos de faculdade cercados pelas paredes góticas cobertas de hera desta instituição de New Haven, que nos banhamos em azul e nos batizamos de "filhos e filhas de Eli", que alinhamos nossas filosofias acadêmicas e colegiais com esta universidade, que proclamamos nossa aliança e cantamos a plenos pulmões o hino de nossa universidade, para nós, só existe um jogo. *O Jogo*. Eli *versus* Harvard.

Todo mês de novembro, no campus deles ou no nosso, no sábado anterior ao de Ação de Graças, jogamos a última partida de futebol americano da temporada contra eles. Todos os anos, é épico. Não importa o fato de o resultado não contar no campeonato. Não importa se eles fizeram mais pontos do que nós durante todo o semestre. Nós nos reuníamos, gritávamos e comemorávamos e cantávamos as músicas que glorificavam o nosso time e a nossa universidade, do mesmo modo que as gerações de alunos de Eli fizeram antes de nós.

Neste ano, importava, já que Eli estava concorrendo pelo campeonato da Ivy League. Se ganhássemos O Jogo, ficaríamos em primeiro lugar. Era o meu último ano, meu último Jogo e tínhamos a vantagem de ser no nosso campo. Contudo, neste sábado em especial,

minha mente estava concentrada em uma lealdade diferente: hoje os Coveiros reconquistariam seu orgulho.

Na semana depois da nossa reunião com Odile e George, eles fizeram tudo o que prometeram e muito mais. (Passei meu tempo tentando encontrar um tema para minha monografia, mas não sei se o professor Burak vai aceitá-lo.) Disseram-nos que os planos de vingança serviriam como penitência para os cavaleiros desgraçados. O que não percebemos é que o processo de planejamento serviria para unir o clube mais do que um semestre de sermões sobre devoção e fraternidade poderiam ter feito. Esqueçam os juramentos: nada une mais as pessoas do que o poder de um inimigo em comum.

Hoje, esse ódio estava concentrado em um homem louro sentado sete fileiras abaixo da nossa. A maioria dos alunos no estádio de Eli estava organizada em grupos de acordo com a filiação universitária. Próximo à linha de 40 jardas, vi o contingente da Universidade Prescott, usando suas camisetas amarelas alegres. Lydia era a que usava uma bandana e o dedo gigante de espuma. Era meu último Jogo e eu estava perdendo toda a torcida e comemoração nas arquibancadas com os meus amigos. Ainda assim, valeria a pena. Acima de mim, eu via a multidão de verde dos residentes da Calvin, embora felizmente Brandon não estivesse à vista.

Em Eli, o espírito universitário é tão válido por meio das cores da sua faculdade específica quanto por intermédio das cores de Eli, a não ser, é claro, que a cor de sua faculdade seja o vermelho de Harvard. A cor de Edison era vermelha, então o pessoal sentado à minha volta usava camisas cinza com detalhes vermelhos e todos balançavam faixas do azul de Eli, assim como a bandeira da universidade enquanto gritavam obscenidades e torciam com os outros grupos. Eu não fazia a menor idéia de como era a torcida da Edison, então fiquei quieta. Olhei para Jenny, sentada ao meu lado e protegida da vista de todos pela figura maciça de Ben, que estava sentando na fileira abaixo de nós e usando um enorme chapéu em forma de buldogue.

— Como você está? — perguntei a ela.

— Bem. — Seus dedos se moviam sob a capa que usava, fazendo com que uma série de bips, que nada tinha a ver com capas, soasse. — Apenas mantenha os olhos naquele placar. Ele ainda está lá, certo?

Olhei por cima do chapéu de Ben.

— Sim.

Micah, é claro, não estava fazendo nada tão maçante quanto ficar sentado com o restante dos alunos da Calvin. (Talvez porque eles não estivessem se comportando de uma maneira que pudesse ser remotamente considerada calvinista.) Em vez disso, ele se juntou a seus seguidores de sempre e eles se afastaram da loucura que os cercava. Pelo menos ele não parecia estar atacando ninguém. Senti uma pequena pontada de culpa por estarmos prestes a recompensar esse comportamento benevolente com humilhação, mas, com toda certeza do mundo, ele acabaria fazendo alguma coisa imbecil contra alguém em algum momento.

Acima de mim, um integrante da Universidade Hartford, que usava uma camisa marrom, tentou pegar uma bandeira da Edison (o roubo de bandeiras era um dos passatempos favoritos durante O Jogo), e toda a seção se levantou, revoltada. Alguém

empurrou Jenny e ela bateu em mim, fazendo com que ambas caíssemos do banco e nos chocássemos contra as costas largas de Ben.

— Cuidado aí! — gritou ele para a massa de alunos de Edison. — Vocês estão bem?

— Acho que acabei errando a sequência — disse Jenny, esfregando a parte de trás da cabeça. — Sabia que eu deveria fazer isso lá da tenda.

— E perder a expressão no rosto dele? — perguntei. — Sem chance, querida. Você merece isso mais do que ninguém. Essa é a única parte que não podemos filmar com uma câmera, por isso, estamos aqui.

— Não conseguiremos filmar nada se eu errar a sequência. — Jenny se agachou entre os bancos e começou de novo. — Tudo bem, já começou a contagem regressiva. Um pouco cedo demais, mas ainda vai funcionar, certo?

Em todos os outros lugares, as pessoas prestavam atenção ao que acontecia no campo, cantavam os hinos da faculdade ou pegavam disfarçadamente uma garrafa para um gole rápido. Todos ignorantes em relação ao caos que estava por acontecer.

Harum apareceu atrás de nós.

— Como está tudo?

— Começamos.

— Já? — Ele colocou as mãos nos ombros de Jenny e os esfregou para congratulá-la. — Ótimo! Como está se sentindo?

Jenny deu de ombros, mas não se afastou.

— Nada de culpa, certo? — Ele sorriu para ela. — Todos nós estamos animados de você ter decidido entregar seu cartão de vingança pessoalmente.

— Vingança é um objetivo sublime — afirmou ela. — Um que eu nunca pensei em usurpar. Tento simplificar. — E sorriu. — Trata-se apenas de um pequeno lembrete de que, quando chegar a hora, o troco vai ser bem desagradável.

Ouvimos a multidão arfar e olhamos para cima. Hora do show. O placar começou a se decompor diante dos nossos olhos. Os números digitais caindo de tela para tela.

— Chegou a hora — sussurrou Harum.

— Que engraçado! — exclamou uma aluna do terceiro ano da Edison, próximo a nós. — Alguém conseguiu "hackear" o placar. Será que foi o pessoal do MIT?

— Não seria a primeira vez — respondeu o namorado. — Mas aposto que foi um dos nossos. Quem mais teria acesso ao placar?

Todos os Coveiros ocultaram o sorriso.

O locutor pediu uma pausa no jogo, enquanto todos, desde as arquibancadas, passando pelos jogadores no campo e chegando aos camarotes caros de ex-alunos, olhavam para o placar se perguntando o que viria depois.

Eis o que estava escrito:

ESTAMOS DE OLHO EM VOCÊ
MELHOR TER CUIDADO COM O QUE FAZ

E, então, as palavras explodiram formando uma chuva de pequenos hexágonos e rosas.

— Belo final — elogiou Harum.

Jenny tentou não sorrir e todos nós afundamos mais nos nossos lugares, enquanto as pessoas começavam a apontar para Micah, que foi cercado por um grupo que começou a cochichar entre eles sobre a mensagem. Risos e gritos vinham das fileiras das arquibancadas. Alunos de fraternidades começaram a cantar rimas e, por fim, ele se levantou e seguiu para uma das saídas. Harum pegou o telefone celular e digitou uma mensagem de texto. Assim que Micah desapareceu, levantamo-nos.

— Vamos? — perguntei.

Precisamos nos controlar para não darmos os braços enquanto saíamos do estádio, deixando que o time de futebol de Eli se defendesse sozinho. Gostaria de poder dizer que o jogo estava indo bem para nós, mas os alunos de Eli já tinham começado a cantar a música "Aula na segunda-feira", que só era usada quando achávamos que não conseguiríamos vencer os alunos de Harvard de outro modo. (Eli dava a semana inteira de folga de Ação de Graças, enquanto os alunos de Harvard só tinham a quarta, a quinta e a sexta-feira.) As coisas não estavam bem para o azulão. Eu esperava que não fosse um anúncio de má sorte atacar uma das sociedades secretas mais notórias de Eli. Por mais que eu amasse a minha universidade, se alguém me perguntasse agora quem precisava de sorte, eu responderia que era a Ordem da Rosa & Túmulo.

Saímos do estádio e entramos na confusão de tendas e vans. A tenda da Rosa & Túmulo era respeitável mas discreta, situada na central dos ex-alunos. Mesmo no meio de uma conspiração maciça para começar uma guerra civil, os patriarcas sabiam como manter as aparências. Na verdade, os patriarcas que providenciaram a tenda (como Gus Kelting) provavelmente nem sabiam o que seus colegas da diretoria estavam aprontando. Mas tudo isso acabaria hoje. O resto do clube nos aguardava do lado de fora.

— Ele está no carro — informou George, fazendo sinal para nos aproximarmos.

Nos reunimos em frente a um monitor de televisão e alguém me deu uma cerveja. Na tela, a imagem granulada de Micah podia ser vista saindo do campus.

— Vamos lá, cara, ligue o rádio — pediu George, e seu charme era tanto que, mesmo a distância, Micah assim o fez.

— Cara, eu gostaria que tivéssemos áudio — desejou Josh. Mas não precisávamos. Dava para ver o choque no rosto de Micah enquanto ele ouvia.

— A propósito, é isto que ele está ouvido — disse Odile, pressionando o botão "play" do seu iPod que ela ligara ao aparelho de som.

Um som chiado e opressivo saía pelos alto-falantes, enquanto o nome de Micah era sussurrado diversas vezes por uma voz maligna e assustadora.

— Micah Price... estamos de olho em você. Você não pode escapar do demônio tão rápido assim.

O rosto de Micah estampava uma expressão de medo, enquanto o observávamos mudar as estações de rádio.

— Peguei você — comentou Ornar, com um sorriso. Por fim, Micah desligou o rádio e estacionou na sua vaga. Odile levou o telefone ao ouvido.

— Ele chegou em casa. Rápido, George, troque o canal. O show vai começar.

Odile pedira mais um favor dos seus amigos de efeitos especiais em Hollywood, Kevin assaltara o departamento de teatro de Eli para pegar os equipamentos de vídeo e áudio necessários e Nikolos tinha usado uma bomba-C no proprietário do apartamento de Micah. O circo estava armado.

A tela do monitor estava dividida em quatro partes, mostrando os diferentes aposentos do apartamento de Micah: a cozinha, o espelho do banheiro, a sala e o telefone.

Um pouco depois, Micah entrou pela porta da frente. Assim que ele o fez, parou e cobriu os ouvidos com as mãos.

— Ao abrir a porta, um cabo foi acionado e ele está ouvindo som de heavy metal — explicou Kevin. — Lances bem satânicos.

Na imagem, Micah correu de um lado para outro, procurando um meio de dar um fim à música. Ele parou para acender as luzes e a imagem foi banhada por tons de vermelho e roxo.

— Uau, Micah! — exclamou Odile. — Você usa essas novas lâmpadas para economizar energia?

Ela riu, enquanto Micah correu para a cozinha e abriu a torneira, em uma tentativa de apagar o terror estampado em seu rosto. Mas o que saiu da torneira não foi água, e sim sangue vermelho-escuro. (Na verdade, era tinta que havíamos enfiado nas torneiras.) Depois que espirrou nas mãos e nos braços, ele deu um passo para trás, parecendo totalmente chocado.

— Por favor, pegue a toalha — disse Jenny. — Estou implorando.

Ele se ajoelhou no chão em frente à pia e tentou abrir o armário. A partir desse momento, tudo aconteceu rápido demais. Tudo o que vi foram coisas voando em sua direção e Micah caindo para trás e praticamente subindo pelas paredes para se afastar da onda de pequenas coisas marrons... Ratos!

— *Ratos bem treinados* — esclareceu Ben. — Não foi fácil enfiá-los lá.

Os ratos cobriram o chão e Micah sumiu da imagem. Por um momento, tudo o que vi foram os ratos andando pelo apartamento, e eu esperava que eles fossem *muito* bem treinados mesmo, porque eu não imaginava até que ponto o proprietário poderia lidar com o que os Coveiros fizeram depois de terem conseguido autorização para entrar.

De repente, vimos um movimento perto do telefone. Os pés de Micah. Ele estava em pé sobre uma cadeira.

— Hora do toque final — disse Odile, abrindo seu telefone celular.

Na tela, víamos Micah se inclinar para pegar o próprio telefone.

— Alô — ouvimos a voz dele pelo viva-voz do celular de Odile.

— Micah Price — disse Odile, em uma imitação perfeita de Cruela de Vil. — Você foi julgado e considerado *não-merecedor*. Prepare-se para a punição nas mãos dos meus servos, os cavaleiros malditos da Ordem da Rosa & Túmulo.

— Mas que merda, faça isso parar! Faça isso parar!

Notei que, quando ficava histérico, Micah Price parecia uma garotinha de 6 anos.

— Você sabe o que significa ter a Irmandade da Morte como inimiga, Micah Price?

— Sinto muito. Por favor! Por favor! Não suporto esses ratos! Tire-os daqui!

Por trás da voz dele, eu ouvia a música e os guinchos.

— Se você sabe o que é bom para você — continuou ela —, deverá ter mais cuidado com quem decide usar como alvo. Sempre poderemos alcançá-lo, Micah Price. Isso é apenas um gostinho do que você pode esperar. — Ela parou. — E, pelo amor de Deus, pare de protestar contra a aula sobre a Bíblia. — E desligou. — Acho que isso será o bastante.

Começamos a aplaudir. Na tela, vimos dois homens entrarem no apartamento, ambos enormes e fortes vestidos de preto e usando capuzes do estilo usado pelos carrascos de antigamente. Um agarrou Micah, que nem tentou resistir, pelo braço e o jogou por cima do ombro como um saco de batatas, enquanto o outro reunia os roedores.

Brindamos ao nosso sucesso e ainda estávamos rindo quando a porta da tenda se abriu para revelar meia dúzia de patriarcas, incluindo Kurt Gehry. A comemoração parou na hora. Ele entrou e olhou para a cena no monitor.

— Eu sabia! Fui informado de que havia alguma coisa errada nesta tenda. Vocês deboçam desta organização. — Ele olhou para Nikolos. — Eu esperava mais de você. O que somos agora, um grupo de mágicos fazendo truques baratos?

Nikolos fez a melhor encenação de garoto-rico-entediado e pegou vários *pretzels*.

— Eu achei engraçado.

— Um pouco infantil, talvez — opinou George, adotando uma postura semelhante. — Mas alguns de nós são bem conhecidos pela imaturidade.

Ele piscou para mim, mas não havia nada de lascivo em seu olhar. Talvez todos fôssemos capazes de amadurecer.

— Não foi infantil — disse eu. — Foi uma diversão, pura e simples. Certo, Mara?

— O tipo de coisa que já fazemos há séculos — concordou ela. — Na verdade, é o senhor quem debocha desta organização todas as vezes que tenta minar nossa união e jogar irmão contra irmão.

— Você desaprova esse tipo de truque porque seu método é muito mais próximo de agredir e ameaçar — interveio George. — E isso não é legal.

Josh apontou para ele.

— Kurt Gehry, também chamado de Barebones, por quebrar seu juramento de constância, por sua participação na restauração do não-sancionado grupo dos Elísios e, acima de tudo, por suas mentiras e insinuações de que todo o patriarcado estava

envolvido no desaparecimento de uma de nossas irmãs, nós, cavaleiros do C177, o desautorizamos como nosso patriarca. Todos a favor digam "Aye".

Um coro de "Aye" explodiu na tenda.

— Vocês não podem fazer isso — devolveu Gehry. — Sou um depositário.

— Não é um depositário cujas opiniões e ordens afetarão este grupo novamente, se Deus quiser — disse Jenny.

— Colocamos seu nome nos anais dos Livros Negros — informei. — Seu comportamento infame em relação a este clube agora está registrado para a posteridade. Na Rosa & Túmulo, seu nome virou sinônimo de lama.

Ele riu.

— Acho que não, garota. Sou um dos homens mais poderosos deste país. Com quem você acha que as pessoas vão se importar? Comigo ou com um bando de alunos universitários?

— É o senhor quem deve se importar com um bando de alunos universitários — afirmou Josh. — Nós acabamos nos tornando peritos em fazer cruzamento de arquivos.

— E descobrimos muita sujeira sobre você — acrescentou Odile.

— E, engraçado — disse Jenny —, como o senhor foi desautorizado por este grupo, acho que *não* está incluído nos nossos juramentos de discrição e confidencialidade.

Dei um sorriso doce.

— É melhor ter cuidado. O senhor, dentre todas as pessoas, deveria saber o que fazemos contra intrusos.

Com isso, Gehry e alguns de seus seguidores ficaram vermelhos e partiram. Alguns ficaram e nos observaram com curiosidade.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou um deles.

Josh deu um passo para frente.

— Ficarei satisfeito em explicar assim que formos para o mausoléu, senhores. Admitimos que o clube sofreu alguns problemas, mas cremos que já resolvemos todos e agora estamos de volta ao caminho certo.

— Mas... ameaçar um depositário... — começou outro.

— Ele quase nos destruiu — respondi. — Ele tem sorte de só termos ficado na ameaça.

Logo depois, o som da comemoração vinda das arquibancadas indicou que Eli uma vez mais conseguiu virar o jogo e conquistar a vitória, e o estacionamento começou a ficar bem lotado. Como grupo, decidimos voltar para nossa base a fim de saborear os frutos (espero que fermentados) do nosso sucesso e explicar o resto da história para os patriarcas surpresos. Voltamos para o campus e entramos no mausoléu antigo da High Street.

Poe estava sentado na varanda. Observou enquanto a maioria dos membros passava por ele, cumprimentando alguns, ignorando Jenny e acenando com deferência para outros. Por fim, só ficamos nós dois.

— E aí? — perguntou ele. — Parece que vocês tiveram um dia interessante.

Não consegui deixar de dar um sorriso de triunfo.

— Eu estava limpando a casa. Livrando-me do lixo que muitas vezes mantemos.

— Foi um show e tanto lá no Jogo. — Ele acenou com a cabeça de forma sábia e esfregou o pé no degrau. — Que bom para você. Malcolm me contou sobre seu plano.

— Não foi *meu* plano. Todos participaram. — O crédito devia ser para todos. Mas, quando Malcolm contou a ele sobre o plano dos iniciantes, isso deve ter dado uma sacudida em Poe. — O que disse a ele?

— Que você não era o que eu esperava.

— Isso não deve ser nada bom.

Mas ele não negou nem confirmou minha afirmação.

— Acho que você tem de entrar.

Inclinei a cabeça.

— E você?

Ele ficou em silêncio por um tempo.

— Não sou bem-vindo. Diferente dos demais, eu não realizei nenhum ato de grande lealdade.

Mas ele também não tentara nos destruir.

— Eu discordo. Você os realiza o tempo todo. Tenho certeza de que você ainda está com saldo positivo.

— Mesmo depois dos Elísios?

— Mesmo depois de tudo. Você foi o único patriarca que se preocupou o suficiente para tentar encontrar Jenny, independentemente do que isso significava para você. Você é o cara que devemos procurar. O patriarca que mais entende o que significa ser um cavaleiro da Rosa & Túmulo. — Caminhei até a porta e fiz um sinal para ele. — Venha, velho amigo. Ilumine-nos com sua sabedoria de Coveiro.

Ele me seguiu, com uma expressão cheia de esperança no rosto

— Tem certeza?

Coloquei a mão sobre o broche da Rosa & Túmulo.

— De todo coração. Além disso, se você não entrar aí, vou ter de chamá-lo de Jamie. Não faça isso comigo.

A sombra de um sorriso apareceu em seu rosto, enquanto ele abria a porta e entrava.

— Você primeiro, Bugaboo.

E, juntos, entramos no mausoléu. Embora eu devesse ter pensado melhor nisso.

Afinal, Puck ainda tinha de fazer o seu EN.

Agradecimentos

Meus agradecimentos vão para todos os leitores de *Rosa & Túmulo* e *Sob a Rosa*. Seus e-mails e cartas significaram muito para mim. Um agradecimento especial aos vendedores maravilhosos da área de Washington D.C., Tampa Bay e Connecticut, que ficaram tão entusiasmados com o livro que organizaram noites de autógrafos de sucesso. Vocês são demais. Obrigada também à equipe Get Lit da Random House por ter escolhido meu livro e espalhado o boato.

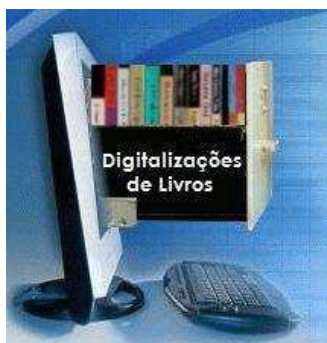
Muito dos agradecimentos vão para aqueles que ajudaram este romance a chegar à gráfica: ao meu editor e gênio, Kerry Buckley, à copidesque, Pam Feinstein, aos divulgadores incansáveis, Shawn O'Gallgher, Brant Janeway, Cynthia Lasky, Gina Wachtel, Kelly Chian, Paolo Pepe, Lynn Andreozzi, Lynn Newmark, Tracy Devine e, é claro, Nita Taublib e Irwyn Applebaum. Uma menção especial para Pamela Testa, que representa uma linda Amy. Luanne Rice, Lauren Baratz-Logsted e Cara Lockwood, obrigada por lerem os exemplares preliminares do meu romance de estréia. Obrigada também a Mike Gibson, por se dedicar tanto ao meu website. Também não posso esquecer dos leitores do meu blog — vocês fizeram com que muitos dias valessem a pena.

Sou muito grata à minha agente, Deidre Knight, e toda sua equipe por terem dedicado tanta energia e trabalho. Também agradeço às irmãs da agência e aos membros das minhas organizações de escritores, tanto as oficiais quanto as secretas: RWA Tampa, Chick Lit Writers of the World, Non-Bombs e ao *outro* grupo com as iniciais NB.

Obrigada também aos meus colegas escritores Marley Gibson, Cheryl Wilson, Kelly Remick, Justine Larbalestier e Julie Leto, pelos conselhos, críticas e apoio. Tenho muita sorte de ter colegas tão talentosos e generosos como vocês.

Estou impressionada com o apoio que recebi dos meus colegas de trabalho, amigos e família. Amo vocês. Mamãe e papai, não posso expressar como o estímulo e os planos de vocês significaram para mim nos últimos dois anos. Aquela festa foi inacreditável. Todo mundo diz isso. E para os meus futuros sogros, agradeço por dividirem tanto comigo. E Dan, obrigada por ouvir cada palavra e por ter feito a noite do lançamento inesquecível (como se já não fosse)!

Amy deve muito de suas tiradas aos clássicos da literatura que estuda. Aplaudo os professores que me introduziram nesse mundo. E, por fim, mas não menos importante, devo muito aos meus colegas, os filhos e filhas de Eli por inspirarem as minhas histórias, e às minhas fontes secretas, por me darem permissão para entrar nesse mundo maravilhoso.



Comunidade "[Digitalizações de Livros](#)"